



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Antropologia – DAN
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

**PERMANECER NA FRONTEIRA: VIDAS E MOVIMENTOS DE
MULHERES VENEZUELANAS QUE FAZEM A CIDADE DE
PACARAIMA**

JULIA LUCIA HELENA LAURIOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Patriota de Moura

Brasília, novembro de 2024.

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Antropologia – DAN
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

**PERMANECER NA FRONTEIRA: VIDAS E MOVIMENTOS DE
MULHERES VENEZUELANAS QUE FAZEM A CIDADE DE
PACARAIMA**

JULIA LUCIA HELENA LAURIOLA

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristina Patriota de Moura - **Presidente da Banca**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Profa. Dra. Luciana Hartmann - **Membro Interno Titular da Banca**. Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Paloma Karuza Maroni da Silva - **Membro Externo Titular da Banca**. Professora da Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes (UnDF).

Profa. Dra. Andrea de Souza Lobo - **Membro Interno Suplente da Banca**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Brasília, novembro de 2024.

RESUMO

A pesquisa está interessada em compreender os processos de ocupações urbanas relacionados aos migrantes venezuelanos que decidem não aderir às políticas migratórias de interiorização, a saber, a proposta de irem viver em outros estados brasileiros. O fluxo migratório venezuelano na fronteira de Pacaraima, município localizado entre Brasil e Venezuela, tem sido visto como um lugar de passagem e transitório. No entanto, a busca por estratégias para permanecer na fronteira, entre outros motivos, se dá pelos migrantes escolherem estar mais próximos do país de origem. A entrada na pesquisa tem uma trajetória que inicia em 2019, a partir de um projeto situado em Pacaraima chamado A Casa da Música. É através deste espaço que construo as relações que irão possibilitar esta pesquisa. O projeto acolhia crianças migrantes e refugiadas venezuelanas em Pacaraima e dava aulas de canto coral e alimentação, foi fundado em 2016 pela maestrina Miriam Blos. Muitas das crianças que vivem nas ocupações fizeram parte deste projeto. O tema da cidade ganha importância, não apenas pelo município não oferecer muitas oportunidades de emprego ou habitacionais, mas por ele mesmo não ter uma fronteira definida do seu perímetro urbano. Fronteiras e limites parecem marcar a história deste município. Por sua vez, essas famílias também desenvolvem estratégias para permanecer em Pacaraima e continuar circulando entre os dois países. Neste cenário, as ocupações urbanas são parte da solução encontrada por eles, na sua maioria lideradas por mulheres venezuelanas. A agência das mulheres será destacada nesta pesquisa, dialogando com dados mais gerais sobre a presença crescente de mulheres no fluxo migratório internacional.

Palavras chaves: cidade, ocupações urbanas, migração venezuelana, fronteira, mulheres.

ABSTRACT

This research is interested in understanding the urban occupation processes related to Venezuelan migrants who decide not to join migration policies of *internalization*, which means the proposal to go living in other Brazilian states. The Venezuelan migratory flow on the border of Pacaraima, a municipality located between Brazil and Venezuela, has been seen as a transitory place. However, the search for strategies to remain at the border, among other reasons, is due to migrants choosing to be closer to their country. The fieldwork involved in this research has a trajectory that begins in 2019, based on a project located in Pacaraima called “The Music House”. It is through this space that I have established the relationships that made this research possible. The project welcomed Venezuelan migrant and refugee children in Pacaraima and provided choral singing classes and food. It was founded in 2016 by choral director Miriam Blos. Many of the children living in the occupations were part of this project. Here the theme of the city becomes important, not only because the municipality does not offer many options of employment or housing opportunities, but also because it does not have a defined border of its own urban perimeter. Borders and limits seem to mark the history of this place. In turn, these families had also developed strategies to remain in Pacaraima and continue moving between the two countries. In this scenario, urban occupations are part of the solution they found, the majority of which are led by Venezuelan women. The agency of women will be highlighted in this research, engaging with more general data on the growing presence of women in the International Migration flow.

Key words: city, urban occupations, Venezuelan migrants, border, women.

RESUMEN

La investigación está interesada en comprender los procesos de ocupaciones urbanas relacionados con los migrantes venezolanos que deciden no adherirse a las políticas migratorias de interiorización, es decir, la propuesta de trasladarse y vivir en otros estados brasileños. El flujo migratorio venezolano en la frontera de Pacaraima, municipio ubicado entre Brasil y Venezuela, ha sido visto como un lugar de traslado y transitorio. Sin embargo, la búsqueda de estrategias para permanecer en la frontera, entre otras razones, se debe a que los migrantes eligen estar más cerca de su país de origen. El inicio de la investigación se remonta a 2019, a partir de un proyecto ubicado en Pacaraima llamado La Casa de la Música. Es en este sitio que construyó las relaciones que harán posible esta investigación. El proyecto acogía a niños migrantes y refugiados venezolanos en Pacaraima y ofrecía clases de canto coral y alimentación. Fue fundado en 2016 por la maestra Miriam Blos. Muchos de los niños que viven en las ocupaciones formaron parte de este proyecto. El tema de la ciudad gana importancia, no solo porque el municipio no ofrece muchas oportunidades de empleo o vivienda, sino también porque no tiene una frontera muy bien definida en su perímetro urbano. Fronteras y límites parecen marcar la historia de este municipio. A su vez, estas familias también desarrollan estrategias para permanecer en Pacaraima y continuar circulando entre los dos países. En este contexto, las ocupaciones urbanas son parte de la solución que han encontrado, en su mayoría lideradas por mujeres venezolanas. La agencia de las mujeres será destacada en esta investigación, en diálogo con datos más generales sobre la creciente presencia de mujeres en el flujo migratorio internacional.

Palabras clave: ciudad, ocupaciones urbanas, migración venezolana, frontera, mujeres.

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

ADRA - Agência Adventista de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais

AICAEP - Associação Internacional Canarinhos da Amazônia Embaixadores da Paz

AVSI - Associação de Voluntários para o Serviço Internacional

BV-8 - Batalhão de Fronteira

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

CPF - Cadastro Pessoa Física

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

DAPP - Diretoria de Análise de Políticas Públicas

DPU - Defensoria Pública da União

EAD - Estudo a Distância

FGV - Fundação Getúlio Vargas

FTLog Humanitária - Força Tarefa de Logística Humanitária

GGVDR - Grave e Generalizada Violação dos Direitos Humanos

GLO - Garantia da Lei e da Ordem

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexual,
Assexual, Pansexuais e Polisssexuais, Não-binários, +

MPF - Ministério Público Federal

ObMigra - Observatório das Migrações Internacionais

OIM - Organização Internacional para as Migrações

ONG - Organização Não-Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PEF - Pelotão Especial de Fronteira

PF - Polícia Federal

PITRIG - Posto de Interiorização e Triagem

PRA - Posto de Recepção e Apoio

PRF - Polícia Rodoviária Federal

PRI - Posto de Recepção e Identificação

PTRIG - Posto de Triagem

RF - Reunificação Familiar

R4V - Response for Venezuelans - Plataforma Resposta a Venezuelanos

SUS - Sistema Único de Saúde

TI - Terra Indígena

UAB - Universidade Aberta do Brasil (polo Pacaraima)

UFRR - Universidade Federal de Roraima

UNFPA - Fundo das Nações Unidas para a População

UNHCR - The United Nations High Commissioner for Refugees

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

USAID - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

VES - Vaga de Emprego Sinalizada

Agradecimentos

São tantas pessoas que preciso agradecer que nem sei por onde começar.

Agradeço em primeiro lugar uma pessoa muito especial que não está mais entre nós, mas que permitiu que essa pesquisa ocorresse desde o princípio, Miriam, onde quer que você esteja, saiba que eu sou extremamente grata por ter tido o privilégio de te conhecer e respeito muito o seu legado. Foram muitas pessoas juntas contribuindo e lutando para que a Casa da Música continuasse e eu sei que você sabe que buscaram mantê-la enquanto foi possível. Sua ausência realmente fez muita falta. É inenarrável o quanto você ajudou essas crianças, eu sei que todos levam um pouco dos seus ensinamentos em seus corações e principalmente em suas vozes. As crianças continuam cantando, tá? Elas estão tão grandes! Queria tanto que você ainda estivesse aqui, queria tanto que você tivesse tomado a vacina a tempo... Você foi muito especial na minha vida e na vida de muita gente, muita, muita gente mesmo! Você foi uma amiga de verdade e nunca soltou a mão de ninguém. Obrigada pela oportunidade de conhecer este projeto maravilhoso, obrigada por confiar em mim, espero não ter te decepcionado em nenhum momento. Te admiro eternamente, Miriam, e um dia ainda vou te ensinar a fazer carbonara ai no céu!

Gostaria de agradecer imensamente a paciência da minha orientadora Cristina Patriota de Moura que abraçou um tema meio desconhecido e me fez muitas e muitas perguntas intrigantes que eu espero poder responder algumas neste trabalho e em reflexões futuras.

Agradeço todos os dias minha querida mãe que me inspira em ser uma antropóloga mais humana e compreensiva, e uma mulher forte feminista e batalhadora. Sou muito grata às minhas irmãs mais novas Chiara e Bárbara por estarem sempre por perto e me incentivando em tudo. Ao meu pai por tentar simplificar o que não é nada simples, mas sempre com um sorriso no rosto. A minha queridíssima prima Noeli pela ajuda na formatação e carinho constante.

Uma explosão de carinho e afeto por Marlyn e Francisco e seus filhos que foram fundamentais para realização dessa pesquisa. Laços que extrapolam as distâncias e me acompanham sempre. Querida Marlyn, você é de uma força e sensibilidade enormes e obrigada por cuidar de mim na Casa da Música e pelas ruas de Pacaraima. Obrigada a minha tia Nelita que me acolheu neste campo, obrigada a minha tia Leda que também me acolheu neste campo, minha querida tia Ester que possibilitou tantas pontes e é sempre tão cuidadosa comigo e com minha família, obrigada France, Daniela Martins, Leno, Poliana e Ryanna.

Obrigada às crianças canarinhos da Casa da Música por serem tão alegres e sonharem tão grande a inspiração cotidiana que essas crianças me trouxeram é inexplicável. Obrigada as minhas interlocutoras por compartilharem suas histórias, desafios e pela confiança.

Gratidão gigante pelas minhas amigas de mestrado Clara e Isabela por serem tão delicadas e me motivarem muito nesse processo no qual crescemos e choramos juntas. Por vocês duas e minhas amigas Isadora, Ma, Valentina, pelas risadas descontraídas e pela natação. Aos meus amigos Ângelo e Moamed pelas conversas filosóficas no DAN, carinho e admiração enorme. Ao meu amigo Guilherme por ser sempre lindo, vaidoso e maravilhoso por fora e por dentro. A minha querida amiga Aline Miranda por ser tão inspiradora. A Rita, minha guerreira e companhia predileta. Aos meus recentes e queridos amigos Dalva e Guilherme e ao nosso clube de livros e yoga. A muitas outras amigas e amigos que perto ou longe sempre me deram apoio e todas as pessoas acima citadas pelo constante acolhimento de braços abertos.

Agradeço enormemente a banca pela leitura dessa dissertação e por aceitar participar deste debate construtivo, aos ensinamentos da professora Luciana Hartmann, fundamentais para esta escrita, a professora Paloma Karuza Maroni da Silva e a professora Andrea Lobo.

Agradeço ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsas de pesquisa que tornaram viável este trabalho.

Epígrafe

Para Miriam Nascimento Blos (1963-2021)

A moça de chapéu

Miriam adorava chapéus.
Seus chapéus a protegiam do sol,
eram grandes e largos,
e filtravam a luz que ela emitia.

Miriam ficava linda de chapéu.
Ela tinha uma bela coleção,
E para cada ocasião, experimentava todos
E ficava sempre muito elegante.

Miriam estava sempre de chapéu,
Ou então fazia penteados lindos,
com seus longos cabelos escuros,
criando uma espécie de chapéu

Miriam era como um chapéu,
Protegia e embelezava,
todos os que passavam por ela,
Transformava e harmonizava,
tudo que estava a seu alcance

Miriam foi mãe de muitos
E na fala de muitas crianças,
Sempre será a moça de chapéu.

Julia Lucia Helena Lauriola



Sumário

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1: A cidade de Pacaraima e a migração	23
1.1 Pacaraima e a migração venezuelana	24
1.2 Indo para o país vizinho	25
1.3 Mudanças da lei, mudanças das práticas?	26
1.4 Refúgio em dados	29
1.5 2018 e a Operação Acolhida	32
1.6 Migração e interiorização	35
1.7 O dia que fomos para o PTRIG	38
1.8 Violências na cidade: os eventos	39
1.9 Outro evento	44
1.10 A xenofobia cotidiana	46
1.11 O mundo criando fronteiras	52
1.12 Cidade Virtual?	53
1.13 Julia você quer conhecer as <i>trochas</i> ?	59
1.14 La quadra e outros espaços em Pacaraima	62
1.15 Outras Formas de Abrigo	67
1.16 Aumento da Infraestrutura	74
1.17 "Estão chegando mais pessoas"	77
2. Capítulo 2: A Casa da Música	81
2.1 A Casa: Espaços internos e externos	81
2.2 A Casa e a Música	85
2.3 A Casa da Música e a Pandemia	87
2.4 Como lidar com o medo da vacina?	91
2.5 De volta a Casa da Música: presenças, ausências e um Projeto	92
2.6 A institucionalização da Casa	93
2.7 O luto inesperado	98
2.8 Procurando outra Casa	101
2.9 Trabalhar na Casa da Música	103
2.10 A casa da música: ausências, presenças e outros personagens	107
2.11 As regras e a mediação	109
2.12 Gestão do Projeto	110
2.13 "Aqui não entra qualquer uma"	111
2.14 A longa lista de espera	113
2.15 O temido e adorado ACNUR	114

2.16 Mudar a cor dos uniformes de apresentação. O que diria Miriam?	115
2.17 Senhorita Julia	116
2.18 Quem pode ficar na Casa da Música?	118
2.19 Conversas com Francisco em outubro de 2022	121
2.20 Conversas com Francisco em Fevereiro de 2023	122
2.21 Voltando à Casa da Música em outubro de 2023	126
2.22 A Casa da Música e a (In)Segurança	127
2.23 A Casa sempre sem água	129
2.24 Dia da sardinha	130
2.25 A última gincana	132
2.26 Dia do brechó	132
2.27 Os desafios sem o ACNUR mas as vitórias também	133
2.28 A Casa sem flores	135
3. Capítulo 3: Ocupar e Habitar a fronteira	141
3.1 Introdução	141
3.2 Circulando pelas ocupações...	147
3.3 Ocupação Orquídeas II	150
3.4 Entrevista com Senhora Angélica, liderança da ocupação orquídeas II	157
3.5 Ocupação Vila Nova 2	159
3.6 Ocupação Morro do Quiabo	169
3.7 Ocupação Vila Esperança	182
3.8 Ocupação Balança	191
3.9 Ocupação Antônio Seabra	203
3.10 Moradora do Centro, na linha entre Brasil e Venezuela	208
3.11 Moradora do bairro Orquídeas	210
3.12 Proprietária na Rua Monte Roraima	212
3.13 Revisitando as entrevistas: Controlar, apoiar, fiscalizar, habitar: que fronteiras são estas?	214
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	226

INTRODUÇÃO

1. Vamos começar do início... Bem do início mesmo.

Eu morei boa parte da minha primeira infância em Boa Vista – RR. Pousei em solo roraimense no dia do meu segundo aniversário, em 1999. Meus pais construíram uma casa lá. Na época, Boa Vista era uma cidade pequena, não tinha muitas ruas asfaltadas e os terrenos eram bem acessíveis. Meus pais construíram uma casa em um bairro que anos depois se tornaria um dos bairros mais nobres da cidade. Quero chamar a atenção para a expansão rápida e grande da cidade de Boa Vista. Que se acelerou principalmente na última década. Toda vez que viajo para visitar parentes e amigos é impressionante como a cidade está transformada e maior. Mais urbanizada, mais moderna. Muito diferente da cidade em que eu cresci. Minhas duas irmãs mais novas nasceram em Boa Vista – RR, em 2003 e 2005.

Durante esse período, quando eu tinha 6 ou 7 anos de idade, fazíamos muitas viagens para a Venezuela. Era muito comum, para os habitantes de Boa Vista, ir para a Venezuela nas férias ou fazer compras. Todos na região sabiam que as coisas lá eram mais baratas e de qualidade. Eu e minha família trazíamos várias mercadorias quando visitávamos o país. Minha mãe sempre conta que enquanto viajávamos de carro, eu cantava ao som do CD do Legião Urbana a música “Que país é esse?” e eu respondia: “É Venezuela!”. Meus pais riam e essa acabou virando a nova versão da música, como um hino de família. Toda vez que escutamos essa música, minha mãe conta essa história.

2. Uma migrante nata

Minha família e eu sempre estivemos em movimento desde quando eu me conheço por gente. Nasci na França e vim para Roraima com 2 anos de idade. A partir dos meus 8 anos, as viagens se intensificaram. Saímos de Boa Vista e moramos em Campinas (cidade da minha mãe), depois alguns anos em Brasília, depois moramos na França, depois na Itália (país do meu pai). Não foram viagens, foram mudanças.

Mudanças de casa, mudanças de vida, mudanças de idiomas, de países, de amigos, de tudo.

Estudei latim e grego antigo na Itália, seguindo as rotas ancestrais da minha família paterna, afinal, minha avó era professora de filosofia e eu tinha que honrar meu sobrenome. Meu pai vem de uma pequena cidade do sul da Itália, chamada Lucera, de 32 mil habitantes, meu pai conta que é mais antiga que Roma, fundada há quase mil anos antes de Cristo. Morei em Lucera durante a maior parte da minha adolescência e considero aquela cidade uma viagem no tempo. Lá eu não representava apenas um indivíduo, Julia, as pessoas me chamavam pelo meu sobrenome, Lauriola, ou seja, eu representava também minha família e meus antepassados. Amigos, professores, todos me chamavam de Lauriola. Ao falar meu sobrenome, a árvore genealógica dos Lauriolas era decodificada pelos lucerinos numa fração de segundos, mas enfim, isso daria outra dissertação.

Quis trazer um breve relato da minha trajetória de vida porque na verdade sempre me senti um pouco migrante, nos muitos lugares por onde morei. Na Itália eu era mais brasileira, no Brasil eu sou mais italiana, e por aí vai. Migrante, naturalizada, dupla nacionalidade ou tripla, ítalo-brasileira e alguns outros rótulos. A equalização entre lugar de nascimento e reconhecimento como migrante nem sempre é precisa, eu me sinto às vezes mais brasileira, às vezes mais italiana, mesmo tendo nascido na França. Muitas vezes me sinto de nenhum lugar e de muitos lugares ao mesmo tempo, dentro de uma lógica de pertencimento múltiplo¹, mas, do ponto de vista jurídico e social, muitas vezes essas categorias podem ser incompletas. (CAVALCANTI, L., BOTEGA, T., TONHATI, T., & ARAÚJO, D., 2017)

Em 2015, de volta em solo roraimense, eu fiz uma viagem para a Venezuela de carro. Fomos eu, um amigo da minha idade (17 anos) Eduardo e a mãe dele, Marisa. Íamos comprar coisas mais baratas e passear por Santa Elena de Uairén. Pegamos a BR-174 que liga Boa Vista até a Venezuela. Quando chegamos no supermercado em Santa Elena, as prateleiras estavam meio vazias e não tinham todas as mercadorias, alguns itens simplesmente não se encontravam em nenhum dos supermercados. Marisa pediu para eu e Eduardo perguntarmos para os vendedores de cada supermercado se tinha amaciante. “Está em falta.” diziam os funcionários dos supermercados. Marisa comprou três sacos imensos de 10 quilos de sabão em pó. “Esse sabão em pó é bem melhor e bem

¹ Dicionário crítico de migrações internacionais (ARAÚJO et al, 2017)

mais barato do que os que a gente encontra no Brasil. Pena que agora só pode levar um por pessoa”. Explicou Marisa, que disse que haveria um limite de mercadoria que seria autorizado a passar pela fiscalização. Voltamos com dúvidas se seríamos barrados pela fiscalização pois não sabíamos se tínhamos ultrapassado o limite de produtos autorizados a serem adquiridos por pessoa, mas no final deu tudo certo e não tivemos que pagar multa ou devolver os produtos. Em 2014 os brasileiros foram oficialmente proibidos de importar mercadorias da Venezuela.

"O governo venezuelano proibiu, por meio de decreto, a exportação e transporte de mercadorias para territórios estrangeiros. A medida, conforme o delegado-adjunto da Receita Federal em Roraima, Roberto Paulo, ocorreu devido ao desabastecimento de produtos alimentícios naquele país. Com isso, qualquer item comprado em cidades como Santa Elena de Uairén, região de fronteira com o Brasil, serão retidos pela Guarda Nacional da Venezuela. Caso o brasileiro não obedeça às normas do país vizinho, há o risco de prisão."²

Moramos novamente em Boa Vista durante dois anos. Fiz o terceiro ano do ensino médio em Boa Vista e em 2016 me transferi para Brasília quando passei no vestibular da UnB. Durante esse período, inicia um fluxo migratório venezuelano muito intenso que atravessa diretamente a cidade de Boa Vista. Amigos de ensino médio, amigos de família, me contavam sobre essa virada migratória principalmente a partir de 2016. Muitos falavam sobre o aumento da população de rua e da insegurança.

A partir dessa breve retrospectiva de vida, busco mostrar como foi impactante para mim ver a mudança dentro de um dos muitos territórios com os quais me identifico e onde também me constituo. Essa mudança, a partir do fluxo migratório venezuelano intenso, provocou uma mudança na forma de se relacionar entre as pessoas, uma mudança na visão sobre a Venezuela por parte dos boavistenses. Boa parte da população roraimense, passou a enxergar “os venezuelanos”, que se transformou em uma grande categoria que abrange todo este grupo e carrega intrinsecamente estereótipos como os de pobreza e criminalidade, de forma pejorativa.

Apesar do fluxo e do trânsito entre os dois países nessa região sempre ter sido intenso, com viagens de lazer de ambos os países, muitos roraimenses conheciam a Venezuela em mais detalhes, geograficamente falando. Hoje, as especificidades de cada região da Venezuela se perdem e se cristalizam na grande categoria que abrange todos: os venezuelanos. A recepção mais acolhedora de alguém que vinha, por exemplo, de

² Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/08/brasilianos-sao-proibidos-de-exportar-mercadorias-da-v-e-diz-receita-em-rr.html>> Acesso em: 25 out. 2024.

Caracas para visitar, no passado, se transformava em uma recepção hostil para a mesma pessoa que pretendia ficar no presente, relacionada, também, ao status de refugiado que muitos migrantes assumiram.

De qualquer maneira, sou uma mulher branca, filha de um italiano e uma brasileira, de classe média alta, que morou muitos anos no norte do Brasil e tudo isso necessariamente permeia o meu olhar e minhas formas de ler o mundo, pois não existe neutralidade na antropologia, muito menos uma objetividade que descarta as subjetividades de qualquer pesquisadora (HARAWAY, 2009). De certa forma, isso também impacta a escolha do tema de pesquisa sobre as migrações que permeiam a vida de pessoas em trânsito.

O que poderia me aproximar das interlocutoras seria essa sensação de transitoriedade no pertencimento ao mesmo tempo que nos distancia, tanto na diferença dos meus privilégios de múltiplas nacionalidades e não de uma busca por uma outra nacionalidade, que traz o reconhecimento legal em outro país, quanto na diferença racial-fenotípica, eu enquanto mulher branca, elas enquanto mulheres não brancas. Essa relação é, portanto, permeada por inúmeras diferenças de peso de classe social e de poder. Como bem nos lembra Juliana Watson (2023) em referência ao pensamento de Sueli Carneiro (2005), nós pesquisadoras brancas devemos ter consciência de que:

"Quando escrevemos sobre a experiência do encontro, seja ele intercultural ou interracial, ou os dois, estamos falando sempre mais sobre nós do que sobre as/os/ es outres, esse saber fala mais de quem escreve do que de quem é descrito. Essa noção básica precisa ser entendida pelos brancos e brancas. (...) Assim, embora o diálogo com pessoas do território tenha tido papel central na pesquisa com o intuito de dar ouvidos a quais são os desafios vividos e sugestões de melhoria de sua realidade, tenho a consciência de que essas inquietações partem do meu mundo." (Watson, 2023, p.13)

Em janeiro de 2019 fui a Pacaraima com a equipe da Cáritas³ para observar a situação da fronteira e ver de perto o “olho do furacão”, como eles diziam. Aqui pude conhecer alguns projetos de acolhimento do público migrante, como os abrigos e o trabalho do padre Jesus, que fornecia café da manhã solidário e recebia cerca de mil pessoas todas as manhãs. Nesse dia pudemos ajudar na distribuição do café da manhã para mais de 800 pessoas.

Nesta mesma viagem, também pude conhecer o projeto da Casa da Música, liderado pela maestrina Miriam Blos, professora de música que havia criado o coral dos

³ Cáritas Diocesana de Roraima, que atua no acolhimento de migrantes em Boa Vista e Pacaraima.

Canarinhos da Amazônia há décadas em Roraima. O coral já havia atravessado várias gerações e naquele momento direcionou suas atividades musicais para o público de crianças migrantes venezuelanas que chegavam na fronteira. O projeto buscava acolher, ensinar música e dar alimentação digna a estas crianças, que chegavam no Brasil em condições muito difíceis.



Foto instagram @aicaepbrasil 2019

Legenda: As crianças e Miriam com seu novo chapéu vermelho que levei pra ela

A partir daí, criei um vínculo com o projeto e com Miriam, que sempre me atualizava sobre os avanços e as conquistas do projeto. No final de 2019, por exemplo, o projeto recebeu um prêmio da ONU de direitos humanos em Genebra. Apesar de conquistas importantes, Miriam me contava também sobre as inúmeras dificuldades que o projeto enfrentava. Por mais que o projeto tivesse cada vez mais visibilidade, nem sempre havia recursos para manutenção e extensão do projeto. A lista de espera de crianças que queriam participar aumentava mais rapidamente do que as condições financeiras para atendê-las. Apesar das inúmeras dificuldades, Miriam, defensora dos direitos humanos e dos direitos das crianças, buscava diversos caminhos para conseguir levar o projeto adiante e atender cada vez mais *niños* e *niñas* venezuelanos/as.



Autoria da foto: Julia Lauriola - 2019

Legenda: Eu e Miriam de chapéu

3. Habitar e Permanecer em Pacaraima

Esta pesquisa busca observar de perto as vidas de migrantes venezuelanos nas ocupações em Pacaraima, município que faz fronteira com a Venezuela. O presente estudo deriva de um trabalho de campo etnográfico iniciado em 2019, em Pacaraima, com um grupo de crianças venezuelanas migrantes, que fazem parte de um projeto que acolhe crianças refugiadas em Pacaraima, chamado Casa da Música. Durante a pandemia, as aulas foram suspensas e a partir daquele contexto se deu o primeiro contato com esta pesquisa. Trabalhei temáticas como a antropologia da infância, migração de crianças desacompanhadas, e realizei um estudo de caso contando a história de uma criança que ficou quase um ano longe da família por não poder voltar para a Venezuela devido ao fechamento da fronteira na pandemia. Posteriormente, fui trabalhar de forma presencial no projeto de julho até dezembro de 2021. A imersão no campo se deu em um primeiro momento de forma virtual durante a pandemia em 2020, em seguida através do vínculo de trabalho em 2021.

Minha segunda ida a Pacaraima se deu quando fui morar na fronteira, foram 6 meses de trabalho em Pacaraima em 2021. Naquele período, morei com uma família de venezuelanos, Marlyn, Francisco e seus dois filhos (que irei chamar pelos nomes fictícios de Santiago e Mariela). Criamos um vínculo forte e mantemos o contato até hoje. Eles afirmam que eu sou a “irmã brasileira” dos dois.

A partir da minha terceira ida a Pacaraima, iniciei esta pesquisa de mestrado onde procuro investigar sobre outras formas e estratégias de permanecer em Pacaraima que são acionadas por parte dos migrantes venezuelanos, como por exemplo a de morar em uma ocupação. Nesta pesquisa também me proponho a discutir sobre o crescimento das ocupações em Pacaraima e o que isso representa. Quais são as principais dificuldades que enfrenta o público migrante que acaba de chegar em Pacaraima e pretende aqui se instalar, de maneira provisória ou não?

Pousei novamente em solo roraimense na madrugada do dia 14 de outubro de 2023. Ao sair do avião, o clássico e inconfundível calor intenso e úmido de Boa Vista me dá as boas vindas. Leno, que foi meu colega de trabalho quando trabalhei em Pacaraima em 2021, foi me buscar no aeroporto à 1:45 da manhã. Ele me deixou na casa de uma amiga da família, a Nelita. Fiquei lá até organizar minha subida⁴ para Pacaraima nos próximos dias.

Ao retornar a Pacaraima em outubro de 2023, pude ficar hospedada na Casa da Música, onde a família estava morando. As aulas musicais ocorriam esporadicamente, pois ainda não tinha sido possível encontrar um parceiro fixo que financiasse o projeto. No entanto, a diretoria da associação já havia decidido fechar definitivamente as portas do projeto no início do ano de 2024, pois bancar o aluguel da casa havia se tornado muito caro.

Assim que cheguei disse que queria fazer uma pesquisa sobre as ocupações urbanas de Pacaraima, que Marlyn já me corrigiu dizendo que aqui eram chamadas de ocupações espontâneas ou invasões. Existe uma disputa na nomeação desses espaços pelas agências e por quem mora lá. Marlyn disse desde o início que não me deixaria circular sozinha pela cidade, muito menos pelas ocupações, e que poderia ir comigo nos dias que não estivesse trabalhando. Ela seria como minha assistente de pesquisa e combinamos que eu iria remunerá-la por isso, mesmo ela dizendo não, não, não. Mas ela não poderia aparecer nas fotos feitas durante a pesquisa, essa foi a única condição.

⁴ Localmente se diz sempre *subir* para Pacaraima, cidade localizada a 215 km da capital, Boa Vista. Por ser uma serra, o termo *subir* para Pacaraima faz todo sentido.

Por isso também, Marlyn assumiu boa parte da função das fotografias. Enquanto eu observava, olhava para onde andava com medo de tropeçar, conversava com as pessoas, ela me fotografava andando, conversando com as interlocutoras, enquanto eu usava meu celular também como gravador de áudios. Tirei algumas fotos com as interlocutoras, que autorizaram serem fotografadas, mas que optei por não trazer neste trabalho para preservar suas identidades. Também irei usar nomes fictícios pelos mesmos motivos. Não se trata de invisibilizá-las, mas, sim, de protegê-las. Muitos relatos podem transgredir normas e, por isso, achei que essa seria a melhor opção metodológica. Existem situações entre estes moradores que oscilam entre refúgio e residência, então optei por esse cuidado. Marlyn também foi dando sugestões sobre as perguntas, sobre a pesquisa, por isso considero que ela teve um papel fundamental e determinante nesse olhar investigativo.

A abertura que pude ter com as interlocutoras também veio da mediação feita por Marlyn, por me apresentar como antiga coordenadora de projetos, e por isso alguém de confiança. No entanto, pude perceber que eu também fui lida como alguém que vinha de Brasília, da capital, que era branca e que poderia quem sabe fornecer algum tipo de recurso para famílias tão vulneráveis. O tão dito “quero participar da pesquisa” poderia significar outras coisas. Reforço também que a relação com as crianças que construí em 2021 também foi um facilitador importante para poder acessar algumas mães de crianças do projeto que seguiam vivendo nas ocupações.

As principais metodologias utilizadas nesta pesquisa foram o trabalho de campo e a observação participante, realização de entrevistas, com perguntas semi abertas, transcrição e tradução das entrevistas que foram respondidas em espanhol, escritas cotidianas de diários de campo, retratos fotográficos, trocas de mensagens por whatsapp e chamadas telefônicas. Também pude contar com fotografias realizadas por outras pessoas, pois durante o processo da escrita tive o apoio de amigas que estavam em Pacaraima e puderam tirar fotos de espaços transformados que achei que seriam relevantes estarem presentes no trabalho, como Daniela e Rosi, além de Marlyn, que me acompanhou diretamente nas visitas às ocupações. Pedi para estas pessoas tirarem fotos ao longo do tempo e em outros momentos porque achei importante mostrar as construções recentes da cidade assim como as desconstruções de outros espaços.

O município de Pacaraima foi fundado no dia 17 de outubro de 1995 e, além de estar localizado ao norte do estado de Roraima, fazendo fronteira com a Venezuela, fica na Terra Indígena São Marcos, a 215 km da capital, Boa Vista. A cidade de Pacaraima

passou por uma transformação considerável a partir da crise migratória desencadeada a partir de 2016 e que segue até os dias de hoje. Milhares de venezuelanos cruzaram a fronteira em direção ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Estima-se que sua população do município inteiro aumentou de cerca de 10 mil habitantes em 2010, para quase 20 mil pessoas em 2022.

No entanto, existem algumas controvérsias em relação ao fato de Pacaraima estar localizada em território indígena, sendo questionada por muitos, até mesmo pela legitimidade de sua criação. Os territórios indígenas que fazem parte dessa região são a Terra Indígena São Marcos e a Raposa Serra do Sol. Portanto, já existiam diversos conflitos em relação à Terra Indígena antes do fluxo migratório Venezuelano, e além disso, surgem novas implicações com a chegada de um número considerável de pessoas nesta região, muitas das quais estariam de passagem, mas outras pretendiam ficar.

A vinda de migrantes venezuelanos para o Brasil, e neste caso especificamente, em Pacaraima, transformou a cidade. Os migrantes que decidem se estabelecer em Pacaraima buscam algum tipo de casa para alugar, no entanto, os alugueis são muito caros e existe um forte preconceito dos brasileiros da região em relação a eles. Sendo assim, tem sido difícil conseguir alugar uma casa.

Nesse cenário, surgem as ocupações, espaços ao redor da cidade e do perímetro urbano "demarcado" de Pacaraima, e vão se alargando conforme mais pessoas decidem se estabelecer na fronteira. Este perímetro urbano "demarcado" parece ser flexível e móvel, já que Pacaraima é o único município do Brasil que não tem seu perímetro urbano regularizado.⁵ Falar das ocupações em Pacaraima, também implica falar sobre a ocupação de terras indígenas. Contudo, como veremos, estas mudanças vão compondo e fazendo a cidade.

No primeiro capítulo, irei me aprofundar sobre o contexto histórico, social, geográfico e político de Pacaraima, com enfoque nas migrações venezuelanas e a ocupação de um território indígena. Embora tenha passado por Boa Vista, a maior parte do campo foi realizada em Pacaraima. A Ocupação da cidade passa por algumas divergências sobre qual é a sua delimitação no perímetro urbano, sobre os eventos de xenofobia que ocorrem frequentemente na cidade com a chegada dos migrantes e a intolerância da população local. Além disso, a migração também influenciou no

⁵ Agência Brasil, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/migracao-venezuelana-gera-tensao-e-muda-perfil-da-pacata-pacaraima>> Acessado em: 25 out. 2024

aumento dos serviços, da infraestrutura, no aumento da busca por moradia, seja para funcionários públicos, de prefeitura, de bancos, ou seja, para os funcionários das agências humanitárias e, claro, os migrantes venezuelanos.

No segundo capítulo, irei falar da Casa da Música, espaço fundamental para minha trajetória de pesquisadora, já que o meu primeiro contato com a pesquisa em Pacaraima foi através deste espaço. Sede do projeto que acolhia crianças migrantes venezuelanas através de um trabalho artístico, musical e humanitário da maestrina Miriam Blos, fundadora do projeto Casa da Música. Este espaço passou por diferentes mudanças depois da morte de Miriam em 2021, vítima da covid-19. Busco me debruçar sobre os diferentes significados e conflitos que permearam este espaço durante meu trabalho em 2021. A Casa, inicialmente lar de Miriam, tornou-se uma referência de acolhimento, atividades e interações para crianças migrantes, chamados de canarinhos da Amazônia, e um ponto de apoio para suas famílias através de informações, distribuição de cestas básicas, entre outros. Para as agências que financiavam o projeto, este espaço representava a sede de uma ONG que recebia recursos internacionais e realizava as atividades musicais para crianças migrantes. Neste capítulo pretendo trazer uma análise descritiva do espaço físico da Casa da Música, além de um mergulho sobre os diferentes significados simbólicos que este espaço absorveu ao longo do tempo. Irei trazer imagens e fotografias para auxiliar nesse processo descritivo.

No terceiro capítulo, irei me debruçar sobre o surgimento das ocupações espontâneas, seus habitantes, suas histórias a partir de entrevistas que foram realizadas em campo com as moradoras dessas ocupações. Numa perspectiva mais etnográfica irei me debruçar sobre questões de surgiram em campo, tais como: quais são as dificuldades enfrentadas pelos moradores das ocupações urbanas em Pacaraima; que tipo de relações se consolidam com a criação das ocupações; quais são as estratégias desenvolvidas para permanecer no território de Pacaraima; além de como se deu o processo migratório de cada uma. Isso inclui o que chamaremos de eventos, onde a xenofobia foi violenta, a memória vivida ou relatada destes eventos estão presentes ainda hoje nas falas de minhas interlocutoras. Os venezuelanos, como são muitas vezes chamados, mesmo sendo um grupo muito diverso, considerando que esses movimentos são atravessados por desigualdades e diversidades de gênero, raça, classe, geração. Estas pessoas, ao chegarem na fronteira, após a regularização migratória e imunização, a próxima etapa automática e obrigatória parece ser a de interiorização, ou seja, seguir para outros estados brasileiros. As mulheres venezuelanas que estão nas ocupações espontâneas são

constantemente indagadas se pretendem interiorizar ou não. Esta é a principal política voltada para o público migrante, para “não sobrecarregar” o estado de Roraima. No entanto, quem não quer aderir a esta política parece ficar à margem da cidade e da política de acolhimento e com uma vida permeada por incertezas, mesmo após a aquisição de um terreno. Essa pesquisa corrobora com os dados de outras pesquisas que ressaltam o fenômeno da feminização das migrações, e observa a agência das mulheres no projeto migratório. A maioria das minhas interlocutoras não se sentia muito à vontade de falar sobre a questão racial, não entendia porque essa pergunta aparecia em quase todos os questionários aqui no Brasil, mas acho isso relevante, pois a maioria são corpos não brancos, e irei me aprofundar sobre essa questão na conclusão.

Esse trabalho irá falar numa perspectiva que vai ao encontro do movimento de fazer-cidade de Michel Agier (2015), uma cidade que está constantemente em movimento, pois o autor afirma que “a cidade é feita essencialmente de movimento”, está em uma constante construção e desconstrução, numa permanente transformação no tempo e no espaço, sendo justamente a descrição e a compreensão desse movimento contínuo do fazer cidade que pode constituir uma contribuição do olhar antropológico sobre a cidade. A cidade é múltipla, partindo do ponto de vista das relações e práticas das minhas interlocutoras, e não é menos real ou virtual por isso.

Agier (2015) considera que a etnografia das “margens” ou dos limites, seria o método ideal para uma antropologia da cidade. Margens urbanas, bairros populares ou “invasões”, estabelecimentos provisórios de migrantes, campos de refugiados, bairros “espontâneos”, são estes os espaços que o autor se interessa para pensar a cidade. Este tema será retomado na conclusão. Espero que o leitor consiga visualizar estes espaços e imaginar o movimento da cidade e das pessoas que fazem essa cidade.

Capítulo 1: A cidade de Pacaraima e a migração

Esse trabalho de pesquisa foi realizado na cidade de Pacaraima⁶, onde irei privilegiar o diálogo com famílias venezuelanas que decidiram permanecer na cidade. Trata-se de uma cidade brasileira que faz fronteira com a Venezuela, situada a 215 quilômetros da capital do estado de Roraima, Boa Vista. Chega-se em Pacaraima por meio da BR-174, construída durante a ditadura militar, em 1970. Do lado esquerdo da BR-174 encontra-se o batalhão de fronteira, BV-8 - Batalhão de Fronteira -, e na outra margem da BR-174, ao lado direito, inicia o município de Pacaraima. Muitas pessoas que cruzaram a faixa de fronteira, com seus documentos regularizados, permanecem ali por diversas razões. Os migrantes vivem a cidade, em sua maioria, nas ocupações espontâneas. Por sua vez, o município de Pacaraima tem um histórico recente de existência, foi criado em 1995.

Em 1988, o então território de Roraima passou ao status de um novo estado da federação brasileira. Nos anos seguintes, uma Terra Indígena foi demarcada: a Terra Raposa Serra do Sol. A Terra Indígena São Marcos e a Terra Indígena Yanomami foram homologadas, ou seja, tiveram seus processos administrativos, para serem reconhecidas como Terras Indígenas, concluídos.

Com a criação dos municípios, em especial o de Pacaraima, em 1995, inicia-se a discussão sobre onde começa e onde termina o perímetro urbano do município. Até recentemente, Pacaraima, era uma pequena cidade, com menos de 10 mil habitantes, na sua maioria, indígenas. Uma parte de suas casas permanecia vazia, por ser, em geral, a segunda casa de famílias que residiam em Boa Vista, capital do estado, outra parte era habitada por profissionais que adentravam aos cargos públicos criados, como na área de saúde, educação, administrativa da prefeitura, bancos e outros serviços que passaram a compor a cidade de Pacaraima. Além disso, Pacaraima era conhecida pelo seu clima mais ameno que o da capital⁷, lugar de parar para as fotos na fronteira e seguir adiante para o turismo caribenho e o comércio atrativo na Venezuela. Ela não contava nem

⁶ **Pacaraima** é uma palavra de origem indígena que define: 1- cidade e município do estado de Roraima 2- serra no Maciço das Guianas, fronteira com a Venezuela, no estado de Roraima, com cerca de 920 metros de altitude. *pacaraima* deriva da palavra da língua Caribe (VIDE) "paca-rá", que significa "cesto". <https://www.dicionarioinformal.com.br/pacaraima/> Acesso em: 13/10/2024

⁷ O município de Pacaraima fica a mais de 900 metros acima do mar.

mesmo com um posto de gasolina, já que por décadas os brasileiros cruzavam a fronteira para abastecerem seus carros com o preço muito abaixo do vigente no Brasil, mesmo sendo vendida por um preço superior para os brasileiros que não residirem na cidade da fronteira, Santa Elena do Uairén.

A cidade onde fiz a pesquisa, hoje, é outra. A migração venezuelana teve um papel central nestas mudanças. Por estas razões trago neste capítulo informações sobre o tema, sobre as políticas sociais de migração ali instaladas, para, em seguida, falar de um projeto por onde trabalhei com crianças venezuelanas chamado A Casa da Música. Além disso, irei dialogar com as mulheres das ocupações espontâneas, que permanecem em Pacaraima com suas famílias, seus filhos, preocupadas com a escola, a saúde de seus familiares, e não necessariamente pensam em retornar ao seu país de origem ou seguir adiante, embora sejam constantemente indagadas se pretendem “interiorizar” ou não. Os três capítulos estão interligados no espaço e no tempo desta pesquisa.

1.1 Pacaraima e a migração venezuelana

Pacaraima é a porta de entrada terrestre de muitos venezuelanos que decidem migrar pela fronteira brasileira. Eles passam por Santa Elena de Uairén, capital venezuelana do município da Gran Sabana, que fica a 15 km do município brasileiro⁸. Chegam diariamente centenas de venezuelanos neste município, a maioria de passagem para outros Estados, mas alguns acabam se estabelecendo em Pacaraima por períodos prolongados. Minha pesquisa busca justamente dialogar com essas pessoas que decidem, temporariamente ou não, ficar em Pacaraima.

Neste capítulo, antes de falar um pouco mais sobre a cidade de Pacaraima, irei abordar diferentes aspectos da migração venezuelana, a partir do diálogo com a bibliografia referente a este intenso fluxo migratório, trazendo dados quantitativos e etnográficos. Como se dá o processo de migração dos venezuelanos para o Brasil? Que tipo de políticas estão direcionadas para esse público? Quais os principais desafios enfrentados pelos imigrantes venezuelanos e quais estratégias são criadas por eles neste contexto?

Além disso, irei falar sobre uma das principais políticas voltadas ao público migrante: a política de interiorização. Também busco analisar a forma com a qual são

⁸ O Brasil tem uma fronteira verde com a Venezuela de 2199 km, o único posto urbanizado é esta fronteira: Pacaraima e Santa Elena.

recepcionados estes migrantes venezuelanos recém chegados ao Brasil e discutir sobre o gerenciamento que é feito dessa população por parte das agências migratórias e do exército brasileiro, pela Operação Acolhida,⁹ uma ajuda humanitária brasileira coordenada pelo Comitê Federal de Assistência Emergencial, liderado pela Casa Civil da Presidência da República e conta com o apoio da ONU e de outras organizações da sociedade civil. Sua coordenação e gestão ficam a cargo do Exército Brasileiro. Neste capítulo descrevo o passo a passo da regularização migratória e os órgãos responsáveis pelo processo burocrático migratório, a justificativa é que isso tem impacto e faz parte dos temas que minhas interlocutoras lidam no seu dia a dia.

1.2 Indo para o país vizinho

A crise humanitária na Venezuela foi desencadeada a partir de 2013, intensificada em 2016 e continua até os dias de hoje. Com a desvalorização do petróleo no mercado internacional, o país, que adotava uma economia rentista, na qual todos os preços eram estabelecidos a partir do mercado do petróleo, passou a sofrer uma forte crise no abastecimento, privando a população de acesso a itens de primeira necessidade como alimentos e medicamentos (SILVA, 2018). Este contexto de crise alimentar, de saúde e, sobretudo, política, deflagrou a migração em massa da população venezuelana (BHABHA, 2014). Muitos venezuelanos decidem migrar devido ao aumento dos preços de produtos alimentícios, à fome, à instabilidade política, à inflação em geral, ao aumento da pobreza e das altas taxas de criminalidade e índices de violência. (LAURIOLA, 2020). O Brasil, a partir de 2018 e 2019, passa a adotar o termo crise humanitária na Venezuela e abre opções para regularizar a migração.

Em 2017 o Brasil mudou a sua lei de migração. Ela tem como um de seus objetivos tornar a migração legalizada, ou seja, oferecer opções aos que chegam no Brasil para regularizar sua estadia no país. No caso da Venezuela, o Brasil passou a oferecer a opção de residência temporária ou refúgio. Esta última, justificada pelo reconhecimento da crise humanitária e das violações de direitos humanos no país vizinho. Assim, o refúgio não era destinado apenas aos perseguidos políticos, mas também àqueles que diretamente ou indiretamente se sentiam ameaçados no país.

⁹ Disponível em: <<https://www.gov.br/acolhida/>> Acesso em: 14 de outubro de 2024.

O refúgio implica o não retorno ao seu território de origem devido a graves ameaças à vida, mas, na prática, muitas pessoas que se encontram neste espaço fronteiriço criam formas de conviverem com essas “regras”. Por exemplo, Jean tinha uma moto e estava sempre em movimento. Quando Jean se estabeleceu em Pacaraima, também passou pela triagem fronteiriça onde pode escolher entre a documentação de refúgio ou de residência temporária. Jean optou pela documentação de refúgio. Em algumas visitas do ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ao Projeto Casa da Música, onde trabalhei, colegas de trabalho afirmaram que Jean havia sido visto atravessando a fronteira com muita frequência. A documentação de refúgio determina que você não poderá retornar ao país de origem e esse retorno poderia implicar na perda do status de refugiado, no entanto, ele sempre ia e voltava¹⁰.

Jean muitas vezes trazia alimentos típicos da Venezuela para comercializar aqui em Pacaraima e ter uma renda extra. O queijo artesanal venezuelano, branco e salgado, combinava perfeitamente com as *arepas* que eles comiam todos os dias, às vezes em mais de uma refeição, café da manhã e janta principalmente. A *arina-pan*, farinha de milho fina para fazer as *arepas*, era a base da alimentação dos venezuelanos. Jean também às vezes trazia alguns pacotes. Mas o comércio local Brasileiro já vendia esse produto em suas prateleiras, pois há um consumo muito alto desse produto em Pacaraima. O queijo era exclusivo da Venezuela em 2021, mas quando voltei, em 2023, já percebi a presença desse queijo nas prateleiras dos supermercados brasileiros.

Em uma das visitas do ACNUR, Carlos, representante do ACNUR, alertou Jean que ele deveria mudar sua documentação de refúgio para residência temporária. Ele sempre tinha que mediar com a Polícia Federal e explicar que Jean fazia parte de um projeto de música em Pacaraima, explicava quem ele era e que não estaria praticando nada de ilícito como o tráfico de gasolina, por exemplo, comum naquele espaço. “Tô cansado de ter que te salvar, Jean, vê se muda essa documentação logo.” Afirmou Carlos do ACNUR em tom jocoso. Jean atualmente é mototaxista e leva as pessoas para Santa Elena. “Se em Pacaraima tem trabalho, não tem porque eu me afastar mais ainda

¹⁰ Jean, e muitos outros e outras, ultrapassava os limites fronteiriços para buscar comida na Venezuela, mesmo com as fronteiras fechadas. Ele também ia visitar parentes do lado venezuelano da fronteira, sua mãe mora em Santa Elena, e lá ele também conhecia pessoas que faziam a manutenção nos instrumentos musicais. A cultura musical da Venezuela é muito forte. Me lembro de uma família, a mãe com seus três filhos adolescentes. Eles atravessavam a fronteira com seus violinos nas costas.

do meu país”, era algo que Jean dizia pra mim. Ele chegou a construir uma casa em Pacaraima, e eu trouxe um vaso sanitário para ele de Boa Vista em 2021.

1.3 Mudanças da lei, mudanças das práticas?

Gostaria de chamar a atenção para uma mudança de paradigma da legislação Brasileira que ocorreu com a Substituição do Estatuto do Estrangeiro para a Nova lei de migração em 2017. O Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815/80, entrou em vigor durante o período da ditadura militar, mais especificamente no dia 19 de agosto de 1980. Esta lei definia a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e partia de uma perspectiva em que a pessoa que migra, “o estrangeiro” é aquela pessoa que não pertence ao nosso país dentro de uma perspectiva de securitização.

A Legislação Brasileira passou por uma transformação histórica em direção às garantias dos direitos humanos com a substituição do Estatuto do Estrangeiro para a Nova Lei de Migração (13.445/2017, regulamentada pelo decreto 9.199/2017), que entrou em vigor no dia 24 de maio de 2017. A lei demorou mais de 10 anos para ser formulada. No entanto, é importante registrar que o Brasil trazia um histórico de leis restritivas à migração, chegando no final do século XX com menos de 0,5% de migrantes vivendo no Brasil (DE SANTANA, 2022).

A nova Lei trouxe uma mudança de paradigma da perspectiva da pessoa migrante agora vista como um sujeito de direitos. No acesso a uma migração regular, seja através de visto humanitário ou refúgio, o acesso aos benefícios sociais, sem discriminação, o direito de manifestação política, mesmo sem direito ao voto. No entanto, algumas críticas foram também registradas, a exemplo das organizações em defesa dos direitos humanos, como a Conectas, que na época advertiu:

"Problemas do decreto de Regulamentação da Lei de Migração:

- Mantém a confusão entre justiça criminal e migração quando condiciona o acesso ao direito de migrar à ausência de antecedentes penais e condenação penal, concretizando uma dupla penalização
- Ao contrário da lei, que garante a não criminalização de migrantes por sua condição migratória, prevê a prisão de migrantes devido à sua condição migratória
- Inclui previsão de prisão para fins administrativos, prática vedada pela Constituição Federal

- Não estabelece parâmetros sobre as condições, prazos e requisitos para a emissão do visto humanitário
- Cria um sistema complexo e intrincado de tipologias de vistos e residências, atrelando o acesso a documentos às motivações, ocupações e condições limitadas e provisórias;"¹¹

É interessante refletirmos aqui sobre estes limites do acesso à cidadania no caso de migrantes e refugiados. Aqui, claramente a lei diz uma coisa e meu campo indicou situações muito divergentes. Mesmo com a mudança legal dos migrantes em termos de cidadania, com a nova lei de migração, eles continuam sofrendo discriminação e dificuldades no acesso a direitos.

A lei de migração exigia uma posição cidadã livre de preconceitos raciais, gênero, religião ou nacionalidade. A lei propõe a construção de uma nova postura, onde atos racistas e xenofóbicos não devem mais ser tolerados e visa também educar, transformar a sociedade. Acionar mecanismos de defesa diante de uma postura racista e hoje criminosa é algo que vemos com cada vez mais frequência na mídia. Quem sofre racismo consegue perceber cada vez mais essa injustiça durante tantos anos camuflada na sociedade Brasileira. As pessoas enxergam e acionam cada vez mais o sistema de Justiça. A própria lei, de certa forma, poderia mudar a agência dos sujeitos quando reclamarem, por exemplo, de uma ofensa moral. No entanto, a mudança de paradigma da lei não significava que os sujeitos mudassem automaticamente suas posturas.

O conceito de cidadania tem como objetivo alcançar uma cidadania plena, em que os direitos cidadãos sejam garantidos, às demandas de reconhecimento de grupos minoritários devem ser levadas em consideração. A contradição estaria no fato de entrelaçada à noção de cidadania, estar a ideia de igualdade, que a nova lei reconhece para alguns direitos, como acesso à saúde no nosso sistema universal, acesso aos benefícios sociais, mas exclui a população migrante do direito ao voto, por exemplo.

Conforme sensibilidades cívicas locais, a igualdade cidadã implica num equilíbrio entre direitos e status como símbolos de igualdade. Ou seja, o tratamento igualitário implica em direitos diferenciados de acordo com o status do cidadão. (Cardoso de Oliveira, L.R, 2018 p.40). O status de refugiado proporciona uma série de amparos à pessoa. Hoje o refugiado tem os mesmos direitos civis que os brasileiros, menos o voto. Só podem viajar para o exterior com a autorização do CONARE -

¹¹ Disponível em: <<https://www.conectas.org/noticias/cinco-avancos-da-nova-lei-de-migracao/>> Acesso em: 18 out. 2024.

Comitê Nacional para os Refugiados. Sem essa autorização, eles perdem sua condição de refugiado. Como essas distinções fazem sentido do ponto de vista dos atores? Isso tudo depende do significado local, e portanto, mais uma vez a etnografia contribui para entender como essa abordagem é ressignificada localmente. Argumentarei que a visão de igualdade de direitos, entre migrantes e brasileiros, que surge com a nova lei de migração, não é na prática uma realidade.

Indiquei acima o contexto da mudança no campo jurídico que acontecia em 2017, com a nova lei de migração, data que coincidia com o aumento considerável do fluxo de migrantes ao Brasil, muitos municípios e governos estaduais alegavam não conhecer estas mudanças, e em muitos momentos afirmavam que era apenas o Governo Federal quem deveria se ocupar do “problema da migração”. A seguir, trarei algumas situações que presenciei para retomarmos a discussão sobre situações concretas que indicam a distância entre a lei e o cotidiano da vida de migrantes naquele contexto do campo realizado em Pacaraima. Repito que muitos destes eventos só foram registrados por mim a partir da reflexão do conceito do *insulto moral* e pelo fato dele estar vinculado a etnografias que nos ajudam a entender as contradições no campo social.

Importante dizer ainda que dados mais recentes, fornecidos pela *R4V - Plataforma de Coordenação Interagencial para refugiados e migrantes da Venezuela*, apontam que, com a reabertura oficial da fronteira Brasil/Venezuela, em 2022, o fluxo migratório venezuelano voltou aos altos números registrados antes da pandemia, que chegaram a registrar uma média de 423 pessoas por dia no Brasil. Neste início de ano de 2023, a média diária de refugiados e migrantes da Venezuela que chegam ao Brasil é de 138 pessoas (R4V, 2023). Apesar dos dados registrados pelas autoridades federais, a percepção por parte da população local em Pacaraima é de que estão chegando mais pessoas. Relatos de interlocutores locais feitos via contato telefônico no início de fevereiro de 2023 apontam que cerca de 700 a 800 pessoas estariam atravessando a fronteira diariamente. Um interlocutor relatou: “Imagina 700 pessoas chegando por dia, durante 16 dias. É muito.” De fato, alguns relatos confirmam que em alguns dias a média deve ter sido maior, o que gerou uma desestabilização dos abrigos. Assistentes da ADRA - Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais -, que trabalham nos abrigos em Pacaraima e cuidam do setor alimentar, afirmaram que em um dia quase 300 pessoas ficaram sem alimentação. Meus interlocutores contam que essas pessoas tiveram que permanecer em Pacaraima porque não havia vacina para todos, e é

somente com a vacina que eles podem solicitar toda a documentação para permanecer no Brasil.

1.4 Refúgio em dados

Com o aumento do fluxo migratório Venezuelano, e a chegada da Operação Acolhida, houve um grande investimento para documentar estas pessoas migrantes, como afirmei, o Estado Brasileiro oferecia basicamente duas opções: solicitante de refúgio ou residência temporária. Para as pessoas que optarem pela solicitação de refúgio, o retorno ao país era visto como algo arriscado, não recomendado e, para muitos, seria ilegal. Como essas pessoas ficariam sempre em trânsito com a burocracia da condição de refugiado? O trânsito massivo de pessoas na região de fronteira provoca uma série de sentimentos. O ir e vir transnacional de um indivíduo mobiliza diversos agentes e categorias de Estado para gestão da população. Nesse espaço liminar, a fiscalização é atenta e muitas vezes violenta. Mais adiante irei abordar alguns eventos violentos em Pacaraima. O caso de Jean já indicava, de um lado, o investimento do Estado em ter os números de residentes e solicitantes de refúgio sob controle, enquanto de outro lado, a vida levava as pessoas a buscarem suas alternativas.

O CONARE Comitê Nacional para os Refugiados no dia 14 de junho de 2019 reconheceu a condição de refugiado a milhares de venezuelanos, considerando a Grave e Generalizada Violação dos Direitos Humanos (GGVDR). Essa resolução foi aplicada a 93,7% do total de processos deferidos pelo Conare no período de 2011 a 2020. Destes, 92,8% são pessoas venezuelanas reconhecidas como refugiadas (OBmigra, 2021).

Entre 2011 e 2020, o Brasil registrou 265.729 mil solicitações de refúgio. No ano de 2020, 28.899 mil imigrantes solicitaram refúgio no Brasil, sendo 60,2% venezuelanos. (SILVA, G. J; et all, 2021, p.1). Em 2023 o Brasil reconheceu 77.193 solicitações de refugiados, sendo 97,5% venezuelanos.

A evolução no número de reconhecimentos da condição de refugiado no período 2013-2022 acompanhou a intensificação nas solicitações. No início da série histórica foram reconhecidos apenas 493 refugiados, sendo a maioria sírios (215), seguidos de congolezes (71) e colombianos (67). A partir de 2019, os venezuelanos passam a figurar como a principal nacionalidade a ter o reconhecimento (20.696) (OBMigra, p.33,2023).

Durante o intervalo de 2013 a 2022, foram cerca de 53 mil refugiados reconhecidos de origem venezuelana, enquanto 4 mil sírios, 2 mil cubanos, seguidos de

países como República Democrática do Congo, Líbano, Paquistão, Estado da Palestina, Mali, Afeganistão e Colômbia. (OBMigra, p.34, 2023). A partir deste panorama numérico e estatístico, é possível enxergar o quão numerosa é a migração venezuelana se comparada com outros fluxos migratórios que têm como destino o Brasil.

Este fluxo migratório pode ser descrito como o maior êxodo na história recente da América Latina. A maior parte dos migrantes venezuelanos foi para o Equador, Peru e Colômbia, mas uma parte significativa migrou para o Brasil. O Brasil é o quinto destino mais procurado pelos migrantes venezuelanos.¹² De janeiro de 2017 a março de 2022 o Brasil recebeu 325.763 venezuelanos (R4V, 2022).

Países com maior número de refugiados venezuelanos ¹³	Número de refugiados venezuelanos estabelecidos em cada país
Colômbia	1.842.390
Peru	1.286.464
Equador	513.903
Chile	448.138
Brasil	325.763

Dados mais recentes, de junho de 2024, da plataforma R4V¹⁴ apontam para 132.626 mil refugiados venezuelanos reconhecidos no Brasil; 15.088 mil solicitações de refúgio de venezuelanos no Brasil e 479.751 mil venezuelanos com autorização de residência no Brasil.

Esta é sem dúvida uma das maiores crises políticas e econômicas da história da Venezuela. É uma crise que muitos definem como humanitária por se tratar de uma situação de emergência na qual há carestia de gêneros de primeira necessidade e uma crise sanitária acentuada. Agências como o ACNUR também classificam esta migração como um deslocamento forçado. Com o aumento do fluxo migratório venezuelano para o Brasil, recursos extraordinários da ajuda humanitária aumentaram. As agências internacionais, principalmente ACNUR e OIM, estão presentes, especialmente no Brasil

¹²Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2022-04/brasil-e-o-5o-pais-mais-buscado-por-imigrantes-venezuelanos>> Acesso em: 10 out. 2024.

¹³ Dados são da plataforma R4V, que reúne informações do sistema das nações unidas e do governo brasileiro. Acesso em: 10 out. 2024

¹⁴ Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela. Disponível em: <<https://www.r4v.info/pt/brazil>> Acesso em: 14 out. 2024.

e na Colômbia, países que têm fronteira com a Venezuela, e ao longo dos anos aumentaram suas equipes em Roraima. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM) revelam que mais de 7,7 milhões de venezuelanos estão hoje fora do seu país de origem devido à crise.

Apesar do movimento migratório venezuelano em direção ao Brasil ser menor do que em outros países da América do Sul, a tendência é que as pessoas continuem saindo da Venezuela tendo em vista que a crise econômica segue e se acentua com os bloqueios a transações comerciais, de importação e exportação, e as inúmeras sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos à Venezuela. São principalmente sanções contra comercialização do petróleo e do gás, bases estruturantes do histórico econômico da Venezuela.

O acirramento da tensão política com a reeleição do atual presidente Nicolás Maduro, que está no poder desde 2013, parece ser entendida por minhas interlocutoras locais como um agravamento da crise. Elas afirmam, que depois da reeleição de Maduro em 2024, o fluxo migratório voltou a crescer fortemente, com a entrada média de 750 pessoas por dia. Em 2024, durante todo o mês de julho, 9.331 venezuelanos atravessaram a fronteira de Pacaraima, segundo a Polícia Federal. Mais de 4 mil venezuelanos vieram ao Brasil após eleições.¹⁵ Trata-se de uma "reeleição" contestada e polêmica que também gerou diversos episódios de violência e perseguição política.

1.5 2018 e a Operação Acolhida

Apesar do número crescente de imigrantes venezuelanos ser relativamente pequeno se comparado a uma escala mundial e apesar da dinâmica transnacional já ser característica do cotidiano do município de Pacaraima, a intensificação deste fluxo fez com que a governadora de Roraima da época Suely Campos publicasse, em dezembro de 2017, O decreto Estadual número 24.469-E, declarando situação de emergência social. A partir daí, os migrantes que se encontravam nas ruas, parques e edifícios públicos abandonados foram deslocados para abrigos. (DA SILVA, 2020) De acordo com Da Silva (2020), o uso repetitivo de expressões como "emergência" e "crise"

¹⁵

Disponível

em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/quase-quatro-mil-venezuelanos-atravesaram-a-fronteira-do-brasil-desde-as-eleicoes/>> Acesso em: 18 out. 2024

presentes neste decreto indicaria um discurso de desastre e ameaça nacional iminente, que implicaria na tomada de decisões urgentes.

"A construção da retórica da emergência e da crise, criada por agentes públicos e políticos no intuito de requerer recursos logísticos e financeiros do governo federal e, sistematicamente, reforçada pela mídia, colaborou para a difusão de atos violentos e uma onda de xenofobia em meio a um cenário de caos já instaurado em Pacaraima e em outros municípios de Roraima. " (DA SILVA, 2020, p.2129)

A partir deste contexto de intenso fluxo migratório de pessoas que vinham da Venezuela e tinham como destino final Roraima e outros estados brasileiros, todos passando pela fronteira de Pacaraima por via terrestre, a migração venezuelana tornou-se um evento de atenção mundial e implicou na mobilização de diversas agências humanitárias e em políticas de acolhimento. Pacaraima e Boa Vista chegaram a registrar muitos venezuelanos em situação de rua. Neste contexto, surgiu a Operação Acolhida:

“Em fevereiro de 2018 foi criada a Força Tarefa Logística Humanitária - FTLogHum mais conhecida por “Operação Acolhida”, organizada em torno de três pilares: ordenamento da fronteira, acolhimento e interiorização de migrantes venezuelanos/as para outras cidades do Brasil (VASCONCELOS, MACHADO; 2021)”.

Agências da ONU e o Exército Brasileiro, através da Operação Acolhida¹⁶, organizações religiosas, entre outros, passaram a direcionar recursos e atuar neste cenário. Desde sua criação em fevereiro de 2018, as tendas brancas acinzentadas da Operação Acolhida, onde realizam atendimentos constantes, auxiliando nos pedidos de residência ou refúgio, emitindo documentos como CPF e o cartão de saúde do SUS e realizando cadastros no sistema de emprego.

O primeiro pilar de atuação do *Ordenamento de fronteira* como bem nos descreve Tardelli (2024) se refere:

“à recepção, identificação, fiscalização sanitária, imunização, regularização migratória e triagem. Na cidade de Pacaraima, havia um Posto para Recepção e Identificação (PRI), coordenado por um oficial superior das Forças Armadas. Ao passarem por lá, os venezuelanos eram recepcionados, identificados e imunizados. A recepção era feita pelas Forças Armadas, ACNUR e OIM, enquanto a identificação

¹⁶ A estrutura da Operação Acolhida em Pacaraima para os recém-chegados se divide entre o Posto de Recepção e Identificação (PRI), o Posto de Triagem (PTRIG) e o Posto de Atendimento Avançado Médico. Nos postos, são realizados trabalhos de cadastramento, controle migratório, vacinação, triagem sanitária, atendimento psicossocial, emissão de protocolos de refúgio, residência provisória e CPF, bem como atendimentos de emergências médicas aos migrantes e refugiados. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/fundo-de-popula%C3%A7%C3%A3o-da-onu-completa-um-ano-de-atividades-em-pacaraima-roraima> Acesso em: 18 out. 2024.

biométrica era de responsabilidade da PF. Além disso, havia um Posto de Atendimento Avançado (PAA), que contava com médicos e enfermeiros das Forças Armadas - principalmente do Exército e da Marinha -, onde essas pessoas recebiam atendimento clínico de saúde e vacinas eram administradas. No que diz respeito à imunização, embora não houvesse uma obrigatoriedade, aqueles que solicitavam refúgio ou residência temporária tinham que tomar as vacinas de febre amarela e tríplice viral.” (Tardelli, 2024, p. 245)

No Posto de Triagem (PTRIG) inicia-se o processo de regularização migratória. Quem opta pela solicitação de refúgio é auxiliado pelo ACNUR, e quem opta pela residência temporária, é auxiliado pela OIM:

Uma vez documentados, alguns venezuelanos seguiam viagem para Boa Vista de táxi ou ônibus e os que tinham mais condições financeiras seguiam para outros estados brasileiros. Os venezuelanos que se encontravam em situação de maior vulnerabilidade eram encaminhados para um alojamento de trânsito, este situado no mesmo local do PRI e do PTRIG, onde aguardavam a abertura de vagas nos abrigos de Boa Vista (Tardelli, 2024).

A migração documentada é algo destacado pela Operação Acolhida, como uma política de migração segura e baseada nos direitos humanos. Como podemos ver nesta imagem, o migrante se depara com esta mensagem assim que se aproxima da fronteira e da fiscalização.



Autoria da foto: Daniela Martins (2024)
Legenda: *No sigas sin documentación!*



Autoria da foto: Daniela Martins (20240)
Legenda: *No sigas sin documentación! (aguardando atendimento)*



Autoria da foto: Daniela Martins (2024)
Legenda: *No sigas sin documentación! (Ponto de informação da agências da ONU)*

1.6 Migração e interiorização

Em setembro de 2024, em média cerca de 350 pessoas cruzam a fronteira diariamente de acordo com os dados da ONU¹⁷. De acordo com dados da UNICEF, de janeiro a agosto de 2024, cerca de 60 mil migrantes venezuelanos entraram no Brasil por Pacaraima¹⁸. Em 2019 este número alcançou 800 pessoas atravessando a fronteira por dia¹⁹. Ao chegar na fronteira de Pacaraima, todo um aparato institucional está posicionado para receber esses migrantes e direcioná-los à próxima etapa. Para ingressar legalmente no novo país é necessário passar pelo processo de regularização das documentações.

No Posto de Interiorização e Triagem (PTRIG) é feito o processo burocrático de documentação. Em Pacaraima existem dois abrigos direcionados para o público migrante: o BV-8, que é o abrigo temporário que acolhe migrantes venezuelanos e o Janokoida que é um abrigo para migrantes indígenas venezuelanos, principalmente das etnias Warao e Pemon.

Em abril de 2018, o Governo Federal brasileiro criou a estratégia de Interiorização, um dos pilares da operação acolhida, que busca realocar migrantes venezuelanos em outros estados brasileiros. A Força-tarefa humanitária da Operação Acolhida, executada e coordenada pelo Governo Federal, oferece assistência emergencial aos migrantes e refugiados venezuelanos que entram no Brasil pela fronteira com Roraima. Pode-se afirmar que os abrigos deveriam ter sido uma estratégia para acolher os migrantes de forma emergencial e temporária.

Buscando entender melhor o processo de interiorização, irei trazer a definição das quatro modalidades existentes de interiorização definidas pelo ACNUR. A primeira, a *interiorização institucional*, é direcionada para venezuelanos que estão nos abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista e que precisam de abrigo na cidade de destino. As pessoas venezuelanas são encaminhadas para uma cidade fora do estado de Roraima e

¹⁷ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/09/03/fluxo-de-imigrantes-entrando-por-roraima-aumenta-28percent-um-mes-depois-das-eleicoes-na-venezuela.ghtml>> Acesso em: 14 out. 2024.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>> Acesso em: 12 out. 2024

¹⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/01/na-fronteira-numero-recorde-de-venezuelanos-a-travessa-para-o-brasil.ghtml>> Acesso em: 14 out. 2024.

poderão ficar por até 3 meses, com apoio de moradia, alimentação, materiais de higiene e orientação para a integração na cidade de destino. A seleção para a modalidade institucional ocorre de acordo com a disponibilidade de perfis nos Centros de Acolhida e Integração e tempo de estadia nos abrigos em Boa Vista. (ACNUR)²⁰

A segunda modalidade, se trata da *interiorização por reunificação familiar (RF)* e é direcionada para pessoas que têm parentes fora de Roraima, com parentesco comprovado, e as condições financeiras e sociais de recebê-las. É preciso apresentar prova de uma fonte de renda mensal, além da ausência de registro criminal. O sustento e outras necessidades da pessoa que será reunificada devem ser fornecidos pela pessoa que a recebe. (ACNUR)

A terceira, a *reunião social (RS)* exige que se tenha um amigo ou alguém em quem se confia e está disponível para recebê-la(o) na cidade de destino. É preciso ter o endereço da pessoa que irá te receber, apresentar prova de uma fonte de renda mensal, além da ausência de um registro criminal. O sustento e outras necessidades da pessoa que for transferida devem ser fornecidos pela pessoa que a recebe. (ACNUR,)

Finalmente, há a *interiorização pelo trabalho*, também chamada Vaga de Emprego Sinalizada (VES) que visa interiorizar pessoas venezuelanas que estão no estado de Roraima e que serão contratadas por uma empresa.

"As cotas das empresas contratantes são gerenciadas pela Força Tarefa (Governo Federal) ou a organização que está em contato com a empresa, que identifica as vagas, auxilia no processo de seleção dos trabalhadores e no transporte para chegada no local de trabalho, mas quem decide quem será contratado é a empresa que está ofertando as vagas. O ACNUR pode fornecer suporte em casos específicos de vulnerabilidade pelo primeiro mês na cidade de destino." (ACNUR)

De Abril de 2018 a Janeiro de 2024 mais de 125 mil migrantes e refugiados venezuelanos foram interiorizados através da Operação Acolhida. Eles estão distribuídos em 1.026 municípios no Brasil. A maior parte está em Curitiba (PR) e em Manaus (AM).²¹

Ao conversar com minhas interlocutoras, que vivem atualmente em Pacaraima, em sua maioria nas ocupações espontâneas, perguntei se a interiorização era uma opção

²⁰ Disponível em:

<https://help.unhcr.org/brazil/informativo-para-a-populacao-venezuelana/programa-de-interiorizacao/?ga_d_source=1&gclid=Cj0KCCQjwkdO0BhDxARIsANkNcreDcnhJK4VhplkaVTmoSniIZQWktWzGV_fB-RZooMGuaJ6bZF18o4MaArWSEALw_wcB> Acesso em: 10 out. 2024.

²¹ Disponível em:

<https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-02/informe_deslocamentos-assistidos-de-venezuelanos_jan24.pdf> Acesso em: 10 out. 2024.

para elas. A maioria das entrevistadas responderam que já cogitaram em usufruir desta política, porém não tem planos de interiorizar tão cedo. Muitas também disseram que não querem se afastar ainda mais do país de origem e a interiorização parece significar isso. Muitas pessoas têm familiares na Venezuela e veem na cidade fronteiriça de Pacaraima a opção de estar sempre em movimento e visitar seus parentes. Outras relataram também conhecer pessoas que interiorizaram e se arrependeram, e, até hoje, não conseguiram voltar para Pacaraima.

Nesse sentido, pude perceber que nem todas as famílias estão dispostas a se afastar ainda mais do país de origem. Muitas consideram que não existem garantias suficientes de que será possível reconstruir a vida em outro estado. Existem relatos de pessoas que interiorizaram e ficaram “presas” em outro estado. Pois a passagem é apenas de ida, e não de volta.

No entanto, permanecer na fronteira também representa um desafio, e por isso é necessário criar estratégias. A maioria das pessoas que entrevistei optou por morar nas ocupações espontâneas que tem crescido fortemente ao redor de Pacaraima, aumentando, desse ponto de vista, a cidade. Além disso, é importante observar o considerável aumento da população de Pacaraima, que era de 10.433 habitantes em 2010, e no último censo do IBGE realizado em 2022, era de 19.305 habitantes. (IBGE) Isso representa um aumento de 85,04% da população, que quase dobrou.

1.7 O dia que fomos para o PTRIG

No dia 25 de outubro de 2023 eu fui ao PTRIG, participar de uma atividade de conscientização de câncer de mama do Outubro Rosa. Aqui é o lugar onde os venezuelanos precisam passar para conseguir sua documentação. O PTRIG está sempre muito cheio desde o início da crise migratória. Ele fica localizado próximo à alfândega, logo na entrada de Pacaraima, e foi construído em 2018 para auxiliar no processo de regularização migratória de migrantes venezuelanos.

O número de migrantes que atravessam a fronteira entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima chegou a atingir uma média de 750 pessoas por dia. Este número varia, e pode chegar a mais de mil pessoas por dia. Francisco, que trabalha no PTRIG, afirmou que no geral, o período do final do ano seria um momento de intenso fluxo migratório, pois muitas famílias se reúnem em datas comemorativas.

Chegamos 9h da manhã e foi uma bela caminhada, quase 1h da Casa da Música. Havia centenas de pessoas dentro e fora do PTRIG. O local fica muito aglomerado e abafado, é difícil circular e respirar às vezes. Saí um pouco para recuperar o fôlego. As pessoas chegam cansadas, suadas, com malas, sacolas, bolsas, sempre muito peso nas costas. O cansaço e a exaustão estão estampados no olhar destes recém chegados migrantes, que percorreram muitos quilômetros para chegar até o Brasil.

Marlyn que trabalha na ADRA, uma das ONGs responsáveis pelo monitoramento deste público, organizou o evento do Outubro Rosa. Algumas mulheres chegaram para participar da palestra sobre a conscientização do câncer de mama. Um dos principais problemas que foram ressaltados na palestra foi a falta de prevenção e que, se detectado a tempo, é possível prevenir o câncer de mama.

Quando estávamos indo embora pude ver muitas pessoas numa fila gigantesca na entrada da fronteira. Marlyn explicou que um problema frequente que ocorre ali é que muitas vezes não têm comida suficiente para todos e, nesses casos, é priorizada a alimentação das crianças e das mulheres, deixando, assim, os homens sem comer. “Tem dias que mais de 300 homens ficam sem refeição. É muito triste.” A migração sem dúvida alterou toda a dinâmica e configuração da cidade e provocou uma série de articulações e estratégias para o controle do fluxo migratório.

Em uma de minhas idas a Boa Vista, a imagem de centenas de migrantes venezuelanos que dormiam em frente à rodoviária foi algo que me marcou profundamente. Durante a noite, principalmente, as famílias se reúnem em um espaço, uma espécie de ampla calçada, com uma grama bem rala, localizada em frente à rodoviária, e deitam-se todas no chão, umas ao lado das outras, se aquecendo e formando quase uma espécie de tapete humano. Esta foi uma imagem que ficou registrada em minha mente e cuja foto não consegui tirar. Fomos duas vezes na frente da rodoviária para tentar registrar esta imagem, mas o olhar de alguém desconfiando do registro sempre gerava um certo desconforto e eu optava por desistir da foto. Este é um dos exemplos onde os espaços públicos e privados se confundem e ficam com suas fronteiras borradas.

1.8 Violências na cidade: os eventos

Com o aumento da chegada de imigrantes venezuelanos em Pacaraima, o pequeno município se tornou também ponto de tensão e conflitos, principalmente a partir de 2018. A escassez de políticas sociais do município e a intolerância dos

moradores em relação aos migrantes são alguns dos problemas que intensificaram estes conflitos.

Em seu artigo, Vasconcelos e Machado (2021), afirmam que uma das primeiras missões da operação acolhida era a de retirar os migrantes da situação de rua da cidade, reduzindo, portanto, sua visibilidade.

Por meio de entrevistas e pesquisa etnográfica, Vasconcelos e Machado (2021) destacam que os benefícios oferecidos aos migrantes nos abrigos, essencialmente comida, moradia e materiais de higiene, do ponto de vista do militar brasileiro, eram necessários, primeiramente para prover o bem estar da população brasileira de Roraima, retirando os venezuelanos/as de espaços públicos como praças, ruas, prédios abandonados e colocando essa população em locais fechados, com horários para sair e voltar e limitando a mobilidade dos acolhidos aproximando-se de uma perspectiva prisional, característica de campos de refugiados.

Em Pacaraima, alguns conflitos com a população local ficaram mais intensos e alguns eventos tiveram repercussão e visibilidade na imprensa nacional e internacional. No dia 18 de agosto de 2018 um evento de extrema violência abalou a cidade de Pacaraima. A cidade amanheceu literalmente em chamas. Brasileiros revoltados após um assalto e agressões a um comerciante local na noite anterior, supostamente por parte de venezuelanos, decidiram queimar barracas e acampamentos improvisados de venezuelanos. Os moradores de Pacaraima se organizaram por meio de redes sociais e decidiram atacar no dia seguinte. Eles incendiaram e destruíram tendas, documentos, roupas e pertences, além de estarem munidos com fogo, bombas, pedras e paus, no intuito de expulsar os imigrantes das ruas da cidade. Cerca de 1,2 mil venezuelanos fugiram de volta para a Venezuela neste dia.²²

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml>> Acesso em: 18 out. 2024.



Família de venezuelanos teve documentos, roupas e o barraco onde moravam destruídos por brasileiros durante ataques — Foto: Inaê Brandão/G1 RR



Moradores de Pacaraima protestam contra venezuelanos na cidade - GERALDO MAIA/EFE/direitos reservados²³

Em seu artigo, Vasconcelos e Machado também trazem mais dados sobre este evento:

“O emprego da força era legitimado pelo decreto presidencial nº 9.483 de “Garantia da Lei e da Ordem” (GLO) que conferia poder de polícia às Forças Armadas. Publicado inicialmente em 29 de agosto de 2018, estava limitado à cidade fronteiriça de Pacaraima e fora motivado pela investida violenta de brasileiros contra um acampamento improvisado de venezuelanos/as à beira da estrada, queimando barracas, destruindo pertences dos/as imigrantes e forçando a travessia de retorno ao país de origem. O caso foi fartamente noticiado pela imprensa brasileira e internacional como sendo a resposta da população local a um crime supostamente cometido por venezuelanos/as (até o momento, sem comprovação)⁴. O decreto foi reeditado em 12 de setembro de 2018, por meio do decreto presidencial nº 9.501 ampliando o escopo de atuação dos militares para a proteção das instalações de acolhimento

²³Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/moradores-de-pacaraima-se-revoltam-e-expulsam-venezuelanos>> Acesso em: 12 out. 2024.

também na capital Boa Vista. Desta feita, a justificativa foram duas mortes ocorridas nas imediações de um abrigo. O roubo de uma lata de sardinha teria motivado a perseguição de um venezuelano por um grupo de brasileiros. Em luta corporal, o venezuelano esfaqueou um brasileiro (que faleceu) e, na sequência, foi espancado até a morte pelos demais. No final de outubro, foi publicado novo decreto (9.543 de 29/10/2018), renovando o prazo até o fim daquele ano⁵. (VASCONCELOS, MACHADO, 2021)

Minhas interlocutoras lembram deste ocorrido e até hoje temem uma nova revolta. Muitas que estão há mais tempo em Pacaraima dizem que os brasileiros já sabem que elas são pessoas de confiança, mas mesmo assim o medo está presente. Podemos afirmar que este episódio foi um “evento crítico”, no sentido de Veena Das (2020), estes eventos habitam o sentir, as estratégias e o cotidiano das pessoas venezuelanas que permaneceram na cidade de Pacaraima.

Durante o evento violento de 2018, houve a destruição do palco de shows Micaraima, onde muitas famílias migrantes se estabeleceram, na cidade de Pacaraima. A Casa da Música acolheu provisoriamente crianças que ficaram perdidas durante o tumulto. Trago um trecho e uma fotografia de uma reportagem que descreve o ocorrido e traz falas de pessoas envolvidas.²⁴



²⁴ Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-criancas-vitimas-de-ataque-em-pacaraima-recebem-apoio-de-brasileiros/> Acesso em: 08 out. 2024.

Legenda: Organização teve que resgatar meninas e meninos perdidos das mães no dia do protesto contra venezuelanos na fronteira de Roraima (Foto: Vandrê Fonseca/ Amazônia Real)

"Estão na fotografia crianças e mães venezuelanas atendidas pela Casa da Música, na cidade de Pacaraima, fronteira de Roraima com a Venezuela. Logo após o ataque dos brasileiros contra os migrantes e refugiados no dia 18 de agosto de 2018, pelo menos 20 dessas meninas e meninos moravam com seus pais no "abrigo" improvisado no palco de shows e eventos Micaraima, quando foram expulsas pelos manifestantes. Na fuga, pelo menos três crianças ficaram desaparecidas, mas depois foram encontradas e levadas às famílias. Os brasileiros destruíram o palco com um trator e atearam fogo na instalação de ferro e madeira.

Havia muito desespero entre as crianças, contam as testemunhas. "As mães das nossas crianças foram até a associação pedir ajuda", lembra a diretora musical do grupo Miriam Blos, do projeto Casa da Música. "Organizamos então a nossa pequena equipe de resgate, que foi junto com a agente de proteção do ACNUR. À noite conseguimos trazer essas famílias das *trochas* (trilhas na vegetação entorno da cidade), que vieram para a Casa da Música", completa.

A venezuelana Carmen Marcan, de 29 anos, morava com o marido e cinco filhos no "abrigo" do palco de shows Miracaima. Ela estava lavando roupa, longe do abrigo, quando policiais militares chegaram avisando sobre o protesto. "Eu corri para o palco, onde estavam nossas coisas, mas quando cheguei já havia gente gritando para sair, dizendo que a gente era malandro, venezuelano vagabundo, tirando as coisas", conta ela, que encontrou seus filhos.

Ela disse que não teve tempo de pegar o pouco que tinha, como roupas e alimentos. "Jogaram pedras em duas crianças que não conseguiram sair. Dois pastores vieram e retiraram as crianças" afirma a venezuelana, que ajudou outras mães a procurar seus filhos nas trilhas de Pacaraima.

"Mas porque agir assim com a gente? Não temos nada a ver com isso, as crianças também não tem nada a ver com isso", disse ela sobre o ataque dos brasileiros ao palco Micaraima.²⁵

²⁵ Disponível em:

<<https://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-criancas-vitimas-de-ataque-em-pacaraima-recebem-apoio-de-brasileiros/>> Acesso em: 12 out. 2024.



Legenda: Policiais observam abrigo de venezuelanos que foi incendiado em Pacaraima
(Foto: Geraldo Maia)

Em 2019, a imprensa relata outros acontecimentos que culminaram na morte de dois homens venezuelanos, neste caso eles estavam em situação de rua, desta vez na capital de Roraima.

"Em 2019, como denunciou a reportagem de 28 de novembro de 2019 do Jornal *The Intercept* Brasil – dois venezuelanos (um com 28 anos e outro com 51) foram assassinados enquanto dormiam nas ruas da capital roraimense." (DA SILVA, 2020, p. 2030)

Há outros relatos de repressão aos migrantes moradores de ruas reprimidos pela polícia militar, principalmente durante a noite nas rondas militares, em que eles usavam armas de choque elétrico, durante a pandemia, o que coincidiu com o período do fechamento oficial da fronteira. A rua vai se tornando cada vez mais um risco. No artigo de Da Silva (2020), intitulado "*Bota fogo nesses vagabundos! Entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news*" a autora chama atenção para o ano eleitoral de 2018, que culminou na eleição do governo Bolsonaro, analisa o alto uso das *fake news* nos eventos violentos em Pacaraima, assim como na disseminação de informações anti-vacinas nos anos seguintes. Importante notar que o movimento anti-vacina era compartilhado entre brasileiros e migrantes venezuelanos, como veremos no capítulo 2.

1.9 Outro evento

Quando estive em Pacaraima a trabalho em 2021, fui trabalhar na parte da manhã, como de costume, e percebi que nenhuma criança havia chegado ainda na Casa

da Música. Achei bem estranho, afinal, a maioria era pontual. As aulas começavam às 8h da manhã. Até as 9h da manhã ninguém havia chegado. Foi quando o diretor musical comentou que havia ocorrido um assalto na noite anterior. Dois migrantes venezuelanos teriam assaltado e agredido um comerciante local, que infelizmente não resistiu e faleceu. Naquela manhã, áudios começaram a circular em redes de whatsapp com ameaças explícitas aos migrantes venezuelanos: “Não importa se é criança, mulher. Todos irão pagar. Mataram um de nós. Acabou a paciência. A guerra começou.” Nos áudios, brasileiros convocavam a população de Pacaraima a se armar e reagir. As mães ficaram com medo de levar seus filhos para a Casa da Música e suspendemos as aulas nesta semana. Disparos de fogos de artifícios foram lançados contra venezuelanos em situação de rua e circularam vídeos de famílias e crianças correndo em direção à Operação Acolhida para tentar se protegerem. Moradores de Pacaraima organizaram uma manifestação, novamente queimaram habitações e encheram uma via de pneus em chamas, inviabilizando o acesso da Força Nacional. A Polícia Militar enviou reforço ao município para evitar a “quebra da ordem”.²⁶



Legenda: Moradores fecharam BR-174 em Pacaraima durante protesto por morte de comerciante — Foto: Reprodução/Instagram/pacaraima_noticias

Esse episódio e o clima de tensão fez com que os migrantes “sumissem” da cidade. As mães do grupo do coral não queriam sair de casa. A rodoviária, a quadra de esportes e as calçadas, onde os venezuelanos recém chegados costumavam ficar,

²⁶ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/25/apos-morte-de-comerciante-em-assalto-pacaraima-registra-tensao-e-disparo-de-fogos-de-artificio-contra-venezuelanos.ghtml>> Acesso em: 10 out. 2024

também ficaram completamente vazias. As crianças foram retornando aos poucos para as aulas de música. As mensagens que circulavam com o discurso de ódio e ameaças eram assustadoras. A Polícia Civil chegou a se manifestar em relação a isso, exigindo muita cautela com comentários infundados e fatos irreais que estariam circulando em grupos de mensagens da cidade.²⁷

Em momentos como estes, quem tem mais recursos prefere ir para Boa Vista. Eu pedi autorização do ACNUR para suspender as aulas por 2 dias devido ao conflito então instaurado e recebi permissão. Um dos meus colegas do ACNUR inclusive sugeriu: “Vamos para Boa Vista até a poeira baixar. Quer ir junto?” Como eu não havia presenciado aquilo antes, fui. Mutatis mutandis, a tensão indicava a situação trazida pelo pesquisador Omar Ribeiro Thomaz (2010) falando do dia do terremoto no Haiti, quando afirmava que naqueles momentos extremamente difíceis : “onu cuida da onu”, “militares cuidam de militares” e “haitianos cuidam de haitianos”.

Sempre em 2021, outro evento violento foi a ação da Polícia Federal, ao invadirem um abrigo da Casa São José, gerida pela Pastoral do Migrante, de crianças e mulheres, "com armas e capuzes", com a intenção de deportar 55 migrantes devido ao fechamento das fronteiras e acusação de aglomeração e crime contra a saúde pública. A *irmã* responsável pelo abrigo foi levada para a delegacia. As mulheres e crianças chegaram a ser encaminhadas para deportação, mas depois foram entregues à Operação Acolhida. Eles não tinham mandado judicial para entrar no abrigo e foram condenados pelo MPF - Ministério Público Federal - e pela DPU - Defensoria Pública da União - a pagar uma indenização por danos morais. O processo ainda corre na justiça. Além disso, o MPF e a DPU repudiaram a criminalização de pessoas e entidades pastorais ou não, que estariam acolhendo migrantes durante o período de fechamento oficial da fronteira no dia 17 de março de 2020, durante a pandemia.²⁸

1.10 A xenofobia cotidiana

²⁷ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/26/venezuelanos-somem-das-ruas-de-pacaraima-e-policiamento-e-reforcado-apos-dia-de-protesto-causado-por-morte-de-comerciante.ghtml>> Acesso em: 08 out. 2024.

²⁸ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/google/amp/rr/roraima/noticia/2021/03/18/pf-tenta-deportar-mais-de-50-mulheres-e-criancas-venezuelanas-de-abrigo-em-rr-e-acao-cobra-indenizacao-por-danos-morais.ghtml>> Acesso em: 09 out. 2024.

Buscarei aqui trazer situações do dia-a-dia que, diferentemente dos conflitos que ganharam visibilidade na imprensa, também registravam tensões, a partir das reflexões sobre o conceito de *insulto moral*, revisei diversas situações que me foram relatadas e outras que presenciei. Como bem nos relembra o autor Luís Roberto Cardoso de Oliveira (2008), o insulto moral:

(1) trata-se de uma agressão objetiva a direitos que não pode ser adequadamente traduzida em evidências materiais; e, (2) sempre implica uma desvalorização ou negação da identidade do outro. Para formular a noção de insulto vali-me principalmente da idéia-valor vigente no Brasil expressa a partir da dicotomia consideração/desconsideração (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2008, p.136)

Um dos primeiros problemas é saber de quem estamos falando. A categoria “migrantes venezuelanos” pode generalizar e padronizar este grupo. “São todos venezuelanos”. Isso pode camuflar a diversidade intrínseca presente nesse fluxo migratório. Quantas mulheres, quantas crianças, quantos grupos étnicos são dados que estão presentes em alguns relatórios estatísticos fornecidos pelas agências internacionais que monitoram esse movimento. Que mulheres, que crianças, que grupos étnicos, já representa uma lacuna para entendermos as especificidades de cada grupo.

Durante meu trabalho em Pacaraima, em 2021, pude observar os inúmeros episódios de xenofobia por parte da população local brasileira com o público migrante. Parecia existir um ressentimento muito forte por parte dos comerciantes locais brasileiros com a crise da Venezuela e o fluxo migratório. A comunidade local brasileira de Pacaraima culpava os venezuelanos pelo aumento da violência, pelo abandono da cidade por parte da elite de Boa Vista – RR, que antes da crise, viajava muito para a Venezuela passando sempre por Pacaraima, o que caracterizou uma redução considerável do turismo na região. Os migrantes venezuelanos também se sentem ressentidos pela forma como são tratados, pela falta de acolhimento, falta de empatia devido a situação precária dos mesmos, que fogem de seu país pela crise ali instalada. Episódios de extrema violência citados na mídia, apontam para uma divisão entre duas comunidades morais (Strawson,1974) que se solidificam cada vez mais na região da fronteira. Se em 2018, acampamentos foram queimados por parte dos brasileiros, os próprios brasileiros justificam essas atitudes por um conflito pessoal que havia ocorrido na noite anterior: onde “migrantes venezuelanos” teriam assaltado e agredido um comerciante local. Com este discurso passam a generalizar um fato com a categoria genérica de “migrantes venezuelanos”.

Mesmo quando os atos de violência não eram explícitos, envolvendo a agressão física, eles eram presentes e constantes em diversos momentos do cotidiano da cidade. Estas situações estavam muito mais relacionadas ao racismo e provocavam ressentimentos. De certa forma, poderíamos dizer que havia o ressentimento dos dois lados, cultivados por comunidades morais distintas. Em um clima onde esse sentimento de raiva e rancor é constantemente cultivado, os riscos desse ressentimento “sair do controle” era altíssimo. Observo que isso ocasionalmente ocorria, e, cada vez mais, os funcionários das agências e o exército não se espantavam com estes conflitos, que aconteceriam inevitavelmente, a qualquer momento.

Vou dar um exemplo de xenofobia: o projeto oferecia, graças ao parceiro ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), uma cesta básica mensal a cada criança e, logo, família beneficiária. Os preços em Pacaraima costumavam ser mais altos do que os de Boa Vista, capital do estado de Roraima. No entanto, o custo do transporte no mês de agosto daquele ano subiu muito e com isso a diferença seria pouca. Mesmo assim, comprar em Pacaraima continuaria sendo mais caro. Isso representava sempre uma dificuldade nos termos do ACNUR por exigir pelo menos 3 orçamentos, sendo aceito sempre o mais barato. Argumentamos cautelosamente que seria uma forma de incentivar o comércio local que a compra fosse feita em Pacaraima, inclusive para mitigar a queixa da presença dos migrantes, e tivemos a autorização do ACNUR. Fomos até o supermercado onde identificamos todos os itens. Conversamos com o vendedor da aquisição em grande quantidade de alguns itens básicos, o funcionário chamou o “dono” do supermercado. Seriam, ao todo, 72 cestas básicas. Ao ver o símbolo das agências humanitárias em nossos uniformes já fomos encarados de forma hostil. Parecia um olhar de “de novo essa gente aqui me tirando de tempo”. Tentamos explicar que éramos apenas fregueses e gostaríamos de realizar uma compra grande para ajudar famílias carentes venezuelanas. Foi a palavra fatal “venezuelanos”. Quase imediatamente fomos expulsos do local. “Eu não quero dinheiro de gente que ajuda venezuelano. Ô povo imundo.” Eu fiquei em estado de choque e o coordenador administrativo, que trabalhava em Pacaraima há mais tempo, nem pareceu surpreso com a reação, e me explicou: “Julia, aqui é assim mesmo. Essa gente tem muito preconceito. Aquele comércio ali perto da escola canarinho, dona Miriam não podia nem chegar perto. Se você for para lá um dia tem que ir sem o uniforme da AICAEP - Associação Internacional Canarinhos da Amazônia Embaixadores da Paz”. Na minha cabeça, aquilo não fazia o menor sentido. Como

alguém prefere perder uma venda grande de mercadorias, ganhar dinheiro, pelo preconceito que sente de um grupo? Primeiro pude entender que os donos de lojas em Pacaraima eram pessoas que se sentiam superiores aos outros trabalhadores e deveriam ser respeitados. Eles assumiram essa postura diante de qualquer figura que eles consideravam inferior a eles. Mas não era só o tom do “eu não preciso vender para vocês, tenho dinheiro de sobra” . Houve um uso exacerbado do ódio em relação ao grupo venezuelano que me impressionou. A xenofobia se estendia à toda população venezuelana.

Muitos brasileiros que moravam em Pacaraima foram embora depois da crise na Venezuela, pois era possível ver muitas casas vazias em 2021. Os que ficaram, eram ao mesmo tempo os que não conseguiram ir para um “lugar melhor” e ao mesmo tempo os que não tinham “falido” seus negócios mesmo com a redução da população com poder aquisitivo. No entanto, isso era extremadamente ambíguo pois como descreve Capdeville (2021):

“Ao mesmo tempo que os moradores locais reclamavam da presença dos venezuelanos, era exatamente a presença deles que movimentava o comércio local, o que era justificado pela quantidade de comércios que abriam e/ou se expandiram. (...) ainda assim era rara uma ida a esses estabelecimentos sem ver venezuelanos serem discriminados, estando consumindo ou não.” (Capdeville, p.41, 2021).

Contudo, é importante dizer que a chegada dos migrantes também significou a chegada de todo um aparato de gestão migratória, com funcionários das agências, do exército, de jornalistas, e todos estes também movimentaram e modificaram a estrutura da cidade.

"Hoje, a principal fonte de renda da cidade é o serviço público e o comércio, que vive momentos de *boom* e crescimento, outros de instabilidade e dependente de oportunidades ou crises que atravessam a fronteira."²⁹

Pacaraima passou de uma "cidade pacata", para um ponto comercial importante, com galpões e atacadistas de suprimentos domésticos e alimentícios, até porque a elite da Venezuela às vezes vinha para Pacaraima comprar estes suprimentos e depois voltava. Presenciei um carro tipo picape grande estacionado num dos supermercados em 2019, duas mulheres super bem vestidas, com roupas de grifes e óculos escuro, bem

²⁹ Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/migracao-venezuelana-gera-tensao-e-muda-perfil-da-pacata-pacaraima>> Acesso em: 21 out. 2024.

diferentes da maioria dos migrantes que víamos em Pacaraima, entraram e saíram do supermercado de Pacaraima, para entrar e depois sair do Brasil, de volta à Venezuela. Quem me fez prestar atenção nelas naquela época, foi Miriam, e ela disse que naquele período era bem comum esta presença de venezuelanos que vinham apenas fazer compras no comércio em Pacaraima.

As exportações de Roraima para o país vizinho, Venezuela, que teve sanções drásticas nos abastecimentos, cresceram exorbitantemente durante o período de 2019. Exportações que cresceram mais do que qualquer outro estado no Brasil. Como aponta FGV - Fundação Getúlio Vargas - DAPP - Diretoria de Análise de Políticas Públicas - (2020):

"Em 2019, as exportações de Roraima (sem contar o ouro) alcançaram o valor de US\$ 93,1 milhões. No mesmo período de 2018, atingiram o valor de US\$ 13,6 milhões, o que representou um aumento de 586%. Um crescimento de tal magnitude não foi observado nem a nível nacional – que, na verdade, apresentou diminuição - e nem em outra unidade da federação." (FGV DAPP, 2020, p. 50).

"Nota-se que, em 2018 e 2019, os produtos mais exportados para o país sul-americano citado foram os demais produtos manufaturados e arroz em grãos. Juntos, esses produtos representam mais da metade das exportações do estado para a Venezuela no último período considerado, que foi de US\$ 65,5 milhões. Os produtos que apresentaram substancial crescimento foram sabões, produtos e preparações para limpeza e margarina. Essa forte relação com a Venezuela não é observada nos estados de comparação." (FGV DAPP, 2020, p.52)

Além disso, brasileiros que tinham mais de uma propriedade em Pacaraima, alugavam as casas de forma extremamente criteriosa. Em alguns casos, quando estávamos procurando moradia, havia o lugar e havia um preço de aluguel, mas havia um critério anterior a este: “a dona só não aluga para venezuelano”. Haviam muitas habitações vazias, casas, bibliotecas, grandes imóveis, aparentemente, abandonados. Paralelo a isso, muitas pessoas vivem em habitações improvisadas ou na rua.

A primeira afirmação é que as pessoas migrantes não têm condições de pagar um aluguel. Mas na verdade, mesmo quando isso era possível, em termos financeiros, o acesso ao imóvel era negado. Muitas vezes fui acionada para tentar negociar com os brasileiros um aluguel para uma família venezuelana. Preços exacerbados por espaços totalmente precários. Aumentos mensais dos alugueis. A própria casa da música teve um aumento exponencial do aluguel. Relatos como este: “Uma vez alugamos um estábulo de cavalos. *Aca mismo*. Cobraram 400 reais por mês e depois de 3 noites

alagaram propositalmente o lugar para que nós saíssemos. Perdemos nossos eletrônicos. *Fue totalmente humillante. Te imagina Julia?!*”

Quando o novo diretor musical da escola de música, que é venezuelano, foi contratado, ele teve direito a carteira de trabalho assinada, vale alimentação, vale transporte e outros benefícios. Porém, faltava uma coisa fundamental: ele tinha que abrir uma conta no banco. Ele ia na agência diversas vezes e mesmo com toda a documentação exigida, mesmo com o contrato de trabalho, ele não conseguia abrir a conta. Quando o gerente perguntava qual era a sua profissão e ele dizia que era músico, mandavam ele embora. Francisco explicou diversas vezes que ele era professor da orquestra de música na Venezuela. Ele disse que toda vez que ele ia, os funcionários ficavam olhando para ele e rindo entre os colegas. “Me faziam esperar de propósito e nunca resolviam o meu problema. Da quarta vez que fui, cheguei até a mostrar meu diploma e eles riram de mim”. Ele definiu isso como um “duplo preconceito”: o de ser venezuelano e o de ser músico. Seu visto era o de residência temporária, o que facilitava alguns desafios burocráticos. Se ele tivesse o visto de refugiado haveria mais restrições, como o de não poder voltar ao seu país. Mas, na realidade, nada disso importava. Só conseguimos abrir a conta para o professor de música porque o coordenador administrativo (brasileiro) foi com ele. Ele perdeu dias, ficava horas no banco. Foi um brasileiro com ele com as mesmas documentações e resolveu o problema antes da hora do almoço.

As situações de preconceito não se limitam à cidade de Pacaraima e tem diversas formas de se manifestar. Durante o campo de 2023 eu adoeci por quase uma semana, fui para Boa Vista e fiquei na casa de uma amiga, Fernanda. Já em Boa Vista, acordei e Roberta estava aqui. Roberta é venezuelana e trabalha há 4 anos como faxineira e cozinheira na casa de Fernanda. Ela veio falar comigo e perguntou porque eu cortei o cabelo tão curto. Conversamos no café da manhã e ela disse que seu irmão finalmente veio para cá também. Sua filha mais nova continua na Venezuela e a filha mais velha dela está na Colômbia. “Eu queria trazer a mais nova para cá, mas os filhos da senhora Fernanda vão vir pra cá em dezembro e eu preciso estar aqui.” Perguntei se ela não iria tirar férias em dezembro, mas ela disse que esse ano não, porque os filhos da minha tia vão visitá-la dos Estados Unidos. Provavelmente ela vai tirar férias em outro mês, não no natal. “Uma parte da minha família está em Santa Catarina. Minha prima disse que está muito feliz lá. Eles pagam melhor do que aqui e ela trabalha só meio período. Aqui ela cuidava de uma menina como babá. Ela não saía nunca e, às vezes, a mãe da menina

não pagava. Aqui os venezuelanos ganham menos para realizar o mesmo trabalho que os brasileiros. Uma vez eu trabalhei por 50 reais a diária, depois a senhora disse que iria me pagar apenas 30 e eu tive que aceitar. Essa senhora me tratava muito mal. Um dia até a filha dela me defendeu e disse que ia me ajudar a encontrar outro trabalho. Foi assim que eu vim parar aqui. A senhora Fernanda me trata muito bem, me dá férias, me paga igual aos brasileiros. Eu gosto muito daqui, mas às vezes penso em ir para Santa Catarina também, reencontrar minha família. Falei com a senhora Fernanda, mas ela disse que não vai deixar eu ir não, de jeito nenhum (risos). Eu não sei ainda...”

Fernanda mora num terreno onde tem a casa do pai e da irmã, algumas faxineiras brasileiras trabalham há décadas com as famílias. Era engraçado perceber como a Neide, a faxineira brasileira, falava com a Roberta, ou comentava sobre como a Roberta fez o arroz ou algo do tipo, ela sempre queria ensinar a Roberta a fazer algo que ela sempre fazia errado. Às vezes parecia que Neide tratava Roberta mal, mas a Roberta ria e achava graça no jeito da Neide, mas aqui também se criavam essas relações de poder: a faxineira brasileira que trabalhava na família há mais tempo, naturalmente se sentia superior a faxineira venezuelana recém chegada. “Roberta! Vai limpar aquele banheiro que eu já pedi! Roberta, você já temperou a carne?!” Era tão escancarado as ordens e os comandos que chegava a ser cômico. Roberta dizia que “Neide é assim mesmo” que já tinha se acostumado com esse jeito dela e que achava graça. Não tinha muito sentido eu problematizar a relação das duas ali, mas fico sempre com essa lembrança das duas correndo pra lá e pra cá, pegando tempero de uma casa pra outra, os gritos de Neide colocando sempre a culpa na Roberta.

1.11 O mundo criando fronteiras

Diferentes países adotam diferentes políticas migratórias que estão sujeitas a mudanças a depender da governança e do cenário em si. Nas últimas décadas houveram mudanças restritivas na política migratória na maioria dos países norte global.

Se observarmos a Itália, que foi e ainda é um foco expressivo do fluxo migratório africano e do oriente médio, tais mudanças em relação aos processos de entrada e acolhida de migrantes e refugiados se cruzam com sequências de ocorrências trágicas e fases intensas de grandes números de desembarques com superlotação de abrigos e caos nas estruturas de acolhimento, ao compor narrativas de emergência contínua no enfrentamento de uma “invasão”. Com a recente chegada da extrema direita

no poder e a rejeição de muitos italianos para com o aumento da população migrante nas últimas décadas, a Itália vem radicalizando sua política imigratória em sentido cada vez mais restritivo.

Por outro lado, o Brasil, apesar de ter passado por uma fase mais excludente, com o fechamento das fronteiras por mais de um ano entre Brasil e Venezuela em 2020, durante o governo Bolsonaro, devido a pandemia da Covid 19, hoje se mantém com políticas mais abrangentes em relação ao público migrante. Nesse sentido pode se dizer que o Brasil estaria abrindo as portas, já outros países do norte global, estariam fechando-as?

Como argumentam Vasconcelos e Machado (2021) ações humanitárias, ou “crises humanitárias”, nas últimas décadas, podem ser consideradas justificativas para o avanço de políticas de securitização, controlando o deslocamento de sujeitos “indesejáveis” e manifestando mecanismos de higienização social que são os campos de refugiados localizados no mundo todo. Lugares controlados com base em discursos humanitários, mas que produzem a exclusão, o isolamento e a contenção da diferença. (Fassin, 2007) Além disso, as entidades de intervenção humanitária constroem uma despolitização dos/as refugiados/as como se eles fossem desprovidos de capacidade de produzir qualquer tipo de resistência. (Agier,2010) Em Pacaraima, a disputa pela cidade por meio das ocupações questionam a não resistência dos migrantes nesse sentido. (VASCONCELOS; MACHADO, 2021)

Surge, de acordo com Didier Fassin (2011), uma questão crucial das sociedades contemporâneas: a governabilidade da imigração. O autor destaca a ironia do fato de que embora a globalização tenha facilitado a circulação de mercadorias por um lado, por outro também significou restrições acrescidas à mobilidade de pessoas. Isso se dá pelo policiamento das fronteiras físicas e pela produção de fronteiras racializadas. O papel renovado do Estado Nação impõe "um aparelho de vigilância das fronteiras e territórios, regimes de exceção para a detenção e deportação de estrangeiros ilegais, e um declínio dramático no direito ao asilo, por vezes substituído por formas de humanitarismo discricionário. Essas lógicas estão incorporadas no trabalho cotidiano das burocracias, bem como na experiência dos imigrantes". (Fassin, 2011, p.213)

O autor destaca também que a construção de um “muro ao redor do Ocidente” produziu políticas de imigração restritivas e repressivas produzindo produtos ilegais alienígenas, discriminação e violência em detrimento da tal promessa de incorporação de imigrantes sob o paradigma do multiculturalismo e assimilação cultural. A

“racialização” teria produzido “minorias” estigmatizadas gerando uma dupla realidade a “ilegalidade dos migrantes” (De Genova 2002) e a “racialização dos imigrantes” (Silverstein 2005)” (Fassin, 2011). No caso dos venezuelanos, no Brasil, são vistos como pessoas não brancas e que falam outro idioma.

A governamentalidade é um conceito de Foucault (2007), e inclui as instituições, procedimentos, ações e reflexões que têm populações como objeto. Ele excede a questão da soberania e complica a questão do controle que relaciona o poder e a administração do estado com subjugação e subjetivação dos indivíduos. Depende de políticas econômicas e tecnologias de policiamento. Aplicado ao campo da imigração nos atuais tempos sombrios enriqueceu nossa compreensão dos jogos sutis e complexos envolvidos na biopolítica da alteridade uma política de fronteiras e limites temporalidade e espacialidade estados e burocracias detenção e deportação asilo e humanitarismo.

1.12 Cidade Virtual?

É comum entre os políticos do estado de Roraima, se referirem a Pacaraima como um *município virtual*³⁰. Esta fala registra um protesto em relação à homologação, à Terra Indígena São Marcos. No processo de demarcação e homologação não foram definidos os limites do município de Pacaraima. Por exemplo, na demarcação da terra Raposa Serra do Sol, que faz fronteira com a Terra São Marcos, o município do Uiramutã foi delimitado e ficou fora da terra indígena. Mesmo que seus habitantes sejam na sua maioria indígenas, ele é reconhecido pelo IBGE como um dos municípios mais indígenas no Brasil. Vamos percorrer aqui algumas informações sobre este tema, pois ele estará muito presente junto as minhas interlocutoras, afinal aqui é terra indígena?

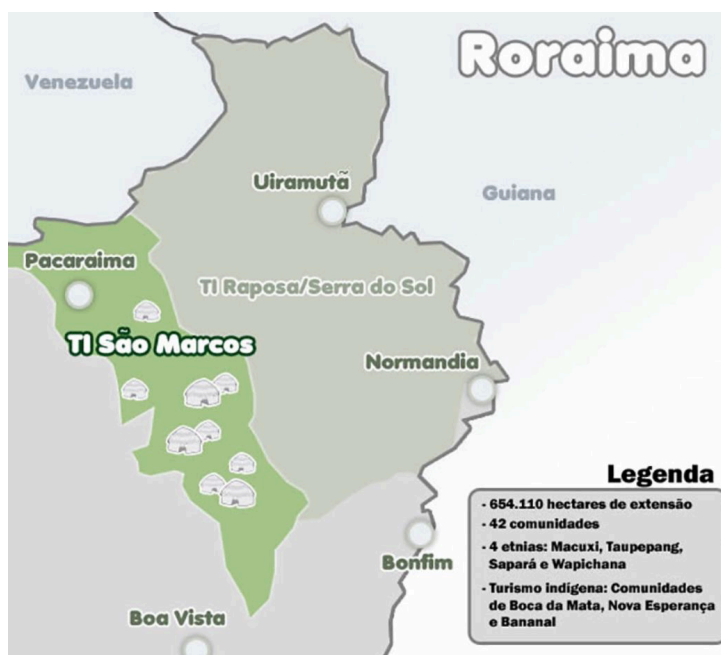
O conceito no Brasil de terra indígena, implica que, quando o Estado declara uma determinada área como terra indígenas, são áreas de ocupação tradicional indígena, e portanto, o Estado Brasileiro apenas reconhece, e a área se torna da união, os povos indígenas tem a posse permanente, a terra delimitada se torna um bem imprescritível, inalienável, e os títulos sobre elas se tornam nulos. O Estado promove uma indenização por benfeitorias para aqueles não indígenas que teriam ocupado a terra de boa fé e não

³⁰ Disponível em:

<<https://www.amara.lecg.br/noticias/628744-projeto-retira-area-urbana-do-municipio-de-pacaraima-de-terra-indigena/>> Acesso em: 11 out. 2024.

fossem invasores. Todos os não indígenas devem ser retirados quando uma área é declarada terra indígena. A constituição brasileira garante a posse permanente destes povos em suas terras e o último ato do estado seria a homologação da terra indígena que conta com a assinatura do presidente da república.

O município de Pacaraima foi criado em 1995, assim como a maioria dos municípios que hoje compõem o estado de Roraima, no total são 15 municípios. Até a constituição de 88, Roraima tinha o status de território e durante a Ditadura Militar teve seus governadores indicados pelo regime militar. Roraima atinge o status de estado da federação somente com a democratização do país, com a constituinte de 1988. Já a homologação da Terra Indígena foi homologada e concluído seu processo de reconhecimento pelo estado brasileiro em 1991, antes da criação do município de Pacaraima. A maioria dos prefeitos incentivou a ocupação do município com novas ruas asfaltadas, na esperança que o Estado Brasileiro retirasse o perímetro urbano da Terra Indígena São Marcos e que este perímetro fosse o maior possível. A própria imprensa tem registrado esta particularidade do município de Pacaraima: “Por estar situada inteiramente em área indígena (Reserva São Marcos), Pacaraima é o único município do Brasil que não tem seu perímetro urbano regularizado, característica que também atraiu para a cidade alguns contratemplos”³¹ (Agência Brasil: 26/08/2018)



³¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/migracao-venezuelana-gera-tensao-e-muda-perfil-da-pacata-pacaraima>> Acesso em: 11 out. 2024.

A TI São Marcos foi homologada pelo decreto 312, em 30 de outubro de 1991, portanto, antes da criação do município de Pacaraima. Hoje vivem na TISM mais de 18 mil pessoas³³ e estão presentes pessoas dos povos Macuxi, Taurepang, da família linguística Karib e Wapichana e da família linguística Aruak. Há registros de demarcação da área como Terra Indígena desde 1973, e depois em 1985³⁴.

Mais recentemente, políticos do estado de Roraima atuam no congresso nacional para que o perímetro do município seja retirado do decreto que homologou a TI São Marcos³⁵.

O advogado do Conselho Indígena de Roraima- CIR, Ivo Macuxi, nos concedeu uma entrevista em Boa Vista, e, sobre este tema, ele ironiza e chama Pacaraima de a *Cidade Virtual*. Trago aqui trechos desta entrevista:

Julia: Qual é a área urbana de Pacaraima?

Ivo: A área urbana do município de Pacaraima... A questão Pacaraima ainda não está resolvida. Já foi feita a demarcação da terra indígena São Marcos mas ninguém sabe até onde é mais ou menos. Existe uma proposta de decreto legislativo se não me engano 419, que é de fato definir essa área urbana. Mas existe uma discussão jurídica em relação a isso. É possível o congresso nacional suspender os efeitos do poder executivo juridicamente falando? Quer dizer, qualquer terra que for demarcada no Brasil o congresso simplesmente pode criar mecanismos jurídicos, um projeto de lei pra dizer que vai criar um município ali? Ou pode definir novos limites da terra indígena? É uma discussão que a gente trata juridicamente.

Julia: Isso depois das terras serem demarcadas?

Ivo: Demarcadas, homologadas e registradas. Então basicamente pode inclusive sustar os atos do poder executivo. Qualquer demarcação no Brasil isso pode acontecer. No caso Pacaraima é um caso emblemático, se esse projeto de lei avançar, se esse é o caminho para resolver a questão de Pacaraima, deveria se discutir em relação com os povos que estão lá e que estão sendo afetados. São Marcos e Raposa Serra do Sol, porque pega a maior parte da terra indígena São Marcos e um pouco da Raposa Serra do Sol. E agora com a decisão do Supremo, no caso, o marco temporal, terá que compensar os povos, né? De alguma forma. Indenizar? Pela perda do território. Ou como pode?

³² Disponível em:

<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588512-e-book-reune-narrativas-orais-de-ancioes-da-terra-indigena-sao-marcos>> Acesso em: 13 out. 2024.

³³ Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3799#demografia>> Acesso em: 11 out. 2024.

³⁴ Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3799#direitos>> Acesso em: 11 out. 2024.

³⁵ Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/26/cdh-aprova-exclusao-de-area-urbana-de-pacaraima-da-terra-indigena-sao-marcos>> Acesso em: 12 out. 2024.

Julia: Então é feito um acordo se houver uma mudança?

Ivo: A gente não sabe o que pode acontecer. Pode ser uma briga jurídica inclusive. Só que algumas pessoas falam que existe um limite pequeno, da sede de Pacaraima, espaço urbano, e além desse limite existe uma invasão hoje muito grande. Fizeram bairros inclusive.

Julia: asfaltados?

Ivo: Sim, estão se consolidando. Então sempre há uma promessa de regularizar.

Julia: Ah, eu ouvi isso lá!

Ivo: os vereadores se candidatam e dizem: vamos resolver. Não é competência do município, é uma questão federal. Envolve terra indígena que é competência da união. Uma lei federal e tudo mais. Desde que seja uma construção. Eu conheço um caso concreto: por exemplo um brasileiro de Pacaraima não explica essa situação da terra pros venezuelanos. Ai Venezuelanos quer comprar uma casa, coloca a placa lá vende-se, aí ele compra. Só que ele não explica a situação então ele faz de má fé. Em muitos casos, na maioria dos casos talvez, não falam que é terra indígena que é inegociável. Teve um caso que chegou na justiça, um venezuelano comprou e aí outra pessoa que se disse proprietária entrou com um processo na justiça pra rever, só que ali é terra indígena não pode ter briga de terceiros dizendo que é proprietário.

Julia: Não é nem de um nem de outro.

Ivo: Não é nem de um nem de outro. Então assim, se a comunidade ingressar, e isso aconteceu em Nova Esperança, uma pessoa, por causa dessa discussão, de que vai ter uma lei que vai ampliar espaço, área urbana do município, que um dia foi fazendeiro, ele entrou com um processo na justiça dizendo que ele era prioridade sobre aquele espaço, então existe muita discussão, inclusive um dos colegas meus, advogado, ia entrar em nome da Nova Esperança pra derrubar esse processo. Então tem muitos processos que estão em discussão porque as pessoas estão vendendo essas terras, invasão, que não é deles. E os venezuelanos estão caindo nesse golpe, por exemplo tem um venezuelano que comprou uma área por 5 mil reais, mas se as comunidades questionarem ali, ele não tem direito. Então existe essa briga na justiça e o juiz não conhece muito bem a situação. Não tem essa questão indígena de território, são novatos, mas isso está tendo só agora, muitos casos de venezuelano comprando terras, casas, sendo que está dentro da área indígena.

Julia: O que eles argumentam é que eles estão comprando de quem estava lá antes deles.

Ivo: É um suposto proprietário.

Julia: Isso. Mas aí não tem alguma coisa que se a pessoa fica na terra durante tanto tempo, não pode se tornar digamos automaticamente dela?

Ivo: Como é área indígena não. É indisponível, inalienável, imprescritível o direito sobre a terra. É propriedade da união do usufruto exclusivo de povos indígenas. Então não se pode falar do instituto de usucapião que a pessoa, não se pode nem falar! Porque é terra indígena, não existe. É território tradicional. Por força da constituição qualquer pessoa que vier se apropriar de uma área, pode ficar 10-20 anos, se a comunidade questiona, ele perde. É de posse tradicional das comunidades indígenas de São Marcos ali.

Julia: E São Marcos é uma comunidade que está bem ao redor assim de Pacaraima certo?

Ivo: É, se eu não me engano, somente a área militar está excluída da demarcação, e Pacaraima está sobreposta a terra indígena, depois criaram uma indefinição. Até porque Pacaraima e Uiramutã foi criado acho que em 1991, por meio de uma lei aqui do Estado de Roraima numa assembleia legislativa como um contraponto à demarcação de terras indígenas, com o argumento de que perderia a soberania, precisaria de militar, por isso

tem as bases militares Pacaraima e Uiramutã mas não tem uma decisão definitiva ainda acho que saiu uma sentença do juiz aposentado agora Eldon Jean Barreiro que ele reconhece que é constitucional a criação dos municípios só que ele tá na segunda instância ainda. Nós não ingressamos ainda nesse processo, os povos indígenas não ingressaram ainda. Então depois do marco temporal a gente vai analisar todo esse cenário da luta por terra. Então existe um processo judicial inclusive analisando a lei que criou Pacaraima e Uiramutã na justiça federal, são duas leis que estão nesse processo, então ainda tá em discussão então ninguém pode nem negociar sobre essas áreas.

Julia: E além disso você tem agora esse grande fluxo de pessoas que estão ficando lá.

Ivo: Isso está sendo discutido nas reuniões com as lideranças, eles reclamam muito desse fluxo, do descontrole e a omissão do estado de garantir a proteção daquela parte do território indígena. Essa invasão vai trazer outros embates, inclusive isso pode ser argumento favorável aos deputados, aos senadores que querem efetivamente ampliar essa área urbana. Existem muitas conversas que eu sinto muito assim pelos moradores de Pacaraima que desconhecem. A gente ficou de ir lá conversar com os moradores, conversar com as comunidades...

Julia: Entrar em um acordo, né?

Ivo: É possível negociar terra indígena? Não é. Só que se o Estado reconhece e cria um mecanismo ou uma coisa que possa de fato, fazer uma nova interpretação da constituição, em casos específicos, pode se falar né.

Julia: Pois é porque é um caso de emergência humanitária, como...

Ivo: É uma crise emergencial. Existem argumentos radicais que falam assim: se esse processo da justiça federal for julgado procedente, existiria Pacaraima, se for derrubado, Pacaraima deixaria de existir, mas na verdade não é bem assim. Ali tem prefeitura, os órgãos públicos, já estão consolidados.

Julia: Eu achava que lá era mais por ser fronteira com a Venezuela que a cidade foi criada. E na minha ingenuidade tudo tem que ter fronteira porque é a linha né, imaginária.

Ivo: É a ideia né. Inclusive agora nesse novo marco temporal estavam discutindo isso que áreas consolidadas como Pacaraima definem agora o limite. Até onde é? Normandia fica bem claro o supremo determinou então todo mundo sabe que dali é o limite. Uiramutã também, Pacaraima não.

Julia: Não tem esse limite?

Ivo: Não... município virtual que eles chamam. Não tem esse limite. Imaginário. Se o Estado estivesse de boa fé teria que chegar com os povos do São Marcos, Raposa Serra do Sol, e criar um plano de trabalho pra resolver a situação. Só que não vão fazer isso. Estão desde a década de 90, 30 e poucos anos... ninguém tem interesse em resolver.

Julia: Acaba que esses conflitos também têm impacto com essas questões antigas. Eu vejo os venezuelanos como vítimas.

Ivo: Sim. Inclusive essa proposta PDL, gera mais briga porque eles não falam até onde seria o limite, leva a entender inclusive que pode pegar até as comunidades, até Nova Esperança são várias comunidades até Pacaraima, então todas essas comunidades virariam bairros, perderiam o usufruto coletivo do território, pode ser loteado, inclusive sem consentimento dos indígenas. Ou seja, você tira, não garante esse direito coletivo sobre a área e ainda vai dizer que aquela área não pertence mais a comunidade e que pode ser inclusive negociada por terceiros. Quer dizer, as pessoas vão invadir e vão se apropriando.

Julia: Parece uma terra sem lei. Teve até gente que caiu no golpe do golpe, do golpe. Alguém compra, aí outra pessoa também compra dele... e por aí vai.

Ivo: É uma tristeza. Eu sinto muito pelos venezuelanos que ficam caindo nesses golpes. Eu já vi caso de família que recebia o bolsa família, junta e compra um terreno e cai num golpe.

Julia: Ouvi histórias, por exemplo a pessoa juntou 7 mil reais e comprou pra ficar ali.

Ivo: Infelizmente...

Julia: Pois é... mas quem são? São brasileiros aplicando golpes em venezuelanos?

Ivo: Às vezes o próprio venezuelano cai num golpe e aplica golpe também

Julia: Tem famílias que constroem e vendem também. Vai gerando uma economia também né. Eu acho muito delicado, assim como você está falando, é uma situação que já tem tempo e parece que não tem solução.

Ivo: Essa discussão está bem madura, o que falta é: quem vai resolver o problema? Tem que ser de boa fé. Eu gostaria de estar no meio dessa questão. Eu conheço bem Pacaraima e conheço bem as lideranças.

Julia: Verdade.

Ivo: Hoje tem mais de 800 pessoas morando lá, mas já é uma relação diferente. São famílias. É o mesmo grupo indígena, mesma etnia. Mas é dividido pela fronteira. Quando teve a crise na Venezuela e a situação piorou a comunidade Cumaracapa foi atacada pela força nacional da Venezuela, e assassinou vários eles tiveram que se refugiar. Eles atravessam a fronteira e se instalaram na comunidade Tarauparu, lá eles podem fazer casas, eles conversam, eles são famílias, por exemplo eles são macuxi, eu vou pra guiana eu posso fazer casa porque eu tenho família, eu tenho o direito de fazer casa, aí aqui aconteceu a mesma coisa. Sorocaima 1 Sorocaima 2 Bananal Guararauparu Sacamuta tem vários indígenas que moram lá e podem entrar no censo da comunidade se a comunidade permitir, é nosso parente, veio da Venezuela mas pode morar aqui.

Agora com os Warao foi diferente, eles pediram terra na assembleia do CIR e pra justamente não gerar mais conflito, decidiu-se não ceder áreas para eles das terras indígenas porque é um grupo étnico muito diferente. Já os Pemon e os Taurepang são do mesmo povo, foram absorvidos pela comunidade. Mais de mil pessoas.

Julia: Nossa muitos conflitos. Mas em relação aos venezuelanos tem pessoas que estão lá há 3-4 anos. Eu vejo como uma forma de resistência também de não ceder a essa política de interiorização, porque muitos têm medo de ir mais adentro do país. Muitos dizem que não vão porque não tem família, porque um dos facilitadores é se você tem familiares que já estão interiorizados. Tem gente que tem medo de ir sozinho.

Ivo: Tem um amigo que escreveu sobre isso. Ele fala da interiorização dos indígenas onde você vai pro abrigo né, um processo de etnocídio. Eles falam que tem muita promessa, de que vai ter trabalho e estão lá abandonados. Então hoje, sua mãe acompanhou, uma parte foi, dos warao, uma parte fica aqui nos abrigo provisórios, ainda que chama a resistência dos warao no rondon. Tem um grupo de warao que comprou uma terra aqui no Canta, na região serra da lua, é uma comunidade indígena só que ainda não são reconhecidos como parte da região. Porque tem uma grande organização de povos, como se fossem os municípios, pois a organização política é feita por grandes regiões, então pra não gerar conflito ta tendo muito diálogo para que eles possam de fato entrar nessa organização social da região e possam ser atendidos pela SESAI, saúde indígena, porque eles querem ficar. Agora em relação a Pacaraima eu não conheço nenhum trabalho com um olhar antropológico, conheço uma visão mais jurídica do procurador do Estado doutor Lazarte ele escreveu município tativo, alguma coisa assim.

Julia: Pois é, eu quero entender porque eles estão ficando lá tanto tempo.

Ivo: Você acha que eles têm direito de morar lá?

Julia: Boa pergunta, eu acho que eles estão onde eles estão agora porque eles não tem outras opções, mais do que interiorizar pra um lugar longe eu acho que existe esse medo de ir mais longe, conheço casos de pessoas que sofreram muito com a interiorização, e por ser mais longe eles sentem que as coisas serão mais difíceis, não necessariamente em Pacaraima mas eu acho que deveria ter outra alternativa.

Ivo: Eles não poderiam ser beneficiados por outros programas sociais tipo Minha casa minha vida?

Julia: Eu acho que sim.

Ivo: Pois é... Aqui no Brasil é assim, essa ideia prevalece. Ficar no abrigo.

Percebemos que a fronteira entre Brasil e Venezuela não é a única ali presente. Há, sem dúvida, linhas incertas entre a Terra Indígena São Marcos e o município de Pacaraima e são percebidas de formas diferentes pelos atores. Um outro momento em que presenciei esta linha imaginária entre onde se pode circular livremente e onde há um controle foi quando nos deparamos com a presença do exército brasileiro no controle da movimentação das pessoas. Para os povos indígenas, isso pode ser vivenciado como uma invasão do espaço de vida deles. Vejamos o que aconteceu.

1.13 Julia você quer conhecer as *trochas*?

Era uma quarta feira de novembro de 2021. Se aproximava a hora do almoço. Estávamos eu, Leno e Julio no escritório da Associação Canarinhos da Amazônia. Julio disse que tinha que ir até a comunidade São Marcos, comunidade indígena de Lucineia, sua esposa. Seria rápido. A comunidade era bem perto dali. No entanto, o percurso atravessava a linha imaginária da fronteira entre Brasil e Venezuela. E eu já fiquei aflita ao ouvir isso. Mas era algo que eles faziam de rotina, pois Lucineia sempre ia visitar seus parentes na comunidade. As autoridades fronteiriças conheciam os dois. “Vamos com a gente. Você vai ver as *trochas*, Julia.” Eu e Leno fomos.

Buscamos Lucineia na secretaria de saúde onde ela trabalhava e fomos direto. Ela estava levando relógios que queria vender para sua família. Primeiro subimos uma parte alta de carro, asfaltada, cheia de árvores, depois passamos por uma fiscalização que Julio conhecia. Bateram um papo e seguimos. Descemos até a parte da gran sabana. Trata-se de um lugar de vegetação rasa e uma vastidão enorme. Um espaço imenso com a vista limpa para quem está observando do alto.

De repente, buzinas e um carro do exército cheio de soldados para nosso carro. O comboio literalmente se posiciona em frente ao carro de Julio, bloqueando nosso trajeto. Seis soldados saem do carro e um deles ordena que nós saíssemos do carro

imediatamente, já nos cercando e apontando os fuzis em nossa direção. Um movimento muito bem treinado. Instantaneamente levanto as mãos pra cima. Ficamos parados dentro do carro sem entender nada, em clima de aflição. Depois saímos do carro com as mãos na cabeça. Lucineia não quis sair do carro. Revistaram o carro, abriram o porta mala, pediram para tirar o estepe do carro. Acusaram Júlio de estar contrabandeando gasolina. Algo que, de fato, acontecia com frequência na região. Não encontraram nenhum galão de gasolina. Em seguida, “perguntaram” ou acusaram Júlio de estar me traficando. Eu, Leno e Julio estávamos com o mesmo uniforme da AICAEP. Respondi de imediato que de forma alguma se tratava de um sequestro, que trabalhávamos juntos em uma ONG não muito longe dali. Só depois dessa abordagem extremamente agressiva, pediram nossos documentos. Todos tínhamos documento de identidade brasileira. Lucineia já estava nervosa e começou a chorar. “Essa é minha terra! Nós sempre vem aqui! Todo mundo aqui conhece a gente! Meus parente vive aqui! Vocês não pode tratar nós assim!”. “É o protocolo. Podem seguir.” Respondeu de forma seca, um soldado.

Julio e Lucineia estavam completamente indignados com tudo aquilo. Nunca tinham passado por isso. Eu muito menos. Leno, que já havia sido soldado há muitos anos atrás, disse: “Isso aí é um monte de novato entediado que fica querendo se *amostrar*. Provavelmente eles acabaram de chegar e já querem encontrar algum flagrante. Agora você imagina se a gente fosse venezuelano? Sem documentação?” Eu fiquei completamente chocada. Lucineia chorava e não parava de repetir: “Isso é um absurdo!”

“Acharam que a gente estava sequestrando a Julia! Haha” disse Julio em tom descontraído. Leno deu risada, Lucineia enxugava as lágrimas. Eu não sabia se ria ou se chorava de raiva da forma grotesca do abuso de autoridade com que fomos abordados. “Ei Julia, de qualquer forma, agora a gente tem história pra contar”. Disse no final Leno.

Trouxe esse acontecimento, caótico e conturbado, para retratar um pouco do que poderia ser esse lugar de tensão que a fronteira representa. Para mim, apesar de estar ciente que as fronteiras estavam fechadas naquele período e o trânsito entre os dois países estava limitado, eu sabia que estava na presença de pessoas de confiança, que moravam na região e tinham todo um repertório sobre o lugar a partir de uma noção de pertencimento. Pessoas que conhecem e que pertencem a um determinado território, tendem a gerar uma segurança a mais no transitar pelo espaço já conhecido, por isso,

não temia que nada de mal acontecesse, muito menos que alguém iria apontar um fuzil em minha direção, segundo meu imaginário claramente limitado até então.

Por mais que eu soubesse que as autoridades haviam agido de forma extremamente violenta naquele momento, devido ao tal “perigo” presente na fronteira, ao apresentarmos os documentos, fomos liberados. Agora, e quando esse tipo de abordagem se torna um mecanismo de proibição de trânsito? E quando ele se aplica para pessoas que não possuem a identidade brasileira? Quem eles esperavam encontrar naquela situação? Quais medidas teriam sido tomadas se nós não fôssemos quem nós éramos? E se fôssemos migrantes venezuelanos indocumentados? Existem relatos de famílias que atravessavam pelas *trochas*, pelos caminhos “irregulares”, que foram surpreendidos com o mesmo tipo de abordagem e tiveram outro tipo de tratamento. Aqui o trânsito é, sim, controlado e vigiado. A segurança é garantida, em tese, pela documentação.

Veremos no capítulo 3 como este debate ronda a insegurança das ocupações e que, de certa forma, o fato da população do município ter dobrado, o aumento da infraestrutura da cidade como a instalação do Banco do Brasil, mais recentemente da Caixa Econômica Federal, CRAS - Centro de Referência de Assistência Social -, COMARCA (órgão do judiciário), prefeitura, posto de saúde, novos cargos públicos criados, novas ruas asfaltadas, casas construídas, construção de dois novos postos de gasolina e, claro, as ocupações. Parece que tudo isso indica uma intenção de ocupar esta cidade “virtual”, para que, se um dia deixar de ser terra indígena, tenha um perímetro maior. Nas entrevistas aparece a figura de “um brasileiro”, “uma brasileira”, como proprietários das ocupações. A duplicação dos números de habitantes do município, como indicam dados do IBGE (2022), parece indicar que a migração venezuelana terá um papel importante na história recente desta cidade real e não virtual. Voltaremos neste tema no capítulo 3.

1.14 *La quadra* e outros espaços em Pacaraima



Autoria da foto: Daniela (2024).

Legenda: “*la quadra*” quadra que fica em frente a caixa econômica e a prefeitura.

“La quadra” fica localizada em frente à Caixa Econômica, que, por sua vez, fica ao lado dos Correios. A quadra também fica em frente à prefeitura e ao lado da Comarca, órgão do judiciário. Do outro lado, sempre na rua da quadra, se encontra a Igreja católica Sagrado Coração de Jesus. Apesar de ser um espaço onde também estão localizados órgãos públicos, estão localizados próximos aos recém inaugurados supermercados, onde a maioria das pessoas que vivem nas ocupações das orquídeas frequentam mais, devido à proximidade geográfica.



Autoria da foto: Daniela 2024 (2024)

Legenda: A quadra de manhã



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Banco Caixa Econômica



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Correios ao lado da Caixa econômica



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Prefeitura de Pacaraima que fica em frente à quadra



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Prefeitura de Pacaraima



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus ao lado da quadra

No dia 28 de outubro de 2023, teríamos uma apresentação dos canarinhos na Igreja Sagrado Coração de Jesus. Desde 15h chegaram crianças na Casa da Música para pegar as batas de apresentação, depois de ajudar as meninas a fazer o penteado, coque bailarina em cima da cabeça, com bastante gel e grampos para não sair do lugar, elas foram para a Igreja. Esse é um momento que me lembro bem das outras apresentações que tivemos em 2021. Todo mundo ajuda um pouco. A Casa da Música fica cheia de crianças correndo pra lá e pra cá, todas animadas para a apresentação. É um clima um pouco caótico, mas é de empolgação e felicidade. Algumas mães vieram ajudar. Algumas trazem creme para pentear, gel de cabelo, perfume e presilhas. A regra é simples: todo mundo ajuda todo mundo até que todos fiquem arrumadinhos. As meninas mais velhas também ajudam as mais novas e assim por diante.

A maioria das batatas de apresentação não serviam mais. Havia alguns uniformes de apresentação que tinham cerca de trinta anos, e haviam sido passadas de geração em geração, de canarinhos para canarinhos. A maioria das pequenas eram vermelhas com bordados dourados, as maiores eram brancas com bordados também dourados. Algumas estavam rasgadas, outras sujas. Decidimos que algumas crianças ficariam sem bata e se apresentariam apenas de calça jeans e blusa branca com o logo da associação. Algumas não ficaram muito satisfeitas com isso, pois todas as crianças queriam usar a bata de apresentação.

A apresentação estava prevista para às 17h mas houve um grande atraso na missa e só começou às 19:30. As crianças ficaram impacientes e já estavam se lamentando de estar com fome. Havíamos levado um pacote grande de paçoquinha para distribuir depois da apresentação, mas não deu pra esperar e também não foi o suficiente. Conversei com algumas mães nesse meio tempo, sobre a questão da moradia. Elas se lamentavam dos altos preços dos alugueis na cidade, que aumentaram muito depois da pandemia, e pela opção de ter uma casa própria, pois isso é muito mais comum em termos da vivência de poder aquisitivo na Venezuela. “Na Venezuela todo mundo tem casa, não são como no Brasil que tem costume de alugar até por muitos anos. Você tem casa própria Julia? Não, também moramos de aluguel. Tá vendo? Aqui no Brasil muita gente vive de aluguel, na Venezuela não era assim.”

“La quadra” também é um espaço onde as famílias se encontram, geralmente ao final da tarde e noite e principalmente nos finais de semana. “Nos vemos *en la quadra*” Era uma frase muito comum entre amigos migrantes que viviam em Pacaraima. O clima lá é mais fresco do que em Boa Vista e sair à noite, caminhar é muito comum e agradável. Lá tem sorveteria, açaí, churrasquinho de rua, cachorro quente, hambúrguer, pizza, etc. Tem uma grande quadra esportiva coberta com arquibancada. Às vezes tinham times jogando futebol, eventos de lazer, apresentações também eram realizadas ali, como o espetáculo da orquestra. “La quadra” se referia a uma grande praça com um imenso ginásio de futebol coberto ao centro. Este era o *point* da cidade. Aqui as pessoas passeavam com um ar mais ameno, sorrisos nos rostos, era diferente de todas as outras regiões de Pacaraima. Ali parecia que os problemas se suspendiam um pouco. Pude perceber que as mães das ocupações circulavam mais por espaços como este, principalmente para prestigiar algum evento que envolvia muitas vezes apresentações musicais de seus filhos, como a apresentação da orquestra municipal. Fora desses momentos, é um lugar de encontro e de passeio, não necessariamente para consumo.

Também no dia 20 de outubro de 2023 às 19h houve uma apresentação da orquestra sinfônica de Pacaraima, orquestra que o Francisco também coordena, *en la "quadra"*. Alguns alunos da casa da música também participam da orquestra sinfônica. O evento, porém, se chama "Cristo Raimo" e é um evento evangélico. Havia muitas pessoas. Francisco afirmou: "muitos aqui em Pacaraima são evangélicos e quase todos frequentam alguma igreja e praticam algum tipo de fé e religião."

Encontrei Diana, moradora da ocupação que havia entrevistado no dia anterior. Ela usava um vestido cintilante e estava muito bem arrumada. Aquele parecia ser um evento importante na cidade e não seria o caso de desperdiçar sua melhor roupa. Todos sorriam e a apresentação da orquestra com as crianças foi breve, tocaram apenas 3 músicas. Logo em seguida, o evento seguiu o rumo de cantos de louvor religiosos, três mulheres de saia longa e cabelos lisos compridos subiram no palco e cantaram. Havia uma tela grande com as letras simultaneamente aparecendo, como um karaokê, para todos poderem acompanhar e cantar também. Muita gente chorava e levantava as mãos para o alto. Enquanto algumas lágrimas escorriam na emoção, Luis, canarinho muito querido, veio correndo diretamente falar comigo depois da apresentação. Eu abracei ele tão forte que até a mãe dele veio me abraçar também. Ela disse que ele sentiu muito a minha falta. Fui procurar um restaurante e levei ele pra comer batata frita. Naquele momento notei que Luís não estava se sentindo muito confortável no restaurante, muito provavelmente ele nunca tinha entrado ali.

Existem alguns espaços que os venezuelanos não frequentam muito. Alguns restaurantes, padarias. Marlyn preferia sempre comprar pão numa padaria onde trabalhavam venezuelanas, fomos uma vez no centro procurar um bolo de aniversário para Francisco e os tipos de doces eram diferentes na padaria brasileira. Não era nem pelo preço, mas pelo fato dela conhecer e confiar mais nas padarias e confeitarias venezuelanas.

Durante este período, eu fiz amizade com uma jovem que trabalhava na fraternidade sem fronteiras, Isabela, ela é pedagoga e veio do Rio de Janeiro trabalhar em Pacaraima. Francisco a havia convidado uma vez para almoçar na Casa da Música e eu fiz strogonoff. Ela disse que havia um espaço na sede onde trabalhava, que seria possível realizar ensaios também, ela gostaria de fazer uma parceria, se interessou pelo grupo de canto coral da AICAEP. No dia da inauguração do abrigo "Porta Aberta" ela me chamou para ir num restaurante self-service que ficava ali próximo ao Mercabox, maior supermercado da cidade, o qual frequentamos muito, eu e Marlyn. Apesar de

sempre passarmos por este restaurante e cogitarmos várias vezes em comprar o frango assado de lá, Marlyn nunca havia entrado lá. De fato, vi apenas funcionários das agências nesse restaurante e dois homens fardados com uniforme do corpo de bombeiros. Isabela também me convidou para ir ao Santo Gole, “único lugar que dá para sair à noite”, ouvir um DJ, dançar e tomar cerveja. Novamente, espaços onde a diversidade da cidade não se cruza. Apesar de estarem sem fardas, o corte do cabelo e o porte físico indicava a presença de militares, alguns casais de brasileiros que dançavam pagode, Isabela, seus colegas das agências e eu. Não ouvi espanhol durante essa noite toda, foi estranho, depois de conviver todos os dias com Francisco e Marlyn.

No aniversário de Francisco, eu insisti que fossemos almoçar em algum lugar, por minha conta. Fomos comer tambaqui assado num restaurante que ninguém conhecia. Só tinha uma família brasileira além de nós no restaurante. Marlyn comeu até os olhos do peixe! Ela disse que adorava e eu dei risada. Os acompanhamentos eram farofa, vinagrete, arroz e mandioca. Eles já tinham conhecido a farofa e o vinagrete no churrasco que fizemos há uns dias atrás. Quando a comida chegou o filho de Marlyn apontou: farofa, Julia! Comemos tudo e foi muito bom.

1.15 Outras Formas de Abrigo

Conforme os dias foram passando e eu fui circulando cada vez mais pela cidade, pude perceber que algumas coisas tinham mudado. Havia menos pessoas vivendo na rua, menos crianças pedindo dinheiro ou comida no centro da cidade em relação a 2021. Pude perceber que havia muitas casas à venda e ao mesmo tempo, algumas casas recém construídas ou reformadas. Havia também muitas infraestruturas novas, como dois postos de gasolina. A cidade estava se expandindo. Existem também muitas igrejas em Pacaraima, algumas que estavam ainda sendo construídas em 2021 e em 2023 já estavam prontas, como é o caso da Igreja do Evangelho Quadrangular. Percebe-se que houve um investimento e um aumento na infraestrutura, tanto de órgãos públicos e comércios, quanto casas e igrejas, ou seja, um crescimento intensificado da cidade.

Ao visitar as ocupações, pude observar que estas também haviam aumentado. Era como se houvesse um esvaziamento da cidade em seu núcleo do perímetro urbano por parte dos venezuelanos e um aumento nas zonas de ocupação, que ficavam mais afastadas do centro. O que é compreensível se entendermos que a maioria, se não todas,

as casas dentro do perímetro urbano são de brasileiros ou alugadas e as casas construídas nas ocupações, de venezuelanos.

A redução da população de rua era uma pauta importante de muitas agências e da igreja diocesana, fui informada que novos abrigos ou espaços de acolhimento haviam sido construídos e um, inclusive, estaria prestes a ser inaugurado. Outras formas de abrigo gerenciados pela Igreja Católica, muito atuante junto a migração venezuelana. Mas, com certeza, não é a única.

Fui informada de que em breve o padre Jesus iria inaugurar um abrigo para mulheres e crianças na cidade, bem próximo ao centro. Havia comprado cerca de 5 casas que estavam à venda, uma perto da outra, quase um quarteirão inteiro, para poder construir o abrigo, que seria inaugurado dali a alguns dias e eu iria poder ir conhecer o novo espaço. Ele já havia inaugurado um abrigo para idosos bem em frente e também tem um projeto que distribui marmittas todos os dias.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: fila aguardando as marmittas distribuídas pela diocese de Roraima todos os dias



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Projeto porta aberta que irá acolher mulheres e crianças

Em novembro de 2021 mais um abrigo foi inaugurado, o projeto “Porta Aberta”, abrigo para crianças e mulheres venezuelanas. Esse espaço foi construído onde antes havia 5 casas à venda, bem na zona central de Pacaraima. O terreno do projeto foi se alargando para poder ampliar o espaço para um número maior de pessoas acolhidas. Parte das estruturas antigas foi reutilizada e outras partes novas foram construídas. Os dormitórios foram montados a partir das estruturas de unidades habitacionais³⁶ fornecidas pelo ACNUR. Ao chegar, havia muitas pessoas reunidas para prestigiar esse momento tão esperado. A cerimônia foi muito bonita, muitas pessoas falaram no microfone e algumas se emocionaram. O espaço ficou realmente muito acolhedor. Tudo novo, camas novas, banheiro novo, simples, mas muito bem pensado e aconchegante.

³⁶ Termo técnico para as casas do ACNUR feitas de aço leve, paredes de plástico e tubos metálicos, que são facilmente montadas e desmontadas. Estas têm durabilidade de aproximadamente 5 anos.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Padre Jesus, referência no engajamento à ajuda aos migrantes venezuelanos, falando sobre o projeto.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Banheiros do projeto porta aberta e discurso de inauguração



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Parquinho e caixa d'água dos banheiros



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Apresentação musical para a inauguração, diretor Francisco no teclado, espaço da lavanderia



Autoria das fotos: Julia (2023)

Legendas: Imagens do Projeto Casa Aberta e dos seus colaboradores



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legenda: Quartos e banheiros



Autoria das fotos: Julia (2023)

Legenda: Cada unidade habitacional tem o nome de uma mulher



Autoria da foto: Isabela (2023)

Legenda: Casinha Julia

Em frente ao recém inaugurado abrigo para mulheres e crianças, existe um abrigo para idosos venezuelanos. É interessante pensar que estes “outros tipos de abrigo” são classificados por parte da OIM como espaços ocupados privados, já as ocupações espontâneas, são classificadas como espaços ocupados públicos.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Abrigo da Pastoral de Idosos

1.16 Aumento da Infraestrutura

Foi notório no meu retorno ao campo em 2023 o aumento do número de igrejas. Já em 2019 Pacaraima tinha algumas igrejas, algumas em 2021 estavam sendo reformadas e outras estavam sendo construídas e agora em 2023 estavam prontas, como é o caso da Igreja do Evangelho Quadrangular. Não apenas igrejas, percebe-se que houve um investimento e um aumento na infraestrutura, tanto de órgãos públicos, comércio, quanto casas e igrejas, ou seja, um crescimento intensificado da cidade. A construção de dois novos postos de gasolina. A reforma do CRAS, a inauguração de uma extensão da universidade da UFRR - Universidade Federal de Roraima -, a UAB - Universidade Aberta do Brasil -, a qual já existia em 2021 mas estava completamente vazia, onde, em 2023, foi possível avistar prateleiras e livros na parte de vidro. Ao pesquisar sobre a universidade, pude encontrar que ela está de fato ativa e hospeda o curso de Licenciatura em Geografia EAD-NEAD/UFRR³⁷ Ao contrário de ser uma

³⁷ Disponível em:

<<https://ufr.br/geoead/noticias/visita-tecnica-da-coordenacao-de-curso-ao-polo-de-pacaraima-rr/>> Acesso em: 07 out. 2024.

cidade virtual, percebi que Pacaraima vai se consolidando cada vez mais como uma cidade real e concreta e em movimento. Com postos de saúde, Banco do Brasil, escolas, auto-escolas e muito mais.



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Igreja do Evangelho Quadrangular



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda da foto: Posto de gasolina recém inaugurado



Autoria da foto: Daniela (2024)

Legenda da foto: Novo posto de gasolina também recém inaugurado



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: CRAS (Centro de Referência e Assistência Social)



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: UAB (universidade aberta do brasil) Polo Pacaraima



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Posto de saúde depois da pedra pintada



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Banco do Brasil



Autoria da foto: Daniela (2024)
Legenda: Caixa d'água

1.17 "Estão chegando mais pessoas"

Há um ano atrás, em agosto de 2023, meus interlocutores de pesquisa relataram que a fronteira atravessava um momento de intensa turbulência. Uma delas, que trabalhava na Operação Acolhida, afirmou que o fluxo de pessoas havia aumentado. Assim como também havia aumentado o fluxo de brasileiros para a Venezuela. A percepção que essas pessoas tinham era que o fluxo iria aumentar muito. Quando cheguei, em outubro de 2023, minha percepção era de que a cidade estava mais vazia.

É importante dizer que alguns migrantes também encontraram trabalho nas agências que ofereciam empregos para trabalhar com o público migrante. Os cargos

mais altos dessas agências eram, em sua maioria, ocupados por brasileiros ou pessoas que não eram da região. A maioria vinha de Curitiba ou São Paulo e outros Estados.

Quando ocorreu a abordagem violenta por parte dos militares e Leno comentou que eles pareciam ser “novatos”, pensei na rotatividade contínua dos militares da Operação Acolhida na região, pelo temido efeito PINO por parte dos militares, sigla que representa as diferentes fases emocionais desenvolvidas pelo indivíduo no contato prolongado com a vulnerabilidade alheia e se refere a: Pena, Indiferença, Nojo e Ódio. Por isso, a cada 120 dias a equipe era trocada. Essa rotatividade foi motivada “pela experiência prévia das Forças Armadas brasileiras com a missão de paz no Haiti. Na ocasião, foi constatado que a extensão do período de serviço na convivência com pessoas em situação de vulnerabilidade implica uma certa desestabilização emocional do militar.” (Vasconcelos, Machado, 2021)

A primeira vez que eu ouvi sobre a preocupação do efeito PINO, foi com uma tenente do exército amiga de Miriam em 2019, que veio do Rio de Janeiro trabalhar na operação. Fiquei bem impressionada porque parecia algo inevitável, na fala desta tenente, comprovado por estudos psicológicos e científicos.

O fato deles conseguirem algum “flagrante” parecia algo importante para quem havia acabado de chegar. Isso poderia ajudar a ter um certo tipo de respeito ou autoridade maior dentro da Operação de acordo com Leno, dar uma boa primeira impressão, ou algo do tipo.

Relembrando esse evento, novamente pude enxergar quão destoante minha aparência física representava naquele contexto. Afinal o exército chegou a questioná-los se eles estariam me sequestrando ou traficando. Por mais que isso tenha virado uma piada entre nós, fiquei refletindo sobre isso... Assim como Cristina falou: “Julia, você é muito branca!”. Não é possível ignorar isso, então é importante eu me posicionar enquanto mulher branca e isso gera um impacto nas minhas pesquisas, na minha forma de ler minhas entrevistas e de problematizar algumas respostas. O tanto dito por parte das interlocutoras de querer “participar da entrevista” significava também querer mostrar a realidade do espaço de moradia de cada mulher, possivelmente para conseguir algum tipo de auxílio, de ajuda concreta. Ainda mais num lugar permeado por tantas agências humanitárias que são lidas por parte de mulheres venezuelanas como fonte de algum tipo de acesso e recurso concreto.

Em uma das minhas visitas às ocupações, uma interlocutora ofereceu o serviço do marido em relação a compras de alimentos que ele trazia de Santa Elena para

comercializar em Pacaraima. Não é surpresa o fato de em Pacaraima ser de difícil acesso alimentos como frutas e verduras, além do preço muito acima da média. Em diversos momentos, a família de Francisco pedia para ver se em Boa Vista os preços de carnes e frango, por exemplo, eram mais baratos.

O marido de Diana trazia de Santa Elena itens para Pacaraima, como frutas: amora, morango, pêsego; ou legumes como: brócolis, couve flor etc. Ele também trazia sardinhas frescas ou enlatadas. Fiquei interessada e pedi para ele trazer amoras, morangos, pêsegos e brócolis. Alguns dias depois ele chegou em casa com a encomenda. No caso, ele não tinha conseguido encontrar todos eles. No entanto, ele havia trazido muitos pacotes do mesmo produto. Ele havia dito que eram 20 reais o pacote de morango e 20 reais o de amora, eu havia pedido um de cada. Ele havia comprado cinco pacotes de cada e eu acabei cedendo e comprando tudo, ou seja, 10 pacotes. Passei um pix de 200 reais e fiquei cheia de morango e amora, levei inclusive para dar de presente para algumas tias em Boa Vista.

Marlyn ficou um pouco chateada porque ele tentou aumentar na hora o valor para 30 reais cada e de fato, não era aquilo que eu havia pedido. Além disso, ele perguntou se eu podia emprestar 200 reais a mais para ele comprar mais mercadoria e revender. Disse que não seria possível, mas que se precisasse de mais alguma coisa, ou se ele fosse novamente, teria interesse em comprar outros produtos.

Marlyn ficou novamente perplexa e disse que não era uma boa ideia emprestar o dinheiro porque poderia ser um risco. De acordo com ela, são famílias vulneráveis, que precisam de dinheiro e que podem também se aproveitar do fato de eu ser de fora e emprestar dinheiro. Ela disse que eu não era obrigada a comprar nada visto que não era o que eu tinha pedido, mas que entendeu que eu queria ajudar a família também, mas emprestar dinheiro seria como dar o dinheiro. Ficamos consumindo durante 2 meses, fazendo sucos, sorvetes e outros tipos de doces com essa grande encomenda de amora e morango.

Outro dia um rapaz passou pela casa e perguntou se gostaríamos que ele cortasse a grama do quintal. As chuvas intensas de Pacaraima fizeram com que o jardim da Casa da Música crescesse muito. Marlyn dispensou o serviço por enquanto, mas disse que iria avisar se eles mudassem de ideia. Os dois ficaram conversando um pouco e eu acabei entrando na conversa. O rapaz também vendia produtos trazidos de Santa Elena. Ele iria no dia seguinte comprar peixe, frutos do mar, sardinhas frescas, para revender em Pacaraima e perguntou se nós queríamos alguma coisa. Eu afirmei que sim.

Dois dias depois ele trouxe a encomenda. Comprei duas bandejas de sardinhas frescas por 20 reais cada. Há um comércio de frutos do mar vindos do Caribe venezuelano vendidos em Pacaraima por venezuelanos fora do controle sanitário oficial da fronteira.

Os preços estavam também relacionados à minha pessoa e à leitura do meu poder aquisitivo, então mais uma vez não é possível ignorar minha presença vista de forma estratégica também para algumas pessoas. Estas situações indicam também que havia uma economia no permanecer em Pacaraima, não apenas pela proximidade, mas pelos contatos e possibilidades de uma outra economia, fora do controle das autoridades sanitárias que encontrava um mercado na cidade de Pacaraima. Não se tratando apenas, como lembra Das e Poole (2008), de um limite entre o legal e o ilegal, mas indicam que as margens criam suas economias possíveis.

Neste capítulo, busquei trazer a diversidade de atores que constroem, de certa forma, a “fronteira legal” e tantos outros atores que seguem circulando nesta fronteira. Assim como uma dinâmica, nos últimos anos, no aumento da infraestrutura da cidade, gerando novos empregos e novas demandas por moradia. A dúvida legal e política sobre os limites do perímetro urbano ainda presente, e seus contornos em construção e ocupação. Retomaremos este tema no capítulo 3, quando daremos mais espaço às falas das minhas interlocutoras que habitam as ocupações. Antes de caminharmos até as ocupações, irei falar de um lugar especial na minha pesquisa que de certa forma se situa no entrecruzamento na linha do tempo e espaço dessa pesquisa, na minha vida, na vida das minhas interlocutoras e na vida de suas filhas e filhos, a Casa da Música.

2. Capítulo 2: A Casa da Música

2.1 A Casa: Espaços internos e externos

Boa parte do que será narrado neste capítulo aconteceu em um espaço específico que aqui chamaremos a Casa da Música. Uma casa onde seus espaços internos e externos passaram por muitas transformações. Uma casa alugada, ainda não finalizada nos seus acabamentos e sem muros. Aos poucos, foi se transformando de uma casa como tantas outras, onde vivia Miriam, para o espaço da Casa da Música. Foi neste espaço que iniciei meu contato com a cidade de Pacaraima e pude conhecer muitas famílias que entrevistei para esta pesquisa.

Irei descrever as diferentes características que a Casa da Música assumiu ao longo do tempo. Mais especificamente desde a minha primeira visita a Pacaraima em 2019, quando conheci a Casa, depois em 2021, quando fui a trabalho para assumir o cargo de coordenadora de projetos, e mais recentemente, em 2023, quando fui realizar a pesquisa de campo para a escrita dessa dissertação. Irei me debruçar sobre os diferentes significados e sentidos que permeiam este espaço, que passou por diversas mudanças físicas, institucionais e simbólicas, muitas vezes atravessados por conflitos, tornando-se um espaço em disputa. Trarei imagens e fotografias para compor este processo descritivo.

Foi nesta Casa que pude conhecer o trabalho musical e humanitário de Miriam Blos, maestrina e fundadora do projeto, e também pude ficar hospedada algumas noites quando fui a Pacaraima em 2019. É importante ressaltar a relevância deste espaço para esta pesquisa. A Casa da Música se tornou um ponto de referência e acolhida para muitos migrantes venezuelanos da região, especialmente crianças e adolescentes, pois representava um espaço onde os migrantes sabiam que poderiam circular e seriam recepcionados de forma respeitosa. A acolhida no evento violento de 2018 posicionou este espaço. A Casa significava muito mais que um espaço de moradia, na verdade se tornou muitas coisas ao mesmo tempo. Foi a sede da escola de música, onde as crianças se reuniam para ter ensaios e aulas de canto, foi um espaço que fornecia informações sobre os processos migratórios para o público migrante e foi, durante muito tempo, a casa de Miriam. A Casa fica localizada no bairro das Orquídeas e é a última casa de uma rua asfaltada, rua essa que segue numa ladeira muito íngreme em descida e no final

do asfalto se iniciam as ocupações espontâneas das Orquídeas II. Por “coincidência” a Casa da Música fica localizada em frente a casa do ex-prefeito de Pacaraima, que foi reeleito por dois mandatos e isso talvez explique o asfalto da rua.



Autoria da foto: Rosi Zamarra (2024)
Legenda: Rua da Casa da Música

A Casa de Miriam vai se transformando na Casa da Música em 2016. Miriam era linguista, pianista, teóloga de formação e mãe de Karisse. Nasceu e viveu na região Amazônica, atuava com música e coral, havia mais de 30 anos, no Estado de Roraima. O grupo de canto coral era conhecido como os Canarinhos da Amazônia e tinha o objetivo de fomentar as atividades musicais em Boa Vista. O coral já havia atravessado várias gerações e, em 2016, Miriam passou a atuar na fronteira de Pacaraima³⁸. Ela inicia um trabalho voluntário que visava ensinar música para crianças e jovens, além de promover encontros entre a comunidade local e migrantes. Ela se muda para Pacaraima em 2015, em meio a situação de intenso fluxo migratório, aluga uma casa de cor esverdeada onde plantou muitas flores e colocou uma bandeira brasileira e venezuelana, dando um sinal de uma possível integração. Em Pacaraima, tudo é tão próximo dos marcos oficiais da fronteira entre os dois países, que este símbolo trazia uma mensagem

³⁸ Antes da crise migratória da Venezuela, Miriam morou por um período em Santa Elena do Uairén, cidade localizada do lado venezuelano da fronteira. Lá, Miriam realizou um trabalho com música com crianças brasileiras em situação de rua, a maioria filhas de garimpeiros brasileiros. Com a crise na Venezuela, ela volta para o Brasil, se estabelece em Pacaraima e passa a acolher crianças venezuelanas.

importante naquele contexto. Em diferentes horários do dia, da tarde, e às vezes, até de noite, vozes de um coral de crianças ecoavam da casa. O contraste com a paisagem cinza da Operação Acolhida na cidade, saltava aos olhos de quem vinha de fora e o encantamento era instantâneo, e, digamos assim, esperado, em especial o seu jardim colorido.

A Casa fica no topo de uma pequena colina e até 2023 era rosa clara e rodeada por flores, como orquídeas, margaridas e principalmente roseiras. Na janela principal, a frontal, foi colocado um arco de arame que circunda a janela cheio de rosas. Na frente da casa também tem uma varanda com duas cadeiras de madeira brancas, uma mesinha de centro e uma cadeira de madeira de balanço, daquelas que toda avó tem em casa. São pequenos detalhes que fazem essa casa se tornar aconchegante à primeira vista. Sempre foi muito importante para a Miriam manter a casa organizada, tanto fora quanto dentro.



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Parte frontal da casa

Fisicamente, era uma casa relativamente grande para uma pessoa só, mas que aos poucos foi se tornando relativamente pequena, se pensarmos em todas as funções que a casa passaria a assumir. A casa foi se moldando, se aperfeiçoando e se expandindo para conseguir acolher cada vez mais crianças e proporcionar diferentes atividades.

A Casa era um sobrado e, ao entrarmos pela porta principal, temos uma sala ampla acoplada a uma cozinha “americana”. Do lado direito, um degrau que dá para dois quartos, sendo duas suítes, e em uma delas o banheiro não havia sido concluído, não era possível tomar banho ali. Ele nunca foi concluído. Entre as duas suítes, um lavabo.

A casa era bastante alta e, ao entrarmos pela entrada principal, já era possível avistar o mezanino, pois este ocupava apenas metade da casa na parte superior. No mezanino havia um quarto bastante pequeno onde cabia apenas uma cama de solteiro e uma pequena estante e, do outro lado, um quarto grande com uma pequena varanda que dava para os fundos da casa. Este quarto grande não tinha forro no teto e era como se estivesse inacabado em relação aos outros cômodos da casa. Este sempre foi um depósito: onde ficavam os instrumentos, os uniformes para as apresentações, abastecimentos de alimentos, roupas para doação e de tudo um pouco.

Da primeira vez que visitei a Casa, em 2019, tive a impressão de que, apesar de ser a sede do projeto, a parte interna da casa era fundamentalmente a casa de Míriam e o espaço externo era utilizado para realizar os ensaios. Neste período a casa já dispunha de um tablado/palco coberto e bastante amplo, onde eram realizados os ensaios e as apresentações das crianças.



Foto Instagram @aicaepbrasil - 2020

No início do projeto, as crianças usavam o lavabo interno da casa. O que gerava um certo desconforto por parte das crianças, que deviam cuidadosamente pedir licença para entrar na casa da maestrina e usar o banheiro. Muitas ficavam tímidas para usar o banheiro dentro da Casa, gerando um certo constrangimento. Alguns anos depois, foram construídos dois banheiros na parte externa, próximos ao palco. Um banheiro masculino e um feminino, equipados ambos com vaso sanitário, chuveiro e pia.



Autoria da foto: Rosi (2024)

Legenda: Banheiros externos para os alunos da associação

2.2 A Casa e a Música

Trago agora imagens da Casa da Música completa, com todos os espaços presentes em conjunto, funcionantes, em plena atividade, a todo vapor.



Foto instagram @aicaepbrasil – 2021 Dia de ensaio



Autoria da foto: Marlyn

Legenda: Gincana e caça ao tesouro no dia das crianças 2021



Autoria da foto: Marlyn

Legenda: Gincana e jogo da mimica com quadro branco no dia das crianças 2021



Autoria da foto: Julia

Legenda: Casa da Música enfeitada por balões no Dia das crianças – 2021

2.3 A Casa da Música e a Pandemia

Durante a pandemia de 2020, houve uma grande preocupação em relação à fome e ao aumento de casos de desnutrição, uma vez que a Casa da Música oferecia refeições às crianças do projeto. Para amenizar essa situação, e graças a um financiamento de uma ONG italiana chamada “*L’altro mio figlio*”, foi construída a Casa do Pão, sempre na parte externa. Uma estrutura rústica, feita com pedras e cimento, para ser uma extensão da cozinha, com máquinas e equipamentos como forno elétrico e forno a lenha.

Aqui começaram a ser produzidos e distribuídos diariamente centenas de pães artesanais, destinados ao lanche das crianças do projeto e também para pessoas que estivessem em situação de rua e passando fome. Neste espaço também eram realizadas oficinas culinárias de panificação e confeitaria.



Autoria da foto: Julia

Legenda: Dentro da casa do pão em 2021



Autoria da foto: Rosi Zamarra
Legenda: A Casa do pão

Em seguida, foi instalada uma “Casa de abrigo” cujo termo técnico seria Unidade habitacional³⁹, ao lado do palco. Este espaço foi utilizado durante um período para realizar oficinas gastronômicas para as mulheres aprenderem a realizar bolos, pães e alimentos de confeitaria, e quem sabe vender e ter uma renda extra. Em alguns momentos o espaço era cedido para agências parceiras realizarem palestras de conscientização de gênero com mulheres. Palestras sobre nutrição e segurança alimentar também foram realizadas aqui.



Foto Instagram @aicaebrasil – 22 março de 2020.

³⁹ Unidade habitacional é uma estrutura de aço leve, painéis de telhado e parede, portas e janelas, desmontável, utilizada por diversas operações do ACNUR, inclusive no abrigo da população venezuelana. As casas têm vida útil de, em média, dois anos. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2023/01/23/acnur-doa-abrigos-emergenciais-para-comunidade-indigena-warao-no-distrito-federal/>> Acesso em: 08 out. 2024

Neste mesmo espaço, em julho de 2022 foi inaugurada a biblioteca do projeto Mi Casa Tu Casa⁴⁰, que disponibiliza livros infantis para os Canarinhos da Amazônia. Essa biblioteca significou também a concretização de um sonho antigo de Miriam, que apesar de não estar presente em vida, foi feito também em sua homenagem.



Foto instagram @aicaepbrasil 2022
Legenda: Inauguração da biblioteca na Casa da Música



Foto instagram @aicaepbrasil 2022
Legenda: Canarinhos explorando a nova biblioteca

⁴⁰ Mi Casa tu Casa é um projeto desenvolvido pelo Joca, primeiro jornal de notícias voltado para o público infantojuvenil do Brasil, em parceria com a organização internacional Hands On Human Rights, especializada em Direitos Humanos, e o ACNUR, agência da ONU para refugiados. Nosso objetivo é proporcionar acolhimento e contribuir para a continuidade da educação de milhares de crianças e adolescentes refugiados e migrantes venezuelanos. Para isso, arrecadamos livros, cartas e recursos para a construção de bibliotecas nos estados de Roraima e São Paulo. Disponível em: <<https://conteudo.jornaljoca.com.br/mi-casa>>

Este espaço externo já havia sido transformado diversas vezes. Miriam gostava de enfeitar com pedaços de madeira rústicos com uma cruz em cima, como uma casa de presépio. Já havia sido pintado de vermelho por fora em 2021, e em outubro de 2023, estava branco e se desmanchando.



Foto Instagram @aicaepbrasil 2021
Legenda: Biblioteca mi casa su casa enfeitada de presépio



Foto Instagram @aicaepbrasil 2021
Legenda: Caça ao tesouro dia das crianças



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: A biblioteca num dia nublado na casa da música

2.4 Como lidar com o medo da vacina?

A maestrina Miriam Blos havia falecido de COVID-19 depois de tomar a primeira dose da vacina, quando já estava infectada. Alguns membros da equipe estavam desconfiados e acreditavam que a verdadeira culpada pela sua morte era a vacina. Estamos falando de julho de 2021. Ela chegou a ser internada e entubada, em Boa Vista, mas não resistiu.

A vacina tinha acabado de chegar e circulavam muitas teorias conspiratórias e negacionistas. Ao meu ver, depois de perder a grande liderança da organização daquele projeto, todos iriam querer tomar a vacina, achei que aquele acontecimento geraria um movimento de precaução na equipe, mas o efeito foi o oposto. Muitos consumiam o discurso negacionista dos efeitos malignos e até mesmo fatais da vacina.

Em outubro de 2021 o novo diretor musical e sua família também contraíram Covid-19. Ninguém da equipe havia tomado a primeira dose. O ACNUR passou a exigir a obrigatoriedade da imunização da equipe e eu tive muita dificuldade para que isso ocorresse. Apenas depois de mais um membro da equipe ter contraído o vírus foi que, de fato, a equipe se apressou para tomar o imunizante. A maioria da equipe ainda tinha suas dúvidas, era desconfiada, mas já crescia a crença na imunização. Eu expliquei que uma das coisas que me incentivaram a vir para Roraima foi o aceleramento em relação a Brasília sobre a disponibilização da vacina. Em Boa Vista, pessoas da minha idade já estavam prontas para tomar a segunda dose. Em Brasília, eu ainda não podia tomar

sequer a primeira dose. Era contraditório: em Boa Vista sobrava vacina, em Brasília faltava.

2.5 De volta a Casa da Música: presenças, ausências e um Projeto

Como disse, conheci o projeto da Casa da Música em janeiro de 2019. Fiquei na sede do projeto por duas noites. Pude conhecer o início do projeto, mesmo que por um breve período, mas acompanhei de longe sua evolução. Fiquei próxima de Miriam no decorrer daquela visita. Ela sempre desabafava comigo, sempre me mostrava as conquistas do projeto. Ajudamos Miriam divulgando o projeto para missionários⁴¹ da cidade do meu pai no sul da Itália, chamada Lucera, conseguimos uma doação em euro para o projeto⁴², que pôde expandir, matricular mais crianças e passar a oferecer mais refeições por dia. O projeto já teve vários momentos e vários parceiros: momentos em que ele tinha mais recursos e momentos em que ele dependia de doações esporádicas para se manter. Miriam desenvolveu uma rede extensa de parceiros e ajudantes para o projeto. Ela também recebeu pelo seu trabalho com este projeto um prêmio em Genebra de direitos humanos (2019). A partir daí, o ACNUR passou a ajudar financeiramente o projeto de forma mais regular. Os canarinhos da Amazônia eram conhecidos em Boa Vista, Miriam tinha uma história de quase 20 anos de aulas de canto coral para crianças, jovens e adultos na região. O projeto A Casa da Música, já havia passado por várias fases. Já contou com a ajuda de voluntários que davam aulas de português, já pode oferecer 3 refeições por dia, passou de um grupo pequeno de 30 crianças, para um grupo de mais de 80 crianças. Em 2020, eu decidi fazer minha pesquisa de campo ao lado de Miriam na Casa da Música. Ela conhecia a realidade de muitas crianças, que sempre me chamaram a atenção nesse fluxo. Este espaço representava um lugar de troca, de aprendizagem, de criação de laços e afetos. Miriam considerava a Casa da Música um espaço terapêutico para essas crianças, que migram de outro país e ficam muito tempo

⁴¹ Missionários de uma igreja católica que estão envolvidos com uma série de programas sociais no Brasil e já tinham feito inclusive uma visita à Casa da Música para conhecer o projeto em 2018.

⁴² Para conseguir um recurso maior, para expandir as refeições e construir a casa do pão, era preciso convencer o Bispo de Lucera, autoridade de muito prestígio dentro da hierarquia da igreja. Eu fui conversar com ele e apresentei o projeto da Casa da Música, mesmo não tendo beijado a mão do bispo, cheia de anéis com pedras preciosas, o que era uma reverência tradicional dentro daquele espaço e representou uma certa gafe de antropólogo, porque eu não sabia disso, o bispo aceitou apoiar o projeto. Quando voltei para o Brasil, Miriam me deu o título de Embaixadora da paz, por ter representado o projeto internacionalmente.

nas ruas, em ocupações improvisadas, muitas não conseguiam ser matriculadas nas escolas, entre diversas outras dificuldades.

No entanto, a pandemia reverteu alguns planos e eu não pude ir a Pacaraima em 2020. Mas as tensões na zona de fronteira só aumentaram. Fiz meu campo virtualmente nesse contexto pandêmico. A interrupção das aulas representou um marco na vida dessas crianças, os casos de violência doméstica aumentaram, o medo do vírus da covid-19 impactou severamente as crianças e as famílias do projeto.

Os informes sobre o lockdown, em Pacaraima, não foram interpretados da maneira correta. Muitas famílias migrantes achavam que se saíssem na rua seriam presas. Miriam reforçava que não havia uma preocupação do Estado em informar corretamente a população venezuelana que estava fora dos abrigos. Além disso, o fechamento abrupto da fronteira entre Brasil e Venezuela, sem o aviso prévio à população, fez com que uma criança ficasse presa na fronteira do lado brasileiro. Em 2020, durante a pandemia, o Brasil fechou as fronteiras entre Brasil e Venezuela por 1 ano e 3 meses⁴³. Durante esse período, naturalmente, aumentaram as vindas de migrantes irregulares venezuelanos, que vinham pelas *trochas*⁴⁴. Anthony, por exemplo, como apresentado na minha monografia, ficou 7 meses longe da família e voltou pelas *trochas*. Se ele tivesse esperado o fim do decreto, teria ficado mais de um ano longe da família. Tratei o caso como uma migração forçada de um menor desacompanhado e me debrucei sobre essas questões na minha monografia.

2.6 A institucionalização da Casa

Busquei trazer um panorama imagético da Casa da Música para percebermos todo o investimento recebido neste espaço, sua expansão para as laterais e diagonais, que acompanhou também sua gradual institucionalização. Percebemos que os posters das agências internacionais deveriam estar sempre expostos, assim como seus adesivos nos objetos, instrumentos, nas cadeiras, para demonstrar que aquilo havia sido comprado com o recurso daquela determinada agência.

⁴³ “a Portaria Interministerial nº 120, que “dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária -Anvisa”, só foi expedida em 17 de março de 2020 (BRASIL, Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2020). Ribeiro e Sena (2021) fazem uma pertinente análise do fato de a portaria se referir especificamente ao fechamento da fronteira com a Venezuela”. (Lauriola, 2023)

⁴⁴ *Trochas* são os caminhos irregulares de entrada ao Brasil por via terrestre, muitas vezes escolhidas por migrantes quando as fronteiras estavam fechadas.

Durante muito tempo, o projeto dependia de doações esporádicas e pontuais para realização de algum evento específico, compra de material, de atores como o Exército (Operação Acolhida), a Unicef, UNFPA, OIM e o ACNUR. Quando foi formalizado um contrato de parceria exclusivo com o ACNUR em 2019, a Casa da Música teve que realizar algumas adaptações. Inclusive a criação de um logo e de um nome mais institucional. Para poder ser contemplada com repasse de verbas e gerenciar um projeto, surgiu a Associação Internacional Canarinhos da Amazônia Embaixadores da Paz (AICAEP).



Para o ACNUR, A Casa da Música representava a sede de uma ONG, que recebia recursos internacionais, proporcionava atividades musicais para crianças em vulnerabilidade social e administrava estes recursos. Portanto, quanto mais o projeto se expandia, mais era preciso montar uma estrutura adaptada para a gestão deste espaço: era necessário montar um escritório com computadores, documentos, fichas cadastrais, lista de espera, relatórios semanais, mensais e semestrais, ou seja, todo um aparato burocrático e uma equipe qualificada com determinadas funções.

Durante a gestão do ACNUR todos os dias era preciso realizar uma chamada, registrando quantas crianças estavam presentes. De acordo com os critérios do ACNUR, depois de sete faltas injustificadas, a criança seria automaticamente desligada, a não ser que apresentasse atestado médico. No entanto, nem todos os critérios eram compatíveis com a realidade das famílias que viviam em situação de extrema vulnerabilidade. As crianças adoeciam constantemente por falta de saneamento básico, apresentavam sintomas como diarreia, gripes e vômitos. Era preciso manter um contato e monitoramento constante dessas crianças e famílias e reportar ao ACNUR as causas das faltas persistentes.

Como já afirmei anteriormente, Miriam morava naquela casa desde 2016 e pagava 700 reais de aluguel para o proprietário, que era um policial civil de Boa Vista. Quando o ACNUR assumiu o projeto e institucionalizou a casa, com uma série de

adaptações no terreno e construções, como as acima descritas, recebeu o prêmio da ONU em Genebra que também deu mais visibilidade ao projeto, o proprietário decidiu aumentar o valor do aluguel. Este aumento, portanto, também estava relacionado com o valor de mercado gerado pelas agências internacionais na cidade, para além do valor apenas do mercado imobiliário.

Durante as diversas reformas realizadas na Casa, somado ao fato da sede do projeto ser também a casa de Miriam que, naquele período, morava sozinha na casa, vai se tornando um conflito. Para o ACNUR, o espaço administrativo de uma escola não era compatível com o espaço de moradia. Era preciso separar esses dois tipos de espaços. Então, um dos cômodos da casa deveria ser necessariamente o escritório do projeto. Após uma longa negociação, foi decidido que se Miriam quisesse continuar morando ali, ela deveria pagar metade do aluguel, que antes ela pagava sozinha e era um valor inferior, e o ACNUR pagaria a outra metade, nesta época o valor do aluguel da casa foi reajustado pelo proprietário para dois mil reais.

A mistura desses dois tipos de espaços, público e privado, escola e casa, poderiam gerar uma confusão e em alguns momentos até mesmo conflitos, segundo a agência que apoiava o projeto. Circular num espaço que é considerado público, uma escola de música, frequentado por diversas pessoas e saber que aquele também é o lar, propriedade de uma pessoa, estabelecer um tipo de tensão tanto para as crianças que frequentavam a casa, quanto para os agentes internacionais e financiadores do projeto, viam essa fusão de tipologias de espaços como incompatível. Aquele seria tanto o lugar do doméstico/privado quanto do institucional/público e teria, portanto, uma dupla conotação.

Seria preciso estabelecer algum tipo de divisão entre esses dois espaços. Havia uma divisão temporal: de dia, durante as atividades, prevalecia o espaço da casa enquanto escola de música, por isso, o espaço do público e institucional, e de noite, aquele seria a Casa de Miriam e, portanto, privado. No entanto, Miriam não deixaria de habitar sua casa em determinado período do dia, por isso foi acordado uma divisão dos espaços de uso exclusivo de Miriam e espaços de uso exclusivo da escola de música, assim como espaços compartilhados.

Miriam teria um quarto e um banheiro privados, onde não seria permitido a entrada de outras pessoas além dela, e um dos quartos seria o escritório, com todo o aparato administrativo, mesas, armários, computadores, impressoras, fichas de cadastro, documentação etc.

O palco que foi construído do lado de fora da casa seria para uso da Escola de música, onde seriam realizados os ensaios e as atividades, e a sala e a cozinha seriam compartilhados. A cozinha era utilizada para preparar os lanches e as refeições do coral, e também as refeições de Miriam. A sala era utilizada de vez em quando para ensaios específicos ou para gravações de áudio e vídeo devido ao favorecimento sonoro do espaço.

Às vezes parecia que esta divisão estivesse ficando mais consolidada e esclarecida, mas mesmo assim ainda esta “fronteira” era sempre móvel, ora mais escola, ora mais casa, onde se recebe amigos e familiares. Miriam dizia que era como se ela estivesse sempre trabalhando o tempo todo, por morar no mesmo ambiente de trabalho, o que gerava uma carga exaustiva e muito estresse.

Com o passar do tempo e do investimento na estrutura e no projeto, existia um sentimento de que era como se a casa fosse se tornando cada vez mais uma extensão do ACNUR. Tanto fisicamente, com seu logo espalhado por todos os cômodos da casa e nos objetos, quanto era sentida pelas pessoas que trabalhavam ali. A ideia de que AICAEP perderia sua identidade e autonomia e se tornaria ACNUR era percebida como uma invasão de espaços por um casal de funcionários do projeto, que chamarei a partir de agora pelos nomes fictícios de Filomena e Gustav. Ambos repetiam constantemente “aqui não é ACNUR, aqui é AICAEP”. Esta percepção não era compartilhada por todos os membros da equipe do projeto. Os maestros, por exemplo, chegaram a sugerir que o uso de um colete de tecido do modelo do ACNUR poderia ser útil no trabalho. Na época, interpretei isso como um sinal de busca de aproximação com a agência e não um distanciamento, ou ainda um desejo por uma vestimenta que, de algum modo, conferia status e autoridade.



Autoria da foto: Julia Lauriola (2021)
Legenda: Colete do ACNUR

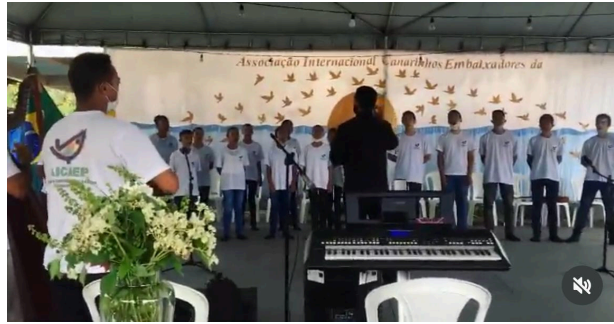
Frequentemente a Casa da Música recebia visitas institucionais de pessoas do alto escalão do ACNUR e era importante sempre recepcioná-los com uma apresentação e com o ambiente organizado. Era estendido um pano branco e azul celeste com vários canarinhos dourados com a escrita “Embaixadores da paz” no topo das duas extremidades da cobertura do palco. As duas bandeiras do Brasil e da Venezuela ficavam à vista e cruzadas. Flores eram colhidas no jardim e pelas redondezas e enfeitavam a mesa onde os espectadores assistiam ao espetáculo.



Foto instagram @aicaepbrasil coro Base e Jose Egas, chefe de escritório do ACNUR e amigo de Miriam no dia da homenagem a Miriam Blos – 2021



Autoria da foto: Julia 2021
Legenda: Apresentação para o ACNUR



Apresentação coro base print vídeo – 2021



Instagram @aicaepbrasil – 2021

Visitas de pessoas importantes dentro da hierarquia do ACNUR eram relativamente frequentes: uma ou duas vezes por mês, cargos como Alto Comissário Assistente, Chefe de Escritório, Chefe global de operações, entre outros cargos do ACNUR. As nacionalidades eram bem variadas, alguns eram da Colômbia, outros do Kenya, da Espanha, entre outros países. A associação também recebia visitas de autoridades do exército (Operação Acolhida), ONGs parceiras e amigos. Todos sempre eram recepcionados com algum tipo de apresentação musical. A depender da importância hierárquica da visita, o espaço seria mais ou menos elaborado. Os uniformes para apresentação seriam os mais prestigiados ou não. O ACNUR nos avisava com antecedência e os ensaios também se intensificavam na véspera da grande e importante apresentação. Em 2019 algumas crianças viajaram para se apresentar em Brasília ao presidente da República na época, Jair Bolsonaro. Em 2021 o projeto recebeu a visita da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. Todos prometiam apoio ao projeto, o que nunca aconteceu.

2.7 O luto inesperado

Em junho de 2021 recebo um telefonema de Miriam. O ACNUR havia aberto uma vaga no projeto da AICAEP para Coordenadora de Projetos. Essa vaga precisava de alguns requisitos, como ensino superior completo, inglês fluente, etc. Nessa época ainda não tínhamos o imunizante da Covid-19 para a minha faixa etária em Brasília e Boa Vista já estava aplicando a segunda dose do imunizante. Fiz o processo seletivo, fui selecionada e comprei minha passagem para Roraima.

Para mim, todos os cenários pareciam favoráveis: tinha acabado de me formar em antropologia pela UnB, teria uma oportunidade e experiência de trabalho onde eu poderia realizar atividades com as crianças, atividades que eu e Miriam conversávamos muito em realizar, como dar aulas de pintura em cerâmica, dar aulas de culinária italiana, dar aulas de idiomas, ensinar músicas em outros idiomas, entre outras coisas. Miriam sabia que durante a pandemia eu havia começado a dar aulas de arte para crianças. A partir de fevereiro de 2021, em Brasília, algumas famílias me acionaram para dar aulas para seus filhos que ainda tinham as aulas suspensas presencialmente, para ajudar a motivar o potencial artístico de seus filhos, que durante a pandemia não saíam dos computadores ou dos tablets. Essa experiência de professora de artes havia sido muito boa e Miriam sempre me motivou nesse percurso por também trabalhar com crianças, arte e música.

Miriam sempre gostou de diversificar seu repertório musical. Ela ensinava até mesmo músicas em língua árabe para as crianças. Sempre trazia a história daquela música, o contexto de sua cultura, buscando despertar o interesse pelas diferenças e aprender a valorizá-las, expandir os horizontes das crianças. Ela se dizia amante das mais diversas culturas. O projeto sempre foi pensado no sentido da interculturalidade, das trocas culturais entre Brasil e Venezuela, principalmente, mas também entre as outras culturas. Algumas crianças indígenas warao e pemonas também faziam parte do projeto.

Eu estava com frio na barriga em saber que iria ficar pelo menos 6 meses (tempo do contrato de trabalho) em Pacaraima. Miriam estava muito animada com a minha chegada e isso me motivava. Ela me mandava vários áudios e fazíamos muitos planos a partir desse reencontro. Quatro dias antes de eu chegar, o coração de Miriam parou de bater. Fiquei arrasada. Nunca chorei tanto. De imediato, senti que nossos planos viraram fumaça.

Quatorze dias antes, Miriam começou a sentir falta de ar. Ela ficou preocupada e tomou a vacina contra a covid-19 quando ela já estava infectada. Foi transferida para a UTI mas seu estado já estava muito grave, com mais de 85% do pulmão comprometido. Tudo aquilo para mim parecia inconcebível. Ela falava comigo, mandava áudio, ria, ensaiava com as crianças, cantava! Como uma doença pode tirar a vida de uma pessoa assim tão rápido? Acompanhei cada laudo médico, tenho a imagem daquele “risco iminente de óbito” em letras maiúsculas gravada em minha mente. Mesmo assim, eu não acreditava. No início da internação, Miriam ainda me mandava mensagens escritas por Whatsapp. Sua última mensagem foi: “minha querida, independentemente do que aconteça, eu quero que você cuide das minhas crianças” e eu prometi que cuidaria delas. Indescritível o peso e a carga dessa responsabilidade. Eu tinha consciência de que as condições haviam mudado e de que eu não deveria levar essa responsabilidade de cuidar das crianças ao pé da letra. Mas será que eu tinha mesmo? A data da viagem chegou, e eu fui.

Era inacreditável. Todos estavam inconformados. Miriam estava bem alguns dias antes e de repente partiu, sem aviso prévio, me diziam muitas pessoas. Ninguém estava preparado para lidar com essa perda. Foram meses para aceitar ou cair a ficha de que ela de fato não iria mais voltar.

O sentimento que eu tive ao chegar em Boa Vista foi muito estranho. Depois de 2 anos de isolamento, eu chegava em outra cidade para tomar a vacina e começar um novo trabalho em um lugar diferente sem a única pessoa que eu conhecia no projeto e em Pacaraima.

Eu pude ficar uma semana em Boa Vista para tomar a vacina⁴⁵, em seguida, já tinha que me encaminhar para Pacaraima. O contrato com o ACNUR já tinha entrado em vigor e os tempos não param. O coordenador administrativo, que tinha realizado uma reunião comigo e com Miriam virtualmente um mês antes, me buscou de táxi às 4:30 da manhã em direção à serra de Pacaraima. A viagem de táxi até Pacaraima durava 4h. Fazíamos uma pausa na metade do caminho para esticar as pernas e comer paçoca ou um salgado, e retomamos a viagem. O valor da ida era de 70 reais por pessoa: pessoas, que viajavam com malas e sacolas. Alguns táxis tinham 6 lugares, porém não tinham porta mala. Por eu ser, na maioria das vezes, a mais baixa dos viajantes, cabia a mim ficar atrás no porta malas com todas as bagagens. Isso se repetiu durante muitas idas e vindas. Lembro-me que, em uma das viagens, viajei com uma impressora no

⁴⁵ No caso de Boa Vista, a procura de vacina era baixa e já estavam vacinando meu grupo etário.

colo. A estrada era de terra e tinha vários buracos, era preciso desviar com cautela. Os táxis viajavam a uma velocidade alta, mas tinham o conhecimento da pista e faziam aquele percurso várias vezes por semana. Dávamos voltas ao subirmos a serra e a temperatura caía cada vez mais.

Quando avistei a casa, segurei o choro. Miriam não iria abrir a porta para me receber como da outra vez. A casa cor de rosada, no alto de uma colina rodeada por flores, não tinha mais o mesmo brilho. Quem abriu a porta foi uma senhora em prantos, Filomena. Era impossível não sentir dor. Ela me conduziu imediatamente até o quarto de Miriam. Tudo estava do jeito que ela havia deixado. O cheiro de Miriam ainda estava no quarto e a qualquer momento parecia que ela iria voltar.

Filomena me mostrou a Associação e as conquistas do projeto. Tudo estava bem diferente desde quando eu conheci a Casa da Música em janeiro de 2019. A Casa do Pão havia sido construída, os banheiros tinham ficado prontos e a biblioteca estava sendo encaminhada, tinha sido pintada, os livros já haviam chegado e as estantes já tinham sido montadas.

Assim que cheguei, tive que dormir no quarto de Miriam. Todas as noites eu tinha pesadelos. Às vezes eu acordava de madrugada e lia os livros de Miriam. Uns de meditação, outros de teologia. Não sei se eu estava em busca de alguma pista ou se eu estava tentando me conectar com ela de alguma forma, entender como eu deveria me comportar ali ou coisas do tipo. Depois de uma semana, entendi que eu precisava sair dali, até porque o ACNUR não permitia que ninguém dormisse na associação.

2.8 Procurando outra Casa

Vanessa, uma funcionária do ACNUR que trabalhava com a Associação, disse que a colega de quarto dela havia sido transferida provisoriamente para a Colômbia e que seu quarto ficaria livre por alguns meses. A casa ficava relativamente próxima da associação. Visitei o espaço e gostei bastante. Era uma casa pequena, simples, mas muito bem cuidada. Por dentro parecia mais nova do que as outras casas de Pacaraima, tinha mobília, eletrodomésticos e tudo. Eram dois quartos, um banheiro e uma cozinha. Não tinha sala. Tinha uma entrada que dava para a cozinha, mas não era uma sala. Naquele contexto, uma sala não parecia ser tão útil, muito menos imprescindível. Me impressionou de qualquer forma o preço do aluguel dessa casa, que com luz, água, internet, ficaria no valor de 2.500 reais. Os preços inflacionários dos aluguéis de

Pacaraima me surpreenderam. O poder aquisitivo das pessoas que habitavam aquela região não parecia condizer com esse valor de aluguel. Até duas meninas que estavam lá a trabalho, de carteira assinada, optaram por dividir o aluguel. Fiquei lá durante praticamente um mês, mas não deu muito certo pois aquela casa havia sido assaltada há alguns meses atrás. Uma amiga de Vanessa que estava hospedada lá foi surpreendida pelos assaltantes de madrugada: “Ela acordou com uma faca no pescoço e eles disseram que se ela não fizesse nada, não iriam fazer nada com ela. Eles roubaram minhas roupas e comida. Eram venezuelanos.”

Vanessa me dizia que não tinha se recuperado ainda do trauma da amiga e que tinha muito medo daquilo acontecer de novo. O mais chocante nessa história foi perceber os itens que eles pegaram: roupas e comidas. Itens básicos. Não estamos falando de celular, computador, eletrônicos ou coisas “de valor”. De valor para quem? Eles sabem que nós trabalhamos no ACNUR, temos mais poder aquisitivo, então nos tornamos alvos também”. Depois de poucas semanas em Pacaraima, já comecei a ficar preocupada pela falta de segurança.

No projeto, precisávamos contratar um novo diretor musical, que substituiria Miriam. O maestro Ricardo, amigo de Miriam, havia indicado um músico muito experiente que ensinava música no conservatório da Venezuela. Ele era professor universitário e ministrava orquestras. Tinha um currículo vasto no campo musical e era muito bem qualificado para a vaga. Seu nome é Francisco. Ele atravessou a fronteira com a família para trabalhar na escola de música. Eles estavam provisoriamente em uma casa mas também precisavam alugar um espaço. Procuramos vários lugares, várias casas, conversamos com alguns moradores se eles sabiam de alguma casa disponível, se podíamos conversar com o proprietário. Quando Francisco tentava negociar aluguéis, nunca dava certo. Ele afirmava que os moradores tinham uma forte resistência em alugar esses espaços para o público venezuelano. Eu também estava nessa busca e queria encontrar um lugar mais barato. Me falaram de uma pessoa que talvez conhecesse outra pessoa, que talvez soubesse de algum lugar. Entre essas indicações, cheguei a encontrar uma kitnet a um preço mais acessível, mas era muito afastada da Escola. A proprietária não estava, mas consegui conversar com a vizinha. Ela disse que a senhora cobrava 600 reais por mês. Só não alugava para venezuelanos.

De qualquer forma, os aluguéis eram caríssimos. Nessa intensa busca por casas acessíveis, encontramos uma casa com duas suítes grandes muito próxima à Casa da Música. O piso da casa era torto, pois foi construído numa descida, quando eu entrei,

tive essa sensação que depois foi confirmada por todos os objetos e a água, que iam descendo para o mesmo lado. A casa era antiga, mas as descargas funcionavam (quase sempre) e um dos banheiros tinha chuveiro elétrico.

A grande vantagem, de acordo com o proprietário, que nos mostrou a casa, era que ela tinha um muro alto e cerca elétrica. A cerca elétrica não funcionava, ele disse. Mas o fato dela existir “já espantava os bandidos”. A casa não tinha nada além da estrutura. Não tinha geladeira, ou fogão, ou camas. Não era mobiliada. Ele queria 1.500 reais de aluguel. No final, entendi que eu não encontraria um aluguel tão acessível para morar sozinha e, aliás, eu também não queria morar sozinha. Decidimos que iríamos rachar o aluguel em três. Eu, Francisco (com a esposa e os dois filhos), e Leno, que morava em Boa Vista. Eu ficaria com uma suíte, Francisco e a família na outra e Leno ficaria na sala quando viesse para Pacaraima.

Alguns meses depois, uma parte da família de Francisco veio para Pacaraima, sua mãe, sua irmã, três filhos, um sobrinho, e *Cotufa*, a cachorrinha. Eles ficaram conosco na casa por algumas semanas porque estavam aguardando o processo de interiorização. Depois, Francisco decidiu alugar outra casa para a família. Eu fui acionada para convencer a proprietária brasileira, viúva e dona de outras 5 casas em Pacaraima, a alugar para a família de Francisco. A casa ficava em cima de um comércio, tinha 3 quartos e 2 banheiros, mas não tinha chuveiro e somente um banheiro estava funcionando. Ela pediu 1.500, negociamos por 1.300, mas no mês seguinte ela quis aumentar o aluguel. Ficava me mandando mensagens constantemente, dizendo que tinham 15 pessoas morando na casa e que ela iria expulsá-los de lá.

2.9 Trabalhar na Casa da Música

Assumi o projeto muito fragilizado. Vi como Miriam, brasileira, era a mediadora entre a população local brasileira, o exército, órgãos governamentais e parte da comunidade venezuelana da região. Miriam era a grande líder do projeto que sempre articulou tudo. Essa centralização gerou muita instabilidade na equipe com sua partida. Muitos não sabiam como se comportar sem os comandos de Miriam. Pude observar muitas coisas. Inclusive que o projeto não era homogêneo: visões de mundo opostas, negacionismo, parte da equipe antivacina, a autoridade do ACNUR. As crianças viam Miriam como uma mãe acolhedora. O projeto sempre foi mais que um trabalho com a música: a Casa era um ponto de informações, escuta, doações e assistência.

Numa região permeada por tantos conflitos iminentes na fronteira, a fome, a violência, insegurança e medo, Miriam criou um espaço que incentiva o fortalecimento de vínculos e afetos, um espaço de trocas culturais que valoriza a diversidade. A Casa da Música foi pensada para ser uma parada ou uma estação, um lugar de boas vindas, facilitando o processo de integração das crianças refugiadas. Por isso a Casa era uma referência, um ponto de apoio para muitas crianças e Miriam estava no centro de tudo isso. Na verdade, no fundo, para muitas a Casa era Miriam. A Casa da Música era onde Miriam estaria para acolhê-las, alimentá-las, ouvi-las e ensiná-las. Miriam passava horas conversando com mulheres e mães desamparadas, dedicava seu tempo para alegrar os dias das crianças, que sentiram sua falta imediatamente. Tanto no distanciamento físico imposto pela pandemia, quanto ainda mais na sua partida definitiva. Foram meses de um luto intenso, as crianças choravam muito. Antes dos ensaios, depois dos ensaios. Traziam flores todos os dias para colocar no piano ou na mesinha de Miriam.



Autoria da foto: Julia 2021
Legenda: Santuário da Maestrina

Eu sentia essa dor nas vozes das crianças, que às vezes, durante os ensaios, soluçavam, tentando segurar o choro, ainda mais por ter sido imposto ao novo diretor

musical continuar com o mesmo repertório de Miriam. Era impossível não lembrar dela, foi tudo muito rápido. Decidi realizar uma oficina de pintura na cerâmica, especificamente no filtro de barro de Miriam com os desenhos e as lembranças e memórias que as crianças tinham de Miriam. A moça de chapéu, que gostava de botas, adorava flores e chá. Cada uma pode fazer um desenho no papel para Miriam e eu ajudei a inseri-los no filtro, porque algumas crianças não queriam que “borrasse e ficasse feio”. Ver como as meninas ficavam felizes e depois queriam mostrar para todo mundo seu desenho no filtro barro, participando da memória de Miriam, contando histórias de Miriam durante esse processo, foi muito emocionante. Acredito que essa dinâmica também contribuiu para fortalecer a autoestima das meninas, abrindo novos horizontes de possibilidades. “Agora eu também vou pintar e vender vasinhos”.



Instagram @aicaepbrasil 2021

Legenda: Oficina de pintura para as crianças em memória da Maestrina Miriam Blos



Instagram @aicaepbrasil 2021
Entrega de um chapéu como símbolo da Maestrina Miriam Blos para seu amigo José Egas, chefe de escritório do ACNUR.



Instagram @aicaepbrasil 2021
Inauguração da placa do reconhecimento do ACNUR em homenagem a Miriam Blos

Trabalhei por 6 meses em Pacaraima na Casa da Música como coordenadora de projetos. Durante este período pude perceber diferentes dinâmicas que aconteciam internamente no projeto, mas também num contexto mais amplo, fora do projeto. É claro que durante esse período eu tinha outros tipos de obrigações que não os de uma pesquisadora. Eu tinha que entender como a escola funcionava e ao mesmo tempo tomar decisões importantes. Afinal, eu tinha o cargo mais alto dentro do projeto. De um lado, aquilo não parecia certo para mim, sendo essa minha primeira experiência de trabalho como coordenadora de uma equipe.

No início, foram feitas reuniões com toda a equipe para discutir a respeito das atividades. Eu perguntava a todos coletivamente o que cada um pensava. Isso já foi

absorvido de forma ambígua por algumas pessoas que não estavam acostumadas em dar suas opiniões ou que tivessem relevância em termos de tomar uma decisão democraticamente. A maioria da equipe era acostumada a receber ordens e executar. Achar que todos tinham o mesmo peso em suas falas era algo novo. Era claro pra mim que a maioria sabia muito mais do que eu sobre o projeto, por já trabalharem lá há mais tempo. Dialogar com eles era algo fundamental para mim, mas estranhado por muitos.

Quando cheguei em Pacaraima, muitas pessoas queriam me ensinar como o "barco tocava", mas concretamente, ninguém sabia como fazê-lo. Quem sempre cuidou de tudo foi Miriam. Ela iria me guiar. Ela queria uma pessoa para ajudá-la pois estava muito sobrecarregada. As demandas e exigências do ACNUR eram altas. A familiaridade necessária com documentos, relatórios, ferramentas de excel, word. Eu sabia que o ACNUR financiava o projeto, mas em todas as reuniões a agência também reforçava a autonomia do projeto AICAEP. Nós tínhamos liberdade para preparar os eventos, as aulas, mas raramente, se algo fugisse do que já estava aprovado pelo "contrato", teríamos esse apoio. Nesse sentido, era muito difícil providenciar tipos de materiais alternativos para uma dinâmica diferente, por exemplo. Ou era preciso elaborar um documento detalhado que demoraria tempo até chegar ao último estágio de decisão do ACNUR. Toda mudança de rota passava por uma escada burocrática longa e muitas vezes, ao chegar ao topo, não era aprovada. Por isso, as aulas de música e a rotina de aula das crianças era mais ou menos estável. De qualquer forma, eu não era formalmente responsável pelas aulas, mas, sim, pela documentação e prestação de contas. Toda semana havia um relatório a ser redigido, havia pendências nos cadastros, contatos a serem feitos, entre outras coisas. Decifrar os enredos de todas aquelas atividades e tarefas foi desafiador.

2.10 A casa da música: ausências, presenças e outros personagens

Durante os primeiros meses pude entender que o luto, a perda de Miriam, não havia sido ainda processada por parte de um casal venezuelano que trabalhou muitos anos ao lado de Miriam, Gustav e Filomena. Eles sofriam muito, choravam constantemente. No entanto, para eles, as coisas deveriam permanecer exatamente do jeito que eram, o que era impossível sem a presença de Miriam. Por isso, a legitimidade da nova equipe, eu como coordenadora e o novo diretor musical não foi bem aceita. No início o casal me recebeu super bem, eu confiava neles e eles também, mas havia muitas

coisas que não se encaixavam. Assim que eu cheguei, eles fizeram questão de me “atualizar” sobre tudo que já havia acontecido naquele projeto. Me contavam histórias assustadoras, pessoas infiltradas, membros da equipe que embebedavam crianças, pessoas que roubavam o suprimento, assaltos, e muitas outras histórias conspiratórias. Todo o pior tipo de ser humano parecia ter passado por aquele projeto, de acordo com esse casal. Mas agora eu estaria ali para “salvar a pátria”, porque eu era como uma filha para Miriam e eu iria seguir o caminho que ela trilhou. Uma visão extremamente religiosa. Como poderia eu ser essa grande heroína? Eles realmente acreditavam que “a fé iria me iluminar.”

O casal venezuelano era evangélico. A escola de Música tinha uma articulação com dois pastores brasileiros de Boa Vista. Eles vinham sábado sim, sábado não a Pacaraima para fazer atividades com o Coro Base, grupo de alunos mais velhos que estavam na casa da música há mais tempo. Eles também forneciam presunto e queijo para complementar os lanches das crianças. Filomena fazia questão de representar a escola nos encontros com esses pastores. Eu fui uma vez ver como era a dinâmica dos encontros. Depois das histórias bíblicas tinham também algumas atividades de gincana, de corrida, as crianças, em geral, gostavam, mas nem todas. Algumas crianças achavam os jogos muito competitivos e, como as idades variavam muito, algumas acabavam se machucando. Alguns pais também preferiam não levar seus filhos. Filomena, nas aulas do coral, sempre fazia questão de perguntar para cada um porque não tinham ido no encontro com os pastores. Fiquei me perguntando se o casal almejava um apoio financeiro de ordem religiosa e não um acordo internacional com o ACNUR. A associação já havia passado por outros acordos de parceria. Eles diziam sentir falta de uma doutrina/educação mais religiosa. Havia uma disputa entre cada ator. Tanto o ACNUR, quanto o casal, acreditavam na sua superioridade moral. O casal costumava criticar o manual de ética do ACNUR, que reforçava um respeito à comunidade LGBTQIAPN+⁴⁶, por exemplo.

O casal venezuelano, homem e mulher, que aqui irei chamar por nomes fictícios, Gustav e Filomena, foram acolhidos por Miriam. Eles eram pessoas próximas de Miriam, conheciam o projeto há mais tempo, tiveram muitas experiências, sabiam quais eram as dinâmicas do projeto e por isso eram muito importantes para nós. No entanto, toda essa bagagem parecia ter se transformado em superioridade. Sem Miriam, eles se

⁴⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexual, Assexual, Pansexuais e Polisssexuais, Não-binários, +

sentiram no direito e na autoridade em buscar um controle e exercer a liderança da equipe. Filomena chegou até mesmo a tentar dar aulas de música para as crianças, sem nenhuma formação.

O casal era extremamente respeitado e temido, ao mesmo tempo. Os maestros musicais, por exemplo, que estavam muito mais próximos das crianças, não tinham essa visão apreensiva sobre o ACNUR. Como era possível, então, que até mesmo as pessoas responsáveis formalmente pela educação musical das crianças não tinham autoridade para contrariar os responsáveis pela limpeza e jardinagem? Este casal que buscava dominar e controlar absolutamente tudo na casa de música eram chamados pela comunidade dos pais dos canarinhos como os “guarda-costas” de Miriam. Talvez Miriam tivesse dado a eles um certo tipo de poder. O poder em si não existe; existem práticas ou relações de poder. Miriam ficava sozinha naquela Casa, sua família morava em Boa Vista. Ela parece ter criado um vínculo com o casal, que foi adentrando cada vez mais na institucionalização da casa. As falas do casal eram num tom de voz alto, impositivo. Se posicionavam em cima do palco e apontavam o dedo em direção aos culpados. Era difícil dialogar com eles e até mesmo as faltas de algumas crianças foram justificadas pelo “*mi hija tiene miedo de la señora Filomena*”.

2.11 As regras e a mediação

A rotina de aulas da escola passou por várias configurações. Quando eu cheguei, a dinâmica era a seguinte: Grupo A e Grupo B dos *coralitos* (crianças de 6 a 10 anos de idade). O grupo A tinha aulas segunda e quarta de manhã, de 8h às 12h, e o Grupo B tinha aulas terça e quinta no mesmo horário. O Coro Base se reunia de segunda a sexta das 14h às 18h. Esse era o cronograma oficial aprovado pelo ACNUR.

Assim que cheguei, pude ver como era rígido seguir ao pé da letra este cronograma, pois havia um certo “medo” do ACNUR aparecer de surpresa e conferir se as aulas estavam sendo realizadas de acordo com o horário estabelecido no contrato de parceria. Com o tempo, pude ver que essa pressão toda era falsa, mas existia. Era falsa a ideia de que o ACNUR iria reprimir as crianças por “não estarem cantando direito” ou iria reprimir os membros da equipe se tudo não estivesse bem arrumado. Não havia nenhum ACNUR onipresente que fosse reprimir, mas todo esse discurso gerava efeitos e foi muitas vezes dirigido às crianças quando elas “não se comportavam”.

Toda essa pressão, que se traduzia numa repressão direcionada às crianças e membros da equipe, vinha mais especificamente desse casal venezuelanos responsáveis formalmente pelos cuidados do jardim e da limpeza. Paralelo a isso, o ACNUR era o principal responsável pelo financiamento das atividades e o casal projetou nele a entidade de controle repressora ao projeto. Toda essa construção servia para exercer o controle, inclusive sobre os corpos das crianças e membros da equipe. O casal conseguiu produzir um tipo de saber sobre o ACNUR e, assim, dominavam e exerciam poder. Dizer, por exemplo, que as crianças estavam cantando mal no final do ensaio e que, por isso, o ACNUR iria quebrar o acordo de parceria era rotineiro. (FOUCAULT, 2021)

O mais espantoso, para mim, foi observar que o maior objetivo a ser atingido, enquanto método de adestramento, era o controle absoluto sobre os corpos daqueles pequenos sujeitos. Por meio de um olhar, de um som, um gesto, eles visavam conseguir transmitir um comando imediato, uma ordem a ser cumprida instantaneamente. Quantas vezes eles faziam discursos até 19h da noite com as crianças. Lições de moral, discurso religioso, como se comportar, a importância de obedecer, Deus está o tempo todo vendo tudo. Ninguém conseguia pará-los e o discurso era sempre o mesmo. A palavra que todos ouviam exaustivamente era “disciplina”. O casal falava abertamente e com orgulho o quanto que eles valorizavam, por exemplo, a disciplina militar. O sonho deles era conseguir uma vaga para os filhos numa escola militar (que não existia em Pacaraima). Lá eles teriam o melhor tipo de educação, sendo este o melhor método de adestramento. Insistiram muito para que o aquecimento do coral em certos dias fosse uma marcha militar. As crianças permaneciam horas concentradas, tinham um controle respiratório acentuado, atingiam notas agudas. Depois de um dia exaustivo de ensaio vocal, elas não podiam tomar sopa ou alimentos quentes. Tinham que ter todo um cuidado com as cordas vocais.

2.12 Gestão do Projeto

Havia, no entanto, muitas incoerências. Algumas exigências do ACNUR eram sempre muito difíceis quando aplicadas a realidades e necessidades específicas das famílias do projeto. Como disse anteriormente, existia uma regra clara: depois de 7 faltas injustificadas a criança perdia a vaga na associação. Em caso de adoecimento, era preciso um atestado médico. Quando eu recebia as listas de presenças, que eram

impressas diariamente, e via que o mesmo aluno(a) não vinha havia alguns dias, perguntava para os maestros. Na maioria das vezes os maestros falavam comigo antes mesmo de eu perguntar para justificar as ausências contínuas de alguns alunos(as). Eles tinham os contatos das famílias dos alunos, sabiam onde eles moravam e ligavam para entender o porquê da ausência das crianças.

Uma vez uma aluna muito querida, que quase nunca faltava e fazia parte do coro base, sendo este o grupo das apresentações mais importantes, pegou uma micose muito severa e estava com a pele toda ferida. Ela tentava cobrir os ferimentos pelo corpo para não ser discriminada pelo grupo das demais crianças. Os pais chegaram a levá-la até o posto de saúde, tinham a receita, mas não tinham como comprar o remédio, que era mais caro em Pacaraima. A suspeita era de esporotricose, uma doença transmitida por gatos, que gera feridas na pele, que “coça e arde muito”. Chamei Sofia (a aluna em questão), que na época tinha 8 anos, para conversar, vi os ferimentos espalhados por todo corpo, chegavam até os pés, perguntei se ela sentia dor, ela balançou a cabeça afirmativamente e disse que coçava muito. Tinha muitas feridas nas extremidades, nas mãos, nos braços, nos pés, partes difíceis de esconder. Perguntei onde coçava mais e ela discretamente levantou a blusa e me mostrou a barriga, também cheia de lesões. No dia seguinte, fui a Boa Vista e comprei a medicação com a receita, descrevi a aparência e o grau de avanço da micose. Sofia fez o tratamento e dentro de 2 semanas já estava boa e as feridas não coçavam mais. As cicatrizes dos ferimentos, manchas e pontinhos brancos, espalhados por todo corpo, não saíram de sua pele. Fiquei me perguntando como era a casa de Sofia...

A grande maioria das faltas era devido a problemas de saúde da criança. Vale a pena lembrar que em 2021 a covid-19 ainda tinha números altos de transmissão, a vacinação já estava disponível para o público adulto, mas não para as crianças. No entanto, não se tratavam de surtos de covid-19, por mais que surgisse sempre a dúvida. No relatório mensal de 2021 apresentado ao ACNUR, na sessão de DIFICULDADES E OBSERVAÇÕES escrevo: “A maioria das faltas desse mês foram justificadas por mal-estar e problemas de saúde da criança. Os principais sintomas foram gripe, febre e cinco crianças apresentaram vômito e diarreia. A orientação sobre o consumo de água potável será reforçada.” O adoecimento constante das crianças do projeto estava em grande medida relacionado às condições de moradia, o que só pude entender mais tarde visitando as ocupações, onde viviam a maioria dos alunos do projeto, como falta de saneamento, moradias precárias, às vezes muito expostas ao frio, falta de água

potável, entre outras complicações.

2.13 “Aqui não entra qualquer uma”

Com o passar dos meses, pude entender que não era só o “esquecimento” das fichas ou a falta de treinamento para lidar com documentos administrativos. A rotatividade de crianças não era “interessante” para alguns membros do projeto. Ao atualizar as fichas (pelo menos identificar quem já não estava mais no município) liberei 23 vagas. Imediatamente peguei a lista de espera para realizar ligações, contactar as famílias e saber se elas ainda tinham interesse em inscrever seus filhos, disse que eles tinham que passar por uma audição de música para saber em qual turma ou nível seriam inscritos. A lista de espera também continha nomes dos possíveis alunos e idades. A funcionária de limpeza, Filomena, solicitou que não contasse nenhuma família que tinha filhas com mais de 12 anos. Regra que, estranhamente, valia apenas para as meninas. O projeto atendia crianças de 6 a 17 anos. Então, não entendi. O motivo, na verdade, era que meninas que estavam começando a entrar na adolescência, na *puberdade*, não tendo feito parte do mesmo processo educacional fornecido pela escola de música, poderiam gerar “conflitos” com os outros alunos que estão lá há mais tempo. Dentro da lógica do discurso em que “uma maçã podre pode contaminar as outras”.

Tive que ouvir também que, nessa fase, a partir dos 11 ou 12 anos, as meninas começam a mudar de corpos e podem “provocar” os meninos. Isso parecia ser algo extremamente ameaçador em sua percepção. Ou seja, a *precocidade* das meninas parecia ser bem mais perigosa do que a dos meninos. O corpo da mulher é um corpo integralmente saturado de sexualidade (Foucault, 2021, p. 113) e, por isso, deve ser constantemente vigiado com mais rigor.

Não é à toa que a mastrina (sempre na fala de Filomena) era tão rígida na vestimenta das meninas. Nada de saias curtas, nada de roupas decotadas, nada de cabelo solto, nada de roupas rasgadas, nada de sandálias abertas. Para mim, às vezes, parecia contraditório uma demanda de vestimenta tão rígida e formal para crianças que estavam em uma situação de extrema vulnerabilidade. Me perguntei várias vezes como as regras do canto coral formal, uniforme, com postura firme e de alta performance, se adaptariam a realidade de muitas crianças. Era um equilíbrio ténue e que devia ser gerenciado de maneira cautelosa. Me lembro de um episódio onde uma menina pequena

de 7 ou 8 anos foi repreendida severamente na frente das outras colegas, por não ter passado gel suficiente no cabelo e prendido bem o “coque”.

Mesmo dois maestros e um diretor musical gerenciando uma turma de 30 crianças, o casal vigiava todas as aulas. Um dia, durante o recreio, depois de servirem o lanche, uma menina de aproximadamente 8 anos pediu permissão para ir ao banheiro. Filomena esperou a menina voltar, foi até o banheiro e saiu enfurecida. Começou a andar de um lado para o outro nervosa até que interrompeu a aula do diretor musical. A menina havia derrubado migalhas de pão no banheiro. Filomena ficou cerca de 20 minutos gritando com a turma e apontando a culpada, pois todos sabiam que a regra era jamais comer no banheiro. Ela trouxe uma pá e uma vassoura para a menina limpar a própria sujeira. O constrangimento diante dos colegas foi tão grande que a menina ficou imobilizada, não conseguia sequer chorar. A menina ficou 2 semanas sem comparecer às aulas. Junto a vigilância constante, estavam entrelaçados também os riscos da punição. (FOUCAULT, 2021)

Existiam comportamentos e ensinamentos que o casal considerava que não estivessem sendo levados adiante com a nova equipe. O novo diretor musical que assumiu a posição de Miriam tinha outra metodologia de ensino. Era professor universitário de música na Venezuela, dirigiu orquestras e tinha um vasto conhecimento musical. Dominava muito bem diversos instrumentos e ensinava várias técnicas de performance. Fez outros tipos de dinâmicas, mostrava as notas musicais e o tempo de cada uma em vídeos, slides. Apesar de não ser um professor de canto coral em igrejas, ele seguia o repertório musical de Miriam. Conforme ele foi conquistando a confiança da turma, as próprias crianças foram percebendo sua evolução. Francisco inclusive trouxe uma família de violoncelistas e violinistas para ensaiar com o coral e realizar uma apresentação natalina no final do ano na escola municipal de Pacaraima. Era uma família que pretendia interiorizar, mas estavam aguardando a documentação e eram músicos. Francisco ensinou, inclusive, os dois maestros a dirigem o coral, pois antes eles entravam mais como músicos. Diego tocava *arpa ilanera* e Jean tocava *cuatro venezolano*. Não eram eles que dirigiam o coral. Já Francisco achava importante que eles também aprendessem essas técnicas para dirigir um coral.

2.14 A longa lista de espera

Me surpreendeu o fato da longa lista de espera. Uma lista de espera que era sempre atualizada pelos maestros, mas muitas vezes “perdida” pelas pessoas responsáveis da administração. A ficha de cadastro de cada aluno precisava preencher os critérios burocráticos do ACNUR. Documentos atualizados, solicitação de refúgio em dia, comprovante de residência, autorização do uso de imagem, autorização para viagem, documento dos pais e foto 3x4. Assim que cheguei, a grande maioria dos dados das crianças estavam desatualizados. No entanto, não era só questão da validade dos documentos, onde muitos estavam vencidos ou já haviam mudado de endereço: quase metade das crianças cadastradas no projeto já não estavam mais lá. Muitas já haviam sido interiorizadas havia meses.

Um dos primeiros passos foi entender melhor quem ainda fazia e quem não fazia parte do projeto. Minha perplexidade foi de que tínhamos vagas disponíveis, já que essas fichas de cadastros pertenciam a crianças que não faziam mais parte da escola. Paralelamente a isso, havia muitas crianças querendo entrar. Entendi que a papelada, o *redtape*, foi algo deixado de lado durante muito tempo pela associação.

De qualquer forma, essa dinâmica de transição exige uma constante atualização das fichas de cadastro das crianças. Lacuna tremenda por parte da administração. A verdade é que Miriam estava tentando justamente construir uma equipe estruturada para ajudá-la com essa lacuna. Ela se sentia muito impotente quando a fiscalização do ACNUR, que segue padrões rígidos burocráticos, alertava ela dessas pendências. O *modus operandi* do ACNUR não abria exceções. Era preciso lidar constantemente com formulários, relatórios financeiros, relatórios de performance, reuniões, entre muitos outros. O medo de perder a parceria era real e iminente. Não foi à toa que eles forneceram duas vagas remuneradas para ajudá-la nesse processo. Talvez assim o projeto finalmente tivesse alcançado o nível de excelência e perfeição que Miriam sempre almejava.

Com o tempo, as crianças brasileiras foram deixando o projeto. O que pude observar, e o que Miriam sem dúvidas também havia percebido, é que da parte da comunidade local dos brasileiros que habitam a região, o projeto passou a ser visto como um projeto assistencialista, “que ajuda imigrante venezuelano”. A xenofobia e a violência eram muito fortes nessa zona de conflito.

As crianças do projeto recebiam benefícios das cestas básicas mensalmente pelo ACNUR. A regra era clara: uma cesta básica por família. Se havia 3 ou 4 irmãos alunos do projeto, eles receberiam uma cesta básica. A criança que fosse filha única também

teria o direito a uma cesta básica. Seria esse critério arbitrário? Uma cesta básica por família, de 10 pessoas ou de 3 pessoas, a mesma quantidade. Essa regra vinha de cima, então, não se questionava isso formalmente.

2.15 O temido e adorado ACNUR

Nas visitas à Casa da Música, os representantes do ACNUR sempre incentivavam as crianças e a equipe, assistiam as apresentações, reforçavam que o projeto tinha autonomia, que eram nossos parceiros. O ACNUR fornecia os lanches, as cestas básicas e a remuneração de toda a equipe. No entanto, o processo burocrático de autorização da liberação de recursos para algumas atividades específicas era lento e muitas demandas da associação já haviam sido recusadas. Para realizar uma atividade diferente, como as oficinas gastronômicas, aulas de pintura, entre outras atividades que demandam um recurso específico, era preciso passar pelo passo a passo da aprovação de recursos: um relatório com orçamento, justificativas, aguardar a aprovação, liberação de recurso, etc. Meses se passariam até serem ou não aprovados.

Os trâmites burocráticos eram lentos em outras instâncias também. Me lembro que, assim que cheguei, recebemos um documento da Comarca⁴⁷ de Pacaraima. Um recurso que havia sido solicitado por Miriam em 2016 para a construção de banheiros femininos e masculinos na escola havia sido liberado 4 anos depois. Os banheiros já haviam sido construídos com outros recursos. O orçamento da época para construir esses 2 banheiros era de 6 mil reais. O valor finalmente autorizado somente em 2020, não poderia cobrir os gastos da construção dos banheiros. Avaliamos que aquele recurso poderia ser utilizado para a compra de uniformes de apresentação para as crianças. Me apresentei 3 vezes na comarca para negociar o redirecionamento do orçamento já então liberado. Era um prédio grande e novo, com poucos funcionários, que pareciam ficar nervosos quando recebiam uma pessoa ali. O responsável nunca estava presente. “Volte aqui na quinta-feira da semana que vem às 16h”. Acredito que alguém iria passar um recado para a pessoa comparecer ao trabalho, já que uma jovem parecia não desistir de resolver uma questão. Na quarta vez, consegui falar com ele. Ele disse que “acelerou” o processo para liberar o recurso quando ficou sabendo da morte de Miriam. Disse que sentia muito pela morte da maestrina e que faria todo o possível para ajudar a Associação. Entreguei o documento com os reajustes e os valores dos uniformes.

⁴⁷ A Comarca de Pacaraima é um órgão do judiciário de primeira instância.

2.16 Mudar a cor dos uniformes de apresentação. O que diria Miriam?

Hávamos conseguido remanejar o recurso da Comarca para a compra de novos uniformes de apresentação das crianças. Tínhamos que fazer a encomenda numa costureira em Boa Vista. Fizemos orçamentos e encontramos o lugar. Pegamos tamanhos de calçados, calças e blusas de quase 100 crianças. Os uniformes anteriores seguiam o padrão do azul marinho nas blusas com a calça caqui, bege. No entanto, eu, a coordenadora que às vezes tinha ideias um tanto inconventionais, pensei: porque não perguntar para as crianças de que cor elas queriam os uniformes? “Roxo! Verde! Azul! Amarelo! Laranja!” Cada um falou uma cor diferente e nós anotamos. As novas tonalidades seriam para o grupo dos *coralitos*, crianças mais novas do projeto, que tem de 6 a 10 anos de idade.

Pensei na logo do projeto, que tinha várias cores, imaginei uma apresentação com vários canarinhos coloridos. Conversei com a equipe e eles gostaram da ideia. Todos menos Filomena, pois eu estaria rompendo com a tradição do azul marinho e do bege. Os *coralitos*, os mais novos, ficariam com os uniformes coloridos. E o coro base, os mais velhos, com o uniforme branco padrão, com a logo atrás. As calças seriam todas beges, mas eu decidi perguntar para as crianças mais novas que cor elas queriam, foram feitos uniformes coloridos que ao se misturarem na apresentação, além da sensação de um arco-íris cantando, parecia de fato um coral de crianças cantando.



Instagram @aicaepbrasil 2021

2.17 Senhorita Julia

Com o tempo, passei a receber flores e desenhos das crianças e elas me chamavam de senhorita Julia. Quase todos os dias alguma delas batia na sala do escritório e trazia

flores. Era uma forma delas demonstrarem afeto e, com o tempo, elas foram me acolhendo também. Sempre que possível oferecíamos dindins para todas. Os dindins eram preparados por uma das mães de crianças do projeto. Fazíamos pipoca e colocávamos um filme no projetor. Mas para 100 crianças? Sim, para todas. Pacaraima não tem cinema e a grande maioria não tem televisão. As crianças gostavam bastante do dia da *película*. Eu trouxe jogos de tabuleiro que consegui com minha tia Fernanda e deixei lá para eles brincarem. No dia das crianças também encomendei um bolo feito por outra mãe de um dos canarinhos. A diretoria da associação trouxe presentes para todas as crianças. Naquela época, 2021, Pacaraima não tinha loja de brinquedos. No natal também as crianças escreveram cartas para o papai noel e a diretoria conseguiu, em Boa Vista, realizar os pedidos. Doações de panetones no natal. Miriam tinha uma rede extensa de contatos e doadores do judiciário de Boa Vista, que nessas datas sempre arrecadavam um valor para a Casa da Música, e as irmãs, irmãos, sobrinhas e a filha de Miriam se mobilizaram fortemente nessa época em cumprir com os rituais de fim de ano feitos por Miriam. O dia que eu fui embora foi muito difícil. Recebi cartas e desenhos por parte dos canarinhos e algumas crianças continuam me mandando vídeos e áudios até hoje.



Autoria da foto: Julia

Legenda: arranjos de flores das crianças X trabalho administrativo



Autoria da foto: Julia
Legenda: arranjos de flores das crianças X trabalho administrativo



Autoria da foto: Julia
Legenda: arranjos de flores das crianças e a moringa de barro / Desenhos e mimos de um até logo

2.18 Quem pode ficar na casa da música?

Depois da morte de Miriam, em julho de 2021, a Casa da Música tornou-se novamente um lugar de disputa. O casal que citamos acima queria permanecer na casa. Eles dormiam na casa para vigiar os equipamentos, visto que a casa já havia sido assaltada no passado. No entanto, O ACNUR não concordava que ninguém ficasse morando na casa e afirmou que iria reforçar os equipamentos de segurança, como câmeras⁴⁸, grades nas janelas e as fechaduras da casa. No entanto, isso não transmitia segurança para a equipe. Câmeras já haviam sido instaladas e roubadas. Era preciso um revezamento e cuidado contínuo com a casa. Alguém deveria dormir ali para a AICAEP, mas ninguém poderia dormir ali para o ACNUR.

Tudo não deixava de ser contraditório porque, quando o novo diretor musical chegou da Venezuela com sua família, Filomena não deixou que eles dormissem dentro da casa. Eles ficaram do lado de fora com colchões na parte externa da casa, no tablado coberto. Havia uma desconfiança enorme, mas o motivo dado era que o ACNUR não deixava ninguém dormir dentro da casa.

Ao ver a família do novo do diretor musical permanecer a noite do lado externo da casa com frio, um vizinho, que Marlyn chama de um “senhor”, ofereceu abrigo por uma noite em uma casa laranja na mesma rua da Casa da Música para sua família. Depois eles alugaram um lugar improvisado (antigo estábulo de madeira) e pagaram adiantado o mês todo, 400 reais, mas depois de 3 noites alguém alagou a casa e eles perderam seus objetos eletrônicos e tiveram que sair. O proprietário, porém, não devolveu o dinheiro pago pelo mês todo. Marlyn relembra o episódio: “Isso foi na casa de madeira. Acho que os ladrões queriam que nós saíssemos da casa para fechar as torneiras que eles abriram para poder pegar nós e poder roubar”. Depois o mesmo senhor que havia dado abrigo na casa laranja ofereceu novamente o quarto, mas eles só poderiam ficar ali por um mês. O diretor musical Francisco estava com os dias contados para sair da casa laranja. Como o aluguel na casa de Vanessa era muito caro para dividir para duas pessoas, até porque ela recebia quatro vezes o meu salário, então começamos a procurar juntos uma casa em que pudéssemos ficar todos e não pagar um valor tão alto assim.

A nova equipe, que assumiu funções de Miriam, não foi bem aceita pelo casal da antiga equipe. No caso, eu, como coordenadora de projetos, e o diretor musical Francisco deveríamos assumir as atividades até então realizadas por Miriam. Isso

⁴⁸ É curioso observar que estes itens simbolizam a segurança máxima para o ACNUR. As câmeras, posteriormente, também foram roubadas.

gerou diversos conflitos e os ensaios diários passaram a apresentar uma certa tensão. Filomena, responsável oficialmente pela limpeza da Casa, dizia que o maestro Francisco não ensinava música da forma que Miriam ensinava, ou seja, da forma “correta”. Eu não sabia como as coisas funcionavam, e sem a ajuda de Miriam, seguia as diretrizes do ACNUR, já que o contrato indicava explicitamente as funções específicas que a coordenadora de projeto deveria exercer. Já Filomena dizia que não era assim que a banda tocava.

A Associação também tinha uma diretoria responsável pelas decisões e articulações do projeto. As figuras mais importantes da estrutura da organização eram o presidente da associação, o vice-presidente e o tesoureiro. Miriam era também a presidenta da associação e seu irmão Valtrudes José do Nascimento era o vice-presidente. Praticamente um mês depois da morte de Miriam, que faleceu no dia 26 de julho de 2021, seu irmão Valtrudes também faleceu, no dia 21 de agosto de 2021, também devido ao vírus da Covid-19. A diretoria também passou por uma nova reconfiguração de seus membros. O tesoureiro virou presidente, mas depois de alguns meses abriu mão do cargo e quem assumiu foi Vanderlan, outro irmão de Miriam, e que tomou a iniciativa de exonerar o casal venezuelano (Filomena e Gustav). Foi uma decisão muito difícil, porém a morte de Miriam os impactou de forma muito profunda e eles se sentiam superiores em achar que detinham todo o conhecimento e deveriam ditar as regras. Hoje percebo que eles talvez tivessem agido dessa forma por medo, porque eles não tinham ainda processado o luto de Miriam e qualquer mudança representava uma ameaça e também uma dor.

Havia também outra regra sendo infringida segundo os princípios éticos do ACNUR: o acúmulo de cargos por parte da mesma família, que poderia ser classificado como nepotismo. Até porque a filha do casal também assumiu o cargo como secretária administrativa na associação, mas não tinha as competências necessárias. Senti que isso também dificultava para eles a divisão entre ambiente de trabalho e ambiente doméstico e os conflitos se misturavam, às vezes brigando com os outros, às vezes brigando entre si. Tivemos que contratar outro secretário administrativo, o Julio, indígena da região que estava apto para assumir a vaga.

Depois da demissão do casal, eles voltaram e levaram diversos móveis de Miriam alegando que ela tinha dado tudo para eles antes de partir. A cadeira de balanço de Miriam, o forno elétrico da casa do pão, o espelho. Levaram, inclusive, a bandeira da Venezuela, que era exposta nas apresentações, mas deixaram a do Brasil. Isso, pra mim,

foi algo muito simbólico. Depois disso, o clima da associação mudou muito. As crianças sorriam mais, a equipe se sentia mais leve. As crianças circulavam mais livremente pelo espaço, que, no fundo, sempre foi delas, mas que por muito tempo foi restringido. Quando a comunidade ficou sabendo que o casal não estava mais lá, muitas mães se ofereceram para ajudar voluntariamente com o preparo dos lanches e me agradeceram. Disseram para eu não me sentir culpada, porque eu priorizei o bem estar das crianças.

Após a finalização do contrato com o ACNUR em dezembro de 2021, recebemos a informação do ACNUR de que tivemos o *Concept Note*⁴⁹ revisado e aprovado, para uma possível parceria em 2022 e 2023, ou seja, por mais 2 anos. No entanto, devido a cortes orçamentários e prioridades operacionais em diferentes áreas geográficas, o ACNUR não poderia firmar parceria com AICAEP imediatamente em 2022. No entanto, como já tínhamos a documentação organizada e aprovada, ao longo do curso do ano, caso as prioridades operacionais e financiamento permitissem, eles entrariam em contato com a AICAEP para iniciar o desenvolvimento e negociação de um novo projeto.

O ACNUR argumentou, na época, que, devido a cortes orçamentários, guerra na Ucrânia, entre outros, eles passariam então a redimensionar suas prioridades para situações de emergências e a dimensão da integração cultural, naquele momento, não era prioridade. Mesmo afirmando na última reunião que na história da relação ACNUR e AICAEP, a parte administrativa nunca havia sido tão bem coordenada: os relatórios mensais e prestação de contas orçamentárias, o preenchimento dos dados em dia na plataforma, etc, não renovaram o acordo de parceria. Com certeza, a ausência da Miriam pesou e também indicou que toda a eficiência administrativa, sonhada por ela e defendida pelo ACNUR, não sustentaria sozinha um projeto social. A diretoria da AICAEP assumiu a manutenção do projeto e, com o fim do contrato de parceria com o ACNUR, a Casa da Música passou a ser habitada pelo diretor musical Francisco e sua família em janeiro de 2022.

2.19 Conversas com Francisco em outubro de 2022

Julia: Oi Francisco! Como estão vocês?

Francisco: Oi Julia. Estamos bem graças a Deus. Estamos trabalhando muito forte.

Julia: Como estão as crianças?

⁴⁹ Conjunto de documentação que o edital do ACNUR solicita para uma parceria.

Francisco: Não temos muito que oferecer para eles, mas entregamos amor, carinho e muita música. Julia que bom ouvir de você! Eu estou agora na Venezuela com Santiago (seu filho) e Mariela (sua filha) buscando nossos passaportes, mas já encontramos. A Venezuela está muito pior desde quando viemos para o Brasil, tudo, as ruas muito escuras, tudo muito caro, mas é nosso país, temos que ter esperança que mude algum dia. Muitos amigos foram embora para outros países para o Chile, Argentina, Brasil, Espanha, muitos foram. E bom, eu acredito que vou estar mais tempo em Pacaraima pelo menos o ano que vem, com a associação até que eles encontrem um parceiro fixo. Ou que encontrem outro professor para eu seguir os projetos que tenho com a minha família. Mas eu tenho o compromisso com a associação AICAEP de não deixar AICAEP no chão. Tem que levantar, pela maestrina. É um projeto muito bonito, *hermoso* e importante então temos que ajudar.

Julia: Como estão as coisas em termos financeiros? Vocês estão morando na casa da música?

Francisco: Ainda estamos sem parceiro e sem dinheiro. Eu e Jean recebemos 2 meses uma doação mensal. Estamos na Casa da Música. Marlyn começou a trabalhar na ADRA - Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais - no projeto ALIMENTUM⁵⁰ em abril (2022)".

2.20 Conversas com Francisco em Fevereiro de 2023.

Francisco: Oi Julia, que bom escutar você. Jean não trabalha mais conosco. Diego trabalhou até agosto. Eu estou aqui mas não tenho trabalho. Estamos esperando que venha a diretoria de Boa Vista pra falar comigo aqui pra ver que coisas eles esperam para este ano. Sem parceiro fixo ainda. Eu vou falar pra eles que estou procurando emprego. Eu preciso de um emprego. Ano passado trabalhei para eles aqui de coração, mas preciso de um trabalho para ajudar a família. Marlyn trabalhou sozinha todo o ano e já está terminando seu contrato de trabalho na ADRA. Então não podemos ficar sem trabalho ela e eu. Temos que cuidar da família, precisamos de um emprego. Estou também vendo a possibilidade de baixar para outro Estado no Brasil. Aqui está muito ruim Pacaraima, muito caro tudo. E sem emprego imagina... um tempo muito ruim. O contrato da Marlyn acaba este mês. É um momento muito difícil e precisamos esclarecer. Temos muita saudade de você e dos bons tempos. Um abraço Julia. (...) Sim eu sei que Boa Vista é a cidade mais próxima e tem um pouco mais de trabalho que aqui. Só as agências tem trabalho, mas tem que ter contato dentro delas para ter possibilidade. Eu apliquei pra muitas, muitas vagas, AVISI, UNICEF, OIM, ADRA, Prefeitura, mas ainda nada. Estou um pouco desesperado. E ir pra Boa Vista é renunciar ao dinheiro que a associação deve a gente.. Não sei que vai acontecer e estou desesperado mas sei que preciso logo de um emprego para que a desesperação não seja maior. Já não sei o que fazer! Enfim.. Aqui estamos Julia. Você é nossa família. (...) Sim eu conheci o pessoal da orquestra sinfônica de Boa Vista no teatro municipal em março no festival Miriam Vive, falei com eles agora há pouco, duas semanas atrás e eles tem estrutura tem dois diretores do coral, da orquestra, da banda, já tem pessoal pra isso, não tem vagas. E é um salário muito pequeno então isso fecha portas para mim. Boa Vista não tem muita cultura de orquestra de coral e eles estão tentando levar essa cultura para as pessoas da Boa Vista. Mas agora não tem oportunidade para mim ai. (...) Falaram pra

⁵⁰ Projeto alimentum consiste na distribuição de um cartão de alimentação para migrantes venezuelanos recém chegados, que passam por uma avaliação e precisam cumprir com determinados critérios para receber o benefício. Irei me aprofundar na descrição deste projeto no capítulo 3, onde dialogo com muitas mulheres que recebem este benefício.

Marlyn de um coral que vão fazer na ADRA em Boa Vista, mandamos o currículo, estamos esperando resposta, mas parece que eles já tem um candidato já lá de Boa Vista pra isso. Mas eu estou mais que tudo querendo falar com a diretoria da associação sobre o atraso do meu pagamento. E planejar com a família o que podemos fazer. Eu não só posso trabalhar só de músico, também trabalhei com outras profissões. Eu também terminei meus estudos em música e como pedagogo, licenciado em educação, posso trabalhar como educador social, tem que ter algum contato para ter algum emprego, alguma recomendação. De onde você vem, com o que você trabalhou é importante aqui no Brasil para conhecer você. (...) Estou esperando Vanderlan vir a Pacaraima para falar sobre o futuro do projeto. Marlyn e eu estamos procurando emprego mas ainda não temos nada.

Julia: O contrato da Marlyn não vai ter renovação?

Francisco: Não, o projeto onde ela trabalhava acabou, projeto ALIMENTUM. (...) Estamos vivendo com o dinheiro que economizamos dos meses de trabalho. Sim, continuamos na casa. E eu continuo ensaiando sábado com eles, mas estou sozinho agora. 49 crianças + 11 novas. Muitas famílias foram para outros programas de ajuda.

Julia: E a interiorização?

Francisco: Estamos estudando para São Paulo, mas sem dinheiro não é fácil. Essa opção de interiorização com vaga é muito demorada e temos que estar nos abrigos de Boa Vista.

Julia: A interiorização em Pacaraima é só com moradia?

Francisco: Sem nada, apenas alguém que te acolhe e promete te dar um teto e comida enquanto você procura um emprego. Pode fazer a interiorização pela família ou amigos que eles tenham em outro estado do Brasil, mas sem casa nem trabalho. Só em Boa Vista interiorização com vaga.”

Francisco: A única maneira de ficarmos em Pacaraima é se Marlyn ou eu tivermos emprego. (...) A mãe de Marlyn está muito doente. Ela não pode sair do trabalho para ir vê-la. As coisas estão feias, feias na Venezuela, aqui na operação acolhida está muito lotada de pessoas. As ruas estão cheias de migrantes.

Em abril de 2023, o contrato de Marlyn foi renovado para mais 10 meses. Como a Casa da Música está sem recursos, ela afirmou que agora é ela quem está sustentando a família. Ela trabalha na cozinha do abrigo. Já comentou que algumas vezes o número de pessoas que atravessavam a fronteira por dia era maior do que a quantidade de marmitas que eles produziam. Ela explicou que mulheres e crianças têm prioridade na distribuição da comida, de acordo com ela, com a abertura das fronteiras, o fluxo de entrada de migrantes ingressantes no Brasil aumentou.

Dessa vez conversei com Marlyn sobre a situação em Pacaraima. “Pacaraima muito mal Julia, nós estamos aqui só porque eu tenho trabalho ainda. As coisas muito caras, a comida cara demais. Os serviços ruins... nada mudou aqui desde que você foi embora. Tudo mesma coisa.”

Ela me trouxe uma triste notícia: assaltaram novamente a Casa da Música. “A escola de música está assediada pelos ladrões. O ano passado foi horrível... mas ainda

os ladrões vêm aqui mas nós estamos fazendo vigilância as noites. Ano passado eles pegaram as câmeras de segurança e levaram as coisas da Casa do Pão. Recentemente eles queriam entrar pela janela do quarto. Estavam quebrando a parte de metal para tirar o vidro. Conseguimos ouvir e conseguimos fazer eles saírem. Não conseguiram entrar na casa graças a Deus, mas a casa não é segura e os ladrões entram aqui com muita facilidade. Ficamos todos os dias com medo Julia. O Santiago tá de vigia a noite inteira. Quando terminar o meu contrato e se não tivermos mais trabalho aqui, nós vamos a interiorizar.”

Quando eu conversei com Francisco, ele não estava convencido de que queria interiorizar, mas nessas condições e sem trabalho é insustentável permanecer em Pacaraima. Perguntei à Marlyn sobre as famílias e as crianças do projeto; eles também pensam em interiorizar? “Há famílias que têm terreno com casa aqui, eles não vão a interiorizar. Já tem aqui casa própria. Tem gente que construiu suas casas, mas as condições são muito precárias. Júlia eu quero o melhor para minha família e aqui em Pacaraima é difícil.”

Eu não sabia que algumas famílias haviam de fato construído casas. Me lembrei de Jean que estava, sim, construindo uma casa em 2021, quando eu ainda estava lá. Era uma casa de pau a pique, uma casa que ele construiu com as próprias mãos. Não era uma casa de lona, era uma construção. Tirar Jean de lá implicaria em uma demolição e não em uma “retirada”. Não se submeter nem aos alugueis, nem aos abrigos, e nem ficar em uma ocupação improvisada. O terreno era de Jean e ele afirma ter comprado o lote.

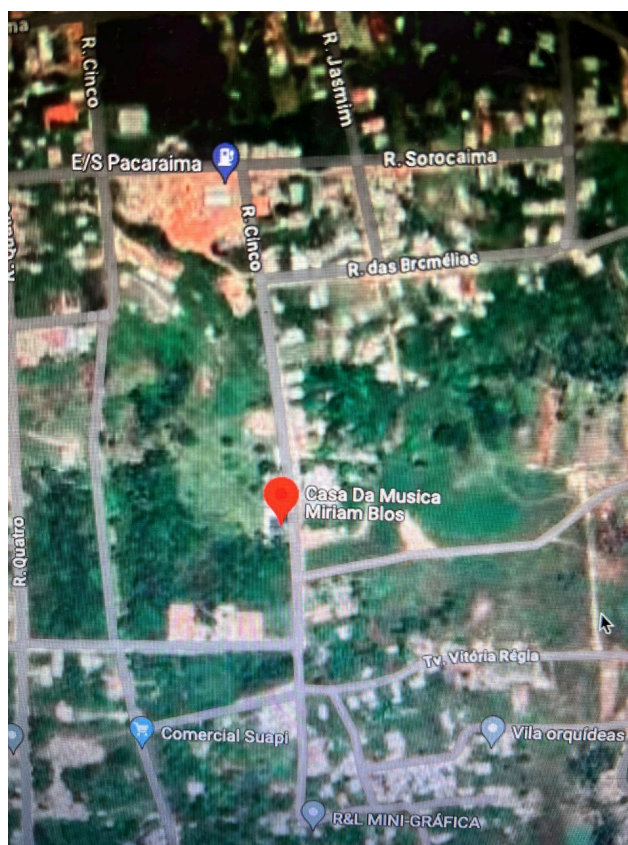
Francisco ainda tem familiares na Venezuela. Francisco também tem muita esperança de que o projeto de música com as crianças continue. Marlyn também está convencida disso: “O lindo projeto continua”. Porém, diante de tantas incertezas é indubitável que eles queiram buscar outro caminho.

Cada vez mais, eu percebo quão determinante foi a morte de Miriam para o futuro da associação. A equipe do projeto era composta por 5 adultos mais a diretoria da associação, composta por tesoureiro, presidente, vice-presidente e outros apoiadores. Irmãos, parentes, filhos e muitos sobrinhos de Miriam, que moram em Boa Vista, ainda não conseguiram encontrar um novo patrocinador para um projeto que acolhia centenas de crianças.

Não é nada simples se apropriar de outras formas e meios de conseguir um parceiro. Existem, sim, editais, existem financiadores internacionais que estão com o olhar para esta realidade “emergencial” de Pacaraima. No entanto, ter a documentação

em dia e ter um responsável que consiga manusear todos os meios burocráticos nem sempre é fácil. Eu pensei durante muito tempo que eu deveria buscar uma alternativa para o projeto. Me senti responsável em conseguir outro contrato de parceria. A distância geográfica dificulta esse processo. Cheguei a inscrever o projeto em alguns editais, mas sem sucesso.

Hoje vejo que a força de Miriam permanece viva nos laços entre as crianças e as famílias. Com ou sem associação, os canarinhos continuam cantando, continuam existindo, continuam se encontrando e realizando ensaios. Isso demonstra como é forte o vínculo construído entre esse grupo. É uma revolução, é uma resistência. A situação é infinitamente mais precária e outro contrato de parceria é necessário e urgente para que o projeto siga acontecendo. Este sempre será o caminho. Procurar e batalhar como Miriam sempre fez. Porém, Miriam não está mais entre nós. Meus colegas e interlocutores relatam que existe uma falta de liderança, falta alguém que assuma essa responsabilidade e leve o projeto adiante. A pessoa que morava em Pacaraima, que criou as raízes e solidificou este projeto foi Miriam. Quantas vezes em Boa Vista eu comentava que trabalhava na AICAEP e quem conhecia os canarinhos da Amazônia achava que o projeto havia terminado com a morte de Miriam. De certa forma, podemos refletir sobre o fato de muitas pessoas que estavam mais distantes perceberem a Casa como uma fusão de Miriam. Ainda hoje, ao abrirmos o Mapa, a Casa continua levando seu nome, como se Miriam fosse também em parte, também a Casa. Mas o projeto não acabou, as famílias continuam lá, as crianças continuam lá.



Google maps - Legenda: Casa da Música Miriam Blos - 2024

De um lado, “Nada mudou desde quando você esteve aqui”, dizem eles se referindo ao contexto mais amplo migratório. Do trânsito fronteiriço, que, como eles narram, só aumenta a cada dia. Por outro lado, as condições da Escola de Música mudaram completamente. Muitos colaboradores que trabalharam comigo quando eu estive lá tiveram que procurar outro emprego e outra fonte de renda, pois a associação já não tem mais recursos para pagar os salários e assinar a carteira de trabalho. Quando eu fui, a equipe ainda usufruía de benefícios e garantias que permitiam, sim, sua permanência em Pacaraima. Alguns estão repensando toda a rota migratória, revendo possibilidades também em outros estados do Brasil. “Qualquer lugar em que tenha trabalho.”

Francisco, o diretor musical do projeto, perguntava frequentemente se eu conseguiria alguma oportunidade de emprego em Brasília para ele ou para Marlyn. Francisco sem dúvida tem o diferencial por ser um professor de música, mas eu realmente não sabia de nenhuma oportunidade em vista. Por outro lado, havia, sim, esperanças para que o projeto continuasse. Todos queriam que a Casa da Música conseguisse um outro apoiador. O projeto existia já havia 6 anos, as crianças ainda

frequentam o espaço e chegam mais crianças interessadas em participar do projeto a cada dia, mas, hoje, ele não é capaz de oferecer as aulas e as refeições que um dia já ofereceu.

Francisco e Marlyn se mudaram para a Casa da Música em janeiro de 2022. Marlyn começou a trabalhar na ADRA em abril de 2022, conseguiu renovar seu contrato na ADRA, não no mesmo projeto, mas na mesma instituição, e segue trabalhando nesta organização até hoje. Francisco começou a trabalhar no abrigo da Operação Acolhida pela OIM, em julho de 2023 e na orquestra sinfônica de Pacaraima de agosto até dezembro de 2023.

2.21 Voltando à Casa da Música em outubro de 2023

Quando voltei à Pacaraima para fazer meu campo, em outubro de 2023, também fiquei hospedada na casa. A casa havia mudado muito desde a última vez que estive lá. O escritório agora era o quarto de Francisco e Marlyn. O quarto de Miriam era o quarto dos filhos de Francisco. Quando cheguei, senti que A Casa da Música agora parecia muito mais casa do que escola. Apenas a parte externa mantinha o ar de escola de música. No entanto, o palco estava desgastado sem manutenção, partes estavam quebradas, a chuva forte de Pacaraima tinha prejudicado o piso. A casa do pão havia sido permanentemente fechada depois que o casal venezuelano havia levado os fornos elétricos e o forno a lenha havia sido desativado. Os outros materiais que ficaram na casa do pão também haviam sido roubados devido a outros assaltos.

Com o tempo, pude ver que Francisco e Marlyn se referiam à Casa como sendo a Casa da Música. “Nos encontramos lá na Casa da Música”. Eles também não se apropriaram deste espaço, não era a casa deles. Eles estavam lá temporariamente, cuidando do que havia restado dos materiais e instrumentos musicais. Muita coisa estava lá há muito tempo: as roupas para doação, alimentos, panelas, estavam acumuladas no quarto de cima onde era impossível inclusive circular. Apenas uma pequena brecha de centímetros que formavam um caminho até a varanda de cima.

2.22 A casa da Música e a (IN)Segurança

Ao voltar em 2023, sentia que existia uma preocupação iminente e constante em relação à segurança da Casa da Música em Pacaraima. A família de Francisco já

havia relatado diversas vezes que eles não consideravam a casa, a estrutura da casa, segura. Houveram tentativas de invasão da casa e roubos, principalmente no período da noite. Uma vez, um homem conseguiu entrar na casa pela janela de um dos quartos. Marlyn ouviu a fechadura da janela de vidro cedendo e acordou Francisco. Por sorte, ele conseguiu expulsá-lo com um cabo de vassoura. Esse foi o caso mais traumático relatado pela família, já que o “malandro” tinha conseguido entrar dentro da casa enquanto todos dormiam.

Durante o contrato de parceria com o ACNUR, foram instaladas câmeras de segurança para auxiliar na proteção da casa. Isso não durou muito tempo, pois os “malandros” roubaram as câmeras também. Além disso, em uma das gravações, é possível ver o registro de um homem que olha para câmera e mostra um facão em tom de ameaça.

Devido a esta situação de extrema insegurança, algumas “armadilhas” foram desenvolvidas pela família para se protegerem. Algumas janelas foram completamente obstruídas com móveis e objetos pesados, não sendo possível abrir em nenhum momento, o que prejudicava um pouco a circulação de ar em alguns cômodos. Em outras janelas, sinos, cascalhos, coisas penduradas e que faziam barulho. Todas as portas tinham alguma vassoura apoiada, e caso fossem abertas, esta cairia, fazendo um barulho que os despertaria. Eles inventaram e fabricaram coisas para se sentirem um pouco mais seguros dentro da casa. Além disso, o filho de Francisco ficava acordado de madrugada jogando vídeo game e sempre alerta enquanto a família dormia e depois dormia de dia e estudava à tarde. Eles tinham turnos para tentar manter uma rotatividade de vigília e ter a casa sempre vigiada. Marlyn dizia que ela sentia como se fossem meses sem dormir tranquilamente, como se estivesse constantemente em um estado de alerta.

Um carrilhão⁵¹ foi colocado atrás de uma cortina, se alguém abrisse a cortina, com certeza esbarraria no carrilhão e acordaria a casa inteira. Cadeiras empilhadas na frente da janela também impediam a visualização.

No banheiro interno, por exemplo, uma janela pequena no alto ficava sempre fechada com uma fileira de potes de shampoo vazios que com qualquer sopro poderiam cair e despertar os moradores. Eu até pensei em jogar fora alguns potes vazios e Marlyn disse: “não Julia, esses são os potes que ficam na janela do banheiro! Se os “malandros” tentarem abrir os potes vão cair e fazer ruído.”

⁵¹ Instrumento musical.

Durante o período em que estive lá houve duas invasões. Uma foi em um final de semana: especificamente neste eu estava em Boa Vista, mas eles me relataram o ocorrido. Francisco Junior, por volta de 2h da manhã, ouviu barulhos vindo do depósito. Eles chegaram a acionar a polícia, mas quando eles chegaram, os “malandros” já tinham ido embora. O depósito externo havia sido arrombado e algumas coisas haviam sido roubadas. Deixaram muitas coisas no chão do lado de fora, coisas que não consideraram úteis provavelmente. “Além de roubar, fizeram uma bagunça no quintal”. Disse Francisco. Eu também não dormia muito tranquila naquela Casa e depois de escrever meus diários de campo e transcrever alguma entrevista, escondia meus cadernos e computador. Às vezes acordava só pra ter certeza que a porta estivesse trancada e sempre estava. Uma vez acordei pra ir ao banheiro e esbarrei num chocalho, Francisco Júnior quase morreu do coração. “Senhorita Julia! Que susto!” Apreendi a dizer “*Soy yo, soy yo*” antes de descer as escadas, nas próximas vezes.

Assaltos como este não pareciam novidade para a família de Francisco. Ele afirmou que desde que os “malandros” não conseguissem entrar dentro da casa e sua família ficasse protegida, o resto era resto. Não dava pra proteger tudo, porque os “malandros” sempre voltavam. O que tinha de mais valor eles haviam trazido para dentro da casa. Os banheiros, a Casa do pão, o depósito, o palco, a biblioteca, eram estruturas à parte, que ficavam mais vulneráveis em situações como esta. Marlyn me contou que uma vez ela tinha lavado roupas e sapatos e deixado na lavanderia secando do lado de fora, quando acordou, não havia mais nada. “*Lembra aquele tênis preto que você me deu Julia? Se lo llevaram*”

Tínhamos que estar sempre atentos. Marlyn não gostava de deixar Mariela, de 12 anos, sozinha em casa, nunca. As portas deveriam sempre estar todas trancadas. Um bastão de madeira sempre ficava de fácil acesso, para Francisco, caso ele tivesse que proteger sua família, assim como outros objetos espalhados pela casa. Outra ideia foi a da cadela, a moringa: havia uma varanda no andar de cima, relativamente baixa, onde tinha uma porta para entrar na casa. Durante a noite, eles levavam moringa para o andar de cima e a trancavam na varanda durante a noite. Ali também havia sido um ponto de entrada em assaltos anteriores.

2.23 A Casa sempre sem água

No dia 22 de outubro de 2023 amanheceu nublado em Pacaraima. Fui colher manjeriço na horta da casa e fiz spaguetti ao molho pesto. Durante este período me dediquei a algumas atividades domésticas para ajudar Malyn. Ela não gosta muito de cozinhar, por exemplo, então revezamos essa função. O strogonoff com batata palha já virou um dos pratos prediletos das crianças e a salada de batata com maionese também. A chuva começou por volta de 12h e só aumentou. Agora a tempestade estava tão forte que não se escuta nada além do barulho da chuva. A água batendo forte no telhado. Eu e Marlyn colocamos baldes e potes de sorvete nas goteiras espalhadas pela casa.

Fiquei imaginando como ficam as casas nas ocupações com chuvas fortes como estas. Durante a noite também teve bastante chuva. Uma vez o colchão da sobrinha de Francisco que veio visitá-los da Venezuela ficou totalmente ensopado. A janela, mesmo fechada, não conseguiu impedir a chuva de entrar e molhar seu colchão. Todos os colchões aqui ficam no chão, ninguém tem cama. Mesmo a casa sendo de uma estrutura muito superior às casas construídas nas ocupações, ainda tem algumas precariedades. Ficamos vários dias sem água. Depois me explicaram que isso estava cada vez mais comum. A água da rua já chegou a faltar por semanas, às vezes, e, quando é assim, até a água da chuva é aproveitada para dar descarga ou coisas assim. Por isso, sempre guardam água armazenada em baldes pela casa. Algumas vezes, à noite também ficamos sem luz.

No dia 27 de outubro aproveitamos que a água voltou para lavar roupas. Mal sabia eu que ficaríamos sem água na rua por mais três dias. A sorte é que Marlyn está sempre preparada e armazena água em grandes baldes. Assim como a instabilidade da água, a instabilidade da rede wifi, que caía a cada 30 minutos. Não consegui fazer uma ligação com minha mãe desde que cheguei há duas semanas, porque mesmo quando tem internet, o sinal não é muito bom. Conseguimos apenas trocar mensagens de whatsapp e combinei com ela que assim que eu for novamente para Boa Vista, vou fazer uma chamada de vídeo.

Percebi como era constante ficarmos sem água na rua por dias. Quando a água voltava, ela voltava de manhã e Marlyn já se adiantava para lavar todas as roupas acumuladas na máquina de lavar. “Rápido! antes que acabe *l’água*”. Marlyn costumava encher baldes grandes para armazenar a água para pelo menos ter água para lavar a louça e cozinhar. A Casa era abastecida pela água da rua. Então pias, chuveiros, descargas, dependiam dessa água. Os banheiros externos tinham uma reversa da caixa d’água. Então tomávamos banho lá na maioria das vezes. A água era muito gelada, eu

contava até 3 e me enfiava no chuveiro de uma vez. O clima de Pacaraima era mais frio de noite, às vezes tinha uma neblina intensa. Tiveram muitos dias que ficamos em casa porque a chuva estava muito intensa. Tinham muitas goteiras na Casa e o barulho da chuva forte ressoava tão alto no telhado de metal que pareciam pedras caindo. Era tão forte o barulho que tínhamos que praticamente gritar mesmo estando um na frente do outro para podermos nos escutar. Mas as noites ficaram mais quentes em 2023 do que quando morei em Pacaraima em 2021. As quedas de energia também eram constantes, a rede de internet oscilava muito e eu ficava muitas vezes incomunicável.

No dia 19 de novembro de 2023 ficamos sem luz e algumas lâmpadas queimaram com a oscilação de energia. Fritamos *tequinhos* à luz de vela no escuro. É um salgadinho muito comum na Venezuela que seria como a nossa coxinha, mas é recheado com queijo, frito em óleo quente e delicioso. Não sei como a Marlyn não se queimou no escuro. Eu ficava tentando iluminar a panela com a lanterna do celular.

No dia 20 de novembro de 2023 fazia 5 dias que a água da rua não voltava e a água da caixa d'água dos banheiros externos também tinha acabado. Fomos comprar um galão de água potável. Achei aquilo um luxo, mas também era o último recurso. Nesse dia, as temperaturas também atingiram seus recordes. Fazia 32 graus em Pacaraima de noite. Pacaraima não era tão quente à noite, sempre foi fresquinho e agradável.

Em março de 2024 a cidade inteira ficou sem água por um longo período de tempo e sem previsão para que ela voltasse. Foram, ao todo, mais dias sem água do que com água na casa da música. Neste período, o estado de Roraima vivia uma forte estiagem e o município de Pacaraima estava entre os mais afetados pela seca⁵².

2.24 Dia da sardinha

Hoje resolvemos fazer sardinhas frescas e fritas para o almoço. Marlyn sugeriu retirar o fogão da cozinha e colocá-lo do lado de fora, pois, caso o contrário, as sardinhas deixariam um cheiro forte pela casa inteira. Eu disse que nunca tinha preparado sardinhas e nunca havia comido sardinhas frescas fritas. Marlyn me ensinou a prepará-las. Era simples: bastava temperar com sal e limão e colocar em óleo fervente.

⁵² Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2024/03/01/ministerio-publico-apura-falta-de-agua-em-cidade-de-roraima-que-moradores-tem-dificuldade-ate-para-tomar-banho.ghtml>> Acesso em: 11 de out. 2024.

Marlyn estava certa, mesmo tirando o fogão da cozinha e colocando ele do lado de fora, a casa ficou cheirando a sardinha por dois dias.

Ao sentarmos na mesa, todos se deliciaram com as sardinhas, enquanto comíamos, Mariela, filha mais nova de Francisco, comentou: “*Mama te recuerdas em Venezuela que comíamos sardineas todos los días?*”. Eles me contaram que durante muitos meses eles comiam apenas *arepas* e sardinhas todos os dias, em todas as refeições. As sardinhas eram mais baratas e eram um dos poucos alimentos disponíveis em um país permeado por uma crise alimentar severa. Durante o período da crise na Venezuela, a escassez de alimentos foi um dos fatores mais sérios e devastadores. Francisco contou que durante este período eles comiam apenas *arepas* e sardinhas praticamente. Eles não aguentavam mais comer sardinhas. “Desde quando chegamos no Brasil nunca mais comemos sardinhas”. Dois anos sem comer sardinhas. Era como se elas tivessem desaparecido, em meio às outras opções e variedades de comidas disponíveis aqui. “De qualquer forma, obrigada, Julia. Estava com saudade de comer sardinha”. Disse no final Francisco. Por mais que todos tenham gostado do almoço, fiquei imaginando como seria comer a mesma coisa todos os dias, principalmente sardinhas, que tem um gosto e cheiro forte, e me parecia ser muito difícil consumi-las diariamente.

O governo da Venezuela fornecia uma cesta básica por família, que consistia em um frango, 3kg de arroz, 3kg de farinha e 2kg de macarrão. Não era possível viver um mês alimentando uma família com estes alimentos. Além disso, o salário mínimo consistia em cerca de 4,85 dólares mensais, ou seja, 23,13 reais, o que impossibilita a vida em todos os sentidos, visto que o mínimo para uma família sobreviver são 17,44 dólares por dia, ou 83,16 reais, para cobrir uma cesta básica de alimentos. Parece absurdo e é difícil entender como foi possível sobreviver nessas condições.

Durante o jantar estava perguntando a Marlyn e Francisco o que eles estavam pensando em fazer agora visto que decidiram fechar de fato a associação e entregar a Casa da Música. Em momentos diferentes, ambos me falaram coisas parecidas. Marlyn disse: “O mais difícil foi sair de nosso país. Se *tenemos* que seguir, seguiremos”. Francisco confirmou: “Já sai da Venezuela. Agora para onde tiver que ir, eu vou.” Fiquei refletindo sobre o fato de que ambos ressaltaram a dificuldade imensa que é deixar o próprio país. Uma migração forçada, sem dúvida, é uma das decisões mais difíceis a ser tomada. Como se depois dessa decisão dolorosa, um novo caminho não parece e não será jamais tão difícil quanto ela.

Eu sentia um estado emocional fragilizado na família, que passava por um momento difícil, de mudança, de incertezas constantes. Para onde irão depois daqui? Por quanto tempo será possível renovar o contrato de trabalho em Pacaraima? Eles vão conseguir ser transferidos para Boa Vista?

2.25 A última gincana

Depois do ensaio de música fizemos uma gincana e entreguei lembrancinhas ao final. Fizemos jogos de adivinhação, mímicas, corrida, desenhamos no quadro branco. Dinâmicas parecidas com as que eu havia realizado no dia das crianças em 2021, só faltou o bolo e os dindins da mãe de Luís.



Autoria da foto: Marlyn
Legenda: A última gincana

2.26 Dia do brechó

Havia sacolas e sacolas de roupas acumuladas de doação no quarto de cima, desde quando eu saí de lá em 2021 e as roupas continuavam lá. Decidi trazer tudo pra baixo e separar por tamanhos, por condições de uso e gênero. Todo mundo na casa ajudou. Deixamos algumas ao ar livre para arejar um pouco e depois organizamos a maioria dobrada na mesa ao lado de fora. Convocamos as famílias e as crianças para que pudessem vir e aproveitar! Tudo de graça, obviamente. Havia só alguns critérios para conseguirmos distribuir bem entre todos as melhores roupas e assim por diante. No final do dia, não sobrou nadinha e todos ficaram muito contentes.

“Essa es para mi hermana, essa para mi primo, essa es para mi tio, essa para mi mama, essa para mi.. puedo experimentar?” Por supuesto!

2.27 Os desafios sem o ACNUR mas as vitórias também

Como eu já havia mencionado, a casa era alugada. O proprietário da casa, policial civil que mora em Boa Vista, com o fim do acordo de parceria com o ACNUR em 2021, havia aumentado o aluguel de 2 mil reais e depois para 4 mil reais. Um valor completamente arbitrário, sem relação com o valor de mercado, o que dificultou muito a manutenção do espaço. Ao meu ver, não era um aumento dentro de uma lógica de especulação imobiliária, mas uma lógica movida pelo fato de que agora moraria ali uma família venezuelana, ou seja, uma lógica de aumento movida pela xenofobia. É impressionante se pensarmos que em 2015 Miriam pagava 700 reais de aluguel. Com esse novo valor exponencial de 4 mil reais, 12 meses de aluguel foram pagos com a doação de um empresário de Boa Vista, mas até hoje 6 meses de aluguel continuam em aberto. A diretoria da associação também havia prometido pagar mensalmente Francisco e Jean para que eles continuassem dando aulas de música, o que foi feito por apenas 2 meses em 2022.

Apesar das incontáveis dificuldades, o projeto se manteve ativo por dois anos, após a saída do ACNUR e isso é algo extraordinário que demonstra o empenho de todos os membros da equipe por este projeto. Apesar da falta de um parceiro fixo e das dificuldades de manter o projeto em pé, A Casa da Música resistiu o quanto pôde. Continuou realizando apresentações, tanto em Boa Vista como em Pacaraima, recebeu visitas de parceiros importantes, doações, cestas básicas, visitas da diretoria e a inauguração da biblioteca que era um sonho de Miriam também foi feita. Os Canarinhos (coral), continuaram realizando apresentações nos abrigos, na Operação Acolhida e no abrigo indígena Janokoida, em Pacaraima, em 2022. Realizaram uma apresentação em Boa Vista no lançamento da campanha “Use Energia de forma consciente, ajuda no bolso e no meio ambiente”, realizada pelo Fórum de Energias Renováveis. Se apresentaram na associação Mexendo a Panela⁵³, também em Boa Vista, em 2023. Recebeu doações da Roraima Energia em com 110 cestas básicas para as famílias do projeto. A biblioteca com livros infantis foi inaugurada em 2022.

⁵³ A Associação Mexendo a Panela é um projeto que fornece refeições para moradores de rua, famílias em vulnerabilidade social e imigrantes venezuelanos em Boa Vista - RR. São cerca de 1.500 marmitas produzidas e distribuídas por dia. Disponível em: <https://www.vivacidadania.org.br/index.php/2020/07/14/projeto-mexendo-a-panela-alimenta-pessoas-car-entes-em-boa-vista-rr/> Acesso em: 18 de out. de 2024.

Reconheço a busca incessante por parte da diretoria da associação por um novo acordo de parceria, eles buscam estar sempre presente em datas comemorativas importantes, realizaram atividades no dia das crianças, acompanharam e organizaram apresentações natalinas, momento que era muito caro a Miriam. Algumas crianças visitaram os pais de Miriam e realizaram uma apresentação emocionante. Apesar da Casa da Música em Pacaraima ter sido fechada, existe ainda o sonho de um dia poder restabelecer o grupo dos canarinhos da Amazônia em Boa Vista.



Instagram @aicaepbrasil - Dezembro 2022



Instagram @aicaepbrasil – novembro 2022



Instagram @aicaepbrasil – julho de 2023



Instagram @aicaepbrasil – janeiro de 2023

2.28 A Casa sem flores

Em dezembro de 2023 me despedi da Casa da Música e dos meus amigos. Dia 29 de dezembro mandei uma mensagem de feliz natal e feliz ano novo para Marlyn. Ela retribuiu no dia 30 e disse que no dia anterior havia sido o concerto de despedida dos

Canarinhos de Pacaraima. “A gente estava muito triste... a mãe do Luís chorou demais. Francisco chorou muito, todos estávamos chorando.”

Em janeiro de 2024, o maestro Francisco e sua família se mudaram para a capital de Roraima, Boa Vista, e as portas da Casa da Música em Pacaraima foram permanentemente fechadas. Ambos conseguiram trabalho em Boa Vista, Francisco conseguiu transferência da OIM para Boa Vista e Marlyn continua na ADRA. Em fevereiro, perguntei como iam as coisas em Boa Vista. “Boa Vista muito quente... saudade do clima de Pacaraima, muita saudade de você Julia.”

Em setembro de 2024 pedi para Rosi, mãe de um dos alunos da AICAEP, tirar algumas fotos da Casa da Música. Ela está completamente irreconhecível. O tablado foi retirado, a grama cresceu e está tudo sem cor. “Julia cortaram todas *las* rosas, eu chorei.” disse Marlyn.



Autoria da foto: Rosi
Legenda: A Casa da música sem palco



Autoria da foto: Rosi
Legenda: A Casa da música sem flores



Autoria da foto: Rosi
Legenda: placa da Casa da Música e o lixo

A placa da Casa da Música ao lado do lixo era uma imagem muito forte. Um amigo de Miriam havia esculpido na madeira e pintado dois canarinhos amarelos. Da primeira vez que eu fui visitá-la, me lembro dela ter recém instalado a placa na parede ao lado da porta principal. “Havia uma placa muito bonita pendurada na parede perto da porta onde esculpida na madeira dizia: Casa da Música. “Foi um amigo meu que fez” Disse Miriam.” (LAURIOLA, 2020). Este espaço não existe mais...



@aicaepbrasil 22 de março de 2020

O projeto perdurou até o final do acordo de parceria com o ACNUR em dezembro de 2021. Atualmente, o projeto, apesar de ter persistido durante três anos por meio de doações esporádicas e sem parceiro fixo, o que foi sem dúvidas uma grande vitória, foi definitivamente encerrado no início de 2024. A diretoria do projeto afirma que ainda está em busca de um novo parceiro fixo para poder retomar as atividades musicais do projeto, provavelmente em Boa Vista, mas não mais na Casa da Música na fronteira de Pacaraima.



Foto: instagram @aicaepbrasil – 2019
Legenda: Canarinhos da Amazônia cantando na fronteira

“Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões de identidade social e consistência existencial, em termos amplos” (Velho, 1994, p.48).

O autor Gilberto Velho (1994) chama a atenção para os campos de possibilidades, projetos e contextos. Olhando com um olhar mais distanciado, vejo tudo isso naquele espaço, da Casa da Música, presentes ali agências do sistema ONU, entre outras tantas presentes em Pacaraima, pessoas que haviam imaginado o próprio projeto Casa da Música, de formas diferentes, a crença que uma gestão profissional bastaria, um novo vírus, a pandemia. No próximo capítulo voltarei a outras histórias sobre as pessoas que também passaram pelo projeto, outras que se cruzam na fronteira, nas ocupações e outros espaços criados, ocupados, vividos.

Muitas crianças do coral seguem fazendo parte da orquestra sinfônica de Pacaraima e alguns participam de competições musicais tanto em Pacaraima quanto em Santa Elena. Percebo como foi importante o projeto para fomentar o sonho de se tornarem cantores e cantoras, como a cultura musical venezuelana incentivou a prefeitura a criar uma orquestra e um coral de crianças, como estas práticas artísticas

também estão se espalhando para Boa Vista também, onde Francisco também pôde participar das orquestras mais recentemente.

Como vimos, Francisco e Marlyn já iniciavam a vislumbrar possibilidades de interiorização. O que não é o caso de muitas pessoas com as quais irei dialogar no capítulo seguinte, que estão em Pacaraima há mais tempo. Atualmente, Francisco e Marlyn conseguiram ser transferidos para Boa Vista, mas o contrato nas agências é muitas vezes provisório e não necessariamente renovável, o que faz com que eles nunca deixem de procurar outras possibilidades, se planejarem e se necessário, migrarem novamente.

3. Capítulo 3: Ocupar e Habitar a fronteira

3.1 Introdução

A vinda de migrantes venezuelanos para o Brasil, especificamente no caso de Pacaraima, transformou a cidade na fronteira. A pequena cidade na fronteira tornou-se a principal localidade de ingresso por via terrestre no Brasil. Os migrantes que decidem ficar em Pacaraima buscam, entre outras coisas, algum tipo de moradia, seja para alugar, ocupar ou comprar. No entanto, os alugueis se tornaram caros e existe um forte preconceito dos brasileiros da região em relação a eles. A população da cidade dobrou, como já afirmei, nos últimos anos. Isso contribuiu para dificultar, e muito, para os migrantes venezuelanos conseguirem alugar uma casa e encontrar alternativas fora das políticas dos abrigos.

Quando morei em Pacaraima em 2021 pude ver que os brasileiros “não gostavam de alugar para venezuelanos”. Existe um estigma que considera os venezuelanos sujos, não cuidadosos e até mesmo aproveitadores. Uma senhora que gerenciava o aluguel de algumas casas em Pacaraima dizia que eles aproveitavam quando conseguiam uma casa e traziam toda a família para morar na mesma casa. Isso prejudicava e desgastava a casa, segundo os brasileiros. Os migrantes recebiam reclamações, ameaças, cobranças por danos e eram mandados embora sem aviso prévio, muitas vezes com um curto prazo de tempo para se reorganizar.

Foi o que aconteceu com o professor Francisco, do projeto Casa da Música, que é venezuelano. Como disse, ele havia alugado uma casa para a chegada de seus parentes que estavam na Venezuela. No entanto, a senhora que havia alugado a casa pensava que fosse para ele e sua família nuclear, ou seja, 4 pessoas. A casa chegou a comportar 13 pessoas e essa senhora, depois de muitas ameaças e dizer que iria dobrar o aluguel, não renovou o aluguel e eles tiveram que procurar outro lugar. Para os migrantes, não é concebível conseguir uma casa e não acolher os familiares, enquanto os proprietários viam isso como um abuso.

Nesse cenário, surgem as ocupações, espaços ao redor da cidade e que ultrapassam o perímetro urbano e demarcado de Pacaraima, e vão se expandindo conforme mais pessoas decidem se estabelecer na fronteira. Falar das ocupações em

Pacaraima também implica falar sobre a ocupação de terras indígenas, uma vez que ao redor do município é considerado terra indígena, como abordado no capítulo 1.

Refletindo sobre as condições precárias habitacionais, lembrando quantas vezes eu fui acionada para conseguir um tipo de moradia “mais decente” para muitas famílias venezuelanas que tinham condições de pagar até mesmo alugueis caríssimos e, mesmo assim, não conseguiam alugar por serem discriminados pelos proprietários locais, decidi entender melhor o contexto das ocupações e seus moradores. Muitas famílias estão lá há muito tempo, muitas não querem ir para os abrigos, muitas não querem interiorizar. Pacaraima é vista pelas autoridades estatais e agências internacionais como um lugar de fronteira, transitório e provisório, mas e quem não pretende sair de lá? O que resta para estas famílias? A maioria destas famílias que ficam em Pacaraima não quer se afastar ainda mais do país de origem. Muitos têm redes extensas de familiares que ainda estão na Venezuela. Para alguns, esse movimento de ir e vir entre Brasil e Venezuela é constante.

As políticas migratórias de cunho emergencial, como a política de abrigo, por exemplo, autoriza a permanência de uma família em abrigo por até 3 meses, quando ocorre uma avaliação de cada caso, como ter um parente em outra cidade (reunião familiar), ter um perfil de trabalho procurado, entre outros. Caso sejam aprovados, passam a contar com a possibilidade de serem encaminhados para outra cidade. Esta é a política de interiorização.

E para onde eles vão? Quais estratégias essas famílias desenvolvem para poderem permanecer próximas da Venezuela? O direito de permanência é, ao meu ver, de resistência. Uma vez que alguns já passaram por situações de violência, condições de saúde precárias, falta de infraestrutura e tantas outras dificuldades. Até porque, mesmo nas ocupações em que foram realizadas as compras do terreno em cartório, relatam uma incerteza de que essas ocupações poderão ser desmobilizadas a qualquer momento.

Apesar disso, muitas famílias preferem ficar em Pacaraima. As famílias têm medo da violência dentro dos abrigos, têm medo de não se adaptarem em outras cidades, vendo estas possibilidades como lugares muito distantes e, caso queiram retornar a seu país, acreditam ter de financiar a volta de trajetos longos dentro do grande país que é o Brasil.

Em algumas entrevistas a opção de interiorização está sendo levada em consideração, mas ainda não é algo certo e também não houve ainda mobilização dos

papeles, a documentação solicitada para aderir a esta política. Algumas famílias moram em Pacaraima há cerca de 5 ou 6 anos, mas ainda não decidiram se irão aderir à política. Nesse meio tempo, algumas já compram terreno, já construíram casas, já revenderam a casa, já estão alugando outra e pensando em comprar outro terreno. Então, por mais que elas falem em interiorização como uma opção, não necessariamente pretendem aderir. Já em outras entrevistas, em sua grande maioria, na verdade, não existe vontade nenhuma de ir *más adentro* e preferem ficar em Pacaraima.

Neste capítulo, procuro entender suas escolhas, suas vidas e seus cotidianos, quais são seus medos, suas inseguranças e suas vivências a partir de um desafio grande que é o de ter onde morar. As ocupações, para muitos, é a única solução, às vezes parece ser a possibilidade de adquirirem uma casa própria, às vezes, uma forma de não ter a pressão dos alugueis no seu orçamento. As ocupações são muitas coisas ao mesmo tempo.

Convivi com algumas destas famílias durante 6 meses em 2021, criei laços e vínculos principalmente com as crianças, mas também com seus familiares. Pude perceber que o projeto da Casa da Música em si, onde trabalhei, aproximava as crianças e suas famílias e criou uma rede de solidariedade entre elas. Mantenho contato com algumas famílias que ainda permanecem em Pacaraima até hoje. A rede de apoio entre eles é muito forte.

Desde este período sabia que a maioria das crianças que faziam parte do projeto moram nas ocupações espontâneas. Neste mesmo período de 2021, trabalhando em Pacaraima, surgiu a ideia de fazer um mapeamento de onde estavam essas famílias do projeto: onde elas se situavam, quais eram as condições habitacionais, as condições econômicas. Chegamos a imprimir um mapa de Pacaraima, mas essa atividade de ir de casa em casa não foi levada adiante naquela época por uma série de motivos. Principalmente o tempo e o esforço burocrático que eu e meu colega fizemos para tentar renovar o contrato de parceria com o ACNUR.

Essa sempre foi uma coisa que os maestros venezuelanos da Casa da Música diziam ser primordial. De certa forma, me senti culpada por não ter levado este desafio adiante. Dessa vez, por conhecer melhor também as interlocutoras locais, buscarei mapear essas redes de cuidado e as estratégias de sobrevivência e permanência em Pacaraima.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) realiza monitoramentos semestrais sobre a população refugiada e migrante que se encontra fora dos abrigos em

Pacaraima. Anteriormente, em maio de 2020, o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) também realizou um levantamento sobre este público, quando foram mapeadas 11 áreas de ocupação espontânea com 111 moradores. No entanto, ambas agências fizeram um levantamento bastante diferente. Me surpreendeu, por exemplo, ao analisar os dados do levantamento de maio de 2020 do ACNUR, não apontarem nenhum dado para uma das maiores ocupações espontâneas de Pacaraima, a das Orquídeas 2 e 3. Depois, pude entender que este foi um movimento em massa que ocorreu depois do levantamento da ACNUR.

Sobre o perfil das ocupações em 2020, o ACNUR aponta: poucas famílias nas ocupações (entre 3 e 4 e outras com 9 ou 10 famílias) com exceção da ocupação Vila Esperança, com 50 famílias, e da ocupação Florestal, com 35 famílias. Na Ocupação Florestal trata-se majoritariamente de uma população indígena.

Outro dado interessante que o ACNUR investiga, em 2020, é o da “propriedade desconhecida” e aponta que 55% das ocupações conhecem o proprietário do terreno. Porém, nas entrevistas do ACNUR, as pessoas afirmaram que não conhecem a documentação que comprove a propriedade e status do terreno. “Em mais de metade das ocupações (56%) os moradores têm que pagar para um terceiro (seja dono, líder comunitário ou qualquer outro indivíduo) para se estabelecer naquele espaço”. (ACNUR, MAIO 2020)⁵⁴.

O Acesso é considerado difícil em 73% das ocupações devido a regiões montanhosas, terreno de morro, trilhas de terra, vias não asfaltadas, áreas sem iluminação, travessia de córregos, etc. Com exceção da Vila Esperança, a maioria das ocupações estão localizadas nos entornos da cidade, onde não há acesso a carro ou transporte público. “Os entrevistados enumeraram diversos desafios relativos ao acesso, como deslizamentos, riachos, longas distâncias, picos muito altos, trilhas estreitas de terra e má iluminação; acesso aos serviços básicos e às questões de segurança” (ACNUR, 2020). Mais um dado relevante é que, devido a 7 ocupações espontâneas terem surgido há menos de 12 meses, o ACNUR aponta uma previsão de um aumento rápido no número de casas e famílias. O relatório também aponta que os materiais de construção são precários, sendo a maioria das casas feitas com barracos de lona, de madeira e paredes de lona, incluindo outros materiais como folhas de zinco, bambu e barro (ACNUR, 2020).

⁵⁴ Avaliação de ocupações espontâneas Pacaraima Maio 2020. Disponível em: <<https://data.unhcr.org/en/documents/details/76385>>

O acesso à eletricidade é limitado, "apesar de 56% das ocupações espontâneas terem acesso a eletricidade, a modalidade mais comum é por meio de compartilhamento entre diversas famílias (entre quatro a cinco casas) e/ou ligações elétricas clandestinas. Ocupações sem acesso a energia elétrica utilizam velas ou lâmpadas, ou ficam no escuro. Não há planejamento municipal para cobrir a deficiência dessas áreas." (ACNUR, MAIO 2020). Além disso, 73% das ocupações espontâneas não têm acesso a água encanada. Eles conseguem água com vizinhos próximos por meio de baldes e mangueiras ou buscam água em riachos ou em canos mais distantes em área aberta. Nesse sentido, há uma ausência de saneamento básico e falta generalizada de acesso à rede de esgoto. Apenas uma ocupação tem acesso a rede de esgoto e 91% não tem. A utilização do banheiro se dá por meio de buraco no chão ou a céu aberto e apenas três ocupações têm seu lixo coletado pelo município. As outras recorrem à queimada para o descarte do lixo (ACNUR, 2020).

Percebemos como são precárias as condições de moradia e como isso afeta as questões de higiene e saúde dos moradores. Apesar dos inúmeros desafios, a percepção do nível de segurança é alta e média. Apenas 18% dos moradores não se sentem seguros nas ocupações, principalmente durante a noite quando é preciso buscar água em lugares distantes. (ACNUR, 2020)

Em agosto de 2021, a OIM realizou um mapeamento de 18 áreas de ocupação espontânea, contabilizando 1.695 pessoas em espaços ocupados públicos, 255 pessoas em espaços ocupados privados e 2.065 em situação de rua, totalizando 4.015 pessoas fora dos abrigos, e destas, 1.350 são menores de 18 anos. Em setembro de 2020, eram 1.010 pessoas, número que se manteve relativamente estável até julho de 2021, que aumentou para 2.976 e em agosto para 4.015 pessoas. Esse aumento expressivo se deu devido à flexibilização da entrada na fronteira com a Venezuela em 24 de junho de 2021. Neste contexto, houve um aumento de quase 40% da população fora dos abrigos. A população nas ocupações espontâneas subiu para 3,7% em relação ao mês anterior, um total de 1.950 pessoas em 18 localidades. (OIM, 2021)

É importante definir o que a OIM chama de *Espaços ocupados públicos* e *Espaços ocupados privados*. Para a OIM, os espaços públicos são "espaços edificadas ou não devolutos, frequentemente inacabados, de propriedade pública, ocupados espontaneamente por venezuelanos". Em outras palavras, estes são os espaços que minhas interlocutoras consideram como as ocupações espontâneas. Por espaços ocupados privados entende-se: espaços edificadas, de propriedade privada, cedidos

temporariamente pelos proprietários à população desabrigada para estadia por tempo limitado ou indeterminado. Trata-se de abrigos que não são os da Operação Acolhida, como A Casa da Acolhida São José, a Comunidade Batista de Pacaraima, e o Bienaventurados. Essa categoria de *espaços públicos ocupados* me parece ambígua, pois dá a ideia de que seriam espaços públicos como escolas ou bibliotecas, e não são. São espaços em que os migrantes constroem suas moradias muitas vezes do zero. Diferentemente de Boa Vista onde houve, sim, espaços públicos ocupados como escolas e edifícios abandonados, mas que foram desmobilizados pelos agentes estatais.

A OIM divide a Ocupação do Morro do Quiabo em 1, 2 e 3, e a ocupação Orquídea em 2 e 3. Provavelmente não considera Orquídea 1, onde está localizada a Casa da Música, pois esta já está asfaltada.

“Cerca de 70% das ocupações espontâneas se encontram afastadas da área urbana e se caracterizam pelas construções improvisadas e barracas de lona, assim como pela falta de acesso às redes públicas de luz, água e saneamento, e em 100% dos espaços é utilizado a fossa séptica como sistema de saneamento. A temporada das chuvas contribui para o agravamento das águas paradas e, por consequência, a proliferação de mosquitos e possíveis casos de dengue. Em cinco das ocupações foram realizadas campanhas sobre a vacina contra a COVID-19 pela equipe médica da OIM, porém, a população continua a apresentar resistência à vacinação” (OIM, 2021).

Em novembro de 2021 foi feito um novo levantamento pela OIM com 15 áreas de ocupação espontâneas. Eram, na época, 3.531 pessoas venezuelanas e migrantes fora do abrigo e entra a Igreja Independente Batista como *espaços ocupados privados*, abrigando 77 pessoas. São 1.802 pessoas em ocupações espontâneas, 206 pessoas em abrigos fora da operação acolhida e percebe-se uma diminuição considerável na população em situação de rua de 2.065 para 1.523. As maiores ocupações são Orquídea 2 e Orquídea 3 com 239 e 305 pessoas respectivamente.

Em março de 2022 percebe-se uma redução ainda maior na população em situação de rua, que caiu para 357 pessoas. Tem-se, assim, um total de 2.218 pessoas fora dos abrigos da operação, 1.725 pessoas nas ocupações espontâneas e 136 em abrigos outros, como Casa da Acolhida São José (91) e Igreja Independente Batista (45).

Em agosto de 2022 é feito um novo levantamento e é instalado o PRA, Posto de Recepção e Apoio, área de acolhimento estabelecida pela Operação Acolhida, que oferece a possibilidade de pernoite e serviços. Neste espaço dormem 365 pessoas, 48 pessoas continuam em situação de rua, 1.654 encontram-se em ocupações espontâneas e

165 entre Casa da Acolhida São José (118 pessoas) e Igreja Independente Batista (47), totalizando em 2.228 pessoas fora dos abrigos da operação acolhida.

Em janeiro de 2023 são 411 pessoas dormindo no PRA, 71 em situação de rua, 1.361 em ocupações espontâneas e 109 distribuídas entre Casa da Acolhida São José (68) e Igreja Independente Batista (41). As maiores ocupações espontâneas continuam sendo Orquídea 2 e Orquídea 3, com 157 pessoas e 207 pessoas respectivamente. Em setembro de 2023 houve um aumento significativo de pessoas fora dos abrigos: 2.585 pessoas.

Em agosto de 2024 mais um mapeamento foi feito pela OIM sendo este o mais recente. Estive presente na inauguração, em novembro, de outro abrigo que já aparece neste último levantamento, o Portas Abertas (Pastoral do Migrante), abrigo que acolhe mulheres e crianças migrantes. Em agosto de 2024 este abrigo acolhia 43 pessoas. São 1.398 pessoas em ocupações espontâneas, 204 pessoas em situação de rua e 201 pessoas em outros abrigos que não os da Operação Acolhida.

Um dado, apontado por um gráfico nos levantamentos da OIM, que achei extremamente interessante foi o da sensação de segurança dos moradores das ocupações, que já era baixo em 2020, apontado por 18% das pessoas que não se sentiam seguras, foi caindo e em março de 2022 atingiu o número de 0% das pessoas que não se sentiram seguros, portanto, 100% se sentiam seguros nas ocupações ou em abrigos que não fossem os da Operação Acolhida. A partir do levantamento seguinte, em agosto de 2022, e nos que seguiram, este gráfico/dado sobre a segurança não esteve mais presente. As minhas interlocutoras, em 2023, confirmaram esta sensação de segurança nas ocupações. Voltarei a este debate mais adiante neste capítulo.

Quando cheguei em Pacaraima em outubro de 2023, pude perceber que a cidade estava um pouco mais vazia do que em 2021. Não havia tantas pessoas morando na rua e a quantidade de abrigos e espaços de acolhida também tinha aumentado.

Fiquei hospedada na Casa da Música, onde, na época, moravam Marlyn, o professor Francisco e seus dois filhos, Santiago e Mariela. Nesse período Marlyn estava trabalhando na ADRA,⁵⁵ instituição que realiza ações assistenciais voltadas para o público migrante de extrema vulnerabilidade social.

3.2 Circulando pelas ocupações...

⁵⁵ Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais

Marlyn conhecia bem as ocupações, pois em seu trabalho na ADRA ela tinha que realizar visitas constantes às ocupações, captar informações, preencher formulários com os habitantes, entre outras atividades. Por isso, considero que ela foi uma pessoa chave nesta pesquisa, pois foi através dela e do fato dela me apresentar como a antiga coordenadora de projetos da escola de música que tive acesso a estas pessoas e pude realizar minhas entrevistas. É muito complicado acessar uma pessoa, principalmente em frente, ou até mesmo dentro de sua casa, sem construir uma relação prévia.

Marlyn tinha uma boa interlocução com as lideranças das ocupações. Todas eram mulheres e ficavam encarregadas de ajudar as organizações em relação a informações sobre os habitantes de cada ocupação. Quando as entrevistei, elas sabiam quantas casas tinham, quantas famílias, quem recebia benefícios, quais crianças estavam matriculadas na escola, se havia alguém com algum tipo de deficiência ou doença grave, entre outras informações. Conversar com elas parecia um ótimo início para compreender melhor as dinâmicas das ocupações.

Julia: As lideranças das ocupações são as mesmas para todas as agências de Pacaraima?

Marlyn: As lideranças são as mesmas para todas as agências. Elas são escolhidas pela gente das ocupações.

Julia: Tem algum tipo de votação?

Marlyn: Sim, a gente faz uma reunião e eles escolhem a pessoa que mais faz pela comunidade.

Elaborei um roteiro semi-estruturado que passou por algumas alterações ao longo das entrevistas, pois algumas perguntas foram sugeridas de serem retiradas ou re-elaboradas por parte das minhas interlocutoras. O principal objetivo era buscar compreender melhor suas experiências em relação à moradia e suas estratégias de moradias na fronteira; entender quais foram as dificuldades para conseguir uma casa, dando abertura para elas contarem suas histórias, como foi vir para Pacaraima; conhecer as motivações dessas instalações e dessas formas de vida que essa migração vai produzindo na cidade.

Optei por trazer muitos relatos, além do método descritivo, e não apenas números, como tem sido os dados das agências que atuam na região. Iniciei essa aproximação me apresentando e dizendo que eu estava fazendo uma pesquisa sobre a questão da moradia em Pacaraima. Em seguida, pedia para a pessoa se apresentar, dizer o nome, a idade e quantos membros da família e pessoas moravam na casa, mas sempre iniciava com uma pergunta mais aberta para que a pessoa se sentisse confortável para contar suas trajetórias, sentimentos e percepções:

1- Queria que você me contasse um pouco da sua experiência migratória, como foi sair da Venezuela, e em relação a moradia aqui em Pacaraima, se você passou por dificuldades quando chegou no Brasil para conseguir uma casa. Em seguida também realizava perguntas mais diretas e objetivas para me situar melhor no contexto, tais como:

2 – De onde você veio da Venezuela?

3 – Há quanto tempo você está aqui em Pacaraima?

4 – Em quantas casas você já morou desde quando veio para o Brasil?

5 – Agora que você comprou o terreno, você se sente estabelecido?

6 – Ainda tem planos de interiorizar? Se sim, você tem parentes em outros estados?

7 – Como é a sua casa? Tem cozinha? Tem banheiro? Tem luz? Tem água?

8 – Como é sua vida cotidiana aqui?

9 – *Como você se identifica em relação a raça e cor? Preto, pardo, branco, indígena, amarelo?*

10 – *Como você vê a questão da raça aqui no Brasil? Você acha essa pergunta relevante?*

As perguntas 9 e 10 foram perguntas que não realizei em todas as entrevistas pois foram perguntas que foram sugeridas de serem “evitadas” por parte de algumas interlocutoras. Tentei adicionar essa pergunta no final da entrevista para não fechar portas e/ou gerar algum tipo de constrangimento. Marlyn sente que aqui no Brasil dão mais ênfase a questão de raça e essa pergunta está sempre nos questionários das agências estatais ou internacionais. Ela me dizia: *“Na Venezuela nunca perguntavam isso. Na Venezuela não existe essa separação entre brancos e pretos, pardos e indígenas. Então você perguntava para eles isso eles ficavam estranhos pela pergunta. Não é normal para nós essa pergunta.”* Algumas perguntaram “o que é pardo?” Ou seja, não eram categorias que se traduziam automaticamente. Em um congresso do OBMigra⁵⁶ e do Laemi⁵⁷ (03 a 05 de setembro de 2024, realizada no auditório do ICS⁵⁸) pude conversar com um dos expositores que coordenou o último censo do IBGE e ele apontou como anos atrás na região nordeste, muitos se identificaram como amarelos, pois não associaram esta categoria a origem asiática, mas sim a uma mistura, como por exemplo, pardo. Essa pergunta poderia inclusive aproximar o roteiro de uma entrevista similar ao modelo das agências internacionais. Trago aqui um trecho onde pude perceber esta situação no campo:

⁵⁶ Observatório das Migrações Internacionais

⁵⁷ Laboratório de Estudos sobre as Migrações Internacionais

⁵⁸ Instituto de Ciências Sociais

Julia: Como você se identifica? Parda, branca, preta, amarela, indígena? E como você vê essa questão racial no Brasil e na Venezuela?

Erika: Sim eu vejo as diferenças, mas mais pela televisão porque eu pessoalmente não senti. Na televisão me lembro que dão bastante ênfase. Uma vez me lembro que eu vi estava um negro com um carrão e a polícia pegou ele e o carro era dele. Mas eu pessoalmente não... Na Venezuela em nenhuma entrevista ninguém nunca me perguntou isso e aqui sim.

Julia: E como você se identifica?

Erika: O que é parda?

Julia: É digamos uma mistura.

Erika: Sim parda eu sempre coloco parda nessas coisas que perguntam porque minha mãe diz que eu não estou nem pra lá nem pra cá.

Julia: Você acha que na Venezuela tinha menos diferenciação?

Erika: Sim, não falamos de racismo nenhuma vez.

3.3 Ocupação Orquídeas 2

No primeiro dia de pesquisa, dia 20 de outubro, fomos pela manhã até a ocupação mais próxima da Casa da Música, a ocupação das Orquídeas. Esta ocupação, atualmente, devido a sua proporção, foi dividida entre Orquídea 1, Orquídea 2 e Orquídea 3. Trago algumas imagens desta ocupação.



Autoria das fotos: Marlyn (2023)

Legendas: O caminho até a ocupação das Orquídeas II / Estamos quase chegando



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Chegamos na Ocupação Orquídeas II



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Ocupação Orquídea II



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legenda: Vias estreitas Orquídea II



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legendas: Casa de dois andares ocupação Orquídeas II / Parede um mosaico de reciclados

A liderança dessa ocupação não estava presente. Fomos informadas que ela havia ido comprar medicamentos e chegaria pela tarde. Resolvemos tentar conversar com alguém que tivesse interesse em participar da pesquisa. Encontramos Diana, mãe de Jenny, uma das alunas da Casa da Música. Diana nos cumprimentou, foi muito receptiva e aceitou participar da entrevista e nos contou um pouco da sua história. Ela

mora na ocupação das Orquídeas 2 há cerca de 2 a 3 anos e narrou seu processo migratório para Pacaraima, que iniciou em 2018. Diana mora em uma casa feita de telhas, pedaços de tábuas de madeira, lonas e *materiais recicláveis*,⁵⁹ que fica depois dos cachos de bananeira. Em sua casa moram 5 pessoas: ela, seu marido e seus três filhos.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Ocupação das orquídeas 2, rua da casa de Diana.

Diana: Primeiro vieram os três. Meus dois cunhados e meu esposo. Primeiro para trabalhar, durante um mês mais ou menos e depois trazia a comida. Frank dizia pra mim que aqui era bom que ele gostava pela questão da economia, mas ele não gostava para viver. Não sei ele não gostava e dizia que nunca se viu que iria viver aqui. Um dia ele me disse que eu quero que você vá comigo para lá conhecer porque eu tenho um amigo que é brasileiro e ele vai me ajudar, ele me prometeu que ele vai me ajudar e vamos trabalhar em uma fazenda. Calma aí, que estou fazendo arepas....

⁵⁹ Essa categoria foi acionada diversas vezes ao perguntar de que materiais era feita a estrutura da casa. Diferentemente do que podemos imaginar como materiais recicláveis sendo: plástico, papel, eles diziam materiais recicláveis como materiais que foram pegos de outra estruturas, materiais reaproveitados de outra estrutura, como portas inteiras de metal, por exemplo.

Percebe-se que é importante a relação de confiança com “um brasileiro”, alguém do território que promete uma ajuda em relação ao trabalho, para se pensar na possibilidade de um deslocamento da família inteira. Em uma conversa informal, Marlyn relatou que muitas pessoas trabalhavam em situação de trabalho explorado nessas fazendas, com pagamentos de menos de 30 reais por dia em um trabalho extremamente pesado e exaustivo.

A conversa foi longa e ficamos inicialmente conversando na frente da porta de sua casa e, no decorrer da conversa, Diana nos convidou para dentro da sua casa e nos ofereceu *arepas* fritas com queijo branco venezuelano, que é um queijo maduro mais salgado. A primeira vez que comi esse queijo foi em 2021 quando Diego, maestro da escola de música, trazia de Santa Elena (VE) o *queso blanco* para revender em Pacaraima, e nós sempre comprávamos dele. Em 2023 já se encontrava este queijo por vezes em supermercados em Pacaraima, pois o consumo dele aqui é muito grande. O queijo muçarela por exemplo, com o calor, derrete, e esse queijo não derrete muito, é mais salgado e muito melhor para comer *arepas* fritas.

Diana: Então como eu estava dizendo ele me dizia que queria que eu viesse para cá mas de visita, que íamos vir de férias porque era tipo em agosto, férias escolares. Eu dizia que não queria vir para cá porque eu já tinha muitos problemas com ele porque ele vinha e as pessoas diziam que aqui tinham muitas mulheres desnudas, que andavam pelas ruas e eram venezuelanas porque elas vinham para trabalhar aqui com isso, então tive muitos problemas com ele falei que era melhor ele ter a vida dele aqui e me deixasse tranquila lá porque eu não queria uma relação assim, ele aqui e eu lá, não. Mas ele é meu esposo há 20 anos. (...) Então ele pensou que para me levar, ele decidiu levar meu filho Alexander que tem 17 anos, na época ele tinha 11 anos. Ele disse que seria apenas uma viagem de férias que queria que eu conhecesse esse senhor porque ele se comportava bem com ele. Ele dizia sempre que queria conhecer a família do Frank. Era uma pessoa muito boa. Porém, eu não consegui conhecer esse senhor porque o mataram. Isso foi muito ruim para nós porque nós iríamos vir para cá com esse propósito porque ele queria nos ajudar. Naquela semana meu cunhado disse que Frank tinha transferido dinheiro para eu ir embora. E eu não queria ir assim do nada, mas fui. Eu moro aqui tem 6 anos no Brasil, eu não voltei mais para lá. La invadiram nossa casa e roubaram todas as nossas coisas.”

Julia: Onde você morava?

Diana: Em Maturí, Estado Monagas da Venezuela. Então eu vim e Frank conheceu outro senhor Brasileiro, para ele foi mais fácil por isso. Ele alugou uma casa de dois andares e era 15 reais por dia. Mas quando eu cheguei aqui o arroz custava 2-2,50 o Óleo era 4 reais, agora está 9-10 reais. Chegou até a 13. E os biscoitos eram 1 real. Eu comprava meio frango por 5-6 reais. E eu colocava um monte de venezuelanos lá, os que iam para Boa Vista, eu os acomodava, às vezes chegava a mais de 20 pessoas. Essa casa era muito grande.”

Julia: Isso foi quando?

Diana: Em 2018. Eu cheguei na mesma semana que fizeram uma marcha contra os venezuelanos. Queimaram as barracas.⁶⁰ Eu vi isso e fiquei muito assustada. Dizia não, não, eu quero ir embora, eu quero ir embora, vamos embora. Haviam me dito muitas coisas e eu tinha medo. Depois tivemos que sair porque o senhor ia vender a casa e então conhecemos um senhor que nos ajudou e vivemos dois anos lá de graça ele nos ajudou muito, nunca nos cobrou, aí veio toda a família, veio minha irmã o esposo e seus três filhos, minha mãe, meu irmão com sua esposa, foram chegando pessoas, éramos 7 famílias. Fazíamos 3 quilos de arroz por dia. Mas por fim Deus nos deu a vitória. Graças ao senhor, o senhor já nos deu algo, mas não sabemos se isso é próprio, porque a gente escuta tantas coisas, que vão tirar a gente daqui que não vão tirar a gente. Mas bom, depois daí nós conhecemos esse senhor brasileiro, o rapaz José, chamamos ele assim, ele nos deu alojamento a toda família e depois ele começou a cobrar 300 reais. Depois daí nós construímos isso aqui, compramos esse pedaço de terra por 500 reais. Naquela época 500 reais era muito. Porque o dono daqui era o dono daquela casinha que está ali atrás era um venezuelano que tinha tempo morando aqui, ele disse que morou 13 anos aqui e ele pegou todo esse espaço até ali. E ele vendeu isso pra gente. Depois foi um problema porque a madre ana maria disse que esse terreno ele tinha que ter cedido. Antes isso aqui tudo era lindo, tinha pé de tomate, bananeiras, cheiro verde, mandioca, *arril*, *parcita*, *plátano*, *cambure*, *letchuga*. Ele eliminou tudo isso e foi vendendo as partes porque ele vivia desse terreno. E a *madre* disse que esse terreno não era dele, que ele tinha invadido que era muito lindo, algo produtivo. Essa foi uma situação *fuerte* (difícil). Antes eu ficava perto daquela pousada Macunaima, sabe onde fica? Era muito longe e eu estava grávida e vinha todos os dias aqui, ficava o dia inteiro para que eles me dessem um pedacinho de terra. Depois a Madre Teresa ficou sabendo e disse que esse terreno não era dele, que ele havia invadido até aqui porque era algo produtivo. De verdade eu quero sair daqui, porque veja isso...

Julia: Molha muito aqui quando chove?

Diana: Sim. Quanto tempo muito vento também. Meu esposo quer construir, mas nós não podemos construir porque a senhora daqui disse que não podemos porque foi uma ordem que nos deram, que não podemos.

Julia: Mas vocês não compraram?

Diana: Sim!

Julia: Então aquele rapaz vendeu, mas na verdade não era dele?

Diana: Isso não era dele, a mãe dele nunca ficou sabendo disso.

Marlyn: Quem é a mãe dele?

Diana: Senhora Maria, ela é muito reconhecida aqui, é uma senhora brasileira e ela ajuda muito as pessoas. A irmã Graça.

Marlyn: Elas são da Pastoral? Do abrigo que está no centro? Elas têm um abrigo para mulheres e crianças.

Diana: Ela me ajudou muito, me dava bolsas de comida, sabão, quando meu filho era pequeno dava leite cereais.

Marlyn: Ela conseguiu escola para eles?

Diana: Não, escola não, eram coisas que ela dava. Benefícios, ela ajudava todo mundo dos venezuelanos, dava roupas, ela me dava de tudo, eu tenho muito carinho por ela e ela por mim. Até que as coisas para nós foram bem.. assim.. na verdade.. mais ou menos.. quando morei lá embaixo, e fiquei lá 2 anos, sem luz, sem água, lá é um barro, ninguém sabe que isso existe. O pai da Jenny fez tipo uma escada até embaixo. Pegávamos sacos de *pinpina* (refrigerante) para lavar. Tudo que eu passei aqui.. bom.. Mas pelo menos não estamos na rua, tem gente que está na rua.

⁶⁰ Este evento extremamente violento foi relatado no capítulo 1.

Julia: E porque vocês não podem construir aqui?

Diana: Ele disse que não podíamos porque esse terreno apareceu a dona, e ela talvez recupere, acontece é que como nos protegem pela quantidade de crianças, veja tem crianças demais aqui correndo. E mesmo se nós tivermos energia e pagamos isso não é nada porque não são terrenos próprios, imagina.. Mas o senhor é bom. Minha sogra comprou um terreno. Estamos vendo de comprar um pedaço desse terreno para nós também.

(...)

Julia: Você teve alguma experiência difícil em relação à habitação?

Diana: Na verdade, uma vez veio um pastor brasileiro, pelo menos ele dizia que era pastor, ele nos desalojou em novembro, e nós não sabíamos, saímos dia 23 de novembro, disse que havia vendido a casa e que tínhamos que sair, sem avisar. Frank meu marido teve problemas com ele porque ele disse que não era assim, que ele tinha que avisar antes. E ele disse que não, que isso era dele. E me lembro que minha irmã estava comigo, estava grávida e esse mesmo dia tivemos que ir para Maturí, tivemos que ir andando, porque ela não gostava daqui, não tinha amigos ou com quem se relacionar, ela era bem jovem e tinha 19 anos quando chegou aqui grávida. Ela veio e quando chegou aqui ela teve um ataque, várias crises e dizia que ela queria ir para a Venezuela até que ela foi. Eu falava pra ela Rassiel como você vai eu não tenho dinheiro. “Não, eu quero ir embora me voy me voy me voy!” Meu esposo como estava bravo disse que ia dar o dinheiro pra ela e que ia levá-la. E fomos acompanhar ela com um saco de comida até *aduanas*⁶¹, lá ela pegou um caminhão, pegou a carona para Santa Elena e de Santa Elena levaram ela no trem para o terminal de lá. (...) Mas a nós, nos desalojaram assim, sem compaixão e sem nada, só disseram saiam e *nosotros*, vamos. Mas esse senhor às vezes se comportava bem um dia e às vezes fazia coisas más no outro dia, não sei porquê. Isso foi traumático, eu disse que não queria nunca mais passar por isso. Eu também tinha que mandar dinheiro para minha mãe, porque ela dizia que às vezes almoçava, às vezes não. Às vezes o desespero ataca a gente e um tira a própria vida, ataca a depressão porque é muito difícil. (...) Meu sogro agora está passando por uma situação assim também. Os brasileiros desalojaram eles, mas deram até dia 15 de dezembro para eles saírem. E a vizinha brasileira ligou para o senhor dono da casa e ele está agora contra a minha sogra. Acho que teve alguma fofoca porque minha sogra queria comprar um terreno. Teve um problema com uma árvore de abacate. Porque queriam cortar a árvore e minha sogra não queria cortar. E a vizinha brasileira disse pro senhor que na verdade minha sogra ia cortar, mas não era verdade. Aí o senhor dono da casa ficou bravo e está mandando eles embora.

Enquanto estávamos voltando, vimos uma casinha onde Marlyn e sua família ficaram por três noites assim que chegaram da Venezuela. Ela já havia me mostrado aquela casinha em 2021. Disse que a casa estava diferente e parecia ter passado por melhorias, visto que estava bem maior desde a época em que eles ficaram lá. Disse que tinha lembranças terríveis dali. Naquela época era um estábulo de cavalos muito pequeno, feito de madeira, e Marlyn dizia que era muito ruim porque tinha muitos ratos.

Marlyn: Teve uma noite que não conseguimos dormir, porque uma pessoa ligou a torneira do lado de fora e alagou a casa dentro. Ficamos nervosos porque não sabíamos

⁶¹ Aduana é o ponto de controle para passar da Venezuela ao Brasil.

se a pessoa queria entrar... se ligou a torneira para que nós saíssemos para pegar nossas coisas.

Eu tirei uma foto dessa casa que ficou meio borrada porque passamos depressa, pois Marlyn não queria que ninguém nos visse por ali. Também optei por não expor um lugar permeado por tantas sensações e percepções negativas, vivido num momento de extrema vulnerabilidade, que representou um trauma para Marlyn, pessoa tão importante para mim.

3.4 Entrevista com Senhora Angélica, liderança da ocupação Orquídeas 2

Na parte da tarde voltamos para a ocupação da Orquídea 2 e conseguimos conversar com a liderança, a Senhora Angélica. A ocupação possui 45 moradias e 193 pessoas, sendo 85 crianças. A liderança da ocupação é a pessoa responsável por manter os dados das pessoas que vivem na ocupação atualizados. A senhora Angélica foi uma das primeiras moradoras que se estabeleceu na ocupação espontânea das Orquídeas 2. Ela contou que, apesar da precariedade, todos se conhecem e cuidam uns dos outros, o que traz segurança. Em sua casa, feita de materiais recicláveis, moram 14 pessoas. Muitas entrevistadas falavam que a casa era deste material “*recicláveis*” e com isso elas se referem a lonas, pedaços de madeira descartados, plástico, entre outros materiais. Os materiais recicláveis estariam em oposição aos materiais que criam uma estrutura fixa, como cimento, tijolo, etc. Por serem recicláveis, estaria subentendido que fosse uma estrutura móvel, maleável. Então, em caso de despejo, seria possível desmontar a casa e montá-la em outro lugar. Todas as casas possuíam mais ou menos a mesma altura, cerca de 2 metros. Menos uma, que tinha dois andares. Era impressionante como uma casa de dois andares tivesse sido feita de materiais considerados frágeis para este tipo de estrutura.

Pude perceber que as casas tinham pouco mais de um metro de distância umas das outras, sendo algumas delas praticamente grudadas, com poucas exceções de algumas em que havia um espaço maior, por onde as pessoas transitavam. São todos vizinhos, aliás, muito vizinhos. É comum ver crianças circulando livremente de uma casa para a outra. Isso também ajuda a criar um espírito de comunidade entre os moradores. Não é à toa que na maior parte dos levantamentos feitos pela OIM a maioria das pessoas que vivem na ocupação dizem que se sentem seguras.

Uma coisa que a senhora Angélica apontou como possível melhoria é a possibilidade de se criar uma espécie de rotatividade de cuidados entre as mães que

moram na ocupação, pois dessa forma elas podem trabalhar também, não apenas os homens. De fato, ao visitar a ocupação pela manhã, não vi muitos homens. As mulheres predominam em quantidade pela manhã ou durante o horário comercial de trabalho. Na maioria dos casos são os homens que saem para trabalhar e as mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças. A maioria vivem com parentes da mesma família, há tanto mães solo como famílias extensas vivendo juntas, seja temporariamente ou, em alguns casos, permanentemente. Há como se fosse uma obrigação de se acolher parentes que chegam da Venezuela.

A senhora Angélica mora em Pacaraima há 4 anos e nas ocupações das Orquídeas 2 há 3 anos. Antes disso, ela morava de aluguel na casa de um brasileiro que seu filho havia conseguido para ela. Perguntei se o aluguel que ela pagava há 4 anos atrás era caro.

Angélica: Neste momento não era tão caro, mas agora sim está muito caro, porque era um quartinho e estão alugando por 700-800. Uma casinha com dois quartos mil e tantos. É o que um ganha em um mês. Se trabalha com carteira assinada. Se paga o aluguel não tem pra pagar mais nada e às vezes tem que pagar luz e água também, como que faz? Agora é assim que se está fazendo: a maioria das pessoas vivem duas três famílias e então dividem o aluguel, pra poder ter um pouquinho de dinheiro porque se não sozinho, com só um trabalhando, é complicado. Uma família de 4 pessoas com um só trabalhando é muito difícil.

O impacto que a pandemia gerou na economia de Pacaraima foi descrito por quase todas as entrevistadas, que apontaram que os preços aumentaram muito depois da pandemia tanto nos supermercados quanto nos aluguéis.

O fato da maioria das pessoas serem mulheres durante a realização da pesquisa privilegiou este público nas entrevistas. Alguns homens raramente apareciam e estavam interessados em participar da pesquisa. As mulheres, além disso, pareciam estar mais atentas em relação às dificuldades apresentadas na estrutura da casa, na educação das crianças e nos cuidados médicos. Estes foram os principais questionamentos trazidos por elas, além da dificuldade econômica e o desemprego. Perguntei sobre as terras para a Senhora Angélica.

Julia: Vocês sabem quem são os donos?

Angélica: Não, há mais ou menos 3-4 meses vieram aqui dizer que o dono estava aqui, que iam tirar a gente daqui, que já tinha tempo que ele ia vir e ia dar um tempo para a gente sair. Mas até agora não vimos nada. Só isso que ouvimos que as pessoas dizem mas não sabemos se é verdade.

Julia: Então isso é propriedade privada de alguém?

Angélica: Sim.

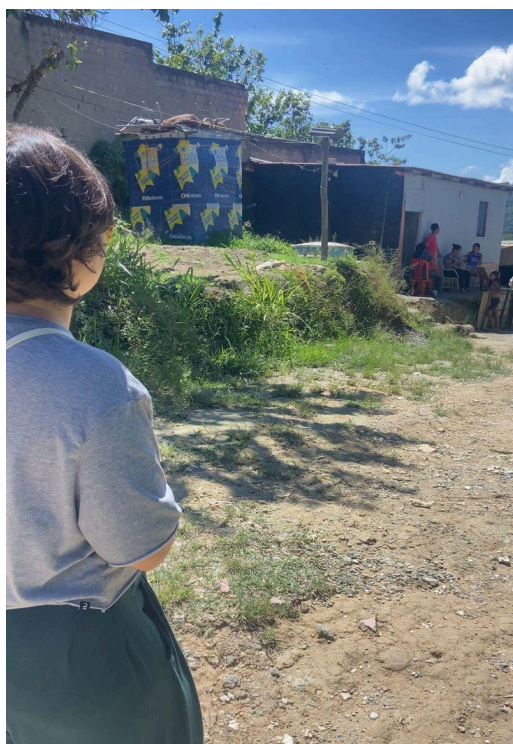
Julia: Porque eu achava que era terra indígena. Sem um dono específico.

Marlyn: Eu acho que não tem um dono, tudo é terra indígena. Eu não penso que tenha um dono de terra, mas é o Estado que controla.

Angélica: É porque há 2 anos atrás, tinha uma senhora que disse que sim, isso aqui tem um dono, mas esse dono não mora aqui, está fora em outro estado. Tinha um herdeiro, mas esse também não veio por aqui. Nós construímos um poço aqui, pelo menos tivemos essa liberdade. Mas teve um moço venezuelano que disse que como já estamos aqui há mais de 4 anos, não vão tirar a gente daqui não.

3.5 Ocupação Vila Nova 2

Nesta ocupação, diferentemente da ocupação das Orquídeas 2, já visitada por mim, pude perceber uma distância maior entre as casas e muitas casas feitas de materiais de alvenaria. As ruas também não eram asfaltadas e tinha muito verde ao redor, assim como um riacho com uma ponte quebrada. Notei um carro que havia ficado atolado durante a chuva no meio do caminho. Além da dispersão maior entre as casas e uma diferença considerável entre uma casa e outra, tanto pelos materiais utilizados na construção, quanto pelo tamanho da casa, parecia uma ocupação que foi se formando aos poucos. Algumas casas já existiam há mais tempo que outras construções mais recentes. O sentido e o posicionamento das casas também era divergente. Algumas em pontos mais altos, outras mais embaixo, os caminhos que as interligavam eram menos evidentes.



Autoria da Foto: Marlyn (2023)

Legenda: Chegando na Casa da liderança Laura da ocupação Vila Nova 2



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Casa da liderança Laura

A liderança da ocupação, a senhora Laura, contou que ali vivem 22 famílias e são, ao todo, 72 pessoas. Destas pessoas, tem um senhor incapacitado por problemas de coluna e um menino com síndrome de down. Laura também havia feito a compra do terreno para poder construir. No entanto, ela pagou um valor bem mais alto do que a compra do terreno de Diana, que pagou 500 reais em 2020 nas Orquídeas 2. Laura comprou seu terreno em 2021 na Vila Nova 2 e pagou 6 mil reais parcelado.

Laura: Bom, chegamos direto a um rancho que estava aqui feito, que ele é mais morador que eu e ele tem 4 anos aqui em Pacaraima (apontando para um homem, que irei chamar de Jorge, pois a partir desse momento ele também entrou na conversa), que a outra garota que era a liderança aqui, foi que deu o permissão para que ele se metesse aqui, porque se estava transformando em delinquência, entender? Então através disso foi que nós fomos ficando aí e depois vem o processo de lutar pelo terreno se paga por... lutamos pelo terreno pela Defensoria Pública, fomos à Defensoria Pública, da Defensoria Pública, passamos ao cartório, para fazer o contrato de compra e venda.

Jorge: Com papel, todo firmadinho por cartório. Foi pelo cartório pela condição que este terreno já tinha anos com bandidos, muita bagunça por ali então fizemos a compra e venda porque não tinha energia, não tinha nada. Então fizemos o acordo com a defensoria pública e o terreno parcela.

Julia: E vocês podem construir coisas fixas aqui? Construir casa fixa?

Jorge: Até onde eu entendi, como isso é zona indígena, podemos construir de metal. Mas lá embaixo estão construindo tijolos. Aqui tem uma parte de tijolo também. Mas se eu pudesse construir tudo de tijolo eu construiria. Mas como isso é zona indígena...

Julia: Então se é área indígena não é bom construir casa de tijolos?

Jorge: Sim foi o que eu escutei porque o presidente desta zona mora ali, o rapaz, então foi essa orientação que tivemos.

Julia: Entendi.. e vocês passaram por alguma dificuldade por em algum momento não ter água nem luz? Como foi? Sempre teve?

Laura: Sim o senhor Messi, é o dono da água que nós temos e a energia é o senhor Omar. Antes os donos eram senhores brasileiros e venderam para ele. O senhor Omar ajuda a comunidade.

Jorge: Em Roraima o projeto tem que estar mas ainda não...

Laura: Nós fomos já lá na prefeitura pra pedir luz própria para ter benefício legal e disseram que tinha um projeto e que tínhamos que esperar. Esse projeto da prefeitura é pelo menos para asfaltar a rua e trazer energia para cá e eles vão asfaltar até lá embaixo por ali até lá. Vão colocar postes grandes também. O projeto vem pouco a pouco.

Julia: Mas vocês pagam a energia para o senhor Omar?

Jorge: Não, não pagamos, tem duas ou três casas que pagam energia. Aqui não pagamos.

Julia: E todas as casas têm água e energia aqui?

Jorge: Acho que sim.

Julia: E qual é a casa mais antiga aqui? A primeira da ocupação?

Jorge: Mas dos venezuelanos ou dos brasileiros?

Laura: Ai embaixo aquela moça.. como se chama.. Andrea. Tem 3 anos.

Julia: E vocês se sentem seguros aqui?

Jorge: Sim, estamos juntos, é muito tranquilo por aqui. Aqui não tem roubo. Aqui é pequeno e todos nós conhecemos. Todos trabalham. A maioria trabalha. Muito tranquilo, pode deixar o que quiser do lado de fora, isso não se perde. Lá embaixo também é uma rua sem saída. Ali tem um garimpinho, ai depois tem uma pescaria.

Depois de circular um pouco pela ocupação resolvi voltar e perguntar novamente como era a questão da energia porque não havia ficado muito claro para mim.

Julia: Como é a questão da energia aqui mesmo?

Laura: Quem paga a energia é o Senhor Omar. Nós não pagamos energia.

Julia: E ele paga para 42 casas a energia?

Laura: Isso é o que eu não entendo.

Marlyn: Roraima energia veio colocar os postes?

Laura: Não. Nós fomos na prefeitura, todas as famílias fomos faz dois meses pedir os postes. Esse projeto de Boa Vista vai pra Brasília e se aprovarem vão colocar 4 postes. E aí cada um vai pagar sua energia.

Julia: E desde que vocês chegaram aqui nunca pagaram energia?

Laura: Não. Ele mora aqui há 5 anos e não paga energia.

Continuei sem entender muito bem como funcionavam os pagamentos em relação a fiação elétrica, mas se todos tinham energia e água, já era algo positivo. Essa ocupação é menor em relação a das Orquídeas 2. Ao redor desta ocupação é possível ver mais verde e menos construções. Tem até um pequeno córrego que passa na frente. Laura mora aqui há 2 anos, comprou o terreno por 6 mil reais e disse que existe um documento registrado no cartório. No entanto, ela não está autorizada a construir algo

fixo, de tijolo, porque é terra indígena. É como se aquele espaço fosse seu, mas nem tanto. Ninguém sabia explicar exatamente como funcionava esse acordo. Mesmo assim, estavam conformados com essa situação que eles descreveram como irreversível.

Me perguntei se existe algum tipo de legislação que regularize esse processo. Se depois de um certo período ocupando uma terra ela passa a ser sua. E em caso de terra indígena? De acordo com a legislação brasileira, “aquele que, por quinze anos, sem interrupção, nem aparição, possui como seu um imóvel, adquire-lhe a propriedade, independentemente de título de boa-fé, podendo requerer ao juiz que assim o declare por sentença, a qual servirá de título para registro no cartório de Registro de Imóveis”.⁶² Além disso, para entrar com o pedido de usucapião ordinário, a pessoa precisa ter posse do imóvel por no mínimo dez anos sem interrupção.

No entanto, em território indígena, não é possível seguir com esse tipo de regra. As terras indígenas são inalienáveis. O processo só poderia ser revertido em caso de anulação do processo de demarcação. Conversei com um advogado indígena que conhece bem toda a história do processo de demarcação indígena da região de Pacaraima e ele afirma que até hoje trata-se de um problema não resolvido. Assim como abordei no capítulo 1.

Iris, outra moradora do Vila Nova 2, se interessou em participar da entrevista e me levou até sua casa.

⁶² Disponível em:

<<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/usucapiao#:~:text=A%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20permite%20que,os%20requisitos%20exigidos%20pela%20lei>> Acesso em 10 de outubro de 2024.



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Iris me guiando até sua casa



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legenda: Carro preso na subida de terra e Riacho com a ponte quebrada



Autoria da foto: Marlyn (2023)

Legenda: Dificuldade na hora de subir pela “escada” de troncos e terra

Íris está em Pacaraima há um ano. A casa dela é feita de materiais reciclados, mais parecida com a estrutura das casas da Ocupação das Orquídeas 2, porém, ela não comprou o terreno, disse que é um terreno “emprestado” e ela não paga aluguel. A casa dela fica mais distante da casa da senhora Laura, então caminhamos até lá com duas crianças correndo atrás. A casa de Iris fica em um pequeno morro alto de difícil acesso e para usar o banheiro é preciso descer e ir até uma outra casinha do outro lado. É um banheiro compartilhado com outra família.

Íris: Esse terreno é de um brasileiro e ele emprestou pra gente construir essa casa, ocupar, mas não é estável.

Julia: Então a qualquer momento ele pode pedir para vocês saírem?

Íris: Sim.

Julia: E você confia nele?

Íris: Bom.. Sim. Esse pessoal que mora ai na frente mora aqui tem 5 anos e eles são conhecidos meus e eles conversaram com esse senhor. Então eu construí isso.

Julia: Mas ele não autoriza construir fixo?

Íris: Não.

Julia: E tem luz? Tem água?

Íris: Não. Nem luz, nem água. Tentei conversar com os vizinhos, mas eles não autorizam porque pode ter multa. Mas a água a gente consegue, mas a luz não.

Julia: E esses que moram aqui há 5 anos? Também não tem luz?

Íris: Também não tem luz. A gente tenta manter o celular carregado para emergência de noite e velas.

Julia: E aqui quando chove entra água?

Íris: Sim pela ventilação das tábuas porque não tenho recurso para terminar de cobrir.

Julia: Você se sente segura aqui?

Íris: Sim. Na minha casa sim.

Julia: E você pretende ficar aqui mais tempo ou prefere interiorizar?

Íris: Estou pensando nisso, interiorização, mas não estou metendo *papeles* (documentos) nem nada.

Julia: Você trabalha aqui? Seu esposo trabalha?

Íris: Eu não. Meu esposo faz diárias. De ajudante, limpa, pedreiro.

Julia: Você tem quantos filhos?

Íris: Um e tem meu sobrinho também.

Julia: Quantas pessoas moram aqui?

Íris: Duas famílias. 7 pessoas.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Casa dos conhecidos de Íris que conversaram com o “senhor” brasileiro para “emprestar” o terreno para Iris construir sua casa.

Ao tirar fotos de dentro da casa, percebem-se feixes de luz entrando quando o sol bate em diferentes partes. São pequenos buracos que não só deixam a luz entrar, mas também a água das chuvas escorre para dentro da casa. Fiquei me perguntando como

ficaria aquela casa com as fortes tempestades frequentes em Pacaraima. Apesar da infraestrutura frágil e de Íris afirmar que ainda está buscando recursos para fortalecer este espaço, existe uma organização considerável e um cuidado para manter tudo em ordem e em seu devido lugar.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Casa no terreno “emprestado” da Iris



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Banheiro compartilhado Iris atrás das roupas estendidas no varal



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Camas de casal com mosquiteiro dentro da casa da Iris



Autoria da foto: Julia (2023)
Legendas: Casa da Iris espaço interno e Cozinha da Iris

3.6 Ocupação Morro do Quiabo

O Mercabox, considerado o maior supermercado da cidade, fica localizado próximo ao centro, na esquina de uma rua muito movimentada com muitos comércios, papelaria, farmácias, lojas de roupa, etc. A grande maioria do comércio de Pacaraima é voltado para alimentação. Essa parte da cidade é pavimentada com asfalto, tem calçada, tem o ponto de táxi, recurso importante, uma vez que não existe transporte público, como ônibus, na cidade. Para chegar no Morro do Quiabo é preciso passar pela esquina do Mercabox e seguir em frente. Depois de seguir em frente, a rua já não é mais asfaltada, continuando nessa direção e seguindo em frente, do lado esquerdo da rua já sem pavimentação, então se inicia a ocupação do Morro do Quiabo.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Entrada ocupação Morro do Quiabo



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Em direção a Casa de Erika na Ocupação Morro do Quiabo



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Casa Morro do Quiabo



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Ocupação Morro do Quiabo



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Subidas Morro do Quiabo



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Descidas Morro do Quiabo

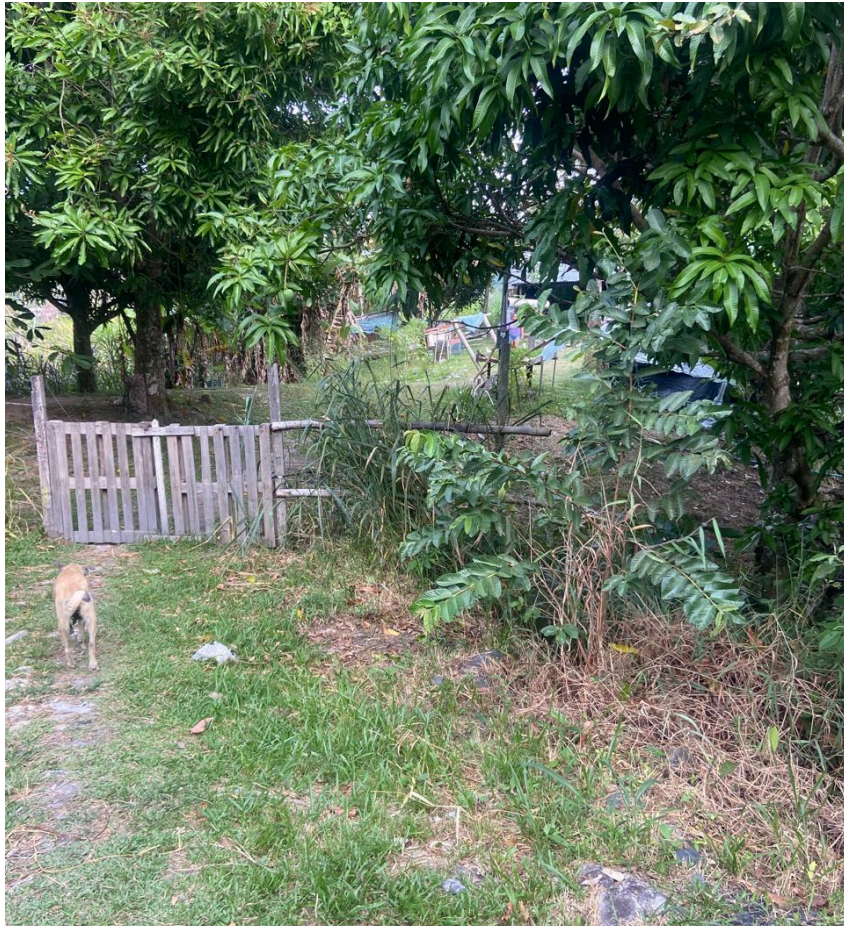


Autoria da foto: Julia (2023)
Unidade habitacional⁶³ no Morro do Quiabo?



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Duas Unidades Habitacionais no Morro do Quiabo?

⁶³ Termo técnico para *as casinhas do ACNUR*. A dúvida surge do fato dessas casinhas estarem localizadas em um ponto tão distante dos abrigos que detêm esse tipo de habitação.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Chegamos na última casa



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Casa de Erika Ocupação Morro do Quiabo



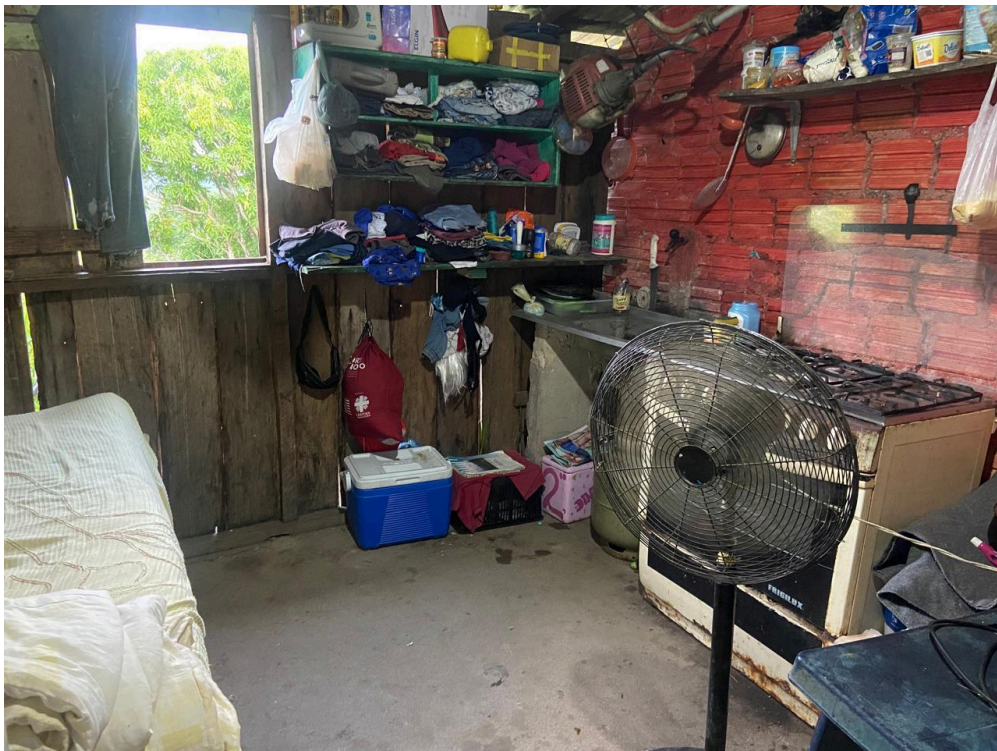
Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Quintal da casa de Erika



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Horta Casa de Erika



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Coentro na Casa de Erika e a caixa d'água.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Dentro da Casa de Erika

A liderança desta ocupação mora na última casa da ocupação, última casa porque depois dela é como se fosse um precipício. No entanto, a vista da casa é ampla e bonita, sensação de um grande jardim. Perguntamos na entrada da ocupação onde ficava a casa de Erika e todos diziam que não tinha erro, era a última casa. Mais pra frente perguntamos de novo: “continuem andando, sempre reto até o final, cuidado com os cachorros do vizinho”. Quando chegamos, Erika foi nos receber e abrir o portão. Havia cachorros, galinhas e até mesmo um papagaio.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Papagaio de estimação de Luís, filho de Erika

A casa fica como se no alto de um precipício e tem um terreno grande e uma vista muito bonita. A liderança da ocupação era a mãe de Erika, a senhora Ana, que havia ido à Santa Elena. Erika trouxe um banquinho para sentarmos e ficamos ali conversando um pouco. Luís estava com febre e estava descansando. Ela contou que ali moram com sua mãe, seu pai, com o irmão e sua filha, marido e dois filhos. Porém, ela relatou que a relação entre seu marido e seu pai não é muito boa e por isso eles queriam ir para outro lugar. Disse também que sua mãe comprou um terreno ali perto e apontou para mim no horizonte o terreno. O dono daquela casa onde eles estavam havia pedido para eles irem embora. Ela ainda não sabia o que iria fazer. Erika vive em Pacaraima há

6 anos. A Casa está dividida em três partes, o banheiro é compartilhado, mas a comida, a cozinha e os quartos são divididos.

Julia: E aqui você tem água e luz?

Erika: Aqui realmente é assim, desde onde está aquela mesa que tem um liquidificador aí fora desse pedacinho aí, é o meu. É só o meu. Tem a cama onde dorme Luis e meu bebê e a cama onde ficamos, eu e meu marido, e a cozinha. O banheiro sim fica do outro lado e sim todos compartilhamos. Dessa porta para lá em um quartinho está meu irmão com sua filha de 2 anos e seu filho de 7 anos. Eles sim cozinham em comum. E eu tenho minha comida e minha vida é a parte. E minha mãe, meu pai e meu irmão cozinham pra eles. A água se paga entre todos. 40% paga meu esposo 40% paga meu pai e 20% paga meu irmão. O botijão de gás é a parte, para nós dura 2 meses e o deles dura 1 mês. E a água também dividimos a conta.

Julia: Você disse que vão ter que sair daqui, certo? E já sabe para onde vão?

Erika: Sim, em dezembro. Minha mãe comprou aquele terreno lá embaixo, mas eu não quero ir porque meu esposo e meu pai não se dão muito bem. Então eu não quero ir. Tá vendo esse terreno que tem tipo uns tijolos? Ai que minha mãe comprou.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Erika me apontou no horizonte onde sua mãe comprou o terreno

Erika: Temos que encontrar uma maneira de interiorizar ou de alugar.

Julia: E se vocês tiverem que ir para o abrigo para poder interiorizar?

Erika: Não, eu não quero ir para o abrigo. O abrigo *son muy malo*. São horríveis. Estive uma vez apenas porque Luís tinha que fazer uns exames do coração. Pricumã em Boa Vista. E olha que esse abrigo estava recém inaugurado, como 2 meses quando fomos. Estava ok mas sempre tem os malandros me entende? Esses abrigos estão cheios de *malandros*. Então pra mim essa ideia de ir pra abrigo eu digo não, não, não, não quero ir pro abrigo.

Julia: E você tem alguma ideia de onde você gostaria de ir?

Erika: Qual foi esse lugar que você me disse? Campinas?

Julia: Ah sim. Eu acho que falei de Campinas porque minha mãe é de lá. E como você disse entre Campinas e Curitiba eu recomendo mais Campinas.

Erika: Mas conhecer eu não conheço ninguém. Mas eu sei que tenho que tomar cuidado com o clima. Porque eu não suporto muito frio.

Julia: Curitiba é mais frio no inverno.

Erika: Então não. Tem que ser algo intermédio.

Fiquei me perguntando o que Erika viu e/ou ouviu em relação aos abrigos, pois ela estava convencida de que estes são um lugar perigoso, especialmente para mulheres e crianças. Em seguida, Erika me contou como foi sua trajetória migratória desde quando chegou em Pacaraima. O relato a seguir é bastante longo, mas descreve de forma sensível os inúmeros desafios enfrentados por Erika e sua família ao chegarem no Brasil. A insegurança descrita a partir da falta de uma casa e da busca incessante por um lugar coberto para poder ficar, dormir, cozinhar, e se proteger da chuva, do frio e da violência presente nas ruas, demonstra como a fronteira pode ser um ambiente hostil e repleto de obstáculos. Em sua maioria são lugares provisórios, com datas e tempos delimitados para sua permanência, além disso são lugares precários e improvisados, que dependem das estratégias de sobrevivência de cada migrante, que muitas vezes parece se encontrar à deriva e abandonado à própria sorte.

Erika: Quando viemos para cá primeiro vieram dois irmãos e meu esposo. Um dos meus irmãos não se adaptou porque ele ficou morando na rua. Então depois de uma semana ele voltou para Venezuela e eu vim porque meu esposo estava aqui. Os primeiros dias eu lembro que tinham pequenas habitações, eram como 7 habitações e as pessoas já moravam ai alugando, e meu irmão e meu esposo pagavam 10 reais por dia para eles mas para somente guardar as coisas ai e tomar banho. Mas dormiam do lado de fora no papelão. Como eram varias *habitaciones* tinham pessoas que não eram muito boas... que ficavam na rua até tarde e chegavam no meio da noite correndo e se metiam ai e a polícia entrava e tudo. Então me ofereceram dormir dentro como eu era mulher, mas me dava pena deixar meu marido e meu irmão do lado de fora, então eu dormia com eles fora no papelão. Mas como tiveram muitos problemas com a polícia mandaram tombar todas essas habitações. Isso está por aí naquela esquina com Mercosul, subindo para a fronteira estavam essas habitações.

Marlyn: Porque ficava muito perto da fronteira e passavam mercadoria ilegal.

Erika: A situação ficou muito problemática, eram poucos os que eram boas pessoas. Então nos mandaram desocupar de hoje para amanhã. Ficamos com aquele montão de coisas sem saber onde deixar. Falamos com um senhor às 18h da noite, um brasileiro muito gente boa até hoje temos contato com ele. Ele disse: tenho uma barraquinha por ali, não sei se conhecem a rua Macunaíma. Tínhamos que caminhar e caminhar e caminhar e caminhar, era tipo um barranco. Tinha só um quarto, não tinha banheiro. E eram lâminas, não tinha porta segurança para nada. Não tinha luz, colocamos papelão e dormimos. Isso estava todo sujo. Estava abandonado. De manhã quando levantamos para limpar, vimos que tinha escorpião. Graças a Deus que nenhum nos picou. Para ir ao banheiro tínhamos que sair e pagar por aí. Não tínhamos água também, mas tinha um

pequeno córrego e era lá onde pegávamos água para tomar banho. Cozinhamos em uma lata de pintura. Comíamos arroz, salsicha com coentro e aqueles tomatinhos que dão por aí, silvestres. Comíamos isso todos os dias. Íamos vender café todos os dias, acordávamos 4h da manhã. Comprávamos diesel, colocávamos num pote de vidro e um pano, lâmpada a gás, mas isso deixava a gente com dor de garganta. Pedi para meu pai vir, porque eu estava muito mal e ele é pedreiro. Depois meu pai, minha mãe e meu filho Luis vieram. Conseguimos lâminas, deixamos o lugar mais seguro, meu ajudou nisso, fez um banheiro, a ducha. Ficamos um pouco melhor. Mas eu fiquei cozinhando na lata por um ano. Era duro. 4h da manhã íamos vender café e cigarro. Eu e meu esposo cada um com uma garrafa térmica. Eu nunca tinha trabalhado com vendas na rua. Eu na Venezuela tinha uma lojinha e eu era costureira e trabalhava com minha costura. Foi difícil pra mim vender porque eu era tímida, Eu falava “café cigarro café cigarro”, quando não tinha ninguém e quando alguém chegava perto eu ficava calada haha que tonta. Me custou. Mas eu falei pra mim mesma, eu estou aqui é por Luís então eu vou vender. E aí eles vieram. Depois veio meu irmão. Era uma casinha pequena mas era um terreno grande. Dormíamos eu, meu esposo, meu filho e meus pais fizeram tipo uma caminha com tábuas e colocavam papelão e sacolas, sabe as sacolas de arroz? Pois é, muitas sacolas de arroz serviam para acolchoar. Depois veio meu irmão e sua família. Todos nós vendíamos café. Depois de um tempo eu fiquei grávida. Eu me cuidava, mas mesmo assim... engravidei. Cada vez pra subir era difícil, sentia uma dor terrível, tinha que me sentar. Tinha que levar comida pro meu esposo que estava na rua. Caminhava e sentava, caminhava e sentava. Depois com esse mesmo rapaz conseguimos um outro terreno mais em cima ele falou: podem fazer uma barraquinha aí e fiquem aí, porque eu estava grávida. Então aí voltamos a construir, meu esposo conseguiu material meu pai construiu uma pecinha. Lá havia água, mas não havia luz, ainda eram lâmpadas a gás. Mas depois que eu dei à luz um vizinho brasileiro, pelo bebe, disse que poderíamos pegar uma lâmpada, depois das 18h da tarde. Não tínhamos geladeira então tínhamos que comprar o do momento e se sobrava algo uma caixinha com gelo. Depois disso ficamos sabendo que lá nas orquídeas iriam invadir e construir casas, então eu comecei a falar pro meu esposo: vamos pra lá, vamos pra lá. Porque aqui onde estávamos poderíamos viver, mas era por um tempo limitado. Eu comecei a ir pra lá todos os dias. A princípio diziam que não havia possibilidades, que tudo estava dado, mas tinha uma parte onde um venezuelano vendia cheiro verde e tinha um grande terreno só pra ele. Então eu falei com umas *madres* que ajudam muitos venezuelanos aqui, se ela não podia falar com ele se ele podia nos dar um pedaço. E eles deixaram. Minha peça era de 6x5. Minha irmã e duas outras famílias também construíram aí. Aí construímos outra vez do zero, tiramos o mato, pegávamos *palos*. Com o auxílio consegui comprar um congelador de duas portas e comecei a vender dindin. Comprei geladeira, fogão, comprei uma máquina de costura que agora quebrou... mas comecei com isso, eu sempre ensinei a Luís a vender, a trabalhar. Meu esposo, não é o pai do Luís, o pai dele está na Venezuela. Eu sempre tenho essa questão que se eu morrer ele saiba se virar, entende? Então eu sempre ensinei a ele a ser independente. Ele vendia farinha de trigo, arina-pan, açúcar, café, ele era bom, todo mundo comprava dele. Eu vendia sorvete, gelatinas. As *madres* emprestaram dinheiro ao meu esposo para ele comprar uma máquina de cortar grama. E ele começou a trabalhar assim também. Porém aí começaram a ter muitos pilantras por ali. E como as casas eram muito juntas, de plástico, todo mundo gritava e corria e tinham pessoas que usavam droga e isso passava para nossa casa. Então decidimos alugar uma casa e foi a primeira vez que alugamos. Deixamos abandonada essa casinha por um ano e depois vendemos por 2 mil reais, pelo trabalho que havíamos feito nela. Com isso eu comprei uma corneta e um microfone pro

Luis. Meu esposo investiu em comprar queijo e revender. Mas nós saímos dali porque estava muito perigoso o ambiente. Mas depois da pandemia ficou muito difícil, a economia ficou complicada. Antes era mais fácil fazer dinheiro. A conta de luz, de água, a comida, tudo aumentou muito. Então, ficamos por um ano de aluguel.

Julia: Era uma casa mesmo?

Erika: Não, é uma *pieça*. Com dois quartos. Depois as dívidas se acumularam. Foi difícil. Em todo esse tempo minha família e meus irmãos todos continuaram nas orquídeas, só eu que me fui. Minha mãe, como eles trabalhavam com construção para brasileiros, e sabiam que eram boas pessoas, deram um lugar para viver, um terreno para eles cuidarem. Então nós fomos para lá também. Dividimos a casa em dois. Só que o espaço é grande. Os meninos podem correr, brincar, saltar. Só que o contrato é para cuidar por um ano mas em dezembro agora, vence. Minha mãe conseguiu um dinheiro emprestado com as *madres*. Deram 5 mil reais para ela comprar um terreno. E o resto vão pagar parcelado. E aí pela primeira vez vão construir algo fixo. Nós, eu e meu esposo, não queremos comprar aqui porque como Luís vai crescer, já falta pouco, e aqui não tem universidade e aqui está tudo limitado. Ou seja, nossa ideia é ir mas até agora não conseguimos as maneiras, como explicar... por interiorização ajudam muito, mas você tem que ter alguém que te receba, alguém que dê a direção por ti, algo assim, para poder chegar em algum lugar. Se não tem que esperar uma vaga de trabalho que saia em algum momento e você não sabe em que lugar te mandam. Eu disse ao meu esposo que eu não quero ir assim “*a los locos*” que eu prefiro ficar um tempo juntando dinheiro ou conhecer alguém que nos dê uma direção.

Julia: Você não tem nenhum familiar que interiorizou?

Erika: Não, ainda não. Então agora estamos nessa situação que queremos ir, mas estamos assim. Agora meu esposo que trabalha com a máquina de roçar, diz que tem cada vez pagam menos, como tem muita mão de obra barata, a qualquer um pagam 30 reais, ele sabe que tem que pagar luz que tem que pagar aluguel, comida para as crianças, ele diz, eu não vou gastar a máquina com um trabalho que não me dá. Graças a Deus na Pastoral, fizeram um contrato de 3 meses, talvez estendam, mas não acho. Mas eu já aguentei muita coisa, isso tudo que eu te contei não é nada, para tudo que faltou eu te contar, como por exemplo quando moramos nas habitações do lado de fora, não dormíamos quase nada, eu morria de frio, eu sinto muito frio, sofro com o frio, essa neblina, e a chuva, e quando era sol era um sol tão forte. Eu fiquei hipertensa. Parei de vender os dindins. Vendi meu congelador. Tenho que tomar remédios. Muito stress. Então queria fazer algo mais tranquilo, queria consertar minha máquina de costura. Mas não consegui, nem em Boa Vista. Tem que comprar pela internet. Então agora sinto que não estou fazendo muito. Eu sei costurar de tudo, calças, vestidos, camisas, eu que costumava para Maestrina.

Julia: Ah é você? Ela me falava de você, a costureira.

Erika: Sim. Então agora estou meio parada. Então é isso.. agora meu esposo ganha como 1.300 reais mas não é o suficiente. Ele quando trabalhava na rua ganhava mais que um salário mínimo. Não dá. Antes o Luís estava acostumado a ir pra Casa da Música, agora ele fica em casa assim, entediado.

Julia: Você sentiu algum tipo de preconceito aqui no Brasil?

Erika: Só um brasileiro que foi grosseiro, mas parece que foi porque os venezuelanos tinham assaltado ele. Nós pelo menos já estamos aqui há 6 anos, então já sabem que somos boas pessoas. Mas no princípio foi forte. Os brasileiros, lá onde nós alugamos, se tem alguma goteira, alguma coisa, algo quebrado, eles não se importam. Porque se você não alugar, outra pessoa aluga, então eles não querem arrumar. Então não importa se é brasileiro, venezuelano, italiano. Vou alugar de qualquer forma, então não importa.

Erika: O que eu não gosto da educação aqui é que não dão muita atenção às crianças. Luis teve a oportunidade de entrar na escola assim que chegou. Mas ele é muito distraído, tem algum tipo de dislexia, ele não se concentra, ele troca as letras na hora de escrever. Eu queria conseguir fazer algum exame para ter algum diagnóstico. E eu fui na escola ver se eles poderiam ajudá-lo. Algum psicopedagogo. Mas não me deram esse apoio, fui três vezes já. Ele troca muito as letras, os números então eu me pergunto como o professor não me liga pra mim pra avisar dessa condição.

Julia: E na reunião dos pais?

Erika: Sim, mas eles falam, falam e não fazem nada. Eles não falam nada sobre seu filho especificamente. Da outra vez eles não tinham nem sequer as notas, e como eu vou saber se ele vai ficar para a recuperação? Falaram isso na reunião dos pais, mas não deram importância também. Muito desorganizado. Graças a deus ele tirou notas boas, 95, 98, só uma ele tirou 75, ele é muito inteligente, mas eu me preocupo muito com isso, com a educação dele, a escrita. Existem métodos para melhorar isso, é só isso que eu preciso. Então nesse sentido eu me senti completamente ignorada.

Erika também se lamenta dos salários baixos, de ter que se reinventar no trabalho, além da dúvida e do medo que perpassa a escolha de uma eventual interiorização para outro estado brasileiro, principalmente não tendo nenhum tipo de vínculo com outras pessoas que já interiorizaram. Ela também ressalta o fato de se sentir desassistida por parte da educação brasileira em relação a seu filho Luís, apontando para a desorganização e falta de amparo do sistema educacional em Pacaraima. A vida segue exigindo um lugar para morar, trabalho, educação e saúde para seus filhos, isso não se altera na vida destas pessoas em movimento.

3.7 Ocupação Vila Esperança

A Ocupação Vila Esperança é a ocupação mais próxima do centro. Digamos que ela está mais inserida na cidade do que as outras que se encontram mais afastadas, fora do entorno da zona central e por isso são mais invisibilizadas. A distância de onde eu estava nas Orquídeas até lá era grande e Marlyn disse para eu me preparar e ir de tênis e de preferência com chapéu para proteger do sol, pois seria um longo percurso. Nós fizemos outro caminho esse dia, não fomos em direção ao Mercabox para ir para o centro como fazíamos de costume, demos uma volta por trás e em uma das ruas, pude ver de outro ângulo o quão íngremes são as ruas de Pacaraima.



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Caixa d'água de Pacaraima no topo

Foi uma longa caminhada. Mas pude ver a cidade sob outra perspectiva. Como é descontínuo o asfalto nas ruas de Pacaraima que inicia e termina muitas vezes de forma imprevisível.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Mesma rua com e sem asfalto

Ao nos aproximarmos da Ocupação Vila Esperança, Marlyn já começou a apontar que estávamos chegando, e já era possível avistá-la. Ela fica localizada embaixo de onde estávamos caminhando, mas seria necessário descer e depois subir de novo para acessá-la.



Autoria da foto: Julia (2023)

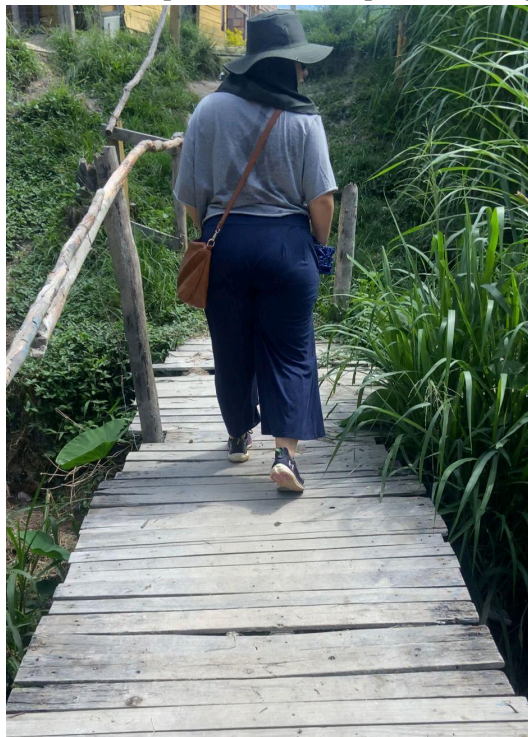
Legenda: Ocupação Vila Esperança vista do alto



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Ocupação Vila Esperança



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Descendo para subir na ocupação Vila Esperança



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Atravessando a ponte da Vila Esperança



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: O que tem de um lado e do outro da ponte



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Depois da ponte, subindo até a Ocupação Vila Esperança



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Ocupação Vila Esperança



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legenda: Cheiro forte vindo do esgoto a céu aberto

Diferentemente da Ocupação das Orquídeas e da Vila Nova 2, onde a maioria das pessoas ficavam do lado de fora da casa, na Ocupação Vila Esperança não vi muitas pessoas circulando. O terreno era bem diferente do da ocupação das Orquídeas, que era mais reto e linear. Aqui havia muitos degraus e discrepâncias, mas as casas também eram quase todas grudadas umas nas outras. Conversamos com a liderança da Ocupação, a senhora Marisol, que realiza atividades matutinas com algumas crianças da ocupação, como atividades manuais e aulas alfabetização, e também palestras com a comunidade. Ela define sua experiência como migrante como um paradoxo.

Marisol: Minha experiência como migrante eu digo que é um paradoxo porque na Venezuela eu tenho meu emprego no ministério da educação. Uma segurança, uma estabilidade laboral na Venezuela. Aqui sou migrante somente, vivendo das bênçãos.

Julia: Foi difícil pra você então deixar o cargo?

Marisol: Você nem imagina. Me dá calafrios pensar que eu abandonei meu cargo e pensar quanto é duro conseguir um emprego profissional no ministério da educação.

Julia: E porque você decidiu deixar?

Marisol: Não foi a fome. Porque graças a deus eu comia três refeições. Mas eu vivia estressada. Não vivia do meu salário. Na realidade o motivo foi que eu tenho 2 adolescentes. 17 e 18 anos. Muito inteligentes, com muitos sonhos e metas. E me dava impotência chorava me dava dor que minhas filhas na Venezuela não iriam alcançar suas metas, realizar seus sonhos. Vivem um retrocesso. Eu ultimamente tive que dar aula para minha filha. Estragaram a educação. O diretor do colégio quando eu vim pra cá ele ficou muito triste. Fiz licenciatura em letras e essa é minha paixão. Então eu me

disse não aqui Laura nunca vai conseguir realizar seus sonhos. Faltava uma alimentação balanceada, mas eu vim foi por meus filhos. Deus abençoe o Brasil grandemente, porque me ajudou muito esse país, me deu muitas oportunidades. Então minhas filhas eu já trouxe duas e aqui elas têm a possibilidade de estudar e realizar seus sonhos.

Julia: Quando você veio você já trouxe suas filhas?

Marisol: Não, quando eu vim eu vim sozinha com uma colega outra professora. Minha família ficou lá, trouxe apenas meus filhos. Alba vem aqui! Essa é a mais pequena, tinha 3 anos quando veio pra cá e os dois grandes. E eu penso em ficar na fronteira aqui porque eu sinto que estou na Venezuela. A pé eu posso ir, caminhando. E bom, me sinto na Venezuela, me sinto abençoada. Eu recebi muitas pessoas também, vieram muitos professores, agora vou receber uma amiga também professora.

Julia: E aqui você trabalha com a sua profissão como educadora?

Marisol: Não, estou revalidando meus títulos. Porque aqui o Brasil não reconhece esse título da Universidade Nacional Aberta. Ou eu estudo de novo ou revalido o título. Tem uma amiga minha da prefeitura que eu disse bom, se você me garante que você vai me ajudar, porque vão construir mais escolas aqui, indígenas também, onde eu ganharia... falando economicamente. Então eu disse: se você vai me ajudar, eu revalido o título. Não tenho emprego, não estou trabalhando aqui. Isso que eu faço é voluntário.

Julia: E como você se mantém aqui? Tem alguém da sua família que trabalha?

Marisol: Não. Bom, tenho um amigo que me ajuda mas assim como tal não é suficiente. O que eu recebo se multiplica, mas eu não tenho um ingresso. Só espiritual.

Julia: E você mora aqui?

Marisol: Sim, assim como estão esses *palos*, esses plásticos, esses ferros é uma benção porque estou em um país estrangeiro, tenho luxo na Venezuela, mas para mim isso é um luxo em um país estrangeiro. Minha gente, minhas companheiras, minhas colegas, elas dizem mulher, eu não acredito. Você tem uma propriedade no Brasil? Isso é algo grande para mim graças a Deus. E na realidade não construímos para viver dignamente porque aqui nesta área é a ocupação central, a mais central. E isso provocou um problema de que querem desalojar a gente, tivemos ameaças de desalojamento. Não teve ordem ainda porque se tiver uma ordem aqui não fica ninguém, não tem pena nem das crianças. Mas tivemos muitas ameaças de desalojamento da defensoria pública, prefeitura. Porque isso que está aqui é um informe, porque acham, eu digo os brasileiros, que aqui tem puro “*veneco*”⁶⁴. E minha matéria se chama ciência social, cidadania, eu me considero uma advogada das pessoas.

Julia: E o que diz esse informe?

Marisol: O primeiro ponto principal do informe é que nos vão desalojar por risco, pelo tipo de terreno, o rio ao redor, zona de risco. Mas se vão nos desalojar por risco vai embora toda Pacaraima porque toda Pacaraima é zona de risco. Então quem nos ajudou também é um senhor que está no meio, entre a ocupação e a vila esperança. Se trata de terreno de comunidade. E não podem tirar ele.

Julia: Como você conseguiu esse terreno aqui?

Marisol: Nós vivemos aí embaixo antes com um pastor, como refugiados, em um bosque.

Julia: Há quanto tempo existe a Vila Esperança?

Marisol: A vila esperança como tal é mais embaixo e começou há 8 anos que o pastor começou a criar, aqui em cima, 2020, 3 anos. Um brasileiro, vereador, pediu para um pastor que distribuisse o terreno, mas esse terreno era para 4 parcelas. Porque o pastor fez mal, eu não sei se ele nos quis ajudar ou agarrar para ele os interesses porque eram 4

⁶⁴ Termo com sentido pejorativo direcionado aos venezuelanos, que irá aparecer também em outras entrevistas mais adiante.

parcelas. Porque isso não é venda 4x9. Tem que ser de 20 não sei quanto. Então se vier um projeto não teremos possibilidade. Tem uma solução que nós unamos dois terrenos, mas eu me pergunto de quem vai ser o título? Então ele fez isso, ele tirou 15 parcelas e deveriam ser 4.

Julia: E você pagou quanto?

Marisol: Como 1.800.

Julia: E pra quem você pagou esse dinheiro?

Marisol: Ao pastor, o vereador deu para ele distribuir.

Julia: Mas o dinheiro vai pra onde?

Marisol: Acho que pro vereador pro dono das terras. Mas isso está proibido. *Mira* está passando algo grande aqui. Que a única que toma isso em conta sou eu porque aqui as pessoas podem falar mal da minha gente, mas não reagem.

Julia: Pois é porque eu me pergunto: as pessoas compram o terreno de quem? De quem é esse terreno? É do vereador? Não.

Marisol: Não, temos o papel de compra e venda, mas não é válido. Na prefeitura não é válido. Somente tem a assinatura do cartório mais nada, é o único que aparece. Veja, aqui tem um problema agora que esse pastorsinho.. bom.. que deus tenha misericórdia.. veja como estão essas crianças, isso fica cheio, fica muito cheio. Vem o CRAS, vem OIM, vem ADRA, mas aqui fica cheio e temos uma debilidade de espaço e ameaça de fechar. Eu tenho fortaleza para eles, aí atrás tem um terreno, a Nazaré tem uma *Carpa*⁶⁵ grande, mas o pastor nega ceder o terreno. Ou seja, isso é algo grande, me faltou ir à defensoria. Veja, eu tenho um papel de compra e venda aqui, mas se agora vêm os indígenas do refúgio eu tenho que ir embora porque isso é terreno indígena. Esse papelzinho eu não sei para que que serve. Difícil é garantir que nos reembolsem. Esse papelzinho não vale de nada, não vão reconhecer o material que estamos gastando, não é seguro. Os indígenas nos podem tirar daqui quando eles quiserem. Eu fiquei sabendo que tem um pastor do mato grosso que está tirando um terreno. É algo pessoal. Esse pastor está no mato grosso e mesmo assim não quer ceder o terreno e o padre quer por uma tenda porque o terreno não é nosso. E a lei do município pode alterar, mas não pode passar por cima dos indígenas.

Julia: Me diga uma coisa, quando você chegou aqui no Brasil quem te recebeu?

Marisol: Bom, na verdade eu cheguei em Santa Elena. Eu tenho dois filhos adolescentes e um deles é de um senhor que era rico, que estava ficando muito rico, ele vendeu uma casa uma mansão ontem e hoje já não vale nada o dinheiro ele perdeu tudo. Ou seja, um desastre. Um perde a dignidade. Quase perdemos a fé, muitos perderam. Esse senhor ficou sem nada para seus filhos e ele ficou cheio de impotência e ele decidiu vir para Brasil, meu filho ficou com depressão porque era muito próximo do pai dele então ele ficava mãe vamos para Brasil, papai disse que lá é bom. Mas eu não pensava em vir. Preparamos tudo e viemos em setembro. Mas eu vim do ponto de vista de passeio, para experimentar. Fomos para Santa Elena depois passamos pelo refúgio para *sacar papel*, eu fiquei 2 dias no refúgio, a estrutura estava boa, mas as pessoas não. Espero que me entendam. Então não aguentei. Minha colega que estava comigo disse, como vamos voltar? Já estamos aqui. Não quero ficar aqui, não conheço ninguém. Liguei pra uma amiga em Santa Elena e expliquei tudo. Venha para minha casa ela disse. Então nos hospedamos, mas eu queria voltar. Essa mulher preparou umas merendas para eu vender aqui, porque dizia que eu estava louca como iria voltar? Então levamos essas merendas e fomos para o refúgio no dia seguinte para vender e vendemos tudo. Compramos os materiais outra vez, compramos refrigerante, era um sonho realidade. Na Venezuela com meu dinheiro eu não conseguia fazer isso. Com o dinheiro eu podia fazer coisas

⁶⁵ Tenda grande

aqui. Da segunda vez, eu comprei até uma calça jeans. Então fomos nos apaixonando, foi uma benção, íamos todos os dias de Santa Elena para Pacaraima, durante dois meses, fizemos amigos, e vínhamos vender. Teve um pastor que nos ofereceu almoço executivo. E assim permanecemos até que começou a quarentena em março. Quando veio a quarentena eu me assustei porque estávamos almoçando e mandaram todo mundo sair, não estava entendendo nada. Estávamos no mês de março e nós estávamos vendendo merenda e veio a fiscalização e proibiram. Na mesma hora, vimos um rapaz ai, uma mesa sentado, com um uniforme da ADRA. Me perguntei: o que será que esse rapaz está fazendo? Para que é essa fila? Porque toda a fila é uma benção. Vamos lá ver. Era o Ernesto. Estavam cadastrando umas pessoas para uma ajuda, foi o que nos disseram. Bom, fizemos essa fila, para conseguir cartão de alimentação da ADRA, nos cadastramos ai. Depois de 15 dias veio esse cartão e nesses dias veio também o auxílio emergencial e nos cadastramos também. Eu recebia 1.200 reais, porque era mãe solteira. Minha filha Laura me ligava e perguntava: Mãe, onde você mora? Quero ver onde você mora. Eu dizia Laura eu vivo em um rancho, calma. Porque ela ficava com crises. Então eu dizia: O que você prefere Laura? Que sua mãe fique aí com todo o luxo e sem bem estar? Estou feliz aqui Laura, não se preocupe. Dia 17 de dezembro, 2019, veio um pessoal da igreja pentecostal a dar umas bolsas de comida, chegamos no sábado e na quarta fomos retirar essas bolsas, uma benção. Desde que eu cheguei, muita benção. Esse auxílio eu tive por 10 meses depois baixaram para 600, depois o bolsa família. Claro que minha meta, meu sonho aqui no Brasil, é que eu possa ter um emprego para exercer minha profissão, eu quero estar aqui como era antes na Venezuela. Ser rico, viver bem. Poder comprar carro, poder comprar casa, assim era na Venezuela. E meu último salário da Venezuela não me bastou para comprar um chinelo. Então você entende porque te disse que minha vida como migrante é um paradoxo? Porque lá onde tinha meu emprego não vivia com bem estar e aqui como migrante eu me sinto com uma segurança alimentar, de saúde, eu me sinto segura aqui. Quando saí da Venezuela eu vim chorando, mas eu não quero mais ir para Venezuela, eu amo a Venezuela, mas eu não quero ir. Porque as lembranças que me traz, a raiva, a impotência, fazendo mestrado para que? Recebendo títulos para que? Tem uma colega que me disse há poucos dias atrás: o que você faz aí? Nada. Não trabalha? De que você vive? Essa pergunta eu ia fazer pra você. Como você vive ai Janisse? Essa pergunta era para ti! Porque aqui me dou o luxo, o que me falta é construir *mi casita*. Mas enquanto isso vou viver dignamente. Agradeço a Deus e ao Brasil. Eu amo o Brasil, me estendeu a mão, não me deixou cair, nos deu oportunidade. Nos dão tantos benefícios, aqui vem ADRA, OIM, fazem tantas palestras e eu lamento que as pessoas não prestem atenção, porque é importantíssima a informação que eles nos dão. Eles falam de todas as oportunidades que temos aqui, os nossos direitos. Aqui tudo que nos dão é uma mão amiga. Eu sou feliz aqui.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Dentro da Casa da liderança Marisol enfeites das oficinas com as crianças pendurados

3.8 Ocupação Balança

Esta ocupação fica extremamente distante do resto da cidade, portanto foi preciso pegar um táxi para chegar até lá. São cerca de 10 km da Casa da Música até a ocupação da Balança e é preciso pegar a estrada BR – 174 para chegar até lá. Paramos com o carro exatamente em frente à casa de Olga, liderança da ocupação. Era uma casa de alvenaria onde ela paga aluguel. Olga já havia morado em Manaus e disse que lá era muito melhor em relação ao emprego. Teve dificuldade em se acostumar a não ter um trabalho remunerado e afirma que, também por isso, assumiu a liderança da ocupação.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Casa de Olga

Julia: E como é essa casa? É de vocês é alugada?

Olga: Alugada.

Julia: E o dono é brasileiro?

Olga: Sim brasileiro. Aqui pagamos 500 por mês e 140 de luz. A água não pagamos.

Julia: E tem quantos quartos?

Olga: Dois.

Julia: E quantas pessoas moram aqui?

Olga: 6 pessoas. Mas minha irmã está vindo e são 8 pessoas.

Julia: E vão ficar aqui?

Olga: Sim. Até ela conseguir um trabalho, acho que uns 3-4 meses.

Julia: E você trabalha?

Olga: Não. Ele trabalha. Minha filha recebe uma ajuda também pelas crianças.

Julia: E você acha que em Manaus era mais fácil conseguir trabalho?

Olga: Sim, muito melhor. Para mim foi muito melhor lá em Manaus. Lá eu fazia minhas diárias 100 reais. Aqui me custa muito conseguir diárias, foi muito difícil me acostumar. Por isso eu assumi a liderança daqui porque como não tinha ninguém e estava sem trabalho, do que ficar em casa sem fazer nada eu vou assumir e fazer algo.

Julia: E quantas pessoas tem nessa ocupação?

Olga: Tem 72 famílias venezuelanas e 11 famílias brasileiras.

Julia: E tudo isso aqui é ocupação?

Olga: Bom, aqui chamam isso de ocupação, mas realmente é um bairro porque tem brasileiros e venezuelanos. Se tem brasileiros e venezuelanos juntos é um bairro. Mas a OIM tem aqui como ocupação.

Julia: Temos que entender se essa categoria de ocupação se refere a onde tem um foco concentrado de venezuelanos e eles direcionam benefícios porque fisicamente aqui não achei tão parecido com as outras ocupações que visitei. Aqui você vê mais casas de tijolo, fixas.

Olga: Para lá tem casas de reciclado, para lá tem mais venezuelanos que estão mais vulneráveis que vivem em casas de plástico. Por aqui são as casas dos primeiros

brasileiros que vieram e construíram. Todas essas casas são de brasileiros, mas eles não vivem aqui. Eles alugam para os venezuelanos.

Julia: E você achou que foi fácil alugar essa casa?

Olga: Bom, a dona daqui é a dona dessa casa da frente e da que está do lado. E no centro ela também tem um comércio, mas ela mora em Boa Vista. A menina que mora aqui Jusley, ela tem bastante tempo morando aqui, já morou nessa casa também, mora aqui tem 8 anos e foi ela que conseguiu convencer a dona a alugar para nós, deu recomendação.

Julia: E como é seu dia a dia aqui?

Olga: Meu dia a dia é acordar de manhã e fazer café e preparar minha filha para a escola de música dois dias na semana. Segunda e quarta. Eu tenho que levá-la de manhã e esperá-la e voltamos às 11 da manhã. Volto e faço o almoço em casa para levar ela na parada para ela pegar o ônibus para a escola e eu volto pra casa. Esses são os dias que eu não vou para a horta, eu vou de tarde lá porque é uma responsabilidade que eu tenho de ir todos os dias e dar água para as plantas e limpar e tomar conta das plantas. Essa é uma das responsabilidades que tenho. Os outros dias eu vou de manhã e dedico 3-4 horas todos os dias. E quando vem as pessoas da OIM, Cáritas, da igreja e pessoas que querem vir aqui na ocupação para fazer palestras aqui para os moradores então me avisam e eu aviso pelo grupo então tenho que estar aqui para recebê-los e fazer a chamada aos vizinhos essa é outra responsabilidade que tenho. Realmente não estou trabalhando, não tenho um trabalho fixo, não tenho trabalho, mais que tudo estou em casa com as responsabilidades da casa. Minha filha estuda e tem aulas de música. Essa é minha dedicação a casa a horta, a minha filha que vai pra escola e na casa fazendo as coisas da casa. Uma das coisas que eu gosto de fazer e que gostaria muito é ter um trabalho, essa é uma das aspirações que realmente tenho nessa cidade onde estou vivendo quem sabe mais pra frente.

Olga, apesar de ser a liderança da ocupação e assumir tantas funções dentro da ocupação e dentro de casa, não considera que tem “um trabalho”, referindo-se a um trabalho remunerado. No final da entrevista, Olga comentou que havia uma outra moradora da ocupação que estava interessada em participar da entrevista, a Paola. Ela disse que essa amiga vivia “mais pra lá” em uma situação habitacional mais vulnerável. Ela disse que já havia falado com ela por whatsapp e que ela estava chegando. Fomos todas juntas conhecer a casa de Paola.



Autoria da foto: Marlyn (2023)
Legenda: Paola indicando o caminho de sua casa

No caminho pude perceber que havia muitas casas de materiais diferentes, algumas mais outras menos estruturadas e uma defasagem temporal na construção de cada uma, exatamente como havia descrito Olga. Mas na parte inferior e mais plana da Ocupação estavam as casas de alvenaria. Quanto mais você subia, mais havia casas de materiais recicláveis.

Ao caminhar pela ocupação, também pude ver vários lotes que estavam à venda, na faixa de 5 a 10 mil reais. As minhas interlocutoras iam apontando os lotes e diziam os preços de cada um. Alguns eram lotes com pedras enormes e eu me perguntava como seria possível construir ali. Paola e Olga tiravam sarro da desproporção dos preços em relação ao tamanho e tipo de terreno. Para elas, era inviável e até mesmo cômico alguns valores.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Terreno a venda com pedras por 10 mil reais



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda: Terreno com casa de alvenaria já construída por 18 mil reais



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Chegando na casa de Paola

Paola iniciou contando como foi seu processo migratório da Venezuela até o Brasil.

Paola: Bom, quando eu vim pra cá fui buscar meu esposo na Venezuela e ficamos 4 dias no caminho porque quebrou o carro; dormíamos no chão; foi assim até chegar aqui. Foi difícil, meus filhos choravam de fome porque ele levou dinheiro, mas o dinheiro que levou para Venezuela não vale. E então eu ficava vendendo água... É difícil ter uma pessoa que te dá um apoio quando você está no caminho porque os venezuelanos se roubam entre si e não dão apoio. Então um senhor teve uma boa intenção e nos ajudou, nos levou até Santa Elena. De lá nós conseguimos outra carona e viemos até Pacaraima. Mas foi horrível, dormimos no chão. Aqui nos deram um apoio para dormirmos, aí foi o dia que dormimos bem porque nos deram uma cama e cobertores. Mas a comida eles não deram porque disseram que chegamos muito tarde, 20h da noite, só café.

Julia: Então vocês chegaram aqui depois de 4 dias de viagem? E como foi quando você chegou?

Paola: Quando eu cheguei foi uma felicidade. Tinha um senhor que estava alugando uma casa lá embaixo e lá vivemos até que a situação piorou e tivemos que sair.

Julia: Foi quando isso?

Paola: Isso foi em janeiro. Então saímos e estamos vivendo aqui. Graças a Deus. Mas está sendo um pouco difícil.

Julia: E qual foi essa casa que vocês viveram quando chegaram aqui no primeiro momento?

Paola: A casa que está na entrada da Balança, lá embaixo.

Julia: E quem era o dono dessa casa?

Paola: Um irmão do senhor Timote.

Julia: brasileiros?

Paola: Sim.

Julia: E vocês conheciam eles antes?

Paola: Não, isso foi porque o senhor veio primeiro e ele chegou na rua com meu filho maior, meu esposo, dormiu na rua, e como ele sabe de construção ele conheceu esse senhor e soube que eles iam fazer um trabalho e fazer o piso. E foi aí que ele conheceu o senhor e graças a deus esse senhor nos ajudou. Ele foi como um familiar que nos estendeu a mão. Foi aí que nós sentimos apoio. Ele falou que nos ajudaria com o que nós precisássemos. Estamos agradecidos por esse senhor. E aí as pessoas que conhecemos por aqui com o tempo nos ajudaram também e está indo tudo bem, vamos dizer. Agora meu marido está tentando resolver por aí porque não tenho nada para dar de almoço aos meninos. Mas graças a deus o pais deles conseguiu e vou dar pra eles daqui a pouco almoço.

Julia: Como ele conseguiu?

Paola: Não sei com quem conseguiu mas deve ter feito alguma diária por aí e conseguiu emprestado, ele me disse, compra e depois ele vem também almoçar, porque eu pensava que teria uma boa notícia no CRAS e não, nada.

Julia: Você foi pro CRAS hoje?

Paola: Sim, eu fui no CRAS.

Julia: E você está esperando o bolsa família?

Paola: Sim.

Julia: E essa é sua casa?

Paola: Sim, essa casa nós estamos alugando agora.

Julia: é alugada? E quanto vocês pagam?

Paola: 200 reais. Mas nós não pagamos... por isso que ele está preocupado porque temos que pagar o aluguel.

Julia: Tem luz?

Paola: Sim, mas não tem água.

Julia: E onde você consegue água? Está longe?

Paola: Sim, tenho que descer laaa e tem uma tuberia.

Julia: E banheiro tem?

Paola: Sim.

Julia: e tem um quarto?

Paola: Sim, somente um quarto.

Julia: quantas pessoas moram aqui?

Paola: 7 pessoas. 5 crianças e 2 adultos.

Julia: E vocês pensam em ficar aqui mais um pouco? Pensam em interiorizar?

Paola: Interiorizar não. Eu quero ficar aqui porque meus filhos estão estudando. Graças a Deus e na escola estão aprendendo bastante, excelente, eles sabem falar português mas eles são tímidos. Eles são os que aprendem mais rápido o português.

Julia: Vocês vão para Venezuela às vezes? Visitar? Tem familiares?

Paola: Sim eu tenho, mas eu não quero ir pra lá.

Julia: De que região você é?

Paola: De Tucupita, São Félix é longe, é outro estado.

Julia: E vocês gostam do Brasil? Acham que foram bem acolhidos nesse país?

Paola: Sim, aqui quando chegamos sim. Tiramos a documentação deles rápido e foi tudo bem.

Julia: E você se sente segura aqui? Considera que aqui tem uma comunidade, amigos?

Paola: Aqui agora não temos pessoas que conhecemos bem de fato, mas pelo menos a liderança a senhora Olga é boa pessoa. Ainda não precisei de alguns serviços, mas se eu precisar um dia espero que me diga que sim.

Julia: Como você se identifica em relação a raça? Branca preta parda indígena?

Paola: Indígena.

Julia: Você acha que aqui essa questão racial é mais forte? Já passou por algum tipo de discriminação?

Paola: Não, graças a deus não.

Julia: Você é de qual etnia?

Paola: Warao.

Julia: E você fala a língua warao?

Paola: Não porque eu me criei longe da minha mãe e meu pai, eles não me criaram, eu me criei no *pueblo*. Uma senhora me criou e eu nunca aprendi porque também ninguém me ensinou, me casei e foi isso. Não aprendi. Fui morar na cidade e é isto.

Julia: E como é seu dia a dia aqui?

Paola: Meu dia a dia é levar as crianças para escola, levá-las até o transporte e cuidar da casa. E se me chamam para uma reunião em qualquer escola porque tenho 3 no liceu e 1 na escola e é isso não se pode fazer mais nada.

Na volta, enquanto estávamos descendo, Olga me mostrou onde ficava a estufa, onde ela era a responsável por cuidar da horta. Disse que a princípio era um projeto que estava meio parado, mas mesmo assim ela continuava cuidando das verduras. A horta era para ser algo compartilhado pela comunidade, tanto nos cuidados quanto nas colheitas, mas afirmou que muitas vezes as pessoas esquecem da horta comunitária, demorava para crescer o alface e o cheiro verde, então, a maioria dos moradores preferiam comprar no supermercado.



Autoria das fotos: Julia (2023)

Legenda: Horta comunitária e mangueira da caixa d'água para irrigação



Autoria da foto: Julia (2023)
Legenda: Estufa da horta comunitária

Olga falou também de como foi seu processo migratório. Ela veio para o Brasil quando as fronteiras estavam fechadas e por isso passou pelas *trochas* e não realizou o processo padrão para retirar sua documentação naquele momento. Ela foi para Manaus e trabalhou um ano lá como diarista. No início relatou que foi muito difícil, pagavam ela somente com refeições. Depois de se estabilizar em Manaus, ela voltou para Venezuela e trouxe seus filhos e netos. Depois voltou para Pacaraima porque havia se apaixonado.

Olga: Bom, eu quando vim, vim pelas *trochas*. Tinha um sobrinho em Santa Elena, estava em contato com ele e foi ele que me ajudou. Me esperou no terminal de Santa Elena e no outro dia, me passou

Julia: Você é de onde?

Olga: De San Félix, Estado Bolívar. E aí quando ele me trouxe, foi até a metade porque depois ele teve que voltar porque já era tarde, porque depois fecha. Então eu corri pedi, trazia também um ninho de uma amiga e foi um desespero aí porque estava bastante forte a força estava dando voltas de migração então estavam pegando muitos venezuelanos jogavam eles bruscamente no carro. Foi um trauma. Me assustei bastante porque estava com o ninho correndo pra cá e pra lá. Até que graças a deus conseguimos um lugar onde tivemos que tirar as bolsas e viemos para cá até passar o susto la broma, ficamos ali em cima no centro, um local com umas mesas eu comprei um refrigerante esperando passar o susto, o medo. Me comuniquéi com uma amiga que foi quem me prestou apoio, ela mora daquele lado, a mãe da minha sobrinha, ela veio me buscar, ela levou primeiro as bolsas e eu tive que ir andando, porque os taxistas foram proibiram de fazer esses trajetos com venezuelanos que não tivessem documentação.

Julia: Eles estavam controlando isso?

Olga: Sim. Os venezuelanos que não tinham CPF não podiam entrar no táxi então tive que ir andando. Ele me deixou exatamente nas *trochas*, uma parte que tinham bastante

motos, onde passava a gente assim, estava o exército brasileiro o venezuelano, eu sai na parte de trás de um terreno grande, corremos da entrada, cruzamos e já estávamos em Pacaraima. Não foi muito longe. Então fiquei na casa dessa minha amiga. Fiquei na casa dela um tempo até que por uns contatos tive que pagar para que fizessem um permissão para nos deixar passar a balança. Quando fomos eles não revistaram o taxista e foi aí graças a Deus que eu consegui passar porque eu não tinha os documentos, daí eu fui pra Manaus. Deixei o *ninho* com uma amiga e sai procurar emprego, caminhei muito, passei fome, por dois dias, aí eu consegui uma diária e aí me davam almoço, comia e voltava. Até que consegui um lugar para alugar, eu dormia no chão e comia o que tinha na diária. Limpava casas, passava roupa, a senhora me dava um prato de comida, me dava meu dinheiro e eu ia embora, porque eu estava guardando para pagar o aluguel. Deus pôs no meu caminho uma senhora brasileira, ela me ajudou com um trabalho, aí graças a deus eu pude sobreviver por minha conta, com um trabalho, pagava minhas contas, minhas coisas. Tinha estabilidade. Depois eu voltei para Venezuela para buscar meus filhos e tiramos os documentos tudo normal.

Julia: E você quando foi pra Manaus não tinha documento?

Olga: Não. Eu tirei meu cpf por via digital, online. E o cartão de saúde foi no posto de saúde com o cpf e consegui.

Julia: Então faltava um documento com foto?

Olga: Sim com foto com dados da mãe do pai.

Julia: Entendi. E depois você voltou pra Venezuela?

Olga: Sim eu voltei, já estava há 1 ano morando em Manaus. Trouxe meus três filhos mais 2 netos. Trouxe todos. Tiramos todos os documentos aqui em Pacaraima e eu voltei para Manaus.

Julia: Onde você já tinha o seu espaço?

Olga: Sim a senhora ainda tinha *habitacion* para mim, minhas coisas, minha cama, tudo.

Julia: E você gostou de Manaus?

Olga: Sim, muito, gostei muito. Me adaptei rápido. Porque é fácil quando uma pessoa tem alguém que te guia, que te diz que vai chegar em tal lugar daí você pode pegar o ônibus tal, no terminal tal.

Julia: Porque é grande Manaus né?

Olga: Sim, é grande. Mas eu gostei, mesmo sendo muito quente o clima, eu gostei.

Julia: Você ficou com 5 crianças lá?

Olga: Sim. Também comecei a trabalhar e meu filho começou a trabalhar em uma empresa em Manaus.

Julia: E como era a casa que vocês ficaram em Manaus?

Olga: A casa da senhora era uma casa normal e ao lado da casa tinha um anexo com dois quartos, uma só entrada. Do lado da casa dela, só dividia uma parede. Ela fez vários apartamentos no terreno dela.

Julia: Ela construiu para alugar?

Olga: Sim, tem famílias que moram lá há mais de 5 anos.

Julia: E são famílias venezuelanas?

Olga: Apenas duas são venezuelanas, o resto são brasileiras. E ela conseguiu outras diárias pra mim com a própria família dela.

Julia: Que bom. Então seu filho mais velho ficou lá e os outros?

Olga: Tenho aqui comigo.

Julia: E você voltou porque?

Olga: Porque eu me apaixonei e queria fazer minha vida com ele. Já estava há 7 anos viúva.

Julia: E onde vocês se conheceram?

Olga: Aqui. Quando eu cruzei as *trochas*, depois fui para Manaus, depois Venezuela e depois voltei por ele.

Julia: E você está aqui em Pacaraima estabilizada há quanto tempo?

Olga: Aqui já estou há um ano.

Julia: E a primeira vez que você veio foi em 2019?

Olga: Sim, quando vim pelas *trochas*.

Julia: Então você veio e foi primeiro para Manaus e ficou lá mais de um ano?

Olga: Sim, fiquei dois anos e depois voltei.

Julia: Por você ter viajado um pouco mais pelo Brasil, você acha que a questão racial aqui no Brasil influenciou de alguma forma? Como você se identifica? Você acha que é diferente do que da Venezuela? Já sofreu algum tipo de discriminação racial?

Olga: Eu pessoalmente não. Mas conheço pessoas que já sofreram. Se referem a nós como “*veneco*” e nós ficamos tristes porque todos somos irmãos e nem todos vieram fazer o mal nós queremos trabalhar e seguir adiante. A mulher que eu trabalhei em Manaus teve um homem que uma vez disse uma expressão feia contra os venezuelanos e ela disse para ele nos respeitar! Que ele não conhece a vida de ninguém e ela nos defendeu. Se uma pessoa é boa e trabalha bem eles veem isso e passam a defender e respeitar. Eu ganhei esse afeto, carinho.

Julia: Você acha que a discriminação está mais ligada a origem, de ser venezuelano ou acha que é mais uma questão física, da cor da pele por exemplo?

Olga: Não sei realmente.. acho que não é pela cor da pele, mais por ser venezuelano. Porque não é uma expressão negra isso! O negro aquilo! Mas uma expressão pela nacionalidade. Esse *veneco*! Esse venezuelano! É assim.

Marlyn: Vou explicar brevemente o que é “*veneco*”. *Veneco* é uma expressão que surgiu na Venezuela quando os colombianos foram para Venezuela e quando eles voltavam para seu país eram chamados de *venecos* porque? Porque moraram na Venezuela e os filhos nasceram na Venezuela, mas eram colombianos também. Ou seja, está mal implementada a palavra. Não somos os venezuelanos que somos *veneco*.

Julia: Mas é uma palavra ofensiva?

Marlyn: É uma palavra ofensiva usada pelos colombianos para discriminar os venezuelanos, mas como usaram muito nas redes e ficou muito comum, agora todo mundo usa *veneco* como dizer uma palavra de desrespeito, para dizer que você é um venezuelano que ninguém quer. Mas a palavra está mal utilizada. São os que nasceram na Venezuela e quando voltavam para Colômbia diziam: você é um *veneco*, porque é um venezuelano colombiano, Vene venezuelano co colombiano. Mas usam de uma forma desrespeitosa Venezuelanos chegam na Colômbia e eles dizem: *ai veneco!*⁶⁶

Olga: Eu pesquisei isso há pouco tempo, ouvia e ficava mas porque? Depois foi que eu entendi. Ou seja, as pessoas usam uma palavra e nem sabem o que significa de fato.

Julia: É uma palavra que também está relacionada a um movimento. Sair de um país e ir para outro. E como você se identifica entre branca amarela preta parda?

Olga: Preta hahah.

⁶⁶ No artigo de RODRIGUES et al (2021) as autoras trabalham com mulheres venezuelanas refugiadas na Colômbia na cidade de Bogotá e também notam como o termo *veneco* está presente nas histórias e relatos dessas mulheres acerca de suas experiências migratórias. "Por mais de 40 anos e especialmente nos anos 1980, era a Venezuela que recebia um grande número de colombianos, devido à contratação de indústrias petrolíferas e do cenário marcado pelos conflitos internos e guerrilhas. (...) Diz-se que "veneco" era o nome dado às crianças nascidas na Venezuela (vene-) filhas de colombianos (-co). Os papéis se inverteram agora, o que também produziu uma categoria de retornados, pessoas que voltam à Colômbia diante da crise no outro país." (Rodrigues, 2021, p.15)

Julia: É que eu sou da antropologia e existem vários estudos raciais e pelo que eu vejo parece que a questão racial na Venezuela é vista de outra forma. Aqui existe uma consciência de raça forte.

Olga: (ignorou o comentário)

J: Ok então muito obrigada pelo seu tempo e a entrevista.

Olga quis me contar mais sobre seu processo migratório em 2019, quando as fronteiras estavam fechadas.

Olga: Tínhamos 15 minutos. E as pessoas corriam.

Julia: Mas esses 15 minutos era para que?

Olga: Pra correr, pra passar os que iam daquele lado para cá e os que estavam lá corriam para cá mas só 15 minutos e as pessoas corriam e era um desespero. E depois eles se colocavam juntinhos assim já não passava ninguém e os que tentavam eles batiam nas pernas e você tinha que voltar pra trás. Foi um momento assim de loucura. E enquanto passávamos, estava o carro dando voltas pela rua, uma caminhonete preta e quando viam as pessoas correndo, eles avançavam e pegavam as pessoas e jogavam elas no carro. Foi um momento muito difícil. Teve uma mulher que bom.. eu fiquei marcada por isso, porque ela ficou assim vendo e saiam lágrimas porque de tanto correr pra que agarrassem ela e deportassem ela outra vez e ela chorava muito, ela e seu esposo porque todas as vezes tentava passar e levavam ela de volta, não puderam fazer nada. Acredito que eles continuaram tentando, mas isso foi o que eu vi que mais me comoveu, foi difícil.

Julia: Mas agora não é mais assim.

Olga: Não.

Julia: Eles faziam isso porque a fronteira estava fechada?

Olga: Sim. *No havia passo*. Estava o exército brasileiro e de costas o exército venezuelano e ninguém passava. Mas eles conversavam entre si e chegaram nesse acordo de dar um certo tempo. De manhã davam 15 minutos e à tarde davam mais 15 minutos. Ficávamos o dia inteiro esperando esses 15 minutos.

Julia: Tinha muita gente?

Olga: Sim, muita, muita. E os moto taxi eles enchiam o carro e levavam para o terminal, pra cá, pra lá, isso mexeu muito essa questão do dinheiro.

Julia: Eles faziam isso porque alguém pagava...

Olga: Claro..

Julia: Você pagou?

Olga: Não porque quem me passou foi meu sobrinho mas muitas pessoas tiveram que pagar os *trocheiros*.

Julia: Era muito caro?

Olga: Sim.. tinha gente que cobrava 150 reais por pessoa mais ou menos. E os Venezuelanos não sabiam então pagavam... É uma pena porque eram venezuelanos que cobravam do próprio povo, dos próprios venezuelanos, pra passar. Inclusive tiveram muitas mulheres que foram violentadas, muitas pessoas foram roubadas, deixaram eles só com a roupa do corpo.

Julia: Mas quem eram os *trocheiros*?

Olga: Homens e mulheres que se dedicavam a levar as pessoas pelas *trochas*, como viam que os venezuelanos queriam sair do seu país queriam migrar então eles cobravam, te passo para o Brasil e você me paga vamos supor 100 reais. Então se a pessoa tinha, ela pagava. E em vez de pagar por um lugar mais perto eles passavam pela

parte de cima, pelos montes, pelas montanhas. Ai eles chegavam em uma casa, e lá eles tinham conhecidos e davam comida, um lugar para dormir, por isso cobravam.

Julia: Mas existia outra possibilidade e as pessoas não sabiam?

Olga: Tipo assim, como as fronteiras estavam fechadas não se podia passar. Então eles faziam isso. Cobravam para passa-los.

3.9 Ocupação Antônio Seabra

Essa ocupação está localizada próxima ao centro de Pacaraima e a divisão entre a área urbana e a área não urbana parece se confundir um pouco. Acabava o asfalto, iniciava a ocupação.



Autoria das fotos: Marlyn (2023)
Legenda: Entrando na ocupação Antônio Seabra



Autoria das fotos: Julia (2023)
Legendas: Ocupação e resíduos da ocupação

Eu e Marlyn conversamos com Adriana, a liderança desta ocupação. Ela falou muito. Eram muitas questões que a angustiavam, principalmente em relação ao auxílio do bolsa família, que ela não recebia e estava esperando havia meses. Também estava preocupada e revoltada com o descaso ao tentar realizar um tratamento do filho que sofre de desnutrição severa. Ele tem 10 anos, mas tem o porte físico de um menino de 6. Não conseguimos entrar na casa porque ela disse que tinha um cachorro bravo lá dentro. Pedi então que se possível ela tirasse foto de dentro da casa para mim depois. Apesar de ter aceitado, ela nunca me mandou fotos. Foi uma das entrevistas mais longas que eu fiz. Eram muitas dificuldades, muitas preocupações. Ela preferiu que eu não tirasse fotos da casa.

Adriana: Eu tenho 6 anos morando aqui. Bom quando eu cheguei aqui, cheguei em uma casa que me recebeu. Até que a gente conseguisse outro lugar. Mas foi bem difícil. Por um lado, tivemos ajuda de uns brasileiros que deixaram passar um tempo até conseguirmos trabalhar e pagar. Ficamos três meses procurando uma casa. Encontramos uma, mas sem os serviços. Sem eletricidade e sem água. Vivíamos 16 pessoas em uma só casa. Eram 3 famílias.

Julia: Quantos quartos tinham?

Adriana: Um quarto. Tentamos fazer divisões, mas eu... eu não gostava. Eu decidi buscar outro lugar e foi aí que encontrei essa daqui. Aqui moro há 5 anos com minha família. Mas agora está mais difícil.

Julia: Quanto era o aluguel dessa casa de um quarto?

Adriana: 350 reais e dividíamos o aluguel. Mas isso 6 anos atrás, agora a casa mais econômica é 700 reais.

Julia: E aqui você paga aluguel?

Adriana: Sim, 400 reais.

Julia: E tem banheiro, cozinha, quantos quartos?

Adriana: Sim só um banheiro e um quarto mais isso é uma vulnerabilidade porque a casa está caindo.

Julia: Está caindo???

Adriana: Sim, está quebrando e caindo. Eu fico mais aqui fora por isso. E o dono não quer que a gente arrume porque ele não vai descontar do aluguel.

Julia: E é de um brasileiro?

Adriana: Sim, ele mora em Manaus.

Julia: Você ou seu marido trabalham?

Adriana: Só ele trabalha. Ele é pedreiro.

Julia: Você está pensando em interiorizar?

Adriana: Sim.. mas isso é o mais difícil pra mim.. porque eu tenho dois filhos pequenos e dois grandes. E eu preciso de um apoio porque se eu consigo um emprego eu preciso de alguém que cuide deles e eu não conheço uma pessoa de confiança.

Julia: Você pode colocar ele na creche?

Adriana: Sim, assim me disseram mas não sei.. não sei se poderia colocar no horário que eu trabalho.

Julia: E você pensa em ir pra onde?

Adriana: Tenho amigos em São Paulo, Curitiba e Santa Catarina. Não sei qual desses. Porque Santa Catarina tem muitos venezuelanos. Mas é grande. Aqui é muito pequeno e não tem empresas. Essa é a diferença. Depois da pandemia, Pacaraima se estragou, deixou de ser Pacaraima. Antes da pandemia tínhamos mais possibilidades de emprego agora não. Não conseguem mais pagar os funcionários.

Julia: Você acha que com a pandemia piorou a questão do trabalho aqui?

Adriana: Sim, piorou com a pandemia, tipo 90%. Porque antes as pessoas não tinham esse problema de se hoje come, amanhã não sabe o que vão comer, assim pensando. Porque já tinham seu emprego estável e não tinham essa preocupação. Hoje sim, agora você paga o aluguel e já tem contas pra pagar e o outro aluguel com a data em cima e você fica com dor de cabeça, e se pergunta como vai fazer isso. Isso choca bastante. E essa bolsa daqui da bolsa família, cancelaram supostamente.

Julia: Como assim?

Adriana: Não me deram a bolsa família. Eu estou há um ano e seis meses esperando e não me atualizaram.

Julia: Você tem direito de ter a bolsa família. Até porque você tem 4 filhos.

Adriana: Sim, mas eu nunca tive, nem o primeiro mês, nunca.

Marlyn: Ela está cadastrada no CRAS mas não fizeram a visita que corresponde para depois dar o benefício. O que acontece, como aqui em Pacaraima tem muitos venezuelanos que moram em Santa Elena e vem só pegar o benefício, o CRAS está fazendo visitas de verificação. Então eles demoram muito e vão investigando cada caso, cada família. E eles vão dando baixa porque acreditam que se você não mora aqui e sim em Santa Elena, então eles pedem muita coisa verdade Adriana? Muitos requisitos.

Adriana: Sim, os quais eu entreguei, mas o meu caso é porque colocaram uma renda mensal de 1.400. Uma renda que eu nem trabalho nem nada e eles colocaram!

Julia: Como assim?!

Adriana: Por isso esse é o grande detalhe porque eu não posso, tenho que ter um salário abaixo do mínimo.

Julia: E quem te colocou esse salário?

Adriana: A entrevistadora.

Julia: E porque ela colocou isso?

Adriana: É porque eu acho que tinham muitas famílias perto e a entrevistadora ouviu essa resposta de outra pessoa. Não sei.

Marlyn: Ela é brasileira? A que te entrevistou?

Adriana: Sim. Disse que tinha que esperar primeiro a visita antes que eles colocassem isso no sistema. E eles nunca fizeram a visita.

Julia: Há quanto tempo que você fez essa entrevista?

Adriana: Tem um ano e seis meses. E quando eu vou lá me dizem tem que esperar tem que esperar. Ai eu entro no aplicativo e coloquei todos meus dados ali e me aparece não está autorizado pela renda mensal de 1.400 reais.

Julia: E não consegue modificar?

Adriana: Não.

Julia: E não pode fazer essa entrevista de novo?

Adriana: Eles disseram que não porque eu já estava no sistema.

Julia: Nossa... tem que atualizar o sistema então!

Adriana: Eles não atualizam. E eu estou aqui há 6 anos. Esse já é o segundo cadastro que eu tento o bolsa família. O primeiro cadastro que eu fiz, ela tinha um mês. E falaram que não tinha todos os documentos dela. Me dizem uma coisa e depois me dão outra resposta. Não se importam.

Julia: Você acha que é por você ser venezuelana?

Adriana: Na verdade, eu acho que sim.

Julia: Porque você está há muito tempo, você tem muitos filhos, tem que ter mais prioridade.

Adriana: Minha amiga venezuelana que mora aqui, também colocaram um salário de 150 e não deram o benefício pra ela não. Aqui são poucos os que recebem bolsa família. Aqui só 3 famílias recebem. E aqui vivem 35 famílias aqui agora. Tem que esperar 6 meses para fazer o cadastro. E tem outros que chegam e já recebem depois de um mês.

Julia: Como você se identifica? Branca, preta, pardo, indígena, amarela?

Adriana: Como se fala negro aqui?

Julia: Preto.

Adriana: Então preto.

Julia: Você sentiu que aqui a questão racial é mais forte do que na Venezuela?

Adriana: Sim. Porque aqui sim tem pessoas que tem problemas com o racismo.

Julia: Aqui tem mais racismo?

Adriana: Sim. Na Venezuela não temos esse problema de racismo.

Julia: Você sente que aqui as pessoas têm preconceito mais por você ser venezuelana ou por ser preta?

Adriana: Eu acho que pelas duas coisas. Porque aqui também tem muitos venezuelanos que fazem coisas malas e tem brasileiros que se deixam levar por essas coisas, por como é um pensam que são todos assim. Não dão muita oportunidade às pessoas, para que os venezuelanos demonstrem a diferença.

Mesmo depois de nos despedir, ela foi nos seguindo até o final da rua e conversando. As crianças iam junto. Era como se ela não quisesse que fôssemos embora, queria continuar conversando, desabafando.

Adriana: Meu filho sofre de desnutrição. A intoxicação e a inflamação. Tenho que estar atenta porque ele pode ter uma parada respiratória. Ele tem um peso de uma criança pequena. 15kg. E ele tem 10 anos.

Julia: E qual é o tratamento?

Adriana: Esse é o grande detalhe porque eu estou pedindo encaminhamento no posto de saúde para que levem ele ao hospital da criança em Boa Vista porque lá tem mais possibilidade de fazer os estudos, exames, saber o que ele pode comer ou não. E já estou há 3 anos nesse processo porque ele quando chegou aqui 3 anos atrás ele convulsionou e ficou uma semana em coma. E eu nunca consegui esse encaminhamento para o hospital da criança.

Julia: Meu Deus, ele precisa fazer tratamento.

Adriana: Sim, mas aqui eles não levam isso em conta. Não fazem nada. Porque cada vez que se intensifica e eu levo ele e como já o conhecem eles ficam “Ah! Antony outra vez, o que você comeu dessa vez?” Mas isso não é culpa do Antony, mas se vocês não fazem um encaminhamento ou um estudo para saber o que ele pode comer e o que não pode. Eu não sei o que ele pode ou não pode comer. Vocês não podem fazer uma queixa se eu trazer ele intoxicado porque não sou eu que estou *encubriendo* estão *encubriendo* vocês como doutores.

Julia: E você não teve uma consulta com um médico para te explicar quais são os alimentos?

Adriana: Não, porque eles disseram que eu tenho que fazer os estudos. E esses estudos eles só fazem em Boa Vista. Então eu digo, tá bom então porque não o encaminhamento daqui? - Mas eles dizem que não, que eu tenho que passar por um nutricionista.

Julia: E se você levar ele diretamente lá no hospital da criança?

Adriana: Eu levei uma vez, mas não me atenderam porque disseram que eu vivo aqui em Pacaraima.

Julia: Meu Deus.

Adriana: E agora tem problemas aqui porque não estão atendendo. Nem emergência nem posto de saúde. Me disseram que eu tenho que fazer uma denúncia ao Conselho Tutelar.

Julia: Eu acho que sim.

Adriana: Agora temos que ir a partir de 14h da tarde porque de manhã mudaram o pessoal e o tratamento, eles são muito grosseiros, tratam os venezuelanos com muita falta de respeito. Acaba que você perde muito tempo porque eles dão a mesma resposta para todo mundo: dizem que solucionaram seu problema, depois você verifica e não solucionaram nada. Você sabe o que aconteceu com a Cáritas? Chegaram 62 cartões do censo que realizaram e agora disseram que não vão fazer as entregas dos cartões. Negaram essa ajuda e estão fazendo os cadastros de outras pessoas.

Marlyn ficou impressionada pelo fato dela não receber o auxílio do bolsa família. Ela tem quatro filhos pequenos. Marlyn também me contou outro problema que acontecia com frequência na região: muitas pessoas vinham de Santa Elena e pegavam esses auxílios, mas não moravam no Brasil. Era difícil ter o controle de quem morava efetivamente no Brasil e quem morava na Venezuela nesta região fronteiriça. Isso fazia com que muitos funcionários do CRAS no Brasil desconfiassem da informação de que a pessoa morava realmente em Pacaraima e não em Santa Elena. Essa falta de fiscalização, segundo ela, prejudicava quem precisava do auxílio.

Marlyn realiza o monitoramento e acompanha algumas famílias em Pacaraima e parte do projeto ALIMENTUM⁶⁷ dentro da ADRA. Este projeto consiste em um benefício, na concessão de em um cartão eletrônico, um voucher, com um saldo de 30 dólares por pessoa para famílias de migrantes venezuelanos no intuito de reduzir a insegurança alimentar. No entanto, este cartão era aceito apenas no Mercabox, maior supermercado da cidade, cujo dono era o prefeito. Algum tempo depois, outros dois mercados também passaram a aceitar esse cartão, mas as pessoas que entrevistei disseram que não sabiam que existia outro mercado que aceitasse o cartão SODEX. Além disso, existia um consenso no imaginário das pessoas de que “tudo no Mercabox é mais caro”. Marlyn me explicou quais eram os critérios para ter acesso a este tipo de benefício.

Marlyn: Ser venezuelano, principalmente, mas antes os brasileiros também foram beneficiados do projeto, porque havia muitos brasileiros também afetados pela situação aqui em Pacaraima, mas na segunda etapa do projeto só havia venezuelanos com menos de 1 ano no país. Sem carteira assinada, nenhum benefício do governo, sem cesta básica, nada disso. E cumprir com os critérios de prioridade também.

3.10 Moradora do Centro, na linha entre Brasil e Venezuela

Sandra mora numa pequena casa de madeira a 20 metros da linha da fronteira, que é demarcada por uma cerca de arame farpado com muretas brancas. De sua casa é possível avistar a cerca. Trata-se de uma área descampada, apenas um vasto gramado atravessado por uma cerca. A região de Pacaraima nessa zona possui este tipo de

⁶⁷ PROJETO de lei n 224/2022 ALIMENTUM/ 2022: objetivo reduzir a insegurança alimentar entre migrantes venezuelanos e uma parcela da população brasileira vulnerável, tendo como alvo 50.000 pessoas no estado de Roraima e na cidade de Manaus. Com esse projeto, a ADRA propõe uma nova abordagem com um voucher unificado para cobrir as necessidades alimentares. Esse voucher tem a forma de um cartão de crédito. 5.2 PÚBLICO ALVO: pessoas na faixa etária de 18 a 60 anos em situação de rua. Para receber o benefício os migrantes passam por uma seleção, onde são seguidos os seguintes critérios: critérios primários: migrantes venezuelanos residentes na área de atuação, famílias brasileiras residentes na área de atuação (aprox. 10%) Critérios de vulnerabilidade: não receber assistência alimentar regular do governo brasileiro ou de outra fonte de, não viver no sistema de abrigo formal gerido pelo governo, consumo de até três (3) refeições por dia, viver em áreas (bairros) fortemente afetados pela migração venezuelana (brasileiros) Critérios de prioridade: famílias com crianças de até 5 anos de idade, mulheres grávidas e lactantes, idosos, indivíduos com doenças crônicas e/ou que necessitem de uma dieta especializada, pessoas com deficiência, em situação de insegurança alimentar ou socioeconomicamente vulneráveis como resultado do acolhimento de venezuelanos, em situação de insegurança alimentar ou socioeconomicamente vulneráveis como resultado da concorrência laboral e econômica com migrantes venezuelanos. 5.5 Recursos financeiros: O financiador do projeto é o USAID United States Agency International Development (from the american people).

paisagem, um vasto horizonte descampado. Fiquei me perguntando como deveria ser morar tão perto da linha, demarcada por muretas brancas.

Quando chegamos, a primeira coisa que ela disse foi que cortaram a luz, por isso era melhor a gente conversar ali fora mesmo. Ela deve 300 reais de energia. Depois disse que está com problemas na casa porque entra muita água. Disse que conversou com a proprietária, que prometeu trazer mais telhas para reforçar o telhado e sanar este problema da água há mais de dois meses, mas até agora nada.

Quando estávamos indo embora ela perguntou se conhecíamos algum lugar que estivesse alugando casa mais barato, pois aqui, ela paga 600 reais por mês e diz que a casa é muito pequena e precária, tem apenas um banheiro e dois quartos. Aqui moram 9 pessoas e uma bebê de 3 meses. Ela mora em Pacaraima há 8 meses e já passou por 4 habitações. Ela disse que também está procurando uma casa para a nora, o filho e a bebê, que eles precisam de sua privacidade e a casa é muito pequena para todos. Apesar de ser uma casa maior do que as casas das ocupações que conheci até então, a casa tem problemas de goteiras e o aluguel é alto. Outra dificuldade apontada por ela é o desemprego. “Aqui é difícil porque não tem emprego, as pessoas maiores que estão aqui em casa não trabalham.” Ela é a única que traz algum tipo de renda para dentro de casa. Disse que, graças ao auxílio concedido pela ADRA, conseguiu levantar seu negócio e faz bolos, salgadinhos, dindin, doces para vender na rua.

Julia: E você pretende ficar aqui mais tempo? Pretende interiorizar?

Sandra: Não, não quero interiorização. Não quero ir *mas adentro*.

Julia: Você vai às vezes para a Venezuela?

Sandra: Também não quero voltar para lá pela crise que tem lá.

Julia: Você gosta de Pacaraima?

Sandra: Sim, Pacaraima. Se Deus permitir.

Perguntei se ela nunca havia cogitado morar nas ocupações, mas para isso ela disse que é preciso comprar um terreno e construir.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legendas: Casa da Senhora Sandra /Final da cerca de senhora Sandra e marco fronteiro

3.11 Moradora do bairro Orquídeas

Fui conversar com a Senhora Yolanda, que veio para o Brasil por questões de saúde. Ela é cadeirante e tem uma rede de apoio de mulheres, suas irmãs, que a ajudam financeiramente.

Yolanda: Bom, minha história foi assim: Eu saí da Venezuela pelo meu problema de saúde, meu problema no joelho, eu preciso de duas próteses de joelho. Saio pela ajuda das minhas irmãs que estão no Chile elas que proveram o dinheiro, tenho pessoas na Venezuela também que colaboraram com a passagem, e eu vim com uma irmã que está há anos aqui em Pacaraima, quando chegamos ela já tinha conseguido aluguel e chegamos diretamente em uma casa alugada pelo apoio das minhas irmãs que eram as que pagavam. Depois que cheguei aqui eu consegui a ajuda da ADRA até agora minha irmã que conseguiu um trabalho nos apoia com o aluguel porque eu não posso prover, então não entra nenhum sustento. Então, graças a Deus até agora nunca nos faltou nada. A única coisa é que meu filho maior não está estudando porque quando eu cheguei disseram que não tinha vaga, então praticamente ele perdeu o ano.

Julia: Quando vocês chegaram?

Yolanda: Chegamos em março deste ano. Os meninos pequenos, porque minha irmã tem um e eu tenho um de 12 anos, conseguiram vaga. O que é bem complicado é que tenho que ir para Boa Vista para as consultas médicas, passagem muito cara, aí sim foi um pouco forte. O *traumatologo* vem pra cá, mas como meu problema é com reumatologia preciso ir para Boa Vista, ver o *reumatologo*. Já vi uma doutora e tenho que ver agora o *traumatologo* para ver o que me diz sobre a operação. Então isso foi um pouco *fuerte*. E às vezes essa situação de que às vezes falta algo para as crianças e como eu não tenho nenhuma entrada, não consigo. Gastos extras não posso, só comida, o básico. Tirando

isso, bem ou mal, tudo bem. Deus prove, se é sua vontade vamos ver se me operam porque na verdade esse foi meu propósito porque na Venezuela uma prótese custava... minha casa. Mais de 7 mil dólares, sem contar as consultas, remédios.

Julia: E aqui você vai conseguir essa prótese?

Yolanda: A *reumatologa* já disse que estou pronta para cirurgia. Tenho que passar pelo *traumatologo*, ver as placas, e vamos ver o que ele diz.

Julia: E você pretende fazer essa operação pelo SUS? Público ou privado?

Yolanda: Estou no Coronel Mota, no público, vamos ver o que eles me dizem.

Julia: Sim acho que aqui é possível, só não sei sobre a lista de espera que as vezes é longa

Yolanda: Sim vamos ver o que me diz o *traumatologo*. Muitas pessoas estão me dizendo que é melhor ir para São Paulo, mas eu não tenho dinheiro para ir.

Julia: E depois da cirurgia você pretende voltar para Venezuela ou ficar no Brasil?

Yolanda: Bom, peço as direções a Deus, preferiria claro voltar para minha casa, mas não sei, a situação lá está muito difícil.

Julia: Você vem de que cidade da Venezuela?

Yolanda: Eu venho de Puerto de la Cruz, Estado Suarte, Oriente. Minha filha ficou lá, tenho uma filha de 22 anos. Está cuidando da casa, das minhas coisas. E isso também... ela está lutando, trabalhando, estudando.

Julia: Onde você trabalha lá?

Yolanda: Eu trabalhava com comércio. Vendia roupas.

Julia: E sua filha não pensa em vir para cá?

Yolanda: Ela terminou o bacharelado, mas pela situação da Venezuela ela não pode mais estudar então está trabalhando. Começou a trabalhar não tinha nem 18 anos, assumiu as responsabilidades da casa devido a minha situação. Ela quer estudar pra quando sair já ter algo, profissional.

Julia: Quanto você paga de aluguel aqui?

Yolanda: minha irmã que está no chile que paga. São 700 reais. Fora água e luz. Da última vez foi 161 a luz e a água 30. Agora está mais difícil porque minha outra irmã que também ajudava ficou desempregada.

Julia: E quem mora aqui?

Yolanda: Eu minha irmã e os 3 meninos.

Julia: E são dois quartos?

Yolanda: Sim, sim dois quartos. Dois banheiros, cozinha.

Julia: E vocês sabem quem é o dono dessa casa? Sabem se ele é brasileiro?

Yolanda: Sim é brasileiro, é um coronel.

Julia: E foi difícil conseguir alugar aqui em Pacaraima?

Yolanda: Então, antes nós morávamos em outro lugar, mas era mais caro ainda. 1.200. então tinha vezes que não conseguíamos pagar na data certa... muito caro muito custoso então viemos para cá.

Julia: E como vocês conseguiram essa casa?

Yolanda: Foi um senhor amigo da minha irmã que disse que estavam alugando.

Julia: Foi por recomendação?

Yolanda: Sim

Julia: E lá também?

Yolanda: Sim. Lá minha irmã conhecia a senhora. Tinha problemas de água, nunca tínhamos o recibo. Aqui é mais pequeno, mas menos custoso.

Julia: E você gosta daqui?

Yolanda: Sim tirando as passagens e viagens médicas. Porque uso cadeira de rodas.

Julia: E você não pensa em interiorizar?

Yolanda: Bom eu estou pensando porque muitos me dizem que é melhor ir para São Paulo para o tratamento. E lá eu tenho um sobrinho e um irmão. Então vamos ver, o que for mais rápido.

Julia: Espero que você consiga fazer a cirurgia.

Yolanda: Se Deus quiser. Por aqui ou por ali, desde que seja feita.

J: Muito obrigada e boa sorte.

3.12 Proprietária na Rua Monte Roraima

A senhora Maria, mãe de Carlos, um dos alunos da Casa da Música, comprou um terreno em Pacaraima. Diferentemente das outras entrevistadas, ela comprou um terreno numa área considerada urbana de Pacaraima. Esta região tem rua asfaltada, postes de energia, casas de alvenaria, a maioria tem muros, outras construções de concreto, comércio, supermercados, padarias, fica perto do açougue e é considerada uma boa localização. Sua casa fica a menos de 10 minutos de caminhada da Casa da Música. É a penúltima casa da rua. Depois da última casa verde azulada, o asfalto acaba e segue uma estrada de terra. Vive ali há mais de 4 anos, chegou no período de fechamento oficial da fronteira, durante a pandemia, e teve que passar pelas *trochas*. Ela veio com sua irmã e sua mãe. Experimentou diversos espaços de moradia, às vezes sem energia.

Maria: Mas tive dificuldade para conseguir alugar. Porque não tinham muitas casas para alugar e as que tinham os brasileiros não tinham confiança com os venezuelanos. Foi difícil nesse tempo porque não se encontrava onde alugar e eu queria trazer meus filhos. E procurei, procurei até que consegui um lugar onde não tinha luz. Passei vários meses sem luz porque esse lugar tinha uma dívida. E logo trouxe meus filhos. Nesse tempo foi difícil para mim porque eu não tinha trabalho. O trabalhinho que eu tinha ganhava muito pouco. Porém encontrei uma fundação do coral, escola de música onde davam café da manhã, almoço e jantar, então inscrevi meus filhos ali. E isso foi uma salvação para mim porque meus filhos podiam comer todas as refeições enquanto eu me estabilizava, mas nesse lugar. Durei dois anos alugando e veio meu esposo e veio trabalhar comigo em Pacaraima. Meus filhos começaram a estudar nesse lugar e se formaram. Eu comprei um terreno. Meu esposo me ajudou trabalhando. E graças a Deus nós estamos indo bem. Meus filhos também começaram a trabalhar e nós estamos indo bem aqui. Eu estou com minha mãe e minha família e estou feliz.

Ela destaca que uma das coisas mais importantes era que seus filhos se alimentavam na Casa da Música e tinham as três refeições garantidas. Enquanto isso, ela buscava se estabilizar em Pacaraima, ficou 2 anos morando de aluguel, e depois veio seu esposo. Ela, como as outras mulheres, se queixa do valor alto dos alugueis e relata o alívio ao conseguir comprar um local onde morar.

Maria: Aqui era muito caro o aluguel, mais de 600 reais. Mas nesse tempo o governo deu bônus. Então fomos economizando. Então eu conheci uma vizinha que queria

vender o terreno e eu tinha 5 mil reais economizados e o terreno custou 7 mil. Então meu esposo pagou o resto em trabalho porque meu esposo é pedreiro. Nós compramos o material e ele foi construindo pouco a pouco. Graças a Deus.

Disse que tem um documento de compra e venda no cartório e hoje pode receber os familiares que continuam a chegar da Venezuela.

Julia: E quantas pessoas moram aqui?

Maria: 5 pessoas. Mas agora temos 10 porque estou hospedando uma família que vai *mas adentro*. E estamos esperando que saiam sua papelada.



Autoria da foto: Julia (2023)

Legenda das fotos: Casa da Maria, penúltima casa. / Mesma rua depois da casa verde azulada

Conversei com algumas mães no dia da apresentação do coral na igreja Sagrado Coração de Jesus. Uma coisa que surgiu em uma das conversas foi em relação aos preços altos dos alugueis. Elas diziam que na Venezuela não é muito de costume viver tantos anos de aluguel como aqui no Brasil. Aqui parece ser mais comum viver de aluguel. Na Venezuela a maioria das pessoas têm ou buscam ter casa própria. “*Na Venezuela todo mundo tem casa, não é como no Brasil que tem costume de alugar até por muitos anos*”. Fiquei pensando como isso também influencia na tomada de decisão por optar pela aquisição de um terreno, apesar de ter diversas inseguranças. Comprar um terreno e construir uma casa em Pacaraima, para muitos, parece ser mais razoável do que alugar. Alugar seria, de certa forma, um “desperdício”. Construir uma casa, um investimento. Conheci algumas pessoas que compraram terrenos nas ocupações,

construíram uma casa com materiais recicláveis e, em seguida, venderam essa propriedade para outros venezuelanos por um valor mais alto.

3.13 Revisitando as entrevistas: Controlar, apoiar, fiscalizar, habitar: que fronteiras são estas?

A partir da entrevista com Adriana, sobre a dificuldade em acessar o benefício, fiquei refletindo sobre a obra de Akhil Gupta, *Redtape*⁶⁸: *Burocracia, Violência Estrutural e Pobreza na Índia*. *Redtape* literalmente significa fita vermelha, mas dentro deste contexto significa formalidades, burocracia, excesso de regras e regulamentos que causam atrasos. Em português poderíamos nos referir à papelada e, como os venezuelanos dizem, *los papeles*. O autor afirma que, apesar da inclusão em projetos de assistência social, a extrema pobreza persiste, pois, ações burocráticas repetidamente e sistematicamente produzem o que o autor chama de arbitrariedade. Critérios arbitrários que decidem quem vai receber o benefício.

Para entender melhor a produção constante da arbitrariedade, o autor descreve um evento ocorrido em um acampamento em uma aldeia na Índia onde ele observa como vai ser feita a elegibilidade dos candidatos de receberem o benefício ou não. Este acampamento consiste em fornecer pensões para idosos que não podem ter filhos adultos que cuidem deles, tem que ter mais de 60 anos, menos de um hectare e meio de terra e menos de 100 rupias por mês, ou seja, esses são os critérios: idade, número de hectares, número de filhos etc.

As pessoas da aldeia não comemoravam aniversário, então era difícil saber a idade exata de cada um. Dependia do palpite do médico e da capacidade do *tehsildar*⁶⁹ de identificar se alguém estava mentindo diante das três perguntas: quantos anos você tem? Você tem filhos? Quanta terra você tem?

Além do atraso de 2h das autoridades, que o autor considera como uma forma de mostrar como os oficiais superiores estavam ocupados e também de descontar a importância dos funcionários subalternos, mesmo com centenas de beneficiários do lado de fora. A cena de confusão que o autor descreve devido à falta de divulgação daquele evento, frases como “não desperdice formulários” e olhares duvidosos o autor conclui:

⁶⁸ A expressão *red tape* vem do século 19 e do costume de amarrar documentos e papéis oficiais com uma fita vermelha, prática muito comum entre advogados e funcionários públicos.

⁶⁹ Chefe de registro e funcionário do estado.

Diante da falta de informações confiáveis sobre a idade do candidato, propriedade de terra ou número de filhos adultos, os funcionários tomaram decisões sobre a elegibilidade com base em suposições e contingências. Tais decisões arbitrárias não tiveram consequências negativas para os funcionários, que ficaram satisfeitos por estarem fazendo o melhor nas circunstâncias; no entanto, para os clientes de seus programas, essas decisões importavam muito e podem ter feito a diferença entre a vida e a morte. (Gupta, 2012, p. 14)

Tal violência, praticada no próprio local de atendimento, é enfatizada pelo autor na conexão íntima entre violência e cuidado. Ele rejeita narrativas de indiferença ou desatenção do Estado, pelo contrário, o autor argumenta que a ética e a política de cuidado são arbitrárias em suas consequências.

Estou argumentando que tal arbitrariedade não é em si arbitrária: ao contrário, é produzida sistematicamente pelos próprios mecanismos que visam amenizar o sofrimento social.

O que deve ser explicado não é apenas porque os programas governamentais voltados para fornecer nutrição, emprego, moradia, saúde e educação para os pobres não alcançam seus objetivos, mas também porque, quando são bem sucedidos, o fazem de maneira desigual e errática. Porque no universo de beneficiários carentes, algumas pessoas conseguem receber assistência e outras não? É isso que quero dizer com resultados arbitrários. (Gupta, 2012, p.24)

Fiquei pensando na entrevista da liderança da ocupação Antônio Seabra, Adriana, quando ela questionou o fato de não ter acesso ao Bolsa Família. Ela mora em Pacaraima há 6 anos e ainda não teve acesso ao benefício. De acordo com ela, isso se deve a uma falha no cadastramento de um salário acima do mínimo.

Por mais nobres que sejam as intenções dos programas e por mais sinceros que sejam os funcionários responsáveis por eles, o objetivo explícito de ajudar os pobres é subvertido pelos próprios procedimentos do governo. (Gupta, 2012, p.23) Isto é pela burocracia, pelo *redtape*, pelos formulários. (...) A indiferença indica não um estado psicológico dos funcionários do governo, mas uma modalidade constitutiva do Estado.

O Estado burocrático moderno produz sistematicamente essa arbitrariedade e é a marca registrada da tomada de decisão racional. Nesse sistema burocrático, não importa quem ocupe o cargo, são as regras que governam a tomada de decisão. (Gupta, 2012, p.24)

Como vimos nas histórias trazidas, as ocupações cresceram com a vinda dos migrantes venezuelanos, embora em algumas ocupações haja relatos da presença de moradores brasileiros. De certa forma, os migrantes modulam uma cidade que até pouco tempo não registrava esses espaços de moradia. Como afirmei anteriormente, segundo os dados do IBGE, Pacaraima dobrou sua população em menos de 10 anos. A cidade

oferece poucos trabalhos sem ser aqueles ligados à prefeitura e os relacionados à migração.

Embora neste campo da migração muitos sejam funcionários de agências da ONU e ONGs, seus técnicos, na sua maioria, não residem na cidade. E quando estão na cidade contam com alojamentos, estes podem ser igrejas e sedes dos projetos, ou ainda no espaço militar da Operação Acolhida. Os que residem na cidade e preferem não ficar na operação buscam residências mais estruturadas e contam com o recurso das agências para reforçar a segurança nas estruturas como muros, grades e câmeras para se sentirem mais seguros, pois eles também se enxergam como um público alvo de assaltos, como relatei anteriormente. De certa forma, fora dos abrigos os migrantes buscam suas estratégias, assim como os brasileiros proprietários de casas e as agências humanitárias.

O que busquei destacar neste capítulo é que as ocupações indicam uma certa permanência de famílias nesta cidade e não necessariamente indicam um lugar de espera ou de passagem. São também opções que não encontram eco na política de acolhimento na chegada no Brasil, uma vez que uma das principais políticas é a interiorização das famílias venezuelanas.

Atualmente existem diferentes locais de fronteiras no norte global, onde o controle migratório estatal é mais rígido e inflexível, onde a travessia apresenta graves riscos para a vida das pessoas que procuram por ali passar. Já em Pacaraima, um dos maiores investimentos foi na documentação e regularização migratória. Tal política é vista internacionalmente como um direito humano à migração e não raramente elogiado pelas agências internacionais. Por isso, Pacaraima parecia ser mais acessível legalmente, ou seja, há ali postos de triagem que recebem quem chega da Venezuela, onde conseguem acessar documentos e vacinas para legalizar o ingresso no país. Uma vez legalizados/as, podem aceder a política de interiorização, ou seja, prosseguir para outros estados do Brasil. Contudo, isso não garante a aceitação destas pessoas migrantes pelo país que as recebem. Apesar destas políticas migratórias, há situações de racismo e outras violências em Pacaraima, como lembramos no capítulo 1 e como nos lembram minhas interlocutoras. Portanto, a legalização não garante a aceitação.

A diversidade dos locais das ocupações às vezes parece indicar que há uma tentativa mesmo de ocupar a cidade, onde “um brasileiro”, “uma brasileira”, “um pastor”, “um vereador”, vende os terrenos mesmo sem segurança jurídica, tendo em vista que muitas destas áreas já são declaradas como terra indígena. Algumas das entrevistadas têm a informação de que se trata de terra indígena e existe uma

insegurança jurídica em relação à permanência nesses espaços. Outras reafirmam que essas terras têm “um dono” ou “uma dona” específica, mas que ninguém sabe, ninguém viu e que muitas vezes mora em outro estado. Estas informações sobre a terra são como “vozes” que circulam ou entes e proprietários imaginários, que nunca apareceram, mas que criam sentidos para os venezuelanos que compraram terrenos nas ocupações.

O tema sobre as terras indígenas, que podem parecer tão diferentes aos venezuelanos e venezuelanas quando comparados aos moradores brasileiros do Estado de Roraima, estão presentes nas entrevistas, indicando o quanto cada um precisa se apropriar de informações locais não fornecidas pelas agências migratórias. Isso nos lembra Agier, (2016) que nos fala sobre a apropriação dos conhecimentos necessários para poderem circular ou permanecer nestes trajetos de mobilidade humana.

Fora de seus “lares” e de seu “eu” identitário, habitantes do mundo, eles atravessam lentamente os países, devem saber falar palavras de muitos idiomas, enfrentam relevos topográficos penosos, são confrontados a muitas realidades, à dureza dos Estados-nação com suas polícias ou seus locais de detenção, à compaixão de organizações internacionais que abordam os direitos humanos e efetivamente cuidam deles nos campos, ao medo dos moradores com seus “territórios” protegidos, e eles aprendem a superar seus próprios medos para poder sobreviver enquanto avançam. Possuem, portanto, um conhecimento concreto do mundo, que “nós”, que nos supomos cosmopolitas, não temos realmente; não de um modo tão físico e sentido, pois nossos deslocamentos são protegidos, seguros e frequentemente confortáveis. Essa inteligência prática do cosmopolitismo dos exilados de hoje é aquela que nasce do desafio das fronteiras, da marginalização nos campos e da descentralização como modo de vida. Os exilados de todos os tempos e de todas as condições sociais sabem muito bem disso. (Agier, 2016, p. 7)

As ocupações são “boas para pensar”, nos informam como muitas das mães venezuelanas temem os abrigos, falam sobre o medo de adentrar para outros estados do Brasil e o valor dado a proximidade do seu próprio país de origem. Isso não significa necessariamente que desejam retornar à Venezuela. Acredito que a noção de provisoriedade do imigrante elaborada por Sayad, (1998) que observa que os imigrantes reconhecem essa noção, o que poderia alimentar uma “ilusão” de um retorno, não necessariamente condiz com a tática de permanecer próxima ao país de origem. Tanto é que essa presença pode ser durável e definitiva, por mais que sempre incerta nas falas.

“Na medida em que a presença do imigrante é uma presença *estrangeira* ou que é percebida como tal, as “ilusões” que a ela estão associadas e que até mesmo constituem podem ser enunciadas como segue: são, para começar, a ilusão de uma presença necessariamente *provisória* (e, correlativamente, se nos colocamos do ponto de vista da emigração, ilusão de uma ausência igualmente provisória), mesmo

quando essa presença (ou essa ausência), provisória de direito, verifica-se sempre a posteriori, como uma presença durável, quando não definitiva.” (Sayad, p.19, 1998)

O desejo nostálgico da Venezuela existe nas memórias e nas histórias contadas, mas não num eventual retorno. As mulheres venezuelanas em Pacaraima criam em seus cotidianos novos espaços de circulação; de aprendizado dos serviços e projetos das agências; de moradia; de amizades e novos trajetos na cidade de Pacaraima, e muitas destas famílias já estão na fronteira há mais de cinco anos, reforçando ainda mais a presença durável, mesmo que permeada por incertezas.

É possível observar um tipo de reciprocidade e trocas nas ocupações. A maioria se conhece e se cumprimenta, as crianças de uma família também circulavam nos espaços de outra família, não necessariamente entrando dentro da casa. As pessoas entravam e saíam, vi poucas pessoas que ficavam mesmo dentro de casa. Era mais comum ver as pessoas do lado de fora, na frente da casa, se relacionando com as pessoas ao seu redor. Muitas crianças ficavam na rua soltando pipa ou correndo e brincando de pega-pega. As mães conversavam umas com as outras, muitas conversas sobre seus filhos. Nesses lugares as mulheres vão tecendo novas redes entre elas.

As ocupações criam uma espécie de proteção entre os habitantes venezuelanos, que em outras partes da cidade não circulam com a mesma facilidade ou têm a mesma sensação de segurança. Aqui as famílias afirmam que se sentem seguras, mesmo as casas não tendo necessariamente fechaduras ou cadeados, que para quem é de fora poderiam representar objetos que trazem segurança. É como se a segurança deixasse de estar nas estruturas físicas e materiais e passasse a estar nas pessoas, na confiança que existe uns nos outros. Se alguém precisar de algo, alguém também irá ajudar, por isso, especialmente as mulheres migrantes venezuelanas vão construindo relações de reciprocidade e de cuidado nestes locais de moradia e de vida.

No entanto, há a insegurança sobre permanecer ou não no espaço ocupado. Além disso, os eventos violentos de 2018 e 2021 estão presentes entre aqueles que presenciaram ou que ouviram relatos de amigos e parentes. Não estar na rua e a busca por um espaço próprio e seguro parece nortear uma expectativa de muitos moradores das ocupações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu me lembro, eu vi os primeiros imigrantes. Eu estava indo na padaria de Pacaraima e pedi ao táxi que me pegasse em frente ao banco do Brasil e de repente eu vi aquele fluxo enorme! Não eram 300 pessoas, eram mais de 600 pessoas. A maioria eram mulheres com crianças, crianças de colo, crianças caminhando e eu fiquei muito impactada com aquilo e eu me aproximei pra saber o que estava acontecendo e eu comecei a falar com elas pra entender o que realmente estava acontecendo. Eu tive que olhar pra elas e compreender que a maioria das mães das crianças estavam fugindo da fome. Eu perguntava por que vocês estão atravessando nesse desespero todo? Eu fiquei apavorada porque era muita gente, isso foi começo de 2016”
Miriam Blos (21/05/2020)

Como nos explicam as autoras Tânia Tonhati e Aline Araújo (2023), durante muitos anos, os estudos dos fluxos migratórios internacionais foram analisados com base no modelo do trabalhador universal, o homem. Estes estudos negligenciaram durante muito tempo as vivências femininas. A partir dos anos 1990, estes estudos passaram a observar um aumento considerável de mulheres que migram e suas vivências também passaram a ser mais estudadas. Tal processo foi nomeado de “feminização das migrações” e mostra como o corpo feminino está em mobilidade como agentes transformadoras e não subordinadas ou passivas. No Brasil, tal processo se destacou principalmente em meados da década de 2010, com a vinda de haitianas, e aumentou exponencialmente com a chegada das venezuelanas. Dados do SisMigra (Sistema de Registro Nacional Migratório) apontam que em 2018 e 2019 foram registrados os maiores números de mulheres migrantes no Brasil. A decisão de migrar das mulheres para o Brasil não teve o reagrupamento familiar como a principal motivação, sendo que 69% das mulheres migrantes ao se registrarem no país se declararam solteiras. Entre 2011 e 2020 também houve um crescimento considerável na emissão de carteira de trabalho para mulheres migrantes.⁷⁰ (TONHATI, ARAÚJO, 2023).

O protagonismo das mulheres neste fluxo migratório é compatível com o relato de Miriam Blos que, já em 2016, ressaltou que o enorme número de mulheres e crianças migrando é compatível com as histórias que muitas das minhas interlocutoras trouxeram, onde muitas migraram com seus filhos ou sozinhas, depois trouxeram seus filhos e somente anos depois veio o cônjuge, como é o caso da senhora Maria, que veio

⁷⁰ Destaco também que o aumento das contratações de mulheres haitianas nos setores de frigoríficos, especialmente em setores que demandam mais atenção, paciência, cuidado, limpeza, com altos riscos de acidentes laborais, salários mais baixos e alta rotatividade. (TONHATI, ARAÚJO, 2023)

primeiro com sua mãe; ou o caso da senhora Sandra, que é a única que traz algum tipo de renda para dentro de casa; ou de Olga que foi extremamente corajosa e guerreira e depois de trabalhar 1 ano sozinha em Manaus voltou para Venezuela para trazer seus três filhos e seus dois netos; ou no caso de Marisol, que veio com uma colega professora; até mesmo Yolanda, que migrou para conseguir uma prótese para as duas pernas conta com o apoio financeiro de suas irmãs.

Observa-se também um aumento considerável no número de crianças e adolescentes migrantes. “O aumento no número de crianças acontece com a chegada das mulheres. Aqui podemos afirmar, que as mulheres migrantes carregam consigo seus corpos, e seus corpos gestados por elas, ou seja, com os homens migrantes não vieram os/as filhas/os, mas com as mães chegam às crianças” (TONHATI, p. 23, 2023)

Além de múltiplas barreiras que as mulheres migrantes enfrentam, a intersecção de gênero, classe, raça, etnia, nacionalidade, sexualidade, domínio do idioma e cultura local, uma outra dificuldade é a de “revalidar seus títulos”, como vimos no caso de Marisol que é pedagoga e pretende exercer sua profissão no Brasil, mas precisa passar pelas exigências institucionais e burocráticas para fazer o reconhecimento do diploma junto ao Estado Brasileiro.

Outra dificuldade é a falta de redes de apoio e pessoas de confiança para cuidar dos seus filhos, como afirmou Adriana, que não conhece quem poderia cuidar dos filhos pequenos pois, mesmo quando apresentada a solução da creche, não sabe se os horários seriam compatíveis para cumprir a carga horária exigida pelo trabalho formal de 44h semanais.

“Segundo Barbosa, Tonhati e Herrera (2020), em estudo sobre o empreendedorismo de mulheres venezuelanas, foi observado que as mães venezuelanas buscam empregos com horários flexíveis, o que as levaram a trabalhar em atividades informais como cabeleireiras, manicure/pedicure, costura, produção de alimentos, vendas, dentre outras atividades, que as permitem exercer a sua maternidade e ter uma pequena renda.” (Tonhati, Araújo, 2023, p. 24)

Em Pacaraima, isso também se verifica: muitas produzem bolos e salgados para comercializar mas ficam boa parte do tempo cuidando dos filhos e da casa e muitas também dependem financeiramente do trabalho de seus cônjuges e tem algum tipo de auxílio vinculado a algum programa assistencial que a cidade oferece. Elas constroem suas redes de solidariedade, buscam ajuda com as “*madres*”, entre outras estratégias.

No trabalho de Rodrigues et al (2021) as autoras trazem relatos e narrativas de mulheres venezuelanas refugiadas na Colômbia e é possível identificar com clareza a

partir das falas dessas mulheres o quão violentos também são os ataques xenofóbicos em relação aos migrantes, principalmente as mulheres, naquele país. As autoras evidenciam a xenofobia vivida no cotidiano das mulheres venezuelanas que vivem em Bogotá. A travessia parece ser um dos momentos mais difíceis, onde as mulheres enfrentam diversos desafios, desde caminhar quilômetros a pé com crianças, a implorar por uma passagem de ônibus, sendo um momento extremamente marcante em suas trajetórias: *"Fue la experiencia mas grande que yo vivi en ese mundo"* (Rodrigues, 2021, p.10).

As mulheres venezuelanas que vivem na Colômbia denunciam a "xenofobia nos serviços de atenção pública, a constante culpabilização por qualquer problema de ordem, o comportamento de homens que as assediam nas ruas, nos trabalhos e a estigmatização generalizada de todos os venezuelanos como um grande grupo homogêneo" (Rodrigues, 2021, p. 12). Apesar de ambos os países falarem espanhol, as venezuelanas afirmam que existem diferenças culturais entre os vocabulários e isto implica numa constante autocorreção encarnada para evitar sofrer algum tipo de xenofobia. "María, que vende café em uma praça, lembrou-se do senhor que cuspiu o café quando notou o sotaque venezuelano" (Rodrigues, 2021, p. 12). Algumas reclamam que alguns lugares exigem como critério para se candidatar para a vaga ser colombiana. Outras relatam que, ao conseguir a vaga, eram assediadas pelos chefes e se não tivessem relações com eles seriam demitidas, e foram. *"Aquí en Colombia todo somos esclavos, aquí todo es trabajo, trabajo, trabajo"* (Rodrigues, 2021, p.11).

Durante a pesquisa, as autoras também chamam a atenção para os inúmeros protestos que alimentavam pedidos de deportação dos venezuelanos. As autoras também apontam para o fenômeno da feminização da migração venezuelana, pois, nesta pesquisa, são mulheres venezuelanas em idade ativa, provedoras do lar e mães que apontam a enorme carga de responsabilidade que elas carregam na busca pela própria sobrevivência e a de seus filhos, além das inúmeras dificuldades no acesso aos direitos reprodutivos.

"Maria lembrou-se do caso de uma amiga grávida, que quando foi atendida em um hospital em Bogotá, foi questionada sobre porque deveria trazer um filho ao mundo, e acusada de trazer doenças venéreas para o país. (Rodriguez, 2021, p.11) "Valeria, depois que teve o segundo filho queria se esterilizar na Venezuela, mas lhe disseram que ainda estava muito jovem e poderia "seguir parindo". Não tinha acesso a métodos contraceptivos e terminou grávida mais uma vez. (...) Teve o filho em Bogotá e conseguiu ser esterilizada." (Rodriguez, 2021, p.10-11)

A autora Angela Facundo (2019) também fala sobre a enorme desigualdade social mundial que parece estar imbricada nos deslocamentos forçados de populações que sofrem tanto para ficar quanto para migrar e enfrentam diariamente lutas pelo direito à terra, à moradia, à alimentação, à própria existência, disputando assim, o próprio futuro. A autora critica a falta de políticas de acolhimento e de permanência, que estão bem longe de compreender os complexos arranjos e estratégias de pessoas que decidem ou são obrigadas a migrar. Muito pelo contrário, criminalizam-se esses trânsitos e arranjos de um modo de vida que é visto como inimigo da segurança nacional e do Estado. "Negando a existência no porvir dos grupos que no tempo presente se batem pela sua existência, pelo direito de ir e vir e pelo direito de ficar." (FACUNDO, 2019, p.25) Cito a autora:

É imperativo também reconhecer a imensa desigualdade planetária na hora de concretizar os desejos tanto de permanência quanto de movimento. Já sem surpresa percebemos que quase sempre são as mesmas populações: as mais pobres, as mais racializadas, as indígenas (e as mulheres, as pessoas LGBTQIAPN+, as pessoas com deficiência, as crianças e os idosos nesses grupos) as que mais sofrem com os rigores tanto da impossibilidade de ficar, quanto da impossibilidade de se movimentar livremente. (FACUNDO, 2019, p.21)

Sinto que várias questões ficarão abertas. A própria incerteza da permanência compõe um dos sentidos dados às ocupações. Como afirmei, as agências que buscam contabilizar o número de ocupações e seus habitantes adotaram uma classificação: ocupações espontâneas de espaços públicos e ocupações espontâneas de espaços privados. Para minhas interlocutoras, o termo mais usado é *ocupações* e ainda às vezes usam *bairro* por identificar que havia no local uma infraestrutura urbana como ruas asfaltadas ou por ter moradores brasileiros, por exemplo. Mesmo a rua da Casa da Música, que, para alguns, é uma ocupação por ser terra indígena, tinha como um de seus vizinhos o próprio prefeito da cidade de Pacaraima. Nenhuma das autoridades que passava pelo projeto da Casa da Música questionava se a rua da casa do prefeito seria ou não uma ocupação. Assim, os termos aqui nos ajudam a entender que os atores conferem significados diferentes aos mesmos espaços. Minhas interlocutoras entendem bem que há uma disputa pelos limites do município e ocupam espaços também para fugirem das ameaças que sofreram nas ruas mais centrais da cidade.

Ocupar criou uma possibilidade de estar e ao mesmo tempo fazer a cidade, conceito de Michel Agier (2016). No contexto de Pacaraima, não há dúvidas que as

ocupações urbanas são para os venezuelanos uma solução dentro de um campo de possibilidades (Velho, 1994). As ocupações espontâneas passam a ser uma solução possível para aqueles que decidem permanecer, mesmo sendo indagados com frequência se não haveria um desejo de partirem para outros estados brasileiros, ou seja, interiorizar.

Será, sem dúvida, necessário acompanhar com mais pesquisas de campo este processo com diversos atores sobre o que Patriota de Moura (2010) chamou de composições urbanas. Formas diferenciadas de construir cidades e de conferir sentidos a estes espaços dentro de um campo não fechado, mas sim onde composições às vezes precárias, às vezes não, a exemplo da estrutura estatal e da infraestrutura no geral que vai compor o novo desenho da cidade.

Também chamo a atenção para os limites que vão sendo impostos à própria materialidade das ocupações, lógicas que às vezes parecem de controle, às vezes parecem indicar o caráter provisório das ocupações. Me refiro aqui ao uso autorizado ou não de materiais que elas chamam de “fixos” para se construírem as casas. Nem todos os lugares que visitei era possível ou autorizado construir uma casa em alvenaria. Na sua maioria, parecem construções provisórias. Mas como nos lembra Agier (2015, 2016), o mundo já conheceu lugares onde o provisório durou décadas. Ao reler Agier (2015), sua descrição poderia estar na descrição de algumas fotos que coloquei nesta dissertação:

“Com o tempo, o que emerge do interior desses locais precários, no lugar das primeiras tendas e toldos emergenciais, são porções de cidade feitas de tela, sucata e madeira. Tábuas de madeira ou gradis de arame roubados próximo ao porto servem para fabricar as estruturas das cabanas. Estrados de madeira são dispostos sobre o solo para isolar as tábuas, enquanto as paredes são isoladas graças a placas de poliestireno dispostas lado a lado; o restante destas “paredes” é feito de toldos de plástico e de papelão. Pedacos de carpete encontrados pelas ruas se tornam tapetes, e patchworks de tecidos e de cobertores servem de cortina” (Agier, 2015:487).

Como busquei retratar, não se trata simplesmente do que é legal ou ilegal em relação às ocupações. Estes lugares, como vimos, são identificados e monitorados pelas agências da ONU, em uma contabilidade que visa de um lado o controle, ou seja, o próprio sentido das agências locais e internacionais, monitorando esta população, mas além de tudo não se trata de uma realidade ilegal, pois muitos acreditam realmente que a compra do terreno é legítima, enquanto outros permanecem na dúvida. A presença das agências humanitárias parece indicar uma certa legalidade das ocupações, pois o próprio

Estado sabe onde estão e quem está lá. Esta dinâmica nos lembra o trabalho sobre as margens, de Das e Poole (2008), quando refletem nas ações de estado as margens, nas liminaridades, estas compõem o Estado e não necessariamente representam a ausência dele.

Outro aspecto importante a aprofundar, ao meu ver, é a intersecção que se vai construindo nesta composição urbana (Patriota, 2010), em diversas áreas, ou seja, entre: cidade e a presença dos migrantes. Como a chegada de produtos nas prateleiras dos supermercados de origem e de preferência de consumo Venezuelano; o aumento do número de crianças venezuelanas nas escolas; o aumento da população do município; entre outros. Tudo isso indica mudanças que estão além das disputas jurídicas sobre os limites do município de Pacaraima.

Curioso pensar no conceito de virtualidade das cidades (Agier, 2015). Intrínseca à própria cidade, ela se faz e desfaz no seu movimento, é o fazer cidade. Enquanto que o virtual no sentido local coloca a virtualidade de Pacaraima naquilo que lhe falta, ou seja, a definição do seu perímetro urbano.

Outro dado interessante, e que merece mais pesquisa de campo, é o incômodo de minhas interlocutoras com o quesito raça. Diziam que aqui no Brasil todo mundo pergunta, se referindo ao trabalho que parece ser feito com certa frequência com os questionários que passam pelas ocupações, como os realizados por Ongs, IBGE, pastorais ou agências do sistema ONU. Na sua maioria, as interlocutoras eram mulheres não brancas e pretas, e me perguntavam porque isso era tão importante no Brasil. Porque na Venezuela isso não era perguntado? Acredito que não soube responder a elas, e isso segue sendo uma questão a ser aprofundada. Este critério racial, por exemplo, não exclui as mulheres no acesso aos benefícios de assistência universal, mas há programas diferenciados para indígenas, por exemplo. As dúvidas de minhas interlocutoras poderiam sinalizar que elas estavam experimentando uma outra forma de lidar com o Estado, que solicita, como elas dizem, com uma certa insistência, a autodeclaração. Isso merece ser aprofundado, já que vivem num contexto onde as identidades, no contexto do cotidiano, vão aos poucos sendo substituídas pela identidade genérica dos migrantes venezuelanos. Esta parece indicar uma certa tensão com suas próprias identidades raciais e aquela, vivenciada no cotidiano, como sendo migrantes venezuelanas de forma genérica.

O aparato que vimos na Operação Acolhida, o investimento das agências internacionais, assim como a diversidade de ONGs, confessionais ou não, atuando junto

à migração venezuelana pode ser entendida pela política que norteava o governo brasileiro, que entendia a Venezuela como uma ameaça. Não parece ser gratuita a presença forte das igrejas fundamentalistas e evangélicas neste contexto. As ofertas de trabalho, para os venezuelanos, seguem sendo os frigoríficos na região sul e centro oeste do Brasil, a exemplo do que aconteceu com muitos haitianos, como bem nos descreve Paloma da Silva (2019). Já o investimento das agências internacionais, presentes em Pacaraima, foi bem diferente em relação à migração haitiana. Outra diferença parece ter sido a condenação política ao governo venezuelano, a qual parece ter orientado a grande aceitação dos pedidos de refúgio, por exemplo, e não apenas o visto humanitário no caso dos haitianos. A dinâmica que busquei explorar aqui é o quanto esta presença está ao mesmo tempo construindo a cidade, espacialmente e ao mesmo tempo nas suas infraestruturas que a nova economia de exportação junto a Venezuela, criando as famosas diárias no descarregamento de cargas que chegam em Pacaraima de diferentes regiões do país.

Nesta dissertação busquei conhecer melhor as ocupações urbanas em Pacaraima no contexto da migração venezuelana, dando espaço às narrativas de mulheres migrantes venezuelanas e seu esforço em permanecer na fronteira, de certa forma na contramão da alternativa da política de interiorização. Tal política visa, entre outros fatores, manter a “ordem” e evitar que os migrantes permaneçam em Roraima. Esta dinâmica, em permanecer na fronteira, faz com que estas pessoas, na prática, contribuam com o fazer da cidade de Pacaraima, e vivem o dilema compartilhado sobre a questão de até onde vai o perímetro urbano do município. Neste dilema, percebemos a presença de figuras locais, como “os pastores”, “um brasileiro”, “uma brasileira”, “um vereador”, que de alguma forma aparecem como proprietários ou como aqueles que, de certa forma, autorizam a permanência nas ocupações e a materialidade das construções. Estas figuras não identificáveis parecem atuar como as figuras locais, citadas no trabalho de Das, Poole (2008). Todos estes atores participam no fazer cidade no contexto de Pacaraima.

Como afirmei, a Casa da Música encerrou suas atividades em Pacaraima. Trouxe este espaço aqui pois, além de ser onde teve início o meu campo, foi cenário de acolhimento nos eventos de violência, se inseriu nas políticas migratórias que trouxeram recursos para a cidade e o seu público, as crianças migrantes, na sua maioria, que hoje, habitam, com suas famílias, as ocupações. Na Casa da Música, como vimos, também estava presente visões de mundo, de religião, que vão muito além de uma gestão de

projetos humanitários. As possibilidades de concretização de um projeto migratório e conjuntos de metas que acabam impulsionando uma migração para outro país, vão depender das conjunturas sociais e de como o indivíduo interage com os grupos sociais e instituições, como ele se insere e negocia sua participação para concretizar seu projeto. (CAVALCANTI, L, 2017). O projeto migratório destas mulheres, se existe, parece ser sempre negociado com a realidade que vivenciam, com as políticas de acolhimento que encontram, sejam estas oficiais ou não.

Por último, sobretudo os eventos críticos de 2018 seguem sendo algo presente na memória daqueles que vivenciaram a violência, ou ainda daqueles que souberam algo sobre o que e como ocorreu naqueles dias. Sair das ruas e ocupar, mais que manter a “ordem”, como querem as políticas estatais, parece ser outra forma de construção de espaços supostamente seguros, a segurança para minhas interlocutoras parecia, em alguns momentos, não estar expostas àquela forma bruta de violência, sem necessariamente significar que as ocupações sejam ou não seguras em outros sentidos. Fica o desafio de seguir acompanhando esta dinâmica.

5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, p. 483-498, 2015.

AGIER, Michel. Nova Cosmópolis: As fronteiras como objetos de conflito no mundo contemporâneo. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 31, p. e319103, 2016.

ARAÚJO, Tânia Tonhati Aline. Mulheres, “um corpo no mundo”: migração feminina no Brasil. **Refúgio, Migrações e Cidadania**, p. 15, 2023

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de Caso**: seu potencial na Educação. Cad. Pesq., n. 49, p.51-54, 1984. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1427>.

BAENINGER, Rosana. **Migrações Venezuelanas**, Apresentação, Ed. UNICAMP Introdução Ed. Observatório das Migrações em São Paulo, p.9-12 “Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil” p. 135-138 “Migrações Transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. Ed. Observatório das Migrações em São Paulo, p. 463-472, 2018.

BHABHA, Jacqueline. **Child Migration and Human Rights in a Global Age**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 120, de 17 de março de 2020. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/prt120-20-ccv.htm.

CAPDEVILLE, Julia. **Llegar, Estar y Salir: da Venezuela ao Brasil**. 2021. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Repositório Institucional da UnB. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/41974/1/2021_J%C3%BAliadeCapdevilleeSilva.pdf.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. 2008 “**Existe Violência Sem Agressão Moral?**”. Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS, Vol. 23 nº 67 junho/2008: 135-146.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. 2018 “**Sensibilidade Cívica e Cidadania no Brasil**” Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, n. 44, Niterói, p. 34-63, 1. sem. 2018. Rio de Janeiro – ISSN 2179-7331.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. “**Direitos Ético-Morais e a Administração de Conflitos**” (Com comentários de Azaola, Schritzmeyer e Thévenot, e resposta do autor). Anuário Antropológico/2022. Brasília, UnB, 2022, v. ?, nº ?, ISSN 0102-4302. No Prelo.

CAVALCANTI, L., Botega, T., Tonhati, T., & Araújo, D. (2017). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora UnB.

CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Maríliade. **A inserção de imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no mercado de trabalho**. In: CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília (orgs.). Relatório anual 2019: Imigração e Refúgio no Brasil. Brasília: OBMigra, 2019.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. **Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas.**Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023

CLACSO, (Consejo Americano de Ciencias Sociales), **Voces y experiencias de la niñez y adolescencia venezolana migrante en Brasil, Colombia, Ecuador y Perú**, Editora CLACSO, 2020.

COHN, Clarisse. **Antropologia da Criança**, Editora Jorge ZAHAR, Rio de Janeiro, 2005.

CONDE, Soraya Franzoni; ALCUBIERRE, Karina Strohhaecker Lisa; **Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis**; Espaço Temático: Fronteira, Migrações, Direitos Sociais e Serviço Social; Revista Katál, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 358- 368, Agosto 2018.

CONNECTAS. **Na ONU, Conectas e outras entidades denunciam políticas discriminatórias contra migrantes no Brasil**. CONNECTAS, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/na-onu-conectas-denuncia-politica-discriminatoria-contramigrantes-no-brasil/>.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: Etnografías comparadas. **Cuadernos de antropología social**, n. 27, p. 19-52, 2008.

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Editora Unifesp, 2020.

DE SANTANNA, Paulo Gustavo Iassen. **Migração e refúgio: convergências e contradições entre as políticas implementadas pelo Brasil no século XXI**. Fundação Alexandre Gusmão, Curso de Altos Estudos, BSB,2022.

FACUNDO, Ângela. Ficar, migrar e disputar o futuro. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 28, n. 2, p. 21-25, 2019.

FASSIN, Didier. Policing borders, producing boundaries. The governmentality of immigration in dark times. **Annual Review of anthropology**, v. 40, p. 213-226, 2011.

FASSIN, Didier, 2013 “**On Resentment and Ressentiment: The Politics of Ethics of Moral Emotions.**” *Current Anthropology*, Vol. 54 No. 3 (June 2013), pp. 249-267.

FGV DAPP. A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas. **Fundação Getulio Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.**

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 35–54.

_____. Não ao sexo Rei. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 344–362.

_____. O olho do poder. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 318–343.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. (obra completa)

FONSECA, Claudia; “**Quando cada caso não é um caso**”, XXI Reunião Anual da ANPED, setembro de 1998, 1999.

FERNANDES, Maria Lidia Bueno; DIAZ, Diego Barrios. **Aproximações à situação de crianças durante a pandemia de Covid-19 no Distrito Federal brasileiro**. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 24, n. 2, p. 560-576, 2022.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.

HARTMANN, Luciana. **Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia?** Perguntemos a elas. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 29-52, 2020.

HERRERA, Gioconda; CABEZAS, Gabriela (dir.). **Voces y experiencias de la niñez y adolescencia venezolana migrante en Brasil, Colombia, Ecuador y Perú**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

GRAJZER, Deborah Esther. **Crianças Refugiadas: Um Olhar Para a Infância e Seus Direitos**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, 2018.

GUPTA, Akhil. **Red Tape: Bureaucracy, Structural Violence, and Poverty in India**. Orient Blackswan, 2012.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

LAURIOLA, Julia Lucia Helena; HARTMANN, Luciana; FLEISCHER, Soraya. **O menino que não pôde voltar para casa: crianças migrantes venezuelanas em Roraima –RR**. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 9, n. 2, p. 205-226, jul./dez. 2023.

LAURIOLA, Julia Lucia Helena. **Entre fronteiras e histórias: vivências de crianças imigrantes venezuelanas em Roraima–RR**. 2020.

LEANDRO, Alice Soares; RICHTER, Daniela. **O problema das crianças refugiadas: um olhar sobre o parecer consultivo da corte interamericana de direitos humanos –OC/21/14 –E sua aplicabilidade**. In: 10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito, 2016.

LOBO, Andrea. **Mobilidades e etnografias possíveis: entre migrações, refúgios e trânsitos diversos**, Revista Textos Graduated – Número 1, Volume 4, Editora UnB, Agosto 2018.

LOBO, Andrea. **Entre Fluxos**. Fluxos, desafios ao fazer antropológico? Editora UnB, p. 9-28, 2012.

MENEZES, Daniel Francisco Nagao. **Migrações Fronteiriças**, Introdução do debate das fronteiras no Brasil, Ed. UNICAMP, p. 291-299, 2018.

MORAWKSA, A. Catarina V. “**Os Enleios da Tarrafa**: Etnografia de uma parceria transnacional entre ONGs através de emaranhados institucionais de combate à pobreza” USP, São Paulo, 2010.

MOURA, Cristina Patriota de. **Pioneers and entrepreneurs**: bio/ethnographic notes towards an anthropology. 2011.

MOURA, Cristina Patriota de. Condomínios e Gated Communities: por uma antropologia das novas composições urbanas. **Anuário Antropológico**, v. 35, n. 2, p. 209-233, 2010.

OBMIGRA: **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano** [recurso eletrônico] : evidências e subsídios para políticas públicas / Fundação Getulio Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. - Rio de Janeiro : FGV DAPP, 2020. 1 recurso online (148 p.)

OIM. **Glossário sobre migração**. Direito Internacional da Migração N° 22. Genebra:Organização Internacional para Migração, 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>.

OIM. **Olhar integrado sobre os direitos de crianças e adolescentes refugiados e migrantes é tema do último módulo público de capacitação**, OIM Notícias, 30 de outubro de 2020.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Agosto de 2021.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Novembro de 2021.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Março de 2022.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Agosto de 2022.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Dezembro de 2022.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Janeiro de 2023.

OIM. População Venezuelana Refugiada e Migrante Fora de Abrigos em Pacaraima, Agosto de 2024.

OIM. Situação dos Refugiados e Migrantes Venezuelanos Desabrigados em Pacaraima. Relatório. Janeiro 2022.

OLIVEIRA, Janaine Voltolini de. **Atravessar fronteiras e transpor barreiras**: desafios e deslocamentos de crianças e adolescentes venezuelanos em Roraima Brasil. *Densidades*, n. 30, p. 124-141,2021.

PAVEZ-SOTO, Iskra; ORTIZ-LOPEZ, Juan; VOLTARELLI, Monique. Em pé nos semáforos: representações a análise interseccional de crianças migrantes na pandemia In: NORÕES, Katia C.; SANTOS, Maria Walburga dos; SANTIAGO, Flávio (orgs.) **Crianças em deslocamentos**: infâncias, migração e refúgio.São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 163-186.

PECSI-FUSARO, Karin. **Infância Refugiada**: Mediação e Agência de crianças Sírias no Distrito Federal. Brasília: Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília, 2019.

RAFFOUL, Jaqueline Salmen. **A (in)observância dos direitos das crianças refugiadas Venezuelanas em Roraima**. In: Brazilian Journal of International Relations, v. 9, n. 2, 2020.

RIBEIRO, Nicolli Bernardes; SENA, Lucas. **A contingência pandêmica e os impactos migratórios**: uma análise dos atos normativos de fechamento da fronteira entre Brasil e Venezuela, IdeAs -Idées d'Amériques, v. 18, 2021.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz. **Tecnologias de governo e migração internacional**: pistas para pensar as experiências das crianças em situação de refúgio no Brasil. Revista de Estudos Empíricos em Direito, v. 5, n. 3, 2019.

RODRIGUES, Núbia Vale; DE QUEIROZ, Isabela Saraiva; LOZANO, Aida Milena Cabrera. Impactos da (des) territorialização nos processos de subjetivação: experiências migratórias de refugiadas venezuelanas em Bogotá. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1-20, 2021.

R4V. Plataforma de Coordenação Interagencial para refugiados e migrantes da Venezuela. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.

SCHUCH Patrice; RIBEIRO, Fernanda; FONSECA Claudia. “**Infâncias e crianças**: Saberes, tecnologias e práticas” Saberes, tecnologias e práticas. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 13 (2) 205-220, 2014.

SCHUCH Patrice. **Justiça, Cultura e Subjetividade**: Tecnologias jurídicas e a formação de novas sensibilidades sociais no Brasil, Revista eletrônica de geografia y ciências sociales, Universidade de Barcelona, 2011.

SILVA, Paloma Karuza Maroni da. **Um olhar sobre as dinâmicas de mobilidade**: imigrantes haitianos como força de trabalho nas indústrias alimentícias de Encantado, RS. 2019.

SILVA, Sidney. **Migrações Fronteiriças**, A fronteira Norte Do Brasil Notas de Pesquisa, Ed. UNICAMP, p.300-303, 2018.

SILVA, Fernanda Cláudia Araújo da. **Crianças venezuelanas no Brasil**: atuação necessária para proteção e aplicação do ECA e a Recomendação nº 001/2018 do CONANDA. Revista da Faculdade de Direito, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 117-130, jan./jun. 2018.

SILVA, Izabel da. “Bota fogo nesses vagabundos!”: entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 3, p. 2123-2161, 2020.

SILVA, Sidney. **Migrações Fronteiriças**, A fronteira Norte Do Brasil Notas de Pesquisa, Ed. UNICAMP, p. 300-303, 2018.

SILVA, Paloma Karuza Maroni da. **Um olhar sobre as dinâmicas de mobilidade**: imigrantes haitianos como força de trabalho nas indústrias alimentícias de Encantado, RS. 2019.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada**: Colombianos em São Paulo e em Ontário, Brasília: Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (Doutorado), Universidade de Brasília, 2017.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada**: Colombianos em São Paulo e em Ontário, Introdução, p. 17-25. UnB, 2017

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. Resumo Executivo - Refúgio em Números, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

STRAWSON, P. 1974 “**Freedom and Resentment**,” in Freedom and Resentment, and Other Essays. Londres: Methuen & Co. LTD, pp. 1-25.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos estudos CEBRAP**, p. 23-39, 2010.

TARDELLI, Gabriel Calil Maia. **Entre o poder colonial e a razão humanitária**: sobre os modos de gestão da população Warao. 2024.

UNICEF. Crise migratória venezuelana no Brasil: O trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil> Acesso em: 21 de novembro de 2020.

USNews. Brazil Partially closing Venezuela border, Allowing Trucks. USNews, 17mar. 2020, Disponível em: <https://www.usnews.com/news/world/articles/2020-03-17/brazil-partially-closing-venezuela-border-allowing-trucks> Acesso em: 11 de nov. 2020.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; DOS SANTOS, Silvio Martins de Almeida. "Refugiados em Roraima? Instituições, papéis e a competição por categorias". In BAENNINGER, R. et SILVA, JCY (org), Migrações Venezuelanas, Unicamp, Campinas, 2018.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Reno. Uma missão eminentemente humanitária? Operação Acolhida e a gestão militarizada nos abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista-RR. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, p. 107-122, 2022.

UNICEF “Crise migratória venezuelana no Brasil: O trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes”, 2019, Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>> Acesso em: 21 de novembro de 2020.

USNews, “**Brazil Partially closing Venezuela border, Allowing Trucks**”, 17/03/2020, Disponível em: <<https://www.usnews.com/news/world/articles/2020-03-17/brazil-partially-closing-venezuela-border-allowing-trucks>>

TOYOMOTO, Fernanda, In: UNIVERSA, “**Violência contra menor aumenta 14% em um ano**; pandemia agrava a situação” 08/ 06/ 2020 Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/08/a-cada-2-horas-um-menor-sofre-maus-tratos-ou-outras-violacoes-na-pandemia.htm>>

VILELA, Pedro Rafael In: Agência Brasil “**Violência contra criança pode crescer 32% durante a pandemia**” 20/05/2020 Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/violencia-contra-criancas-pode-crescer-32-durante-pandemia>>

WATSON, Juliana Floriano Toledo. **Parições e partejares na história de Cavalcante-GO**: epistemicídio, monocultura do parto e justiça reprodutiva. 2023.

ZURITA Alejandro Mendible, “**El testimonio de Francisco Michelena y Rojas sobre el estado de los límites con Brasil (1855-1860)**”, Universidad Central de Venezuela, 2013.